

# **PANDEMIA E TERRITÓRIO**

**Território da morte, Território  
da resistência e Território do  
descarte**

**Volume III**



## PANDEMIA E TERRITÓRIO

Rosa Elizabeth Acevedo Marin	Jordeanes do N. Araújo
Roque de Barros Laraia	Eliana Teles
Otávio Velho	Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira
João Pacheco de Oliveira	Maria Alice da Silva Paulino
Henri Acselrad	Karapãna
Ilka Boaventura Leite	Jardeline dos Santos Costa, Kokama
Claudia Puerta Silva	Alicia Dorado Rosales
Jesús Alfonso Flórez López	Álvaro Ipuana Guariyü
Aurélio Vianna Jr	Ana Isabel Márquez Pérez
John Comerford	Isabela do Amaral Sales
José Sergio Leite Lopes	Rita Neves
Marcia Anita Sprandel	Silvia Zaccaria
Patrícia Maria Portela Nunes	Bruna Cigaran da Rocha
Cynthia Carvalho Martins	Selma Solange Monteiro Santos
Emmanuel de Almeida Farias Júnior	Edielso Barbosa dos Santos
Ana Pizarro	Edvando Jesus Vieira
Ana Carla dos Santos Bruno	Elaíze Farias
Altaci Corrêa Rubim	Elionice Conceição Sacramento
Maria Fernanda Salcedo Repolês	Esteban Torres Muriel
Oswaldo Martins de Oliveira	Estefanía Frías Epinayú
Ricardo Verdum	Fatima Epieyú
Vânia Fialho	Suellen Andrade Barroso
Raphaelle Servius-Harmois	Sandro José da Silva
Glademir Sales dos Santos	Esmael Siqueira Rodrigues
Raquel Mombelli	Gardenia Ayres
Jurandir Santos de Novaes	Gean de Almeida
Txai Terri Vale de Aquino	Hosana Santos
Luiz Antonio de Castro Santos	Ilana Magalhães
André Luiz Freitas Dias	Roberto Carlos Amaya Epiayú
Claudina Azevedo Maximiano	Uta Grunert
Franklin Plessmann de Carvalho	Davi Pereira Junior

Clayton de Souza Rodrigues  
Ítala T. Rodrigues Nepomuceno  
Vinícius Cosmos Benvegnú  
Eriki Aleixo de Melo  
Reginaldo Conceição da Silva  
Marcos Alan Costa Farias  
Murana Arenillas Oliveira  
Nicolas A. Victorino R.  
Elielson Pereira da Silva  
Riccardo Rella  
Whodson Silva  
Aline Radaelli  
Danilo da Conceição Serejo Lopes  
Gilberta Acselrad  
Felipe Pereira Jucá  
Ernandes Herculano Saraiva  
Guilherme José Sette Junior  
Angelisson Tenharin  
José Roberto Jesus da Silva Cravo  
Poliana Nascimento  
Ariene dos Santos Lima  
Geoclebson Pereira  
Jeane Sacramento  
José Luís Souza de Souza  
José Omir Siqueira  
Juliane Gomes de Souza  
Luan Arruda  
Bruno Lopes do Nascimento  
Cândido Firmiano  
Lucas Antônio Macedo  
Luiza dos Santos Reis  
Marcelo Horta Messias Franco

Maria Delma Portilho Brito  
Maria Jaidene Pires  
Max José Costa e Costa  
Ana Moura  
Maxwell Marques Mesquita  
Anthony Lisboa  
Miguel Ramírez Boscán  
Sandro Henrique Lôbo  
Nelson Ramos Bastos  
Maria da Penha Silva  
Quênia Barreto da Silva  
Jakeline Romero Epiayú Manuel  
Moura  
Rafael Matos  
Francisca Gárdina dos Santos Lima  
Roberto Mendonça  
Rosamaria Santana Paes Loures  
Rosângela Brito  
Flávia Vieira  
Glebson Vieira  
Taisa Lewitzki  
Thiago Alan Guedes Sabino  
Tiane Souza  
Uine Lopes de Andrade  
Peppe Assurini  
Vânia Conceição Sacramento  
Walter Calado  
Alfredo Wagner Berno de Almeida

ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA  
ROSA ELIZABETH ACEVEDO MARIN  
ERIKI ALEIXO DE MELO

# **PANDEMIA E TERRITÓRIO**

**Território da morte, Território  
da resistência e Território do  
descarte**

**Volume III**

2020

## CONSELHO EDITORIAL

**Otávio Velho** – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

**Dina Picotti** – Universidad Nacional de General Sarmiento, Argentina

**Henri Acserald** – IPPUR –UFRJ, Brasil

**Charles Hale** – University of Texas at Austin, Estados Unidos

**João Pacheco de Oliveira** – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

**Rosa Elizabeth Acevedo Marin** – NAEA/UFPA, Brasil

**José Sérgio Leite Lopes** – PPGA-MNU/UFRJ, Brasil

**Aurélio Vianna** – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Brasil

**Sérgio Costa** – LAI FU, Berlim, Alemanha

**Alfredo Wagner Berno de Almeida** – UEMA/UEA, Brasil

## CONSELHO CIENTÍFICO

**Ana Pizarro** – Professora do Doutorado em Estudos Americanos Instituto de  
Estudios Avanzados – Universidad de Santiago de Chile

**Claudia Patricia Puerta Silva** – Professora Associada – Departamento de  
Antropologia – Facultad de Ciências Sociales y Humanas – Universidad de  
Antioquia

**Zulay Poggi** – Professora do Centro de Estudios de Desarrollo – CENDES–  
Universidad Central de Venezuela

**Maria Backhouse** – Professora de Sociologia – Institut für Soziologie –  
FriedrichSchiller-Universitätjena

**Jesús Alfonso Flórez López** – Universidad Autónoma de Occidente de Cali -  
Colombia

**Roberto Malighetti** – Professor de Antropologia Cultural – Departamento  
de Ciências Humanas e Educação “R. Massa” – Università degli Studi de  
Milano Bicocca



Copyright© Autores

**Equipe de organização e edição:**

Alfredo Wagner Berno de Almeida

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Eriki Aleixo de Melo

**Capa:** Phillipe Teixeira

**Diagramação:** Phillipe Teixeira

**ISBN Impresso:** 978-65-00-05792-8

Ficha catalográfica:

P189 Pandemia e Território, Volume 3: Território da morte, Território da resistência e Território do descarte / Organizado por Alfredo Wagner Berno de Almeida. Rosa Elizabeth Acevedo Marin. Eriki Aleixo de Melo. – São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2020.

340 p.:il.

ISBN Impresso: 978-65-00-05792-8

1. Pandemia. 2. Território. 3. Povos e comunidades tradicionais. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo. III. Melo, Eriki Aleixo de. IV. Título.

CDU 316 + 614.4

Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia –  
Universidade Estadual do Maranhão (PPGCSPA/UEMA)

Cidade Universitária Paulo VI – Caixa Postal 09 – São Luís/MA. Fone (98)  
3245-5461 Fax (98) 3245-5882

# SUMÁRIO

## PREFÁCIO

*Gustavo Pereira da Costa*..... 31

## APRESENTAÇÃO GERAL

*Rosa Acevedo*

*Eriki Aleixo*

*Alfredo Wagner*..... 33

## Análise do Veto 27, de 2020 - Plano Emergencial para enfrentamento à Covid-19 nos Territórios Indígenas e Medidas de Apoio a Diversas Comunidades

*Marcia Anita Sprandel*..... 79

## VOLUME I

PARTE I 97

TERRITÓRIOS DAS MOBILIZAÇÕES POLÍTICAS 99

### Pandemia e Território: Cooperação e Disputas

*Aurélio Vianna Jr.*..... 101

### “Fique em casa!” Mobilidade, Mobilização e Território na Pandemia

*John Comerford*..... 137

TERRITÓRIOS DE GUERRA, DESASTRES E POLÍTICAS ECONÔMICAS 153

### Micro-organismos e macro desastres humanos em nossos tempos

*Luiz Antonio de Castro Santos*..... 155

### Pandemia, Guerra y Ditadura

*Jesús Alfonso Flórez López*..... 163

### A microbiologia cega do capitalismo

*Henri Acselrad*..... 173

<b>Economia neoliberal e Covid-19</b>	
<i>Riccardo Rella</i> .....	179
<b>Crônicas da Itália nos tempos do Coronavírus</b>	
<i>Silvia Zaccaria</i> .....	195
<b>Alemanha entre o encerramento e a descontração</b>	
<i>Uta Grunert</i> .....	198
<b>TERRITÓRIOS INDÍGENAS</b>	<b>201</b>
<b>Lábrea e o “Novo Coronavírus”: biopolítica e os impactos do isolamento social para os povos e comunidades tradicionais no Médio Purus, AM</b>	
<i>Claudina Azevedo Maximiano</i> <i>Marcelo Horta Messias Franco</i> .....	203
<b>Pandemia e desterritorialização: biopolítica da desregulamentação e efeitos sobre os Povos Indígenas da Volta Grande do Rio Xingu, PA</b>	
<i>Selma Solange Monteiro Santos</i> .....	239
<b>Epidemias, Território e Povos Indígenas: Contribuição a uma Antropologia Histórica Crítica</b>	
<i>Ricardo Verdum</i> .....	265
<b>O Covid-19 nos Territórios Indígenas do Acre</b>	
<i>Txai Terri Vale de Aquino</i> .....	283
<b>Pandemia e Territórios Indígenas em Roraima</b>	
<i>Eriki Aleixo</i> <i>Ariene dos Santos Lima</i> .....	287
<b>¿Biopolítica/Necropolítica? Covid-19: un posible análisis de situaciones y acciones de los pueblos tradicionales frente a la pandemia en la triple frontera del Amazonas/Alto Solimões</b>	
<i>Reginaldo Conceição da Silva</i> <i>Nicolas A. Victorino R</i> .....	315

<b>A expropriação territorial e o Covid-19 no Alto Tapajós, PA</b> <i>Bruna Cigaran da Rocha</i> <i>Rosamaria Santana Paes Loures</i> .....	337
<b>Cenários do Sul do Amazonas: os Tupi Kagwahiva e as formas de enfrentamento do Covid-19 em Terras Indígenas</b> <i>Jordeanes do N. Araújo</i> <i>Suellen Andrade Barroso</i> <i>Angelisson Tenharin</i> .....	369
<b>O Novo Coronavírus a kutipa/kanuparita dos Povos Indígenas no Século XXI</b> <i>Altaci Corrêa Rubim</i> .....	387
<b>“Se o vírus não discrimina, o sistema tampouco deveria fazer”: biopolítica, Pandemia e Povos Indígenas do Alto Solimões, AM</b> <i>Aline Radaelli</i> .....	405
<b>Autoritarismo político em tempos de Pandemia</b> <i>Felipe Pereira Jucá</i> .....	417
<b>El Covid-19, una crisis sobre otra crisis en el Territorio Wayuu: “Si no nos mata el Coronavirus nos seguirá matando el hambre”</b> <i>Roberto Carlos Amaya Epiayú</i> <i>Alicia Dorado Rosales</i> <i>Fatima Epiayú</i> <i>Estefanía Frías Epiayú</i> <i>Álvaro Ipuana Guariyü</i> <i>Claudia Puerta Silva</i> <i>Miguel Ramírez Boscán</i> <i>Jakeline Romero Epiayú</i> <i>Esteban Torres Muriel</i> .....	427
<b>Colonialismo Linguístico e Covid-19: entre contradições do discurso multiculturalista francês e realidades étnico-raciais guianesas</b> <i>Raphaelle Servius-Harmois</i> .....	449

<b>Isolamento Social e Biopolítica na Guiana Francesa</b> <i>Vinicius Cosmos Benvegnú</i> .....	455
<b>Aspectos da “invisibilidade” no discurso dos indígenas em Manaus: A luta pelo reconhecimento em tempo de Pandemia.</b> <i>Glademir Sales dos Santos</i> .....	477
<b>Ser indígena na cidade: Pandemia do Covid-19 e a negação de direitos a Povos Indígenas em Manaus</b> <i>Clayton de Souza Rodrigues</i> .....	493
<b>Povos Indígenas e Pandemia: impactos desproporcionais e violação de Direitos Humanos Coletivos</b> <i>Isabela do Amaral Sales</i> .....	509
<b>Os Centros de Ciências e Saberes e a mobilização dos Povos e Comunidades Tradicionais em tempos de Pandemia</b> <i>Murana Arenillas Oliveira</i> <i>Marcos Alan Costa Farias</i> .....	521
<b>Equações em tempos de Pandemia: povos indígenas em Pernambuco e a produção de dados</b> <i>Anthony Lisboa</i> <i>Flávia Vieira</i> <i>Geoclebson Pereira</i> <i>Hosana Santos</i> <i>Ilana Magalhães</i> <i>Maria Jaidene Pires</i> <i>Maria da Penha Silva</i> <i>Luan Arruda</i> <i>Poliana Nascimento</i> <i>Rosângela Brito</i> <i>Sandro Henrique Lôbo</i> <i>Tiane Souza</i> <i>Vânia Fialbo</i> <i>Walter Calado</i> <i>Whodson Silva</i> .....	541

**“Enquanto tudo permanece como estava”: vulnerabilidades e resistência Indígena e Quilombola no contexto de Pandemia no Rio Grande do Norte**

*Ana Moura*

*Cândido Firmiano*

*Glebson Vieira*

*Manuel Moura*

*Rafael Matos*

*Rita Neves*

*Roberto Mendonça*

*Taisa Lewitzki*..... 555

**VOLUME II**

**TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS 567**

**A Pandemia da Covid-19 em Quilombos no estado do Espírito Santo: uma avaliação preliminar**

*Oswaldo Martins de Oliveira*

*Sandro José da Silva*..... 569

**Os Quilombos de Alcântara: a Resolução nº 11 do GSI, o Direito de Consulta Prévia e o Covid-19**

*Danilo da Conceição Serejo Lopes*

*Davi Pereira Junior*..... 591

**Território dos Quilombolas-Indígenas do Sítio Conceição invadido pela mureta construída pela Prefeitura Municipal de Barcarena no tempo da Pandemia**

*Rosa Elizabeth Acevedo Marin*

*José Roberto Jesus da Silva Cravo*..... 607

**Narrativas da Pandemia: situações sociais e territorialidades específicas no Baixo Tocantins**

*Eliana Teles*

*Juliane Gomes de Souza*

*Gean de Almeida*

*Nelson Ramos Bastos*

*Max José Costa e Costa*..... 643

<b>Ações e Mobilizações para evitar <i>se expor à morte</i> no Território Quilombola de Salvaterra</b>	
<i>Rosa Elizabeth Acevedo Marin</i>	
<i>José Luís Souza de Souza</i> .....	667

<b>Territórios de Povos e Comunidades Tradicionais na Calha do Rio Tocantins: as <i>barreiras</i> de proteção na Pandemia</b>	
<i>Jurandir Santos de Novaes</i>	
<i>Rosa Elizabeth Acevedo Marin</i>	
<i>José Omir Siqueira</i>	
<i>Maria Delma Portilho Brito</i>	
<i>Thiago Alan Guedes Sabino</i>	
<i>Lucas Antônio Macedo</i> .....	697

<b>Territórios Quilombolas em Santa Catarina frente à Pandemia do Covid-19</b>	
<i>Raquel Mombelli</i> .....	725

<b>Estado, Capital e Pandemia no Vale do Rio Trombetas</b>	
<i>Ítala T. Rodrigues Nepomuceno</i>	
<i>Marcos Alan Costa Farias</i> .....	751

## **TERRITÓRIO DA SEGURANÇA PÚBLICA** 769

<b>Covid-19 e Segurança Pública: uma análise da Pandemia na Polícia Militar do Amazonas</b>	
<i>Ernandes Herculano Saraiva</i>	
<i>Guilherme José Sette Junior</i>	
<i>Maxwell Marques Mesquita</i> .....	771

## **TERRITÓRIOS DA ENFERMAGEM** 785

<b>Lendo “A Peste” de Albert Camus, em contexto do Covid-19</b>	
<i>Gilberta Acselrad</i> .....	787

<b>Povos Indígenas: espiritualidade e saúde em tempos de isolamento social</b>	
<i>Geoclebson da Silva Pereira</i> .....	805

**TERRITÓRIOS DE COMUNIDADES DE FUNDOS E FECHOS  
DE PASTO, DE PESCADORES, DE ASSENTADOS, DE RAIZALES  
E DE COMUNIDADES ATINGIDAS POR MINERAÇÃO 813**

**O duplo *pharmakon* da Pandemia no Assentamento Nazaré,  
Acará**  
*Elielson Pereira da Silva*..... 815

**Violações de direitos das comunidades atingidas pela mineração  
no contexto da Pandemia**  
*André Luiz Freitas Dias*  
*Maria Fernanda Salcedo Repolés*..... 833

**Na “Primeira Onda” da Pandemia de Covid-19 - expropriados e  
moradores do Lago da UHE Tucuruí**  
*Jurandir dos Santos Novaes*  
*Rosa Elizabeth Acevedo Marin*  
*Esmael Siqueira Rodrigues*  
*Thiago Alan Guedes Sabino*  
*Lucas Antônio Macedo*..... 847

**Crisis económica y alimentaria en el Medio del Mar Caribe: una  
primera mirada a los impactos de la pandemia sobre el Pueblo  
Raizal del Archipiélago de San Andrés, Providencia y Santa  
Catalina**  
*Ana Isabel Márquez Pérez*..... 885

**A Construção de Conhecimentos como ferramenta contra o  
racismo em tempos de Pandemia**  
*Franklin Plessmann de Carvalho*  
*Elionice Conceição Sacramento*  
*Quênia Barreto da Silva*  
*Bruno Lopes do Nascimento*  
*Edielso Barbosa dos Santos*  
*Edvando Jesus Vieira*  
*Jeane Sacramento*  
*Luíza dos Santos Reis*  
*Uine Lopes de Andrade*  
*Vânia Conceição Sacramento*..... 903

**Distanciamento Social, Territórios Distintos e Pandemia Covid-19 nas Comunidades maranhenses Bar da Hora e Fazenda Conceição**

*Francisca Gárdina dos Santos Lima*

*Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira*..... 927

**TERRITÓRIO DA CIÊNCIA** 941

**O Processo de Afirmção da Autoridade da Ciência e da Universidade em Tempos de Pandemia**..... 943

**Depois da Marcha Virtual: “Endeusamento da Ciência”?**..... 947

**A Retórica da Guerra versus a Ciência no Enfrentamento da Pandemia**

*Alfredo Wagner Berno de Almeida*..... 955

**VOLUME III**

**PARTE II** 963

**TERRITÓRIO DA MORTE** 965

**Obituário: Vida no Território da Morte**

*Alfredo Wagner Berno de Almeida*..... 967

**Tempo de luto pela perda de Aldevan Baniwa**..... 979

**Há várias memórias: um vírus, uma história, muitas trajetórias**

*Ana Carla dos Santos Bruno*..... 982

**Um funeral digno como sua derradeira luta”: Aldenor Basques Félix Gutchicü (BABU)**

*Clayton de Souza Rodrigues*..... 987

**El poder de la verdad y la verdad del poder**

*Ana Pizarro*..... 990

<b>Antonio Bolivar “O indígena Ocaina e ator Dom Antônio Bolívar”</b> <i>Nikolas Victorino</i> .....	995
<b>Colonialismo e Cinema: o Covid-19 e o Passamento de Uma Cineasta Genial</b> <i>Rosa Elizabeth Acevedo Marin</i> .....	998
<b>Maria Antônia dos Santos: Mulher do Povo Tikuna</b> .....	1005
<b>Maria José Palhano, Quilombola</b> .....	1006
<b>Alberto Párcia Felix Tikuna, Nota de pesar</b> .....	1008
<b>Cleubi Cicero Torres Florentino, Tikuna, médico</b> .....	1008
<b>O Líder do Povo Desana, Feliciano Lana, morre em sua casa no Alto Rio Negro</b> <i>Elaíze Farias (Amazônia Real)</i> .....	1011
<b>A Dor Invadiu os Artistas em São Luís (MA): a arte perdeu o mestre dramaturgo Luiz Pazzini</b> <i>Cynthia Carvalho Martins</i> .....	1021
<b>Cacique Messias Kokama, “o espírito do guerreiro”: estratégias, resistência e a construção do reconhecimento do Parque das Tribos</b> <i>Glademir Sales dos Santos</i> .....	1023
<b>A Quem Interessar: O Povo indígena Kokama na guerra contra o Coronavírus</b> <i>Federação Indígena do Povo Kukami-Kukamira Pray+iuka Perukariai Kurumpiaka</i> <i>Cacicado Geral do Povo Kokama</i> .....	1036
<b>Boletim nº 022/2020 das Organizações Kokama: Povo Kokama Informa a imprensa e aos interessados</b> .....	1046
<b>“A Morte Está Vindo Muito Rápido em Meu Povo”, diz professora Kokama sobre o Covid-19 (Entrevista com Altaci C.</b>	

<b>Rubim Kokama)</b> <i>Eláíze Farias (Amazônia Real).....</i>	1049
<b>Associação de Moradores do Quilombo Santo Antônio/Penalva/MA – nota de pesar e de agradecimento ao Padre José Bráulio Souza Ayres</b> <i>Gardenia Ayres.....</i>	1064
<b>Dona Maria Mercês de Barros (mãe) e Alessandra Barros Freitas (filha): dor e luto no Quilombo São Sebastião de Burajuba, Barcarena, PA.....</b>	1066
<b>Puraké Assurini e Iranoa Assurini, Nota de pesar</b> <i>Prof. Peppe Assurini.....</i>	1069
<b>João Câncio da Silva Paulino, Karapãna</b> <i>Maria Alice da Silva Paulino Karapãna.....</i>	1070
<b>Jorge Valera, Nota de Pesar</b> <i>Francisca Oliveira de Lima Costa/Chica Arara Txai Terry Aquino.....</i>	1074
<b>Carlos Nobre da Costa Santos Mura</b> <i>Jardeline dos Santos Costa, Kokama.....</i>	1074
<b>Juvenal Luz Bento: nota sobre um homem vencido pelo Coronavírus mesmo em tempo de resistência</b> <i>José Luís Souza de Souza.....</i>	1076
<b>Bento, um dos fundadores da Unidos da Piedade morre aos 93 anos.....</b>	1078
<b>Professora Bernita Miguel, Povo Macuxi.</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1080
<b>Professor Macuxi Fausto Mandulão, Nota de pesar</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1081
<b>Professora Maika, professor Luiz Emiliano e Getúlio Tobias</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1082

<b>Ducirene Freitas e Elisabeth Ribeiro, nota de pesar</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR)</i> .....	1084
<b>Narcisio Barnabé, Macuxi: nota de pesar</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR)</i> .....	1084
<b>Dionito José de Souza Macuxi: nota de pesar</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR)</i> .....	1085
<b>Luciano Peres: nota de pesar</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR)</i> .....	1085
<b>Alvino Andrade da Silva, nota de pesar</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR)</i> .....	1086
<b>Manifesto Munduruku: Estamos de Luto! - Cacique Vicente Saw, professor Amâncio Ikon Munduruku, Jerônimo Manhuary, Angélico Yori e Raimundo Dace</b> <i>Movimento Munduruku Iperég Ayu</i> .....	1087
<b>Higinio Pimentel Tenório: nota de pesar</b> <i>Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)</i> .....	1088
<b>Homenagem da COIAB e dos Povos Indígenas da Amazônia Brasileira para o líder Bepkororoti Payakan Kayapó</b> <i>Coordenação das Organizações indígenas da Amazônia Brasileira (COLAB)</i> ....	1089
<b>Morre Primeiro Cacique Puyanawa Mário Cordeiro de Lima no Acre</b> .....	1091
<b>Bekwyjkà Metuktire</b> <i>Mayalú Txacarramãe</i> .....	1093
<b>Bernadina José Pedro, povo Macuxi</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR)</i> .....	1094
<b>Memórias, Saberes e Projetos que o Covid-19 não consegue levar: liderança e ensinamentos de Tia Uia no Quilombo da Rasa (RJ)</b> <i>Oswaldo Martins de Oliveira</i> .....	1098

<b>Graciliano Pena Tukano</b> <i>Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)</i> .....	1098
<b>Docineide Palmari, Liderança das Mulheres Indígenas</b> .....	1099
<b>Cacique Ronaldo Claudino Kaingang</b> .....	1099
<b>Fernando Makari Wai Wai</b> <i>Conselho Indígena de Roraima</i> .....	1100
<b>Sérgio Xehema Wai Wai</b> <i>Conselho Indígena de Roraima</i> .....	1101
<b>Carta do Povo Wai Wai – Aldeia Xaary (Roraima)</b> <i>Associação do Povo Indígena Wai Wai Xaary</i> .....	1102
<b>Otávio dos Santos, Sateré Mawé</b> .....	1104
<b>Cacique Domingos Mahoro, Xavante</b> .....	1104
<b>Lusia Santos Lobato, Borari</b> .....	1106
<b>Rosilda Demétrio Magalhães, Wapichana</b> <i>Conselho Indígena de Roraima</i> .....	1106
<b>Leônia Gomes da Silva Melo, Taurepang</b> <i>Conselho Indígena de Roraima</i> .....	1107
<b>Fernando Forte, Karipuna</b> .....	1108
<b>Sansão Guajajara e Rosilda Guajajara</b> .....	1108
<b>A COVID-19 nas Aldeias Marubo do Vale do Javari (Djalma Marubo)</b> <i>Organização das Aldeias Marubo do Rio Itui-Oami</i> .....	1109

<b>Francisco Luis Yawanawá da Aldeia Matrinxã</b> <i>Txai Terri Aquino</i> .....	1111
<b>Manuel Paulino do Povo Karapãna</b> <i>Glademir Sales dos Santos</i> .....	1112
<b>Depoimento de Marilda Karapãna sobre a Morte de Seu Pai Sr. Manuel</b> <i>Paulino Karapãna</i> .....	1114
<b>Elias Manoel de Souza Parintintin</b> <i>Jordeanes do N. Araújo</i> .....	1117
<b>Elias Manoel de Souza Parintintin: Nota de Pesar do Condisi Porto Velho Rondônia</b> .....	1120
<b>Euzébio de Lima Marques</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR)</i> <i>Coordenação Geral da Região Serras</i> .....	1121
<b>Domingos Fuentes Warao</b> .....	1123
<b>José Conceição de Souza Cajueiro-79 Anos/Aldeia Karuara</b> .....	1125
<b>Morte de Criança Tapirapé de 08 Anos, do Povo Apinãwa</b> .....	1126
<b>Morrem Roldão Kaxinawá e Batista Kaxinawá</b> .....	1128
<b>Valmir Izidório Messias</b> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR)</i> .....	1130
<b>Nota em memória de Nelson Xangré</b> <i>Conselho Indigenista Missionário</i> .....	1131
<b>Mulher Tikuna com Covid-19 morreu após ser retirada de aeronave com pane</b> <i>Elaíze Farias (Amazônia Real)</i> .....	1135

**Professor Hélio Cadete**

*Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIRR)*  
*Coordenação Geral da Região Serras – Terra Indígena Raposa/Serra do Sol*  
*Conselho Indígena de Roraima (CIR).....* 1147

**Professor Neir da Silva, Macuxi**

*Conselho Indígena de Roraima (CIR).....* 1149

**Depoimento de Joel Puyanawa sobre a Morte de Seu Pai, Mario**

**Cordeiro de Lima.....** 1150

**João Soares Krikati, do povo Krikati.....** 1154

**Aritana Yawalapiti, Grande Cacique do Alto Xingu, Morre**

**Vítima da Covid-19. Nota de Pesar da Coiab**

*Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COLAB).....* 1154

**José Mota Henrique, Macuxi. Nota de Pesar**

*Conselho Indígena de Roraima (CIR).....* 1156

**Lica, Pajé Xukuru Falece de Covid-19.....** 1156

**Memória e saudades Baniwa**

*Braulina Baniwa.....* 1157

**Lica Xukuru: Maria José Martins (05/05/1950 - 07/08/2020)**

*Vânia Fialho*

*Rita de Cássia Maria Neves.....* 1164

**Nota de Pesar – Robinson López**

*Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COLAB).....* 1170

<b>PARTE III</b>	<b>1171</b>
<b>TERRITÓRIO DA RESISTÊNCIA</b>	<b>1173</b>
<b>Territórios de Resistência: Controle e Vigilância das Vias de Acesso às Terras Indígenas</b> <i>Alfredo Wagner Berno de Almeida</i> .....	<b>1175</b>
<b>Territórios de Resistência: Ações Mutualistas como Relações Políticas</b> <i>Alfredo Wagner Berno de Almeida</i> <i>Eriki Aleixo de Melo</i> .....	<b>1205</b>
<b>TERRITÓRIO DO DESCARTE</b>	<b>1231</b>
<b>Roteiro para encontrar Futuros Territórios</b> <i>Ilka Boaventura Leite</i> .....	<b>1233</b>

## SIGLAS E ABREVIATURAS

**AATTIS** - Asociaciones de Autoridades Tradicionales Indígenas del Amazonas

**ABAG** - Associação Brasileira do Agronegócio

**ABL** - Associação Brasileira do Alumínio

**ACA** - Associação Comunitária Indígena do Amarelão

**ACOMQUISC** - Associação da Comunidade Quilombola do Sítio Conceição

**ACONERUQ** - Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão

**ACS** - Associação de Cabos e Soldados

**AIS** - Agentes Indígenas de Saúde

**AISAN** - Agentes Indígenas de Saneamento

**AMARN** – Associação de Mulheres do Alto Rio Negro

**AMISM** - Associação das Mulheres Indígenas Sateré Mawé

**AMSC** - Associação de Moradores da Comunidade Sítio Conceição

**ANA** - Agência Nacional de Águas

**ANAÍ** - Associação Nacional de Ação Indigenista

**APIB** - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil

**APIN** – Associação de Povos Indígenas Tabajara Tapuio Itamaraty da Comunidade Nazaré

**APIRN** - Articulação dos Povos Indígenas do Rio Grande do Norte

**APIWX** - Associação dos Povos Indígenas Wai Wai Xaary

**APOINME** - Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo

**APPATUR** - Associação dos Pescadores, Piscicultores e Aquicultores de Tucuruí e Região

**ARPINSUDESTE** - Articulação dos Povos Indígenas do Sudeste

**ARPINSUL** - Articulação dos Povos Indígenas do Sul

**ArPIT** - Articulação dos Povos Indígenas do Tocantins

**AST** - Acordo de Salvaguardas Tecnológicas

**ATL** - Acampamento Terra Livre

**ATY GUASU** - Grande Assembleia do povo Guarani

**BIRD** - Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento

**BNDES** - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

**CASAI** - Casas de Apoio a Saúde Indígena

**CCS** - Centros de Ciências e Saberes

**CEA** - Centro Espacial de Alcântara

**CEAPAC** - Centro de Apoio a Projetos de Ação Comunitária (),

**CEAQ/BA** - Conselho Estadual das Comunidades e Associações Quilombolas do Estado da Bahia

**CECQSP** - Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas de São Paulo

**CEDENPA** - Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará

**CENEQ** - Coordenação Estadual das Comunidades Negras Quilombolas da Paraíba

**CERQUIRCE** - Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará

**CI** - Conservation International

**CIMI** - Conselho Indigenista Missionário

**CIR** – Conselho Indígena de Roraima

**CITA** - Conselho Indígena Tapajós e Arapiuns

**CNA** - Confederação Nacional da Agricultura

**CNPCT** - Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

**CNPE** - Conselho Nacional das Populações Extrativistas

**CNS** - Conselho Nacional dos Seringueiros

**COAPIMA** – Coordenação das Organizações e Articulação dos Povos Indígenas do Maranhão

**CODEBAR** – Companhia de Desenvolvimento de Barcarena

**COEQTO** - Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins

**COIAB** – Coordenação das Organizações da Indígenas da Amazônia Brasileira

**COJIPE** - Organização do Jovens Indígenas de Pernambuco

**CONAB** - Companhia Nacional de Abastecimento

**CONAQ** - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

**CONDISI** - Conselhos Distritais de Saúde Indígena

**COPIME** - Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno

**COPIPE** - Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco

**CQMC** - Convenção-Quadro de Mudança do Clima

**CRAS** - Centro de Referência de Assistência Social

**CTL** - Coordenação Técnica Local

**CUFA** - Central Única das Favelas

**DSEI** – Distrito Sanitário Especial Indígena

**ELN** - Ejército de Liberación Nacional

**EMSI** - Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena

**FACQ/RS** - Federação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio Grande do Sul

**FASE** - Federação de Organizações de Assistência Social e Educação

**FBOMS** -Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e Desenvolvimento

**FECOQUI** - Federação Estadual das Comunidades Quilombolas do Paraná

**FECQS** - Federação Estadual das Comunidades Quilombolas de Sergipe

**FEPIPA** - Federação dos Povos Indígenas do Pará

**FEPOIMT** - Federação dos Povos e Organizações Indígenas de Mato Grosso

**FIEPA** - Federação das Indústrias do Estado do Pará

**FMI** - Fundo Monetário Internacional

**FOCIMP** - Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus

**FOIRN** - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

**FPA** - Frente Parlamentar da Agropecuária

**FUNAI** - Fundação Nacional do Índio

**FUNBIO** - Fundo Brasileiro para a Biodiversidade

**GEF** - Global Environmental Facility

**GIFE** - Grupo de Institutos, Fundações e Empresas

**GPVITI** - Grupos de Proteção e Vigilância dos Territórios Indígenas

**GTA** - Grupo de Trabalho Amazônico

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ICMBio** - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

**MIQCB** - Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu

**MNU/SC** - Movimento Negro Unificado de Santa Catarina

**MPP** - Movimento de Pescadores e Pescadoras ()

**MST** - Movimento dos Sem Terra

**OIT** - Organização Internacional do Trabalho

**OAMI** - Organização das Aldeias Marubo do rio Ituí

**OMS** - Organização Mundial da Saúde

**ONAG** - Organization des Nations Autochtones de Guyane

**ONG** – Organização Não-governamental

**ONIC** - Organización Nacional Indígena de Colombia

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**OPAN** - Operação Amazônia Nativa

**OPIROMA** - Organização dos povos Indígenas de Rondônia, Noroeste do Mato Grosso e Sul do Amazonas

**PMAM** - Polícia Militar do Amazonas

**PNCSA** – Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

**PNGATI** - Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas

**PPTAL** – Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal

**RANI** – Registro Administrativo de Nascimento Indígena

**REMDIPE** - Rede de Monitoramento de Direitos Indígenas

**RESEX** - Reserva de Extrativista

**RMR** - Região Metropolitana do Recife

**SASI** - Subsistema de Atenção à Saúde Indígena

**SEMSA** - Secretaria Municipal de Saúde

**SESAI** - Secretaria Especial de Saúde Indígena

**SESP** - Serviço Especial de Saúde Pública

**SPI** - Serviço de Proteção aos Índios

**STF** - Supremo Tribunal Federal

**STIEMNFOPA** - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Extrativas de Minerais não Ferrosos do Oeste do Pará

**SUS** - Serviço Único de Saúde

**TI** - Terra Indígena

**TNC** - The Nature Conservance

**UBS** - Unidade Básica de Saúde

**UC** – Unidade de Conservação

**UHE** – Usina Hidrelétrica

**UMIAB** - União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira

**UNIJAVA** - União dos Povos Indígenas do Vale do Javari

**UTI** - Unidade de Tratamento Intensivo

**WWF** - World Wide Fund for Nature



## PREFÁCIO

A crise pandêmica que se abateu sobre o Brasil no primeiro trimestre de 2020 iluminou definitivamente o arco das desigualdades sociais e regionais, revelando o lado mais sombrio da ineficácia histórica das políticas de Estado. Quando recortamos o mapa das disparidades e colocamos luzes em categorias específicas, emerge com realce a situação crítica de exclusão e marginalização dos povos e comunidades tradicionais.

O Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia (PPGCSPA) da Universidade Estadual do Maranhão, por meio de seus pesquisadores e estudantes, e em parceria com outras instituições nacionais e internacionais, reuniu e sistematizou o conhecimento acumulado ao longo de sua trajetória. Oportunamente, em razão do efeito da proliferação do novo coronavírus sobre o território dos povos e comunidades tradicionais, o PPGCSPA apresenta nesta produção científica um conjunto de reflexões e experiências em torno da dimensão “Pandemia e Território”.

Esta publicação, resultante do projeto “Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza”, traduz-se em um esforço de pesquisa em escala multistitucional e interdisciplinar, muito bem representada pela diversidade intelectual e cultural dos seus 120 autores.

Os temas abordados neste livro tratam, com profundidade e exímia articulação, de diversas questões pertinentes ao campo da Cartografia Social, e proporcionará uma leitura atrativa e rica em significados e contribuições para o leitor. Deixe-os, portanto, em ótima companhia!

Prof. Gustavo Pereira da Costa  
Reitor da UEMA



## APRESENTAÇÃO GERAL

O processo de contágio relativo à pandemia descreveu vários movimentos, antes do dia 12 de março de 2020, quando houve o registro oficial da primeira morte por Covid-19 no Brasil. As notícias da Europa, especialmente de Itália, França e Espanha, fizeram com que o alarme soasse mais alto aos ouvidos e revelasse a tragicidade da pandemia aos olhos da maioria do país. A cada mês a gravidade deste quadro trágico está se ampliando com efeitos danosos sobre uma vasta diversidade de categorias sociais. Os registros, objetos de reflexão dos artigos da coletânea ora apresentada, concernem notadamente às seguintes categorias: moradores de bairros periféricos das grandes cidades; indígenas, cujas aldeias estão localizadas em perímetros urbanos e em seus próprios territórios identificados e demarcados; quilombolas, ribeirinhos, pescadores artesanais, comunidades de fundos e fechos de pasto, comunidades atingidas pela exploração mineral e grupos de pequenos agricultores e extrativistas. As designações utilizadas correntemente pelas interpretações oficiais referem-se também de maneira explícita a: moradores de *favelas*, de *periferias* e do *interior do Brasil*. A especificidade é percebida e explicitada quando estas unidades sociais são classificadas pelos planejadores das ações governamentais como *grupos em posição de vulnerabilidade ou em risco, como as pessoas em situação de rua, com sofrimento ou transtorno mental, com deficiências físicas, vivendo com HIV/ aids, LGBTI+, população indígena, negra e ribeirinha e trabalhadores do mercado informal, como catadores de lixo, ambulantes, estivadores e artesãos* e aqueles que estariam em situação extrema de marginalidade como os “moradores das Cracolândias” ou *viciados em crack*, os chamados “andarinos”, que são vistos como perambulando sem domicílio e ocupação fixa, e as trabalhadoras do sexo, usualmente designadas como *prostitutas*<sup>1</sup>. Nessa relação não é informada a “população carcerária” ou “em privação de liberdade”, nem tão pouco os

---

1. Informe ENSP. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Publicada em 11/05/2020. Os vulneráveis: 'Radis' debate a Covid-19 e a perversa desigualdade social e econômica entre as classes sociais. <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/48877>. Acesso em 14/06/2020

que se organizam em movimentos sociais e se autointitulam “sem teto” e “sem terra”. Em todas estas designações oficiosamente utilizadas constata-se um extenso espectro da desigualdade social e de injustiças radicais que se agravam nestes tempos de pandemia e pairam sobre essas “vidas nuas”, conforme conhecida expressão de Agamben<sup>2</sup>. A presente coletânea focaliza, portanto, com destaque, estes agentes sociais mencionados, dispostos em condições altamente desfavoráveis, que se referem a povos e comunidades tradicionais.

Se a evocação compulsória do *memento mori* suscita pânico, individual e geral, as realidades cotidianas no presente evidenciam que centenas de milhares de pessoas tornaram-se mais expostas e próximas à morte, ao desemprego e à fome. Acentuam que grupos sociais mais restritos, com padrão de vida privilegiado, tornaram-se bastante evidentes empiricamente, ou seja, o fenômeno das desigualdades econômicas e sociais em eventos frequentes e violentos tornou-se mais perceptível ao revelar a desproteção social por parte do Estado, o que é exposto descancaradamente. Trata-se de grandes segmentos sociais invisibilizados, sem condições de enfrentamento à pandemia, que tomaram conhecimento do coronavírus e ficaram cerceados pelo evento epidemiológico e os dispositivos regulamentados para “combatê-lo”. Ao mesmo tempo, começa a ficar mais perceptível, sem muitas palavras desgastadas, o grau de precariedade de suas condições de vida: moradias com insuficiência de serviços básicos, explicada pela ininterrupta “crise de habitação”, o que inviabilizaria qualquer medida de isolamento social, quarentena ou confinamento, ou seja, moradias com carência de água potável, sem rede de esgotos, formando parte do intocado quadro de “crise sanitária” do país. Isto dificulta cotidianamente os cuidados mais triviais de higiene, como o lavar as mãos, e impede esse tipo de prevenção neste tempo de pandemia, quando a norma máxima é a prevenção através de rígidas normas sanitárias. Acrescente-se a falta de postos de saúde, de ambulatórios, de hospitais e de profissionais de medicina

---

2. AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o Poder Soberano e a Vida Nua I**, tradução de Henrique Burigo, 2ª. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002 (*Homo Sacer – Il Potere Sovrano e la nuda vita*).

e enfermagem, que expõe publicamente a “crise da saúde pública”, a qual já se encontrava acentuada com o desmonte do SUS pelo governo, bem como por todos os reverberamentos da Emenda Constitucional 95/2016. Acrescente-se ainda os reduzidos e irregulares ingressos e salários que se volatizam e deixam as famílias sem condições de assegurar a regularidade dos meios básicos de sobrevivência: alimentos, medicamentos e produtos de higiene. São milhares de trabalhadores que engrossaram, nos meses de março a junho, o contingente dos recém-desempregados nas estatísticas aproximativas<sup>3</sup>. A explicação é diluída na chamada “crise do desemprego”, que se mostra intensificada numa sociedade, cujos índices de desigualdade social e econômica são elevadíssimos, com alta concentração de renda, da terra, dos recursos e do poder político.

A duração do tempo da pandemia até agora parece impalpável, indeterminada, cujo desfecho não se pode prever com precisão. Além disto, a velocidade do seu alastramento e a profundidade de sua disseminação parecem quase ficcionais. Esse vírus, entretanto, não é produto da imaginação literária, nem tão pouco ficcional; é bem concreto, avança ligeiro e provoca medos, temores, apreensões e um número cada vez maior de vítimas fatais, sobretudo entre indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outros povos e comunidades tradicionais. Os registros veiculados pela imprensa periódica assinalam que o grau de infecção nas aldeias e povoados, nos bairros pobres e favelas arremete tragicamente. A entrada do vírus em tais unidades sociais raras vezes é inadvertida, ao contrário, ocorre conjuminada com as invasões das terras por garimpeiros, madeireiros, grileiros e outros que ilegalmente praticam intrusamentos. Na rotina dos

---

3. No **Boletim Macro** (Abril) IBRE/FGV. (2020, p. 3) com o título: “A crise econômica se intensifica no Brasil e no mundo, ainda sem saídas claras” afirma-se: “Nossos estudos apontam queda de PIB da ordem de 3,5%, com o consumo das famílias recuando 4,0%, em 2020. Essa projeção inclui as políticas de compensação de renda anunciadas pelo governo”. (...) “As projeções também apontam aumento significativo da taxa de desemprego este ano, para 17,8%”. O artigo salienta que na “crise” o denominado “Setor Informal” será muito afetado, pois está concentrado nas atividades de serviço severamente atingido. A instituição explicita que “Além das dificuldades previstas, o acirramento dos conflitos políticos intensifica os danos econômicos”.

[https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2020-05/boletimmacroibre\\_2004.pdf](https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2020-05/boletimmacroibre_2004.pdf). Acesso em 14/06/2020. No **Boletim Macro** (Maio) IBRE/FGV (2020, p. 13) o percentual calculado é de 18,7%.

[https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2020-05/boletimmacroibre\\_2004.pdf](https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2020-05/boletimmacroibre_2004.pdf).

trabalhadores que vivem em cidades planejadas por grandes empreendimentos, em diferentes regiões da Amazônia, como aqueles que compõem a força de trabalho de empresas como VALE, Mineração Rio do Norte, Hydro Norsk e de suas terceirizadas, a disseminação do vírus ocorre tanto nas instalações industriais e nas vias de acesso à elas, quanto no seu entorno, incluindo-se os locais de moradias dos trabalhadores e sua vizinhança, assim como ao longo das rotas do transporte de minério. De igual modo os portos são também lugares sociais de rápida circulação de corpos assintomáticos e sintomáticos. A veiculação e contaminação aí verificadas caracterizam dificuldades de consolidação dos corredores logísticos, tais como definidos pelo planejamento econômico, como ocorreu na Vila do Conde, nos postos de circulação de caminhões na cidade de Barcarena (PA), e nos trabalhos de implantação, pavimentação<sup>4</sup> (BR-319 e BR-163) e duplicação de rodovia (BR-215) e ferrovia (Carajás-Itaqui) e outras obras de infraestrutura e de grandes empreendimentos de agronegócios, especialmente no Sul do Pará, no Maranhão, no norte do Mato Grosso<sup>5</sup> e no Espírito Santo. Inclua-se aqui a rodovia que liga Lethen, na fronteira do Brasil com a República Cooperativista da Guiana, a Georgetown, capital do País vizinho, cujas obras são acompanhadas pela Assembleia Legislativa de Roraima.

---

4. Cf. “Finalmente: Governo publica edital para pavimentação da BR-319”. Este edital é para contratação de empresa que ficará responsável pela pavimentação do lote C da BR-319, que vai do Km 198 ao 250, no Estado do Amazonas. Este trecho liga o Amazonas a Rondonia e objetiva facilitar a logística do transporte da produção agrícola da Região Norte. Vide: Agência Brasil, 24 de junho de 2020. <https://www.rondoniao vivo.com/noticia/grrsl/2020/06/24/finalmente-governo-federal-publica-edital-para-pavimentacao-da-br-319.html>

5. No caso de Mato Grosso o Projeto de Lei Complementar n.17/2020, que tramitava na Assembleia Legislativa e ameaçava 27 terras indígenas, sofreu uma profunda alteração e ocorreu um recuo do Governo que, no dia 29 de junho de 2020, anunciou em reunião da Comissão de Meio Ambiente, que irá retirar o referido PLC que prevê a regularização ambiental de fazendas que estão dentro de terras indígenas no Estado do Mato Grosso, ampliando a extensão de terras sob controle dos empreendimentos dos agronegócios articulados com os chamados corredores logísticos. “A base do Governo informou que vai acatar o conteúdo da emenda que apresentamos para retirar os trechos que legitimavam apropriação ilegal de terras indígenas por grileiros e invasores profissionais. Esse recuo do Governo é resultado de toda a mobilização que a sociedade civil e os povos indígenas fizeram contra esse projeto.”, asseverou o deputado estadual Lúdio Cabral (PT). Vale acrescentar que o projeto foi criticado pelo MPF e pelos movimentos indígenas e ambientalistas. O recuo do Governo deverá ser por meio de um substitutivo que suprima os artigos 1º, 2º e 4º. do PCL 17, que são os artigos que permitem o registro no Cadastro Ambiental Rural (CAR) de fazendas abertas dentro de territórios indígenas em processo de demarcação, contrariando a Constituição Federal.

Cf. Dorileo, Carlos Gustavo- “Governo anuncia recuo em projeto eu ameaça terras indígenas no MT”. <https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=472571&noticia=governo-anuncia-recuo-em-projeto-que-ameaca-terras-indigenas-em-mt>

No Brasil, o divisor de águas entre saúde pública e processo de privatização, preconizado pelos planos inspirados em princípios da teoria econômica neoliberal, foi reiterado autoritariamente pelo governo federal nos primeiros momentos de pandemia, sendo agravado pelos debates entre o que propugnavam o “negacionismo científico”, capitaneados pelo governo federal, e os que defendem modalidades de distanciamento social, gerando a partir daí “crises políticas”, faccionalismos e lutas intestinas. Os conflitos políticos internos ao executivo, sobretudo na disputa em torno do controle do Ministério da Saúde, e entre este poder e os governos estaduais demonstram a extensão das dificuldades e da própria incapacidade de gestão da “crise sanitária”, propiciando condições objetivas para expor à morte os vulnerabilizados. A dubiedade do governo federal com três ministros da saúde em três meses, militarizando este ministério numa escalada em tudo surpreendente, não favoreceu um enfrentamento unificado e mais vigoroso institucionalmente face à pandemia. O termo “crise”, em termos de significado, possui o atributo de construir uma espécie de metafenômeno, da forma como estes acontecimentos aparecem ou se manifestam, compreendendo suas continuidades, descontinuidades e ritmos. Mas, ao contrário do que é usualmente imaginado, estas “crises” não são momentâneas, pois não há ruptura profunda com as estruturas econômicas e políticas que estão na base. O que se indica com o uso do termo “crise” concerne a um total descontrole e até ao caráter irresoluto e genérico da mesma, que mal identifica os mais afetados e as formas como se se pereniza a precariedade da vida. Neste sentido os artigos desta coletânea chamam a atenção para a predominância de uma modalidade de gatopardismo em que o chamado “normal” é alterado para se poder manter como “normal”, também batizado pela mídia de “novo normal”. Em outras palavras, tudo tem que se transformar para que tudo fique como está, tal como dito por Tancredi no diálogo com seu tio o Príncipe de Salinas ou de Falconeri, no conhecido romance de Giuseppe Tomasi de Lampedusa intitulado **Il Gattopardo**.

## INSTRUMENTOS ETNOGRÁFICOS PARA UMA DESCRIÇÃO ABERTA DE TERRITÓRIOS IMPACTADOS PELA PANDEMIA

Os autores e autoras de artigos que colaboram nesta coletânea correspondem a 120 (cento e vinte) na primeira parte, sendo 56 (cinquenta e seis) mulheres e 64 (sessenta e quatro) homens, dos 23 (vinte e três) são indígenas, 05 (cinco,) quilombolas 01 (hum) pescador. Há pelo menos 15 (quinze) dentre estes autores, cuja nacionalidade remete a Chile, Colômbia, Alemanha, Itália e “Guiana Francesa”, que descrevem situações sociais relativas a estes quatro últimos países. Há dois artigos que concernem especificamente à última colônia europeia no continente sul-americano, a chamada “Guiana Francesa”. As instituições universitárias de referência deste repertório de autores compreendem: 23 (vinte e três) universidades e 02 (dois) institutos, sendo 18 (dezoito) instituições brasileiras (UERJ, UFMG, UFAM, UEA, UEMA, UFPA, UFOPA, UnB, UFRR, UFRGS, UFRJ, UPE, UFPE, UFES, UFRN, UFRB e ainda INPA, IFAM) e 5 (cinco) delas estrangeiras (Universidad Autonoma de Occidente/Cali, Universidad de Antióquia/Medellin, Universidad Nacional de Colômbia/Leticia, Universidad Nacional de Colômbia/San Andrés, University of Texas/Austin, Universidad de Santiago do Chile). No caso da Guiana Francesa tem-se um instituto privado o INTERRUMN’Ã, que não foi contabilizado no total de instituições universitárias acima citado. Os Programas de Pós-Graduação (PPG) mencionados como de pertencimento dos autores concernem a 20 (vinte) sendo que dentre eles 06 (seis) referem-se a universidades do exterior.

Os obituários e as listas nominais compõem a segunda parte da coletânea intitulada o “território da morte”. Nesta segunda parte tem-se 40 (quarenta) colaboradores envolvidos, direta ou indiretamente, na elaboração dos obituários, acrescidos das associações indígenas que produziram listas com os nomes dos mortos fatais por Covid. Os obituários e as listas que

selecionamos e/ou foram elaborados no âmbito das atividades do PNCSA concernem a pelo menos 100 (cem) vítimas fatais da COVID-19. Todas contendo no mínimo seus respectivos nomes e etnias.

Tais autores e autoras apresentam um amplo repertório de formações acadêmicas e profissionais, caracterizado por uma pluralidade de critérios de competência e saber, senão vejamos: Linguística, Arqueologia, Enfermagem, Pedagogia, Jornalismo, Psicologia, Antropologia, Sociologia, História, Geografia, Direito, Economia, Administração, Biologia, Filosofia, Museologia, Engenharia Ambiental e Engenharia Civil<sup>6</sup>. Há 02 (dois) autores referidos à formação em escolas militares. Destacamos um autor e uma autora, que exercem atividades de enfermagem. Ele refletiu sobre sua própria comunidade de referência. Ela, por sua vez, refletiu indiretamente sobre a circunstância de suas atividades, desenvolvendo uma reflexão sobre o texto literário **A Peste**, de autoria de Albert Camus, filósofo notoriamente reconhecido. Há pelo menos 13(treze) autores que pertencem a comunidades indígenas ou quilombolas e pelo menos 7 (sete) dentre eles estão frequentando a universidade Este repertório das formações acadêmicas se articula com um significado complexo de etnografia<sup>7</sup>, enquanto um conglomerado de disciplinas que converge para os trabalhos de campo, amparando com uma diversidade técnica os procedimentos descritivos com a utilização de recursos teóricos tomados à etnogeografia, à etnobotânica, à etnobiologia, à economia e às ciências jurídicas. Neste sentido, mesmo sem haver um projeto editorial prévio, definidor de uma abordagem determinada, pode-se asseverar que a pluralidade de formações acadêmicas, em si mesma, reflete uma certa divisão

---

6. Esse conjunto de profissionais, em sua maioria, possui vínculos colaborativos, de pesquisa e acadêmicos com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Grande parte deles exerce atividades docentes em universidades públicas. As seções “Territórios Indígenas”, “Territórios Quilombolas”, “Território da Ciência”, Território das Mobilizações Políticas e “Território de Comunidades de Fundos e Fechos de Pasto” agrupam os artigos que integram a primeira parte da coletânea. Na seção “Território da Morte” tem-se uma homenagem através de obituários e listas de indígenas, quilombolas e demais vítimas fatais do COVID, que foram assinadas por associações, por grupos familiares e por pesquisadores ou foram extraídos de *sites* e publicações destinadas a um público amplo e difuso.

7. Tal significado foi sublinhado e posto em discussão por Marcel Griaule em seu trabalho intitulado **Méthode de L’Ethnographie**. Paris. PUF. 1957 pag.8

do trabalho de pesquisa, criando voluntariamente condições de possibilidade para múltiplas interpretações, que se interpenetram e ao mesmo tempo se distinguem nomeando de maneira diferente as próprias partes que disciplinam a ordem de exposição desta coletânea e seus respectivos subitens.

A autoria das contribuições transcendeu também a esta divisão do trabalho intelectual ao levar em conta as falas e a própria ação dos agentes sociais focalizados, resultando numa diversidade de colaborações a esta coletânea e conduzindo as reflexões a partir de pelo menos dois blocos de questões iniciais, a saber:

i) em tempos do COVID-19, os mecanismos de controle social e de dominação política se concentram nas agências e nos dispositivos vinculados à saúde pública. As relações de poder objetivam o controle dos recursos mobilizados para este setor durante a pandemia. Isto propicia condições de relevância da questão nas pautas midiáticas e abre uma nova arena de ácidas disputas políticas por recursos públicos. Haja vista a abertura de inúmeros processos jurídicos para apurar suspeitas de corrupção em licitações destinadas a apreciar propostas voltadas para a construção de hospitais de campanha e/ou para a aquisição dos equipamentos médicos necessários à implementação de UTIs. Quais os efeitos disto nas comunidades em que estamos desenvolvendo trabalhos de pesquisa, levando em conta o intervalo de tempo entre março e julho de 2020 e a duração da pandemia?

ii) A biopolítica através dos biopoderes locais se ocupa da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade e da natalidade na medida em que eles se tornam objeto de perdas ou ganhos políticos. Bio-poder seria aquele domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu o controle, diria Mbembe, logo no início de **Necropolítica**, a respeito da definição de Foucault. Neste período de pandemia os postos relativos à mencionada gestão da saúde tornam-se, portanto, alvos de lutas faccionais, instituindo

um complexo “território da política”. A escolha de um Ministro da Saúde e de um secretário estadual ou municipal de saúde, assim como a eleição de um dirigente de um DSEI, tornam-se um objeto privilegiado das relações de poder. Está-se diante, portanto, de uma tecnologia de poder que visa o controle não somente de indivíduos, por meio de procedimentos disciplinares das gestualidades e de atos triviais de higiene, mas do conjunto daqueles que constituem a “população”, objetivando assegurar um aprimoramento da modalidade de gestão da força de trabalho. O significado de biopolítica representaria, segundo Foucault, um momento de passagem desta dimensão político-organizativa à dimensão ética<sup>8</sup>. Como interpretar estes processos políticos convertidos em fatores éticos e as estratégias adotadas pelos governos, através de unidades discursivas e atos de Estado? Em que medida as iniciativas de compreensão do fenômeno da pandemia se acham referidas a uma racionalidade política, de fundamento liberal, e a uma ética singular?

Com a declaração formal da pandemia, em 11 de março, rapidamente as notícias sobre os territórios ameaçados e tomados pela disseminação do COVID-19 ganharam amplitude e facultaram um elenco de interpretações mais abrangentes. Cada situação social nas áreas de pesquisa foi transmitida e publicizada por centenas de mensagens de agentes sociais e propiciou o entendimento de que as suas respectivas narrativas encontram-se submersas pelas manchetes dos noticiários, pelas séries estatísticas divulgadas regularmente e pelos discursos sobre a grande “crise política” nacional. Os estudos críticos e pesquisas sobre estes esquemas explicativos oficiosos que prevalecem no decorrer da pandemia, contidos nesta coletânea, demonstram tanto uma recuperação da autoridade científica das universidades públicas e de seus laboratórios, em detrimento de medidas governamentais de gestão da saúde apoiadas em intuições e achismos; quanto um uso difuso e banalizado da noção

---

8. Cf. Foucault, M. – “Le sujet et le pouvoir”, in Dreyfus et P. Rabinow, Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics, Chicago. The University of Chicago Press, 1982.

de ciência. A leitura crítica propugnada por tais estudos sublinham um esforço de sistematização e alinhamento, com base em trabalhos etnográficos, abordando os efeitos diferenciados do isolamento para diferentes agentes sociais vitimados. Tais etnografias, rigorosamente disciplinadas, objetivam ultrapassar as generalidades, superar as ações sem sujeito, criticar a personificação dos coletivos e produzir, enfim, uma análise concreta de uma situação concreta, qual seja, uma **nova descrição** dos efeitos. Elas descrevem as unidades sociais atingidas e seus respectivos territórios nestes tempos de peste, que agravam as desigualdades econômicas, acentuam os antagonismos políticos e ameaçam as formas de solidariedade mais elementares.

Entre as ações descritas encontram-se aquelas concernentes ao isolamento social e às diversas interpretações e práticas dos que as engendraram. A posição defensiva, quase que imediata, dos quilombolas e indígenas, consistiu em elaborar normas efetivas, distanciando suas comunidades e aldeias das rotas de circulação ampla de pessoas. Esse objetivo de isolamento do território, interditando acessos, enfrentou obstáculos sérios, todavia. Muitos foram, e continuam a ser, os entraves internos e externos, vivenciados de forma tensa por estes agentes sociais que buscaram exercer uma vigilância continuada sobre o ingresso de terceiros em seus territórios. O isolamento social foi implementado, assim, por iniciativas intrínsecas às associações locais, através da construção de barreiras físicas - cercas, portões, cancelas, postos de vigilância e controle - localizadas na entrada das respectivas terras. O objetivo de tais barreiras consiste em efetivar o controle do fluxo de pessoas e veículos nas terras indígenas. Além disto, foram fixadas normas internas de proibição de aglomerações (suspensão de festas, jogos de futebol, comemorações em balneários e outros eventos que implicam em agrupar as pessoas). Procedimentos de formar comitês de controle de entradas e saídas das aldeias e comunidades foram adotados, antecipando a quaisquer ações

de governos municipais, estaduais ou federais. O governo federal com posicionamentos burocráticos usuais de elaborar decretos e portarias mostrou-se tardio em sua ação, que inicialmente sequer incluía de maneira específica tais unidades sociais. Indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais, foram impelidos a produzir campanhas genuínas de informação e de obtenção de apoio por intermédio de “vaquinhas solidárias” ou “vakinhas<sup>9</sup> virtuais”, rifas beneficentes” e “cotas para aquisição de equipamentos”. Fizeram circular ademais textos com tratamentos caseiros, cuidados corporais, orações e mensagens de ânimo e de solidariedade. Rituais de benzimento foram retomados e ganharam fôlego, reavivando benzeções e rezas. As formas de reciprocidade positiva não se restringiram, no entanto, a fatos religiosos e incorporaram tecnologias sociais e inovações científicas. Esses comitês montaram, neste sentido, um meio de comunicação, mediante uso difuso de *whatsApp*. Empenharam-se na elaboração de cartazes, de equipamentos protetivos e de atos coletivos virtuais, antecipando a qualquer ação dos poderes executivos. Na prática acionaram noções operativas de uma engenharia cuidadosa para fabricar máscaras, para vender e comprar alimentos na cidade, levando em conta que muitas feiras municipais foram interditadas, e para organizar o atendimento de saúde imediato. Aliás, as pequenas cidades, sedes de governos municipais, sob este aspecto, encontram-se em grande atraso, dada a concentração extrema nas capitais da distribuição dos benefícios. Todas elas vivem, no entanto, o caos de imensas filas à porta de agências bancárias e casas lotéricas para receber o Auxílio Emergencial aprovado pelo executivo. Acionar este auxílio, numa só rede de agências bancárias, foi apontado, inicialmente, como causa de exposição e contaminação. Haja vista a demanda nos horários noturnos para ocupar melhores posições nas extensas filas. Em tudo um contrassenso.

---

9. Foram grafadas desta maneira as iniciativas comunitárias de levantar fundos para cobrir necessidades imediatas, prementes e essenciais. Contas correntes foram publicizadas para receber as contribuições, juntamente com cartazes e pequenos textos, explicando a finalidade e o tempo de referência da denominada “vakinha solidária”.

Diversas situações de montagem de barreiras de vigilância tiveram dificuldades com agências governamentais, somente superando exigências fora de propósito com apoio nas entidades de representação estadual e no MPF, que interveio junto às Prefeituras e unidades da polícia militar e civil<sup>10</sup> para garantir os meios de defesa elementares dos direitos territoriais.

As descrições sobre a montagem das barreiras e seu funcionamento permitem aferir o território redimensionado na autodefesa, examinando quais as comunidades expostas e de que modo, assinalando como são cortadas por linhas de transmissão, ferroviárias, rodovias, ramais e rios. Estes as expõem aos arbítrios de seus antagonistas sejam históricos, como grandes proprietários de terras e comerciantes, sejam atuais como grileiros, garimpeiros, madeireiros e marreteiros. A vigilância cobrou, portanto, a disponibilidade de equipes de guardiães, expostos ao vírus e a agressores. Práticas autoritárias de fazendeiros, que denunciaram barreiras de controle, buscaram criminalizar, por exemplo, o “Grupo Combate COVID-19”, dos Quilombolas de Salvaterra, Marajó (PA), forçando meios para que fossem levados para prestar depoimentos à Polícia. Garimpeiros, valendo-se da elevação abrupta do preço do ouro, estão intrusando as terras indígenas de Yanomami, Kokama e Kambeba, dentre tantos outros, para extração aurífera com balsas e dragas. Atualmente os Yanomami estimam que haja mais de 20 mil garimpeiros extraindo ouro ilegalmente em suas terras, principalmente ao longo dos rios Uraricoera e Mucajá. Madeireiros e grileiros tem avançado sobre as terras indígenas Awá Guajá e Guajajara na Pré-Amazônia Maranhense levando à intervenção do Ministério Público Federal. O MPF, em 19 de junho, ajuizou ação civil pública (ACP) com pedido de liminar, na Justiça Federal do Maranhão, contra a União e a FUNAI para que realizem no prazo de dez dias, ações para efetivação

---

10. Vários artigos argumentam, com base na leitura de informações do IBGE e das Secretarias de Saúde, utilizando os dados da infraestrutura médico-sanitária. Organizações como APIB, COICA, CONAQ, MALUNGU tomaram a decisão de estudar as informações sobre o COVID-19 e os números relativos a povos indígenas e quilombolas. Foi realizado levantamento abrangendo decretos, planos locais e sites de prefeituras municipais a propósito do Combate ao COVID-19. Esses decretos e planos resultam numa ‘legislação’ que prima pelo distanciamento das realidades locais ao assumir normas genéricas e sem qualquer referência aos processos reais.

de um Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo Novo Coronavírus em Povos Indígenas do Distrito Sanitário Especial Indígena do Maranhão (DSEI/MA). Tal ação assinala que devem ser realizadas ações de controle e fiscalização relativas ao fluxo de entrada e saída nas Terras Indígenas do Estado do Maranhão, disponibilizando meios à Coordenação Regional do Estado e à Coordenação da Frente de Proteção Etnoambiental Awá (FPEA) com o propósito de proteger as comunidades indígenas durante a pandemia. As pressões consecutivas e diferenciadas sobre os territórios procedem, assim, de vários grupos interessados nas terras e nos recursos do subsolo dos territórios de povos e comunidades tradicionais. As terras tradicionalmente ocupadas tornaram-se objeto dos propósitos de expansão dos agronegócios e dos grupos empresariais que visam à exploração mineral. Verificamos também situações cujas pressões ocorrem internamente às comunidades. Nesta ordem foram registradas manifestações de contestação às medidas de isolamento por parte de religiosos, sobretudo pastores, e por membros de unidades familiares indígenas, que fugiram das cidades, para onde haviam se deslocado em períodos anteriores, e tensionam mais fortemente seus “parentes” para retirar as barreiras e adentrar livremente às terras, passando por cima inclusive de medidas de quarentena e de controle do seu estado de saúde.

Decorrentes destas múltiplas tensões registram-se diversos graus de conflituosidade entre as comunidades tradicionais, empenhadas no fechamento de seus territórios, e fazendeiros e grandes empresas mineradoras, madeireiras e agropecuárias, que pretendem flexibilizar este isolamento. Depreende-se isto também de muitas narrativas transcritas e de fatos divulgados por periódicos nacionais e internacionais, por mensagens veiculadas nas mídias sociais (*facebook*, *youtube* e *whats.App*) e por notícias divulgadas por rádio e televisão. O certo é que a aprendizagem de práticas coletivas de autocontrole e disciplina, por parte de membros destas comunidades, estaria ocorrendo meio à intensificação de conflitos sociais. A pandemia não apenas agrava as desigualdades sociais, mas

também acentua, simultaneamente, a consciência destas desigualdades por parte dos membros das unidades sociais focalizadas nesta coletânea. Observe-se, a propósito, que o exercício de controle do acesso ao território não foi dado por uma autoridade externa, que tenha declarado a excepcionalidade da situação e disponibilizado agentes da ordem para garanti-la. A razão e a efetividade desse tipo de controle têm seu fundamento na própria comunidade, que institui um ritual de entrada capaz de propiciar concomitantemente convencimento, reconhecimento e coesão social.

Ressalte-se a capacidade efetiva de organização, nos gestos de solidariedade e de cooperação financeira, no plano comunitário, com base nas “vakinhas virtuais”, em doações em redes de cestas básicas, de máscaras, de luvas, de inaladores, de álcool gel e outros produtos de higiene. Sem dúvida, a pandemia teve seu impacto reduzido e atingiu um número menor de vítimas fatais em virtude destas formas organizativas e de controle do acesso às comunidades, aldeias e bairros pelo efeito de mobilizações comunitárias eficientes. Assim, existe uma economia não contabilizada da pandemia, que leva em conta o funcionamento de formas de solidariedade, de ajuda mútua e de autogestão na circulação de produtos agrícolas e extrativos, que assegura uma maior autonomia da comunidade face às tutelas convencionais: agências do Estado, igrejas e grandes comerciantes. O mutualismo, sob este ponto de vista, não consiste numa modalidade associativa pré-política, própria de períodos históricos bem remotos, ao contrário representa no presente, o cerne da própria mobilização política. Suscita formas de solidariedade e de ação que podem ser aproximadas de novas maneiras de pensar a política e de agir politicamente com maior autonomia, relativizando o peso das tutelas e a força das relações de poder, que visam submeter os povos e comunidades tradicionais a mecanismos de controle ancorados em fundamentos colonialistas.

Nos atos das comunidades tradicionais de planejar e realizar medidas práticas de auto-isolamento foi possível verificar o quanto o território e os corpos de seus agentes sociais estão expostos à morte e a ataques coordenados e com

base em dispositivos aparentemente legais. Leis, projetos de lei, decretos, medidas provisórias, instruções normativas e resoluções aparecem acompanhados de proposições que flexibilizam direitos territoriais e, ao anuir com intrusamentos eufemizados como liberdade de transações de compra-e-venda da terra, se mostram contrárias à preservação do território. Podem ser interpretados, deste modo, como peças documentais da biopolítica. Elas constituem o elenco dos dispositivos editados durante a pandemia, que produziram impactos face às ações de povos e comunidades tradicionais, detalhando o conteúdo desses diversos atos que concretizam as biopolíticas. No quadro apresentado estão listados 19 (dezenove) itens, destacando tipo, data, objeto, conteúdo, encaminhamento, territórios e povos ameaçados, manifestações a favor e manifestações contrárias. (Vide o Quadro 1 – Dispositivos editados durante a pandemia, que produziram efeitos em face de povos e comunidades tradicionais em anexo).

A “interiorização” da patologia do COVID-19 não foi dimensionada nas políticas de emergência sanitária na maioria dos municípios da região amazônica. Do ponto de vista dos planejadores as diferentes realidades localizadas foram reduzidas a uma única situação social. Semelhante decisão homogeneizadora dificilmente se encaixa nas condições sociais específicas e diferenciadas que caracterizam bairros e territórios etnicamente configurados. Inclua-se aqui as terras indígenas e quilombolas localizadas, contemporaneamente, dentro de perímetros urbanos. Confinados nestes limites estritos os agentes sociais foram (ou estão sendo) impelidos historicamente a constituir comunidades, como instrumento de autodefesa, e a construir socialmente, através de formas de ajuda mútua e de cooperação simples, suas territorialidades específicas correspondentes. Tais modalidades de ajuda mútua, que compreendem um vasto repertório de ações solidárias em serviços de limpeza e manutenção, em serviços funerários (aquisição de caixões) e nos afazeres da vida cotidiana, são compostas de agentes com pertencimentos étnicos distintos, aproximados situacionalmente pelo fato de se encontrarem nas cidades e de estarem vivendo problemas semelhantes. As relações interétnicas, que asseguram estas unidades sociais recém-formadas

com base na pluriétnicidade, consistem no alicerce da construção política das territorialidades específicas e no fundamento da própria dinâmica destas formas político-organizativas em que se baseiam tais comunidades indígenas. O que a luta pela ocupação demorou a consolidar, o enfrentamento da pandemia o faz celeremente. Em Manaus (AM) tais comunidades transcendem a três dezenas, recolocando a luta por direitos indígenas num plano em que os direitos territoriais são acionados em conjunto com os direitos humanos. Isto porque, mediante a negativa de reconhecimento deste processo de formação de comunidades indígenas, os planejadores e o órgão indigenista oficial (FUNAI) abrem um campo para as exclusões arbitrárias e para a “morte étnica” dos membros destas referidas comunidades, asfixiando-os ao recusar-lhes a proteção constitucional e os registros correlatos (RANI), concorrendo, assim, para aprofundar discriminações, estigmas e conflitos sociais. O significado de “morte étnica” está atrelado ao fato dos membros destas comunidades indígenas terem sido desprovidos de sua identidade social e de seu pertencimento étnico, do estatuto da cidadania e da garantia de proteção pelos direitos constitucionais, e reduzidos a seus corpos, no sentido biológico, como sublinha Agambem. Em suma, um violento processo de desumanização estaria em curso e torna-se mais transparente e perceptível mediante os fatos trágicos de letalidade provocados pela pandemia. O trabalho da morte pode não constituir sujeito, mas estimula as formas político-organizativas em torno da garantia de vida. Na Amazônia, está-se diante, portanto, de mais um capítulo do “impasse planetário em que a humanidade” se encontra, como nos alerta Mbembe (2020), com suas análises e observações referentes à complexidade dos mecanismos hodiernos da necropolítica, que perscrutam sobre como os povos e comunidades resistem a essa “grande asfixia”.

Os instrumentos etnográficos possuem potencial que permite penetrar analiticamente em cada uma destas situações concretas e descrever como os agentes sociais percebem e agem face aos mecanismos de controle dos poderes, que gravitam em torno do governo e do Estado. O ponto de vista dos que estão sendo atingidos, como os indígenas, vitoriosos em eleições para os DSEIs, as quais teriam

sido invalidadas arbitrariamente, ou os quilombolas que não tiveram assistência médica, constitui um ponto de partida para um novo quadro de discussão dos obstáculos à autonomia das associações indígenas e quilombolas. As disputas pelos postos ligados à gestão da saúde demonstram que as esferas de mediação estariam sendo deslocadas para este campo, não obstante o processo de militarização de cargos e posições no Ministério da Saúde e daqueles ligados diretamente ao Presidente da República. O controle militar da gestão da saúde impede os povos e comunidades indígenas de se emanciparem das tutelas a que estão submetidos e faz das estatísticas de infectados e mortos fatais um instrumento de poder, do mesmo modo que institui protocolos com medicamentos cuja eficácia não é garantida.

## DEBATES TEÓRICOS E SITUAÇÕES EMPÍRICAS

A intensificação dos debates conduziu para proposições que não separam as questões teóricas das situações concretas. A questão destacada, antes e durante a pandemia, concerne à forma como o Estado brasileiro interviu de maneira questionável no que diz respeito à gestão da saúde, caracterizada, sobretudo, pelo negligenciamento do SUS, o que vários artigos desta coletânea interpretam como desleixo proposital. Seria um conjunto de bio-poderes para gerir o trabalho da morte? A necropolítica, aliás, consistiria num instrumento de compreensão sociológica de agências e agentes referidos a este trabalho da morte? Mbembe assim interpreta a ligação entre “soberania” e as decisões sobre a vida e a morte:

“(…) a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer.” (...) “Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder”. (Mbembe, 2016, p. 123)<sup>11</sup>.

---

11. MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Artes & Ensaios. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ. Nº 32. Dezembro 2016 (pp. 123-151), tradução de Renata Santini. A primeira edição é de 2003, em inglês. Vide também a publicação da N-1 edições de **Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo, 2018.

Na atualidade pode-se pensar o conceito de biopolítica como instrumento teórico para dar conta de como os mecanismos de controle político visam se concentrar nas agências que gerem medidas relativas à saúde e que estão na linha de frente no enfrentamento da pandemia. Refere-se tanto a instituições como o Ministério da Saúde, as Secretarias Estaduais de Saúde, o SUS, a FIOCRUZ e os laboratórios de universidades públicas, quanto a instancias de representação e participação (conselhos, distritos especiais, associações). Umase ocupam da gestão da saúde e outras da produção de conhecimentos científicos para aprimorar o combate à pandemia. Todas elas no *front*, nos trabalhos de enfrentamento direto da pandemia, ao contrário de interesses privados como planos de saúde e hospitais particulares, que se manifestaram tardiamente e se dedicam a ações filantrópicas sem ter uma política social definida. As teorias neoliberais que imaginaram transferir a questão da saúde para a esfera privada estão se sentindo derrotadas e aumentam o peso de suas forças, juntamente com os bancos e grandes empresas do capitalismo financeiro, para ações filantrópicas. As indústrias farmacêuticas e os de laboratórios de biotecnologia, parecem ter se voltado prioritariamente para o potencial de mercado das vacinas e de remédios. Esta distinção entre o público e o privado no combate ao COVID-198 é que estaria evidenciando como planos de saúde e redes hospitalares particulares mostraram-se insuficientes e despreparados para se contrapor a situações emergenciais como a pandemia. Keynes e a intervenção do Estado no bem estar da sociedade certamente estão derrotando Hayeck e de quebra Friedman e seus epígonos neoliberais. Tanto na Europa, quanto aqui as autoridades econômicas e militares falam explicitamente em “Plano Marshall” e economistas neoliberais ressoam irados: “que se dane o Estado mínimo!”.

A concentração de recursos monetários na gestão da saúde, nestes tempos de peste, agita os poderes e se os divide também os arma localmente de maneira extrema. A pandemia funciona como um biombo, que acoberta uma complexa coalizão de interesses políticos e econômicos, apoiada por

atos de Estado, que objetiva controlar as políticas de saúde, que visa controlar a ação dos agentes de saúde das próprias comunidades e suas instancias de representação, e, por outro lado, parece fechar os olhos para atos de violência de diferentes ordens praticados contra estas mesmas comunidades. Observe-se, durante este período de pandemia, as circunstâncias dos assassinatos de líderes indígenas Guajajara (MA), a Resolução que preconiza remoções compulsórias de quilombolas em Alcântara, as agressões contra lideranças Kambeba em suas aldeias, por homens mascarados na calada da noite, em São Paulo de Olivença (AM); a suspensão da busca de desaparecidos com o rompimento da barragem de resíduos em Brumadinho (MG); a devastação de garimpeiros que intrusaram as terras indígenas dos Yanomami (RR) e a segurança privada da mineradora Vale, invadindo a tiros, em 21 de junho, o acampamento Lagoa Nova Carajás, município de Parauabepas (PA), onde vivem 248 famílias há 5 anos; os desmatamentos no quilombo Barra da Aroeira, que se localiza na região inventada pelos planejadores, denominada MATOPIBA. As terras tradicionalmente ocupadas estão sendo transformadas por meio de ações violentas e ilegais em terras de expansão de empreendimentos agrícolas em larga escala, de projetos agropecuários, madeireiros e minerários. Cabe acrescentar, as violências etno-raciais como a recusa de registrar em Unidades de Saúde os pacientes indígenas como tais, procedendo à sua identificação como “pardos”. Além disto, registra-se também as iniciativas politico-institucionais de classificar a enfermidade provocada pelo Coronavírus como “doença de trabalho”. O resultado desta classificação é que várias apólices de seguro excluem as doenças ocupacionais o que significa dizer que o contágio por COVID se tornaria um excluyente de cobertura pelos seguros e planos de saúde. Os efeitos desta classificação podem ser arrolados como um dos fatores de subnotificação dos casos de COVID. Os familiares dos enfermos temem perder a cobertura monetária propiciada pelas apólices de seguro e em virtude disto mobilizam-se para que o Coronavírus não seja assinalado como *causa mortis*.

Os textos desta coletânea examinam estas condições objetivas em que um volumoso aporte de recursos públicos é concentrado na saúde tendo o controle social do corpo como objeto do poder político e dos interesses econômicos, incluindo-se situações de usurpação, eufemizadas pelo termo “flexibilização”, de direitos territoriais de indígenas e quilombolas. Embora a história social deste conceito seja concernente, segundo Foucault, à maneira como o poder político tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, com o propósito de governar não somente os indivíduos através de determinados procedimentos disciplinares, mas o conjunto da população, o autor o dispõe no tempo presente, facultando leituras críticas dos atos das autoridades sanitárias.

Os mapas dos territórios mencionados nos artigos ilustram estas novas dimensões assinaladas. Embora a maioria deles tenha capturado as informações oficiais, relativas à infraestrutura sanitária e ao número de infectados e de óbitos, eles propiciam uma análise crítica assinalando que os dados oficiais se detêm em aspectos quantitativos sem avançar muito na caracterização das vítimas e nas circunstâncias da letalidade. Representações gráficas de círculos, tabelas, escalas e respectivos infográficos não se mostram suficientes e se restringem a fatores quantitativos sem poder maior de explicação. Do ponto de vista desta coletânea esse processo de produção cartográfica aponta efeitos da pandemia em diferentes territórios ao levar os membros das comunidades a refletirem sobre o agravamento de conflitos sociais. Este trabalho pode ser cotejado de imediato com mapeamentos já realizados pelo PNCSA em situações anteriores, ao focalizar as alterações nos índices de desmatamentos, de intrusamentos de terras indígenas por garimpos ilegais e ações de mineradoras, empreendimentos de UHEs, portos, minerodutos e expansão dos agronegócios em terras tradicionalmente ocupadas (terras indígenas, quilombolas, de ribeirinhos...) e em áreas protegidas (unidades de conservação).

## A ABRANGÊNCIA DOS SIGNIFICADOS DE TERRITÓRIO

Os significados de territórios utilizados nesta coletânea abrangem, deste modo, uma diversidade de situações sociais tanto referidas a terras tradicionalmente ocupadas, georeferenciadas e com um correspondente material bem definido, quanto a expressões de conhecimentos intangíveis. Ambos os significados contrastam com as medidas pandêmicas adotadas ou inspiradas pela ação do governo federal provocando tensões e conflitos sociais. A variedade de situações aqui analisadas demonstra a complexidade deste significado e a relevância de seu uso. A coletânea foi organizada de acordo com este significado mais abrangente de território agrupando os textos em diferentes planos sociais em que ocorrem relações com efeitos da pandemia.

1) Na primeira parte selecionamos textos assim classificados: i) referidos explicitamente aos territórios indígenas, quilombolas, de comunidades de fundos e fechos de pasto e de comunidades atingidas por ação de mineradoras; ii) textos que remetem aos territórios aquáticos compreendendo pescadores e ribeirinhos; iii) textos que focalizam as mobilizações políticas; iv) textos que concernem ao conhecimento científico e seu papel no enfrentamento da pandemia.

A seleção inicial focalizou a relação entre pandemia e território no Congresso Nacional e no Poder Executivo. O que está acontecendo no Congresso Nacional em termos da relação pandemia e território pode ser demonstrado através do Quadro 1 – Dispositivos editados durante a pandemia, que produziram efeitos em face de povos e comunidades tradicionais, que contém as proposições enviadas pelo executivo ao legislativo e que se acham em votação neste período pandêmico, considerado *lato sensu*. De uma maneira resumida, observando o Congresso Nacional por dentro,

pode-se afirmar que se está diante de um território que se apequena, que se fecha para sociedade e para uma participação ampla, ao mesmo tempo que aprova projetos, que avançam sobre os territórios dos povos e comunidades tradicionais. Certamente que não conseguiriam fazer isto com tanta facilidade se não fosse a votação remota, como bem nos alerta a antropóloga Maia Sprandel.

Quanto aos territórios indígenas vale salientar que, desde meados de 2019, circulavam notícias sobre reiteradas ameaças aos povos indígenas e seus territórios. Elas se adensaram no início de 2020. Em 6 de fevereiro, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - APIB emitiu nota de repúdio ao Projeto de Lei (PL) 191/2020 enviado pelo Executivo ao Congresso Nacional com objetivo de regulamentar atividades de exploração econômica de terras indígenas (mineração, garimpo, extração de petróleo e gás, construção de hidrelétricas e agropecuária) em resposta a conglomerados econômicos e setores empresariais dos agronegócios, que exercem pressão política demandando a expansão de suas atividades sobre tais terras e tem servido de sustentação aos planos governamentais<sup>12</sup>. As ameaças de invasão das terras indígenas por esses agentes agravaram o caos provocado pela contaminação massiva de indígenas pelo Covid-19.

A posição defensiva está presente nas organizações e movimentos diante da combinação perversa de medidas contra os povos indígenas<sup>13</sup> e o total negligenciamento de proteção à sua saúde. A Nota Oficial

---

12. Ler a Nota Pública de Repúdio contra o Projeto do Governo Bolsonaro de Regulamentar a Mineração, Empreendimentos Energéticos e o Agronegócio nas Terras Indígenas. em <https://cimi.org.br/2020/02/apib-repudia-projeto-governo-bolsonaro-libera-mineracao-hidreletricas-agronegocio-terras-indigenas/> Acesso em 15/06/2020.

13. **#11 Durante a pandemia, Funai emite norma que incentiva invasão de terras indígenas.** 01/maio/2020 A pandemia da Covid-19 já chegou em 20 povos indígenas no Brasil. Não estamos enfrentando apenas um vírus. Junto com o aumento de casos de indígenas infectados e mortos pela Covid-19 está o crescimento de assassinatos das nossas lideranças e o aumento das invasões de madeireiros, garimpeiros, missionários e grileiros em nossas terras. O isolamento social recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) não pode ser um privilégio de poucos  
<http://apib.info/2020/05/01/durante-a-pandemia-funai-emite-norma-que-incentiva-invasao-de-terras-indigenas/>

ABRASCO/ABA “A COVID 19 e os Povos indígenas desafios e medidas para controle do seu avanço”<sup>14</sup> chama atenção para os territórios indígenas e o papel da FUNAI no controle de entrada nas TIs de agentes externos. Contraditoriamente, essa instituição assegura um atendimento muito limitado, por meio das atividades do SASI-SUS, subestimando situações de perigo de contaminação nas aldeias indígenas e para os indígenas que residem habitualmente nas cidades. Nos alinhamentos governamentais a FUNAI emitiu a Instrução Normativa N° 9 “que permite legalizar o crime de grilagem dentro de áreas indígenas”, de acordo com o posicionamento da APIB. A observação relevante é a invisibilização dos agentes sociais e o ato permanente de negligenciar os direitos territoriais nas ações de enfrentamento à pandemia.

Nos territórios quilombolas, o tempo de pandemia revela, de forma recalcitrante, a influência de agentes econômicos e políticos, que mediante dispositivos da biopolítica decidem sobre os territórios de povos tradicionais. Nos Estados de Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, Bahia, Espírito Santo, Santa Catarina as situações críticas das intervenções exigem descrições dos movimentos de sincronia e diacronia, como depreende-se da leitura de vários artigos. No primeiro mês de crescente consternação com a pandemia de CODIV-19 é publicada no **Diário Oficial da União** a Resolução n° 11 de 26 de março de 2020, assinada por Augusto Heleno Ribeiro Pereira, general-de-exército da Reserva do Exército Brasileiro atualmente Ministro do Gabinete de Segurança Institucional e no cargo de Coordenador do Comitê de Desenvolvimento do Programa Espacial Brasileiro (CDPEB). A Resolução no seu artigo 6 “Aprova a Matriz de responsabilidade dos órgãos que integram o Comitê de Desenvolvimento do Programa Espacial Brasileiro”, o que sumariza os atos para a remoção e o reassentamento que, de acordo com associações de quilombolas de Alcântara, poderá atingir 30 comunidades

---

14. <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/posicionamentos-oficiais-abrasco/a-covid-19-e-os-povos-indigenas-desafios-e-medidas-para-controle-do-seu-avanco/45866/>

e mais de 800 famílias, além de acarretar a subtração de mais de 12.000 hectares do território reivindicado em função da expansão do Centro de Lançamento de Alcântara<sup>15</sup>.

Organizações dos Movimentos Indígenas<sup>16</sup> e Quilombolas dirigiram-se a representações políticas na Câmara dos Deputados com objetivo de que fosse considerada a extrema necessidade de uma política emergencial. Isto resultou no Projeto de Lei Nº 1.142 de 2020<sup>17</sup> apresentado a essa Câmara no dia 27 de março de 2020. Somente três meses depois é divulgada a Redação Final do Projeto de Lei e fica aguardando a aprovação do Executivo. O longo período de debates, seguindo o ritual “normal” levanta a pergunta: Quantas mortes de indígenas e quilombolas poderiam ter sido evitadas com base em ações diferenciadas e eficientes? A quem serve a inépcia da gestão política da pandemia?

---

15. A Manifestação da S.B.P.C., em 31 de março de 2020, inseria parágrafo final afirmando: “ A Resolução Nº 11 de 26 de março é tornada pública em um tempo de profunda comiserção mundial pelo avanço da pandemia do Codiv-19 e mostra-se em visceral desrespeito à dignidade dos quilombolas de Alcântara, o que atinge todos os quilombolas do Brasil e os que defendem respeito e valores de solidariedade humana. Diante do exposto a SBPC discorda das proposições contidas na referida Resolução e solicita a sua reconsideração por se constituir em ato contra a vida das comunidades quilombolas”.

<http://portal.sbpnet.org.br/noticias/sbpc-se-manifesta-contr-resolucao-que-autoriza-remocao-de-quilombolas-de-alcantara/> Acesso em 11 de junho de 2020.

16. A cobrança dessas ações por parte do governo foi imediata aos primeiros indicadores estatísticos sobre contaminação e mortes. A Articulação Nacional dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) publicou nota (20/3) em que reivindica a adoção de um Plano de Ação Emergencial, que abranja tanto o fortalecimento da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) quanto medidas para coibir a invasão dos territórios por grileiros, garimpeiros e madeireiros. A Apib também articulou com governadores estaduais uma carta com estratégias para a proteção aos povos indígenas de todo o Brasil (7/4). Outra iniciativa foi a construção de um Projeto de Lei (PL 1.305/2020), apresentado pelas deputadas Taliria Petrone (PSOL-RJ), Joenia Wapichana (REDE-RR) e outros parlamentares da Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas, que dispõe sobre o Plano Emergencial para Enfrentamento ao Coronavírus nos territórios indígenas, assegurando a garantia de direitos sociais e territoriais.

<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/vulnerabilidades-que-aproximam> Acesso em 15/06/2020.

A CONAQ referendou a elaboração desse plano. Notadamente, a grave ofensiva dos desmatamentos concretizou-se com mais de 70.000 hectares de florestas derrubadas, o que representa aumento de 29,9% comparado com o ano anterior, conforme os dados do INPE, em termos de intrusamentos e devastação de territórios quilombolas e indígenas.

17. NOVA EMENTA: Dispõe sobre medidas de proteção social para prevenção do contágio e da disseminação da Covid-19 nos territórios indígenas; cria o Plano Emergencial para Enfrentamento à Covid-19 nos Territórios Indígenas; estipula medidas de apoio às comunidades quilombolas e aos demais povos e comunidades tradicionais para o enfrentamento à Covid-19; e altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, a fim de assegurar aporte de recursos adicionais nas situações emergenciais e de calamidade pública. Ver a tramitação no site:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2242218>. Acesso em 17/06/2020.

Os territórios de diferentes comunidades (de fundos e fechos de pasto, de assentados, de *raizales* e de atingidos por mineração) tornam-se objeto de reflexão. A rigor as indagações abordadas nos artigos desta coletânea procedem de uma reflexão sobre uma situação epidêmica e de “determinação local”, como escreve Alain Badiou<sup>18</sup> (2020, pp. 72 e 78). Entende-se que o “combate à pandemia” reveste-se de situações sociais no presente-passado, referidas a realidades específicas incrustadas de racismos e de subordinação do Outro. Uma situação colonial, enfim. Tais noções operativas contribuem para que se possa compreender os atingidos e remetem empiricamente a atividades de mineração, dendeicultura e de plantações homogêneas, bem como a obras de infraestrutura (portos graneleiros, minerodutos, gasodutos, duplicação de rodovias e ferrovias, UHEs Tucuruí e Belo Monte). O território destas comunidades atingidas resulta diferente do território quilombola e do território indígena pelo fato de seus agentes não terem podido lançar mão do direito duramente conquistado ao isolamento social. Assim tais comunidades ficaram cruamente expostas à morte e radicalmente abandonadas. Por parte das sedes municipais ocorreram, inclusive, em alguns casos, atos discricionários de evitar a entrada dos pescadores na cidade para vender peixes, dos agricultores familiares para oferecerem a farinha e demais produtos agrícolas nas feiras. Em torno das comunidades descritas a fome, a falta de água, a impossibilidade de adquirir medicamentos faz com que a lembrança da morte seja permanente tanto pelo COVID 19, quanto por carências básicas. Haverá necessidade de retomar criticamente o denominado “Auxílio Emergencial” como uma medida com falhas na implementação.

A unidade que se busca estabelecer entre território e pandemia é aberta e múltipla com a pretensão de discernir como modos de vida dos povos tradicionais são afetados pelos efeitos econômicos, como no caso de interrupção das atividades e de turismo, da pesca, da própria agricultura

---

18. BADIOU, Alain. Sobre la situación epidémica. In. Agamben, Giorgio. Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia. Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio. Marzo, 2020. P. 67-78.

e extrativismo vinculados a mercados, ainda mais porque a incerteza dos próximos meses e anos é elevada. Todavia, trata-se de incertezas de várias ordens. Paul Preciado, filósofo, aborda as técnicas governamentais biopolíticas e as redes de poder que entraram em vigência, sobre as formas de poder especializado, afirma que este se estenderá na totalidade do território até penetrar no corpo individual (Preciado<sup>19</sup>, 2020, p. 164). Abalizado em Foucault escreve:

una epidemia radicaliza y desplaza las técnicas biopolíticas que se aplican al territorio nacional hasta al nivel de la anatomía política, inscribiéndolas en el cuerpo individual. Al mismo tiempo, una epidemia permite extender a toda la población las medidas de “inmunización” política que habían sido aplicadas hasta ahora de manera violenta frente aquellos que habían sido considerados como “extranjeros” tanto dentro como en los límites del territorio nacional. (Preciado, 2020, p. 164).

Assistimos a lutas organizadas para defender os territórios, evitar a morte; esses enfrentamentos neste tempo de pandemia são a maior certeza da resistência. Nas palavras de Preciado as iniciativas de uso do tempo de isolamento podem permitir “estudar tradições de luta e resistência minoritárias, que nos tem ajudado a sobreviver até aqui” (Preciado,2020:185).

De igual modo a ofensiva do governo federal contra as universidades e instituições de pesquisa tem sido persistente desde 2016 e adquiriu impulso demolidor no atual governo, notadamente através do Ministério da Educação, que pretende chamar a si a escolha de reitores e que se conforma com a drástica redução dos recursos públicos para o sistema de ensino por parte do executivo. Esses ataques frontais colocam em perigo o conhecimento científico, que no tempo de pandemia seria um aliado para indicar alternativas, examinar protocolos, debater dados epidemiológicos e elaborar orientações na perspectiva que se codificou de “emergência sanitária e humanitária” ante

19. PRECIADO, Paul. B. Aprendiendo del virus. In. AGAMBEN, Giorgio. **Sopa de Wuhan**. S. I. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), Marzo, 2020 (p. 163-185)

o evento biológico do COVID-19, com forte espectro de (des)informação. Concepções de saúde, respeito à vida e justiça não separam as ciências sociais e as ciências da vida; aliadas elas formulam questões aos tratamentos, não reduzíveis a opiniões sobre medicamentos, técnicas, práticas e terapias. As soluções estudadas no campo da pesquisa científica tem se constituído numa “a reafirmação ou legitimação ampla junto à sociedade, da autoridade da ciência e das universidades”. O território da ciência evidencia assim, os confrontos de ordens e poderes econômicos, bem como as medidas autoritárias de militarização do Ministério da Saúde, em detrimento dos que detém os critérios de conhecimento médico, e as disputas políticas concernentes às visões oficiosas da pandemia, “negacionistas” e conservadoras. A própria coletânea **Território e Pandemia**, aqui apresentada, marca uma visão de ciência que, na contramão do “negacionismo”, realiza uma defesa radical do uso do conhecimento científico no combate ao Coronavírus.

Os obituários compõem a segunda parte da coletânea intitulada o “território da morte”. Nesta segunda parte tem-se, como já foi dito, 40 (quarenta) colaboradores envolvidos, direta ou indiretamente, na elaboração dos obituários, acrescidos das associações indígenas que produziram listas com os nomes dos mortos fatais pelo Coronavírus. Os obituários e as listas concernem a 100 (cem) vítimas fatais da COVID-19. Há dois estrangeiros, que foram vítimas do COVID-19 e simbolizam a escala global da pandemia, aos quais correspondem: um obituário sobre liderança indígena colombiana, que foi protagonista de uma película premiada em vários países, e outro, sobre uma cineasta nigeriana, que se destacou internacionalmente na luta contra a dominação colonialista e o racismo. Ambos conhecidos dos movimentos indígenas e quilombolas.

Na terceira parte apresentamos uma iconografia das formas de resistência de povos indígenas, quilombolas e ciganos. Mais privilegiamos os cartazes com seus desenhos e breves mensagens do que a elaboração de textos explicativos. Consideramos uma redundância. No caso de indígenas e

quilombolas estas formas são expressas pela vigilância e controle do acesso às suas terras, implementadas pelas próprias comunidades, de maneira autônoma e precedendo a qualquer ação governamental. Em se tratando dos ciganos há uma ênfase nos chamados “ranchos”. As placas, cartazes e avisos afixados junto às barreiras físicas e postos de vigilância de acesso às terras indígenas e quilombolas, registram formas politico-organizativas que adotaram o “isolamento social” como mecanismo de autodefesa de seus territórios diante da disseminação desordenada do Coronavírus e dos intrusamentos sucessivos dela decorrentes. Consideramos tais materiais visuais como documentos através dos quais estes povos e comunidades tradicionais estabelecem uma interlocução constante, durante a pandemia, com a sociedade e com o Estado.

De maneira resumida pode-se considerar as três partes desta coletânea como etapas distintas dos trabalhos de pesquisa. Elas independem umas das outras e podem ser lidas em separado e na ordem desejada pelos leitores. Não há qualquer pretensão de sequência ou de uma continuidade linear senão para efeitos exposição e sumário.

Pelo que já foi observado as três partes podem ser assim brevemente descritas: i) a primeira corresponde ao processo de produção dos artigos referentes aos respectivos “territórios” e contém, após esta “Apresentação Geral” e o quadro de dispositivos legais editados durante a pandemia que produziram efeitos em povos e comunidades tradicionais, uma análise do veto presidencial ao “Plano Emergencial para Enfrentamento à Covid-19 nos Territórios Indígenas e medidas de apoio a diversas comunidades”. ii) A segunda compreende os critérios de seleção de “notas de pesar”, “avisos fúnebres” e quejandos. Consiste num registro necrológico, redigido a partir de narrativas dos próprios membros do povo, grupo ou comunidade afetados. Por estar fundado no trabalho da morte, que orienta as narrativas daqueles que mantêm vínculos com o agente social vitimado pelo COVID-19, consiste no reverso da biografia. A elaboração dos obituários baseia-se, pois,

nestas narrativas que, face ao distanciamento social imposto pela pandemia, passam a fazer parte da sequência cerimonial de sepultamento. iii) A terceira abrange as atividades de compilação de “cartazes” (*folders*) e “quadros de aviso”, contendo as orientações de indígenas e quilombolas, quanto ao acesso às suas terras, em combinação com os escritos nos cartazes, como os dos ciganos, que dizem respeito à pauta de suas necessidades prementes de equipamentos médicos de proteção à saúde (máscaras, luvas, álcool gel), de materiais de limpeza, de alimentos e de apoio financeiro para poderem saldar compromissos elementares, uma vez que se encontram gravemente afetados por danos econômicos relativos ao “isolamento social” ou ao confinamento em que se encontram.

Estamos diante, portanto, de três diferentes planos do trabalho intelectual ou de gêneros textuais distintos, que balizaram a divisão do trabalho com conceitos polissêmicos de território, na consecução desta coletânea. Nesta perspectiva o exercício de interpenetração das partes e de suas imagináveis articulações deixamo-lo em aberto, completamente sujeito às condições de possibilidade de uma leitura crítica e da atenção criteriosa dos leitores.

Rosa Acevedo  
Eriki Aleixo  
Alfredo Wagner  
(org.)



## PARTE II

“Imagino que um vírus invisível e assim tão contagioso deva ser visto como um grande feitiço do mundo dos” brancos civilizados”. E que a segurança sanitária dos povos isolados e de recente contato depende do que está acontecendo no seu entorno, sobretudo com as populações contatadas e os não-indígenas que compartilham seus territórios e terras indígenas com os isolados e os grupos recém-contatados. Ou seja, as perspectivas não são boas para “mansos” e “bravos”, muitíssimo vulneráveis nessa pandemia do Covid-19. Estes tristes obituários revelam isto.

Só nos resta pedir a proteção da Rainha da Floresta e esperar muito pouco do atual governo brasileiro. Estamos todos à deriva no mar revoltoso dessa pandemia do Covid-19.

Haux! Haux!” Mas “navegar é preciso”, todos estão resistindo.

**Txai Terri Aquino**



# **TERRITÓRIO DA MORTE**



## OBITUÁRIO: VIDA NO TERRITÓRIO DA MORTE

Alfredo Wagner Berno de Almeida<sup>593</sup>

O primeiro passo desta pesquisa consiste num trabalho de conceituação de obituário, como instrumento crítico do “território da morte”, buscando alcançar progressivamente, por observações sucessivas, a constelação de significados dele derivada através da problematização da noção corrente de registro necrológico. A compreensão sociológica destes significados, que gravitam em torno de um gênero textual utilitário, veiculado como uma coluna diária da imprensa periódica, que tem por objetivo informar a morte de um indivíduo, propicia condições de possibilidade para uma análise crítica sobre como as múltiplas narrativas da morte refletem sobre as concepções de vida, tornando-as refém da lógica dos elogios sepulcrais e dos rituais fúnebres com sua complexa sequencia cerimonial. A extensão deste entendimento crítico faculta que se confira ao termo uma forma flexível e aberta, capaz de comportar a extrema variedade dos diferentes gêneros textuais especialmente compostos para as etapas dos rituais fúnebres exequíveis nestes tempos de pandemia. Trabalhar o conceito aqui consiste na composição criteriosa de um espesso repertório de narrativas concernentes às vítimas fatais do Covid-19, notadamente indígenas, e na utilização de técnicas de observação relativas a modos de velar e sepultar os corpos meio a severas interdições que, por exigência médica, requerem um necessário afastamento dos corpos. A norma médica de distanciamento social afeta diretamente as reações à perda, impacta as emoções e os acontecimentos que, caracterizam os diversos processos de luto em conformidade com as diferentes religiões e povos. As etapas dos rituais não mais comportam atos coletivos, classificados genericamente

---

593. Antropólogo. Professor do PPGCSPA-UEMA, do PPGSCA-UFAM e do PPGICH-UEA. Pesquisador CNPq.

como “aglomerações” nestes tempos de pandemia. A solidão que envolve os funerais torna-se regra de sepultamento e redefine as formas de velar os mortos. Foi privilegiada, portanto, para fins desta pesquisa, a diversidade de materiais narrativos que informam publicamente as mortes de indígenas por Covid-19 entre abril e agosto de 2020, as informações sobre mortes de quilombolas e outros agentes sociais foram acionadas analiticamente para fins de contraste.

As narrativas aqui selecionadas são proferidas por familiares destas vítimas, seja através de laços consanguíneos ou de afinidade, incorporando vizinhos e amigos, todos eles chamados de “parentes” e, no mais das vezes, integrantes das mesmas associações, dos mesmos movimentos e das mesmas unidades sociais (comunidades, aldeias, tribos) que os abrigam. Estas organizações, reforçando os mecanismos de coesão social em torno de seus propósitos, divulgam suas próprias narrativas fúnebres. Além destes há manifestações de uma pluralidade de participantes, de uma extensa rede de solidariedade, que inclui pesquisadores acadêmicos, membros de diferentes instituições apoiadoras, confessionais ou não, e de associações voluntárias do terceiro setor denominadas “ongs”, que propugnam uma ação dita filantrópica. Eles todos compõem o elenco de autores de diferenciados gêneros textuais, que registram publicamente os falecimentos e são designados, de maneira explícita, com os seguintes termos e expressões: “notas de pesar”, “memórias”, “a quem interessar” ou “notas sobre um homem”. Os registros, conforme foi possível verificar no decorrer desta pesquisa, ocorrem também através de artigos, entrevistas, cartas e mensagens através de e-mails e WhatsApp. Incorporamos todos estes gêneros textuais no campo de significação do conceito de obituário. Há ainda um conjunto de agências de representação (federações, associações, coordenações, conselhos) que produziram outros tantos profusos gêneros textuais de expressão coletiva, tais como “manifestos”, “homenagens fúnebres” e “notas de pesar”. O significado de “notas de pesar” perpassa diferentes agentes sociais e agências, instituições

oficiais e organizações voluntárias não-governamentais, mostrando-se transitivo e externando, ao mesmo tempo, posições institucionais e posições políticas, todas elas ancoradas numa unidade discursiva encomiástica.

Esta proposta de obituário apoia-se, pois, nestas narrativas e não está apoiada nem em dados cartoriais, nem em registros da FUNAI (que aliás teria recusado o RANI a Kokama falecidos e a demais indígenas que estão nas cidades), nem em atestados de óbito, nem nas estatísticas oficiais que estariam subnotificadas, nem tão pouco em boletins médicos. Os repertórios fundamentam-se na fala de familiares e nas informações produzidas pelas organizações indígenas. Completam estes repertórios de narrativas os “elogios fúnebres”, elaborados como orações funerárias ou como laudêmios em tributo a uma pessoa ou pessoas que recentemente faleceram. Quando elaborados pelas organizações indígenas e referidos a um grupo de pessoas vítimas de Covid-19 compõem as chamadas “listas”, que contém exclusivamente o nome dos mortos, numa sequência cronológica e nenhuma outra informação específica. Elas são divulgadas por federações (Federação Indígena do Povo Kukami-Kukamira Pray+iuka Perukariai Kurumpiaka Cacicado Geral do Povo Kokama, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro-FOIRN), coordenações (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira), movimentos e conselhos (Movimento Munduruku Ipereg Ayu e Conselho Indígena de Roraima), que as produzem e divulgam. Importa citar algumas publicações periódicas que surgiram nestes tempos de pandemia com o propósito de manter atualizadas as estatísticas dos infectados e dos mortos divulgando também informações sobre cuidados higiênicos no enfrentamento do Covid-19, tais como: “Atenção, Txai!” (CPI, OPIAC, AASI), que no início de julho já estava no número 7 (sete); “Informativo COIAB”, que em julho estava no número 4 (quatro); “Boletim COVID-19/ Povos Indígenas do Piauí”(APIN, APOINME, UFPI), com atualização em 28 de junho de 2020; “Boletim Monitoramento entre Povos e Terras Indígenas na Bahia” (ANAÍ, Movimento Unido dos Povos e Organizações

Indígenas da Bahia-MUPOIBA), Conselho Indigenista Missionário - CIMI, que em junho estava no número 6 (seis). No que tange aos quilombolas tem-se o Boletim Epidemiológico em Quilombos do Brasil/Coronavírus COVID-19 (CONAQ). Certamente que há muitas outras publicações virtuais, com função atualizadora destas estatísticas primárias, que merecem ser analisadas numa reflexão à parte. Não detectamos, entretanto, qualquer publicação sistemática de monitoramento das ocorrências de contágio e morte produzida por entidades confessionais<sup>594</sup>. Esta ausência, de instituições que por séculos executaram a mediação dos povos indígenas com o Estado, num momento tão trágico e com debates sobre práticas genocidas, requer bastante atenção. Aparentemente há uma mudança nas esferas de mediação entre os povos indígenas, a sociedade e o Estado, porquanto cada vez mais se constata um volume expressivo de ações autônomas dos movimentos indígenas e, concomitantemente, novas estratégias de intervenção da cooperação internacional<sup>595</sup>, das ong's e das agências governamentais, cujas formas de atuação se tornaram mais céleres, com maior poder tecnológico de comunicação e também de provocar possíveis danos. Mediante esta dinâmica de transformações registram-se tentativas de se instituir novas regras de tutela face aos povos indígenas e demais identidades coletivas emergentes. O campo da mediação, em decorrência, está se tornando mais complexo e com perspectiva de alterações radicais de regulação, redefinindo provavelmente tutelas, que se mostram desgastadas e com menor grau de eficácia em suas modalidades de submissão, todas elas de conhecida inspiração colonialista. Ao assumirem publicamente os meios de conhecimento, a responsabilidade de elaboração das séries estatísticas trágicas e sua divulgação em listas os movimentos, conselhos, coordenações e federações indígenas expressam

---

594. A única agência confessional que registramos como produzindo relações de indígenas mortos foi o CIMI, que procedeu ao levantamento de 27 indígenas mortos por Covid-19 no Estado do Maranhão. Além do mais sublinhando a postura genocida do governo federal diante da pandemia o CIMI, juntamente com as entidades indígenas, defende a proposição de que as ocorrências de indígenas mortos pela Covid-19 sejam levadas à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, que é o único órgão que pode fazer denúncias à Corte Interamericana de Direitos Humanos.

595. A respeito desta questão consulte-se o artigo de autoria de Aurélio Vianna Jr, intitulado "Pandemia e Território: Cooperação e Disputas", que integra a Parte I desta coletânea.

não só uma posição de autonomia na gestão do controle dos mortos pela Covid-19, mas, sobretudo, um repto às históricas subordinações. Como desdobramento percebe-se, do ponto de vista das organizações indígenas, uma recusa cada vez maior de delegar poderes a agências e agentes externos.

As narrativas sobre as vítimas fatais e estas listas com os vitimados pelo Covid-19, correspondendo a uma pluralidade de gêneros textuais com suas respectivas designações, convergem todas elas para o que designamos de obituário. Este campo de significados relativos à conceituação de obituário o fomos construindo num processo de discussões intensas<sup>596</sup>, no âmbito do PNCSA, que teve como ponto de partida um pressuposto de que a morte não deve interessar-nos senão para afastarmos de nós mesmos e de nossas preocupações intelectuais o “cálice das paixões tristes”, como diria Badiou<sup>597</sup>, erguendo um panteão às avessas, capaz de se colocar criticamente face aos obituários ancorados em laudêmios, encômios e ilusões biográficas, que pontificam nas “galerias de notáveis” e nos rituais de consagração registrados usualmente em verbetes das histórias das ciências e das histórias da literatura e do pensamento social brasileiro. De tal modo os obituários na grande imprensa periódica se dedicam a celebridades, a figuras “notáveis” e de reconhecimento amplo e difuso, que não encontramos qualquer deles referido a indígenas, quilombolas ou outras categorias de povos e comunidades tradicionais. A partir desta constatação, numa perspectiva crítica, estendemos o significado de obituário a agentes sociais anônimos, desconhecidos ou conhecidos apenas localmente. Atentamos para vítimas

---

596. Refiro-me aqui especificamente às discussões que travei com Rosa Acevedo, desde final de janeiro de 2020, sobre a importância dos obituários na compreensão das relações políticas entre produtores intelectuais e científicos e o Estado. O primeiro exercício de autoria de Rosa foi referido a Tato Quiñones, com alguns apontamentos para a história das irmandades Abacúá na cidade de Havana, Cuba. Ele morreu em Cuba no final de janeiro de 2020. A segunda experiência, também de sua autoria, já foi no período pandêmico e exercitamos uma crítica à ilusão biográfica, que prevalece na história das ciências. O resultado foi o obituário sobre Sarah Moldoror, cineasta e militante anti-colonialista, considerada pioneira do cinema africano, que morreu vítima de Covid-19 em 13 de abril de 2020. Este obituário consta da Parte II desta coletânea no tópico intitulado “Território da Morte”. A partir daí, trabalhamos numa perspectiva crítica, ampliando o significado de obituário e incorporando agentes sociais anônimos e desconhecidos dos grandes públicos.

597. Consulte-se Badiou, Alain – **Pequeno panteón portátil**. Mexico. Fondo de Cultura Económica. 2011

de Covid-19 com mortes circunscritas a situações reais de existência pouco conhecidas ou ignoradas. A ocultação como regra, no que diz respeito a tais categorias e respectivas situações reais, nos dispõe criticamente face aos meios de repercussão da morte e sobre a própria noção de morte como propósito de investigação.

“Porque yo sostengo que la muerte no debe interessarnos, y la depresión tampoco. Si para algo sirve la filosofía es para alejar de nosotros el cáliz de las pasiones tristes, para enseñarnos que la piedad nos es una emoción leal, ni la gueja una razón para tener razón, ni la víctima aquello a partir de lo cual debemos pensar.” (Badiou, 2011:9)

Os obituários aqui apresentados constituem, portanto, simultaneamente, um objeto de reflexão e uma abordagem crítica do “trabalho da morte”, um objeto de pesquisa e uma maneira de pensá-lo, problematizando ao extremo sua negatividade. Em virtude disto, a abordagem aqui definida consiste em realizar uma análise concreta de uma situação concreta, consoante uma descrição aberta e pormenorizada, que contém uma leitura crítica, quanto às práticas cotidianas dos rituais fúnebres neste período pandêmico.

Ao focalizarmos o registro da morte nos obituários como um fator de resistência no enfrentamento da pandemia levamos a efeito uma ruptura com a visão apiedada das vítimas e, num movimento contrário, privilegiamos as formas vívidas e ativas de luta pela vida encetadas pelos movimentos indígenas, que rejeitam passividades e resignações. Esta ruptura se estende à rejeição do obituário como uma narrativa hagiográfica, evidenciando que as vidas narradas não fazem parte do culto a divindades, nem equivalem a uma biografia de santo com exaltação extremada de virtudes. Não! Os obituários também não consistem numa exaltação do martirólogo, como se estivéssemos diante de listas de mártires com suas dores, feridas e padecimentos por uma causa, ou de um extenso catálogo de vítimas heroicas de uma hagiomaquia. Não! A pandemia estimula uma retórica de guerra,

mas de modo algum significa uma guerra santa ou um castigo dos deuses, acoplado a passagens bíblicas referentes a períodos de peste, de fome e de guerra. Assim, ao coligir e elaborar obituários os pesquisadores do PNCSA visaram implodir os duros limites do “território da morte”, impondo-lhes escolhas intrínsecas ao ato de viver e a uma pauta de reivindicações sobre como viver dignamente. Sim!

De pelo menos 652 (seiscentos e cinquenta e dois) mortes de indígenas por Covid-19 registradas até o 10 de agosto de 2020, segundo a APIB, selecionamos 123 (cento e vinte e três) dentre elas, coligindo “manifestos”, carta, listas e “notas de pesar” já elaboradas e divulgadas ou promovendo contatos com familiares dos mortos com a finalidade de obter autorização para produzir os obituários. Selecionamos também 07 (sete) quilombolas e 02 (dois) artista, totalizando 131 (cento e trinta e um) obituários. Não incluímos o primeiro registro de morte de indígena por Covid-19 no Brasil, que se refere ao falecimento de Alvanei Xerixana, de 15 anos, do povo Yanomami, no Hospital Geral de Roraima, em Boa Vista, em 9 de abril de 2020.

Em pelo menos 11 (onze) casos entramos em contato com as famílias e solicitamos que escrevessem um obituário ou obtivemos autorização para tanto ou ainda tivemos acesso a mensagens redigidas por familiares informando as mortes. Em 60 (sessenta) situações entramos em contato com organizações indígenas, que confirmaram listas. Através destas vias de acesso foi possível dispor de obituários contendo o que os próprios indígenas consideraram relevante para falar sobre as mortes. Eles se referem às seguintes situações: Karapaña (João Gâncio), Tikuna (Aldenor, Maria Antonia), Baniwa (Aldevan), Kokama (Cacique Messias), Mura (Carlos Nobre da Costa Santos), Arara (Jorge Valera), das quilombolas Tia Uia, Maria José e do quilombola Pe. José Bráulio. As dificuldades na elaboração de obituários foram maiores entre os Kokama, que residem nas cidades. Algumas famílias se recusaram a aceitar uma divulgação da morte de seus entes como provocada pelo Covid-19, temendo um possível acirramento de estigmas e noções pré-concebidas urdidas contra

eles. Outras famílias, por terem frequentado cultos em período de interdição e de pandemia, se negaram a informar temendo que isto pudesse ter implicações sobre suas respectivas igrejas e sacerdotes. De igual sorte concernem também aos quilombolas, sobre os quais elaboramos somente 7 (sete) obituários e apenas estes. As “listas” da CONAQ, sem mencionar os nomes, assinalam centenas de mortos anônimos, reduzidos a meros números de uma estatística nefasta. No mapeamento social realizado pelo trabalho de pesquisa, que resultou nestes obituários, foram objetos de descrição quase 1/3 dos indígenas mortos, com informações diversas propiciadas por netos, filhos, irmãos e irmãs, bem como por pesquisadores acadêmicos que mantém ou mantinham relações de pesquisa com famílias daquelas unidades sociais mapeadas. A abrangência do mapeamento alcançou 35 (trinta e cinco) povos e etnias: Baniwa, Tikuna, Kokama, Tukano, Dessano, Assurini, Karapaña, Arara, 9Sateré Mawé, Tuyuka, Mura, Macuxi, Wapichana, Munduruku, Kaiapó, Taurepang, Kaingang, Paumari, Wai Wai, Karipuna, Xavante, Borari, Guajajara, Kaxinawá, Apinãwa, Warao, Parintitin, Yawanawá, Puyanawa Krikati, Yawalapiti, Xukuru, Inga, Marubo e Ocaina. No caso dos Marubo tem-se que estão localizados na T.I. Vale do Javari, região com maior registro de povos indígenas isolados e de recente contato. As contribuições voluntárias de membros destes povos, se dispendo a registrar os efeitos destas mortes permitiram relativizar as séries estatísticas, mesmo em se tratando dos do último povo mencionado que se localiza na Colômbia próximo à fronteira com o Brasil e a vítima frequentava Tabatinga. Com este procedimento objetivamos uma crítica dura aos registros que se resumem a números, expressos em gráficos, quadros e tabelas estatísticas com os mortos. Eles incorrem numa complexa personificação dos coletivos e a uma denominação genérica de “índios”, quando das interpretações sobre a letalidade do Covid-19, a saber: “morreram x índios” ou “chegaram y índios ao hospital de campanha”. Os obituários, tal como aqui pensados, teceriam, portanto, uma crítica à prática oficial de contabilizar vítimas do Covid-19, reduzindo-as a números que integram séries estatísticas, num procedimento que prenuncia o controle da extensão das mortes e dos significados que o

poder lhes atribuí. A transformação das vítimas fatais em sujeitos da ação, nomeando-os e disponibilizando informações sobre eles, retira da morte a imaginada classificação de absoluta passividade, como “seres inanimados sem vida e sem alma”, e a traz para o cerne dos centros de poder. Neste lugar social os mortos falam. Está-se diante de um processo de politização da morte. Eis onde o obituário se inscreve como forma de resistência, que não dissocia a vida da morte e se coloca na construção da própria existência coletiva referida às vítimas, confrontando incisivamente as tentativas de reduzi-las a um objeto passivo, inerte e sem forma.

Se estas estatísticas sempre se encontram referidas a números abstratos com quantidades que não nomeiam, acentuando tão-somente a condição de vítimas, os obituários, ao contrário, descrevem com maior pormenor os acontecimentos e utilizam dados concretos de ocorrências de vívida resistência tais como sublinhados pelos próprios agentes sociais que mantinham relações com a vítima. Como já sublinhamos as críticas ao “trabalho da morte” convergem diretamente para os obituários, que idealmente se opõem à descrição de uma trajetória linear de vida, contida de maneira recorrente nas ilusões biográficas e em textos de pretensão memorialística, permitindo uma leitura crítica e detida das estatísticas fatais.

Numa breve retrospectiva pode-se asseverar que, mediante as primeiras vítimas fatais de Covid-19 e os critérios quantitativos adotados para seu registro, fomos impelidos a pensar numa seção do site do PNCSA, que homenageasse indígenas, quilombolas, ciganos e outros membros de povos e comunidades tradicionais, que sabíamos seriam mantidos sob a ocultação histórica, porquanto dispostos à margem da vida social como cidadãos de segunda-categoria sem o acesso pleno aos direitos de cidadania.

Enfrentamos de pronto um dilema: como homenagear estas vítimas? Não focalizamos o obituário como um rosário de “orações fúnebres” ou como um *locus* de “elogios fúnebres”, num tempo em que algumas etapas dos

ritos funerários são inexecutáveis face às prescrições de isolamento social ou às normas de que aglomerações sejam evitadas a qualquer custo. Procuramos entender o significado de obituário, não como uma lista de falecimentos ou de avisos fúnebres ou de “notas de pesar” ou como séries estatísticas dispostas em gráficos, tabelas e quadros demonstrativos. O entendemos como bem mais do que um mero registro necrológico divulgado pelos meios de comunicação informando a morte de um indivíduo em particular. Evitamos aceitar o obituário como um mero anúncio de morte como estes estampados na imprensa periódica a cada dia.

Com base nestas negações sucessivas pode-se dizer que o título desta segunda parte da coletânea, “Território da Morte”, talvez seja inexato, tanto quanto os atestados de óbito que, por falta de exames apropriados ou de testes para detectar contaminação mencionam a *causa mortis* - ou causa determinante da morte de alguém - não a Covid-19, propriamente dita, mas “insuficiência respiratória” e “parada cardíaca”, não obstante os familiares assinalarem todos os sintomas que a caracterizariam (tosse, febre, dificuldade respiratória, perda do paladar e da distinção de aromas). O atestado nega o reconhecimento como lhes foi negado em vida o reconhecimento como cidadãos plenos ou mesmo o reconhecimento de direitos elementares. A resultante disto é o risco crescente de uma vasta subnotificação.

Há enormes dificuldades a serem superadas para vencer as várias vertentes desta subnotificação. Vale reiterar as dificuldades impostas pelas iniciativas político-institucionais de classificar a enfermidade provocada pelo Coronavírus como “doença de trabalho”. O resultado desta classificação imprevista é que se várias apólices de seguro excluem as doenças ocupacionais isto significa dizer que o contágio por Covid-19 se tornaria um excludente de cobertura pelos seguros e planos de saúde. Os efeitos desta classificação podem ser arrolados como um dos fatores de subnotificação dos casos de vítimas por Covid-19. Os familiares dos enfermos temem perder a cobertura monetária propiciada pelas apólices de seguro e em virtude disto mobilizam-

se para que o Covid-19 não seja assinalado como *causa mortis*. Tal recusa tem se verificado mesmo quando todos os sintomas de Covid-19 se manifestam nas vítimas fatais. Esta rejeição reflete nas categorias de “baixa renda” em que muitas famílias imaginam que caso registrem familiares como vítimas de Covid-19 serão excluídos de benefícios sociais e estigmatizados nas comunidades locais. Facilita isto o fato de não haver uma testagem massiva. São imensos, portanto, os riscos de se endossar uma subnotificação e outras formas de ocultamento do quadro de vítimas de Covid-19 praticadas por um governo que minimiza a pandemia e seus efeitos.

Perguntas, portanto, se impõem: o obituário, como instrumento de afirmação étnica, neste contexto pandêmico, é sinônimo de resistência à ação dos poderes, que tem a prerrogativa de escolher quem deve viver e quem deve morrer? A pandemia como a guerra seria uma forma de exercer o direito de matar? Quantas e quem foram as lideranças indígenas perdidas para o Covid-19? Quais foram os profissionais de saúde que perderam a vida? Qual a trajetória dos professores das aldeias, cuja atividade foi interrompida violentamente? Quais as circunstâncias de atendimento agravaram e levaram a um fim trágico? Qual o sentimento coletivo – ansiedade, inconformidade, dor, revolta - pela ausência dos rituais funerários?<sup>598</sup> Que acontecimentos de estigmatização dos “contaminados” geraram conflitos no interior de comunidades? As respostas significam descrever a organização social, as condições sanitárias, inclusive nos domínios da religiosidade dentro das quais se movem as unidades sociais com o propósito de aliviar a “asfixia” a que estão submetidas, como sugere Mbembe.

A bateria de indagações assinala que os obituários, antes de elogiarem, se colocam como forma de luta ou como estratégia de resistência constante,

---

598. Em relação a esses sofrimentos e emoções, caberia citar o caso das três mães Yanomami sofrendo tanto de ir às raias do desespero na busca de onde estariam enterrados seus filhos. Depois de muitas buscas elas conseguiram identificar os lugares onde seus filhos estavam enterrados. Vale citar também o caso dos Wai Wai que também manifestaram um apelo para “NÃO AUMENTAR” seus sofrimentos, devido ao fato de lhes ser negado o direito de sepultar seus mortos em seus territórios. Em nota, a antropóloga Cléia Wai Wai manifesta sua revolta “Infelizmente a SESAI daqui nem se preocupou com o protocolo de cada povo. Estão seguindo os protocolos do Ministério da Saúde. Cadê a saúde diferenciada?”

como o foram os esforços para garantir o direito de sepultar ou a luta por sepultamentos em tempo que não ultrapassasse 48 horas, reivindicando ademais os serviços funerários públicos, que tem sido comumente negados.

A pandemia, com o agravamento dos seus efeitos, corre o risco de estimular a insanidade de quem detém o controle do poder através da manipulação das prescrições médicas, que se desdobram num campo ilimitado ou que vai se tornando sem limites, indo desde os gestos mais banais, como passar a mão pela face do próprio rosto ou tocar os lábios com os dedos ou ainda colocar os dedos no nariz ou nos olhos, até às interdições de contatos diretos. A pandemia, nestes termos, corre o risco de exacerbar o poder de punir e de dispersar este poder para quaisquer lugares sociais. Uma tragédia na tragédia.

## TEMPO DE LUTO PELA PERDA DE ALDEVAN BANIWA



Aldevan Baniwa (1974-2020)

Aldevan Brazão Elias, indígena da etnia Baniwa, Agente de Endemia, da Fundação de Vigilância em Saúde Indígena, da Secretaria Estadual de Saúde do Amazonas (SUSAM) teve nesse labor profissional da área de saúde aproximação com as questões mais gritantes da saúde coletiva, da saúde indígena, discriminação e estigmatização social em Manaus, cidade onde morreu no dia 18 de abril de 2020, contado entre as vítimas da pandemia de Covid 19, na cidade de Manaus.

Aldevan Baniwa reconhecido como defensor da saúde indígena, atuou com perseverança para o tratamento dos doentes na Unidade Básica de Saúde (UBS) Major Sávio Belota, bairro Santa Etelvina, na zona norte de Manaus. Fez isso antes e neste tempo especial de aumento dos casos e do caos provocado pelo colapso dos hospitais, pela falta de testes, pela infraestrutura de saúde precária e ausência de condições para enfrentar a pandemia de Covid 19. A narrativa do seu irmão André Brazão sobre as tentativas que fez Aldevan Baniwa para fazer o teste de Covid 19 e para conseguir atendimento, oferecem clara ideia das dificuldades que

se apresentam para aqueles que não sendo profissional da saúde desconhece os locais, as possibilidades de atendimento. Contudo, Aldevan Baniwa, a 7ª vítima, de acordo com MINUTO COIAB, teve como causa de morte registrada “insuficiência pulmonar aguda com suspeita de Covid-19”. Esse mesmo informativo menciona que os indígenas que moram na cidade ficam fora da contagem da FUNAI. Dias antes do seu falecimento tinha denunciado nas redes sociais as condições de trabalho dos profissionais, que como ele tiveram treinamento, em fevereiro 2020, realizado pela Secretaria de Saúde do Estado, sem contudo, contar com os equipamentos de proteção e as condições de receber os doentes, de separar os graves e os mortos, conforme informado em noticiários.

O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) publicou em 2019, o livro “Brilhos na Floresta” publicação quadrilíngue inglês, japonês, português e língua Nhangéetu. Nele Aldevan Baniwa é personagem central, autor, tradutor do português para a língua Nheengatu, em colaboração com Noemia Kazue Ishikawa, Takehide Ikeda, Aldevan Baniwa, Ana Carla Bruno e Hadna Abreu, que fez as ilustrações. Seleccionamos duas ilustrações, na primeira Aldevan apresenta-se aos leitores; veste uma camisa com um peixe e a palavra Amazônia e sorri. Na segunda ilustração a camiseta que veste Aldevan está com a inscrição 100% Índio; encontra-se rodeado dos pesquisadores que se dedicam a ler e fotografar. Seguramente, ser escritor era o novo projeto de Aldevan Baniwa que era incansável em aprender e fazer.



Vamos apresentar os personagens...

Aldevan nasceu na região da Cabeça do Cachorro, no Amazonas. Seu pai é da etnia indígena baniwa e sua mãe da etnia tukano. Os baniwa são famosos na confecção de cestaria e os tukano, em fazer bancos.

Let's introduce the characters:

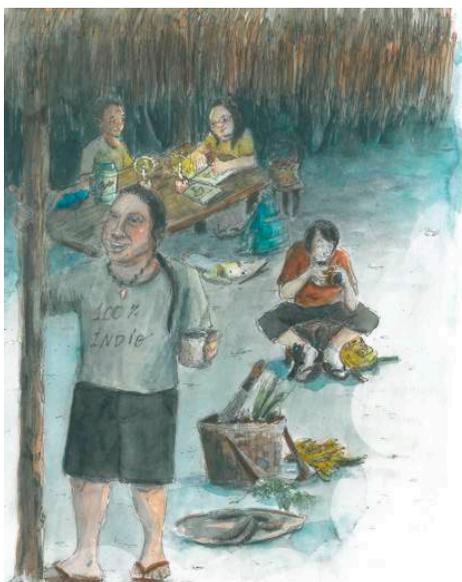
Aldevan was born in a region known as The Dog's Head in the state of Amazonas. His father is of the Baniwa indigenous ethnic group and his mother is a Tukano. The Baniwa are famous for their basketry and the Tukano for carving wooden benches.

登場人物を紹介しましょう！

アルデバン：アマゾン州の「犬の頭」と呼ばれる場所ではなれた。お父さんはバニワ族、お母さんはトゥカーノ族。バニワ族はかご、トゥカーノ族は木の椅子作りで有名。

Yasum i'a muanemê mîra kîz...

Aldevan o cemosus Inana Acanga naí Amazonas upé i' pua baniwa, i manha tukano. Baniwa taresse puranga tamunha panseu-munha-tya. I tukano



Ikeda, que ouvira calado até então, se anima com a ideia:  
 — Ah! Eu quero ver! Vamos, Noemia? Vamos!  
 Sr. Aluisio, preocupado, recomenda:  
 — No mata o perigo maior são as cobras. Se quiserem ir, coloquem botas, peguem lanternas, vão e voltem logo.  
 Noemia então enfrenta seus medos e decide ir junto.



Ikeda, who has been listening quietly until then is excited by the idea and says:  
 "I want to see them! Come on, Noemia, let's go!"  
 Mr. Aluisio is worried and warns them "In the forest, the biggest danger is from snakes. If you want to go, put on boots, get flashlights, go and return quickly."  
 Noemia faces her fears and decides to go along.



それまで静かに聞いていたイダガが興奮して言います。  
 「ぜひ見たいです！ノエミアさん、行きましょう！  
 行きましょう！」  
 アルイージオさんはほくそ笑み。  
 「森の中で、いちばん危ないのは蛇だよ。もし行くならブーツを  
 歩いて、灯りを持って、早く帰ってくることだね。」  
 ノエミアはこわいのをがまんして、一緒に行くことに決めました…



Ikeda, o kyritiro pai o senda, soryana uqita puranga o sai:  
 — Ah! amai putar! lassana, Noemia! lassana!  
 Sr. Aluisio, ti puranga o sain, umbelto:  
 — Cã pe mbola ta assaeti. Pe so putar, pe-mbati kuri py-pupe-  
 ca, pé piocã lanternas, pessam i kutara pe luãt.  
 Noemia muprãmã i cikãta i oso ta iramo.

Aldivan Baniwa era falante da língua Nheengatu e uma frase expressa seu modo de ser: *Nhaã apyga puranga sicussã panhé myra tay run* – em português significa – “aquele homem era bom com todas as pessoas”, como escreveu André Brazão. Nossas palavras de condolências e de profunda amizade a Ana Carla Bruno, nossa querida colega do PNCSA e da UFAM, as suas filhas, aos seus familiares e aos amigos que soube conquistar. Aldevan Baniwa será recordado sempre.

# HÁ VÁRIAS MEMÓRIAS: UM VÍRUS, UMA HISTÓRIA, MUITAS TRAJETÓRIAS

Ana Carla dos Santos Bruno<sup>599</sup>



Aldevan Baniwa, Ana Carla, Wina e Kaina

1991, tranquei o curso de história e fui “ser professora” (aliás aluna da vida indígena) dos Waimiri Atroari, na Aldeia Alalaú (atentem para esta aldeia). Para chegar na aldeia, era preciso passar pela casa do senhor Valentin Elias (servidor da FUNAI), que carregava um tambor cheio de gasolina nas costas.

Entre 1991 a 1993, aprendi com os kinja um pouquinho de sua cultura e língua. Fui para roça, pescarias, festas, coleta de frutas, vi gente nascer, vi gente morrer, fiz amigos e aprendi a respeitar o modo de ser indígena.

Em 1996, retornando para área Waimiri Atroari, também no rio e aldeia Alalaú, conheci Aldevan Elias (Aldevan Baniwa). Tímido, calado, centrado em seu trabalho. Não lembro bem como começou, mas ao escutá-lo tocar no

---

599. Antropóloga

violão músicas de Legião Urbana e Engenheiros do Havai fui me encantando e começamos a namorar. Entre Manaus e Belém (nesta época, eu era bolsista do Museu Goeldi), através de muitas cartas e raríssimos telefonemas (afinal Aldevan passava meses na aldeia), continuamos nosso relacionamento.

Em 1997, Aldevan foi conhecer meus pais e minha família no Recife. Olha, fez um sucesso!!! Todo mundo queria pegar em seu cabelo e meu pai chegou a dizer que queria ser o Aldevan. Lá deu seu primeiro mergulho no Mar. Em março de 1998, casamos. Na nossa pequena comemoração estavam alguns Waimiri Atroari e amigos do Programa Waimiri Atroari. Três dias depois, viajo para os Estados Unidos para iniciar o mestrado. Novamente, ficamos 9 meses separados e através de cartas sabíamos um do outro.

Dezembro de 1998: Aldevan chega em Tucson/AZ (o Amazonas indígena americano – terra dos Navajo, Hopi, Tohono O’odham, entre outras etnias) sem saber falar o verbo to be. Fácil? Não, não foi!!! Ele sentia falta da farinha, do rio, da família. Mas logo se entrosou com os brasileiros, os mexicanos, e não demoraria muito para o inglês dele ficar melhor que o meu. Sem sombra de dúvida, sua pronúncia era melhor que a minha!!! Sem vergonha, logo vieram as peladas com muitos americanos. Aprendeu a lidar com Adobe (material utilizado nas casas no Arizona), construindo algumas casas. Também, logo descobriu um rio no Mount Lemmon (localizado na Floresta Nacional de Coronado, ao norte de Tucson) e começou pescar trutas. Nunca comi tanta truta.

Não sabia andar de bicicleta e logo aprendeu na bicicleta que eu ia para universidade. Depois, comprou uma bicicleta de corrida e corria solto nas avenidas de Tucson. Também aprendeu a dirigir (olha Aldevan, até que você tentou me ensinar, mas não consegui aprender...)

Foram 5 anos em Tucson de muita batalha (você trabalhou como jardineiro, cuidador de um colega professor que tinha ELA, e como esquecer que você também atuou num documentário), cumplicidade e aprendizagem. Lá nasceram Kaina

(2001) e Wina (2002). No parto da Kaina você quase desmaiou quando viu a agulha da Epidural. Mas o momento mais aldevaniano (quem o conheceu, entenderá) foi no nascimento da Wina. Ele cismou que queria que a Kaina participasse do parto. E claro, não funcionou. Kaina queria brincar com os instrumentos médicos. A médica num olhar fulminante falou para ele: retire esta criança daqui! E ele quis argumentar que, numa família indígena, os irmãos poderiam estar por perto.... Kaina herdou suas habilidades manuais. E Wina seu jeito sarcástico e teimoso.



Aldevan Banixa, Kaina, Wina e Ana Clara

No dia da minha defesa de doutorado, ele dizia com maior satisfação minha mulher é doutora em língua e cultura. Em agosto de 2003, voltamos os dois desempregados para o Brasil. Sem o apoio das nossas famílias não teríamos dado conta. E assim ficamos casados até 2016. O casamento acabou, mas a amizade e o respeito mútuo continuaram. Afinal tínhamos uma história e duas filhas. A cada conquista das meninas, ele vibrava, a cada visita de minha família e de amigos, ele estava presente. E, em 2019, virou escritor através da parceria com nossa amiga Noêmia.



Wina e Aldevan Baniwa



Kaina no dia de sua formatura e Aldevan Baniwa



Aldevan Baniwa em sessão de autógrafo do livro “Brilhos na Floresta” (2019), co-produção com Noemia Kazue Ishikawa, Ana Carla Bruno, Takehide Ikeda, e ilustração de Hadna Abreu

Confesso, sempre foi um tabu para mim fazer pesquisa no Alto Rio Negro. O Alto Rio Negro, para além de um universo linguístico cultural fascinante, significa FAMÍLIA: é dona Joana (Tukano) e Sr. Emílio (Baniwa), avós das minhas filhas. São as tias e tios das minhas filhas, são os zilhões de primos. São as histórias do cotidiano contadas no sítio da Joanita, na ida para sua roça. É o peixe assado em Santa Etelvina. Vocês lembram do Sr. Valetin Elias, no início do texto? Ele é tio do Aldevan por parte de pai (mas na época, eu não imaginava que casaria com seu sobrinho).

A COVID-19 tirou você de nossas vidas, mas não de nossas memórias e histórias. Tínhamos muitos planos para nossas filhas, não é??? Fique tranquilo pescando lá na Ilha da Oscarina (no Alto rio Negro) que eu cuidarei das meninas. Nestes últimos dias tenho dito para elas que você virou encantado.

Quero agradecer todos amigos do PWA, de Tucson, de Manaus, de Belém e do Recife pelas mensagens e lindos textos, pelo cuidado, pelo carinho... Ana, Kaina e Wina.

# “UM FUNERAL DIGNO COMO SUA DERRADEIRA LUTA”: ALDENOR BASQUES FÉLIX GUTCHICÜ (BABU)

Clayton de Souza Rodrigues<sup>600</sup>



Fonte: álbum de fotos de rede social de Aldenor Félix

Nasceu na aldeia Filadélfia em 30 de julho de 1976

Faleceu em Manaus, vítima de COVID 19, em 28 de abril de 2020

Aldenor Félix, o “Babu” do povo Magüta (Tikuna), nasceu na aldeia de Filadélfia, no município de Benjamin Constant, na região do Alto Solimões, estado do Amazonas, na fronteira com o Peru. Aldenor pertencia à nação (clã) de Mutum, da linhagem de penas, uma das metades exogâmicas do povo Tikuna (OLIVEIRA, 1994).

---

600. Pesquisador colaborador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – PNCSA. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas – PPGAS-UFAM.

No início dos anos 2000 Aldenor participava ativamente das atividades do recém construído Centro Cultural Wotchimaücü, uma das primeiras conquistas dos Tikuna no bairro Cidade de Deus em Manaus. O Centro Cultural abrigava as atividades de confecção de artesanato pelas mulheres, as aulas da língua materna para as crianças Tikuna da primeira geração nascida em Manaus, além das reuniões das lideranças com os associados sobre problemas da vida cotidiana e reivindicações elementares sobre direitos fundamentais relativos aos povos indígenas.

Neste mesmo período, por volta de 2004, os Tikuna da Cidade de Deus gravam seu primeiro CD de músicas intitulado: “Cantigas Tikuna Wotchimaücü” e Aldenor participou ativamente como músico e compositor, compondo mais tarde com a cantora e jornalista Denizia Peres ou Djuena Tikuna, que assim o descreve:

“Também era um grande entusiasta da nossa cultura, músico autodidata, compomos juntos algumas canções que falam do sagrado”.  
Fonte: <http://apib.info/2020/04/29/10-amanha-sentirei-saudades-hoje-so-consigo-sentir-dor-indignacao-e-revolta/>.

Foi um dos precursores do PROIND, Curso de Pedagogia Intercultural da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, turma Manaus de 2009 a 2014. Além de ser o primeiro professor de língua Tikuna com proposta de educação diferenciada para as crianças Tikuna em Manaus. Nos últimos anos estava exercendo a carreira de professor indígena na Comunidade São Leopoldo, no Município de Benjamin Constant – AM. Havia retornado a Manaus no final de 2019.

Aldenor Basques Félix Gutchicü, professor, músico, pai, esposo, parente, amigo, deixa escrita uma trajetória de luta e resistência de seu povo na cidade de Manaus. Faleceu após apresentar todos os sintomas graves da Covid-19, mas sem teste positivo. Sua morte revela a dura situação de ser indígena na cidade. Morreu numa insistente busca de assistência médica,

diferenciada ou não, nestes tempos de pandemia em que o sistema de saúde de Manaus apresenta sinais evidentes de esgotamento e os indígenas veem-se abandonados à sua própria sorte. Além de falecer sem assistência médica apropriada o corpo de Aldenor permaneceu insepulto por quase 48 horas, levando-o a uma derradeira luta pós-morte juntamente com os indígenas para assegurar-lhe um funeral digno. O seu enterro foi vivido como uma conquista pelos Tikuna e por aqueles que se mobilizam em defesa dos povos indígenas, num momento em que os serviços públicos relativos a funerais entraram em “colapso”. Há dezenas e dezenas de cadáveres aguardando sepultamento, o principal cemitério em Manaus adotou valas coletivas e nestes três últimos dias de abril são escassos os caixões e trágicas as perspectivas para os milhares de indígenas que vivem em Manaus.

\*O corpo do Professor Aldenor Tikuna já foi enterrado na tarde de ontem. O laudo médico atestou parada cardíaca, mas sabemos que ele estava com Covid 19. Não fizeram o teste e ele apresentava todos os sintomas próprios das vítimas do COVID 19.

# EL PODER DE LA VERDAD Y LA VERDAD DEL PODER

Ana Pizarro<sup>601</sup>

La semana pasada murió, como efecto del virus en la ciudad de Leticia, Colombia amazónica, el actor Antonio Bolívar, protagonista de ese hermoso filme que llegó a ser nominado al Oscar en Hollywood en 2016 titulado *El abrazo de la Serpiente*, dirigido por *Ciro Guerra*. Es el relato, en tiempos históricos paralelos, de la búsqueda de una planta de poderes mayores en el interior de la selva amazónica. Un filme fuera de lo común, con espesor histórico, de estética refinada y de reconocimiento de las culturas indígenas.

Antonio Bolívar vivía en la Triple Frontera, el trapecio amazónico en donde se miran por su cercanía a través del río las ciudades de Leticia, de Colombia, Santa Rosa de Yaraví, de Perú y Tabatinga, de Brasil. Una zona de historia muy violenta, por una parte en la primera mitad del siglo XX por la guerra en que se enfrentaron Perú y Colombia. Por otra hoy por el narcotráfico y la extracción del oro. La Chorrera, donde nace Antonio Bolívar, es justamente el epicentro de los dramas de comienzos del siglo pasado en torno a la extracción del caucho. El era un venerable, de origen ocaína uitoto, muy respetado en la zona. Una víctima más de la pandemia, una pérdida más para la memoria indígena.

La pandemia en si misma nos toca a todos, diríamos que tiene un carácter democrático. Pero no es así, no nos toca a todos por igual. Vivimos, como apunta Achille Mbembe, tiempos caracterizados por una “desigual redistribución de la vulnerabilidad.” En Chile entró por los sectores acomodados de la sociedad, los que viajaban al extranjero, y prontamente se volcó con fuerza al ámbito de los sectores populares, en medios de hacinamiento, debilidad física, dificultad de higiene, mala nutrición. Así también llegó hasta la precariedad de las comunidades

---

601. Professora do Doutorado em Estudos Americanos Instituto de Estudos Avanzados – Universidad de Santiago de Chile

indígenas amazónicas. No sólo a ellas, también a las comunidades quilombolas, a los residentes ribereños, a las ciudades amazónicas. La tradición de aislamiento indígena los protegía de toda suerte de enfermedades contagiosas. Ya no es así. Un concejal de Tabatinga, en el Alto Solimoes afirmaba, antes que llegara el virus “Si tuviéramos aquí casos de coronavirus, de personas infectadas eso va a ser un ... no tengo palabras para eso . Eso va a ser aquí una película de terror ”. Efectivamente, hoy llegó y el filme está en pleno rodaje.

La Amazonía adolece de una desigualdad histórica, pero hoy, y en especial en el caso brasileño esta es más chocante por la reducción de la presencia del Estado. Ella tiene dos causas ; por una parte la ideología que pone en práctica el gobierno de Bolsonaro en el sentido de querer hacer de la Amazonía el terreno arrasado propicio al agronegocio, la minería, para que constituya un pilar del desarrollo neoliberal. En ese sentido es tierra sin historia, como en la conquista del siglo XVI y sin habitantes. Si estos quieren existir es para servir a la gran empresa. Los sucesivos desastres producidos por ella allí son conocidos: la ruptura de diques de relaves mineros han dejado cientos de fallecidos en Mariana, o Brumadinho el año pasado. En segundo lugar porque esta carencia es histórica: la situación ya era mala antes de las bacterias. Los agentes patógenos tenían ya como ahora el rostro de las invasiones de tierras por parte de latifundistas, que arrasaban con los árboles a partir de incendios monumentales, como los del “día del fuego ” de hace un año alentado por el gobierno. Luego volaban los aviones lanzando semillas para propiciar la explotación de ganado a gran escala. Además ya ocurrían los asesinatos de líderes medioambientales y de derechos humanos. Dentro de una corrupción endémica el debilitamiento de los órganos de protección ya dejaba sin control la presencia en escalada de garimpeiros , los buscadores de oro, tradicionales en el área, que ahora tienen el camino abierto hacia las tierras indígenas y acuden en masa ya que la situación internacional hace que los capitales se desvíen del dólar y encuentren su refugio en el oro, haciendo subir su precio. Escalada de garimpeiros y misiones protestantes, que en los años 70 fueron expulsadas en otros países por la escasa claridad de sus intereses,

ahora alentadas por el poder. Una vez más el ritmo de vida amazónico hoy se ve trastocado por la violencia del mercado internacional y como en el tiempo del caucho, sus muertes están pausadas por las lejanas inflexiones de las bolsas de valores europeas o norteamericanas.

Entre la violencia del narcotráfico, la de la búsqueda de oro y la de la instalación de la gran empresa la vivencia de la experiencia material de sus habitantes logra de manera inusitada, refugiarse en lo que el poeta brasileño Paes Loureiro llama “la modalidad estético poetizante de su imaginario”. Cada vivencia es referida a unidades míticas que explican y expresan el mundo, organizando su experiencia en sistemas simbólicos que les permiten vivir y sobrepasar los acontecimientos. Entonces hay relatos, personajes, configuraciones significativas que al plasmar de este modo su experiencia condensan su historia. Así el drama del caucho en el relato de Gitoma. Hoy no sabemos aún qué forma en los imaginarios adquiere el drama. Esto, en una participación humilde y de igualdad con el universo natural – piedras, árboles, pájaros, animales, aire, lluvia – con cuyas entidades dialogan, internándolas en su vida cotidiana. Es su manera de sobrevivir, mientras sobreviven.

En el espacio amazónico el espectacular desarrollo tecnológico se encuentra con lo arcaico. La sobrevaloración del primero discrimina la profundidad histórica del segundo. Hace poco tiempo Chomsky señalaba en una conferencia los dos peligros capaces de destruir nuestras sociedades, a temer más que el coronavirus: el peligro nuclear, que ha revivido en el último tiempo con el juego entre Trump e Irán, y el cambio climático. Los tres peligros se anudan en el mundo amazónico, que provee de minerales necesarios a la expansión de la nuclearización, que es un espacio estratégico del que ha renegado el gobierno brasileño para el cambio climático y el virus que ha entrado ya a sus poblaciones y del que Bolsonaro niega la importancia, a pesar de ser el centro de la pandemia en el continente. Estamos refiriéndonos entonces a una zona en donde coinciden las claves de nuestro futuro.

Ya antes de la pandemia la carencia de atención básica, de camas de hospital, de médicos y personal sanitario era deficitaria en la zona. Las personas recurren mucho a la medicina tradicional. Entonces no bastaba, ahora mucho menos. En Tabatinga no hay hospital civil, los enfermos son atendidos en el de la guarnición militar, incluso los partos. Hay una UTI aérea para nueve municipios, que traslada a los enfermos a Manaus.

En Manaus es el caos, el desborde, la carencia. La semana pasada se pedía con urgencia al gobierno desde Manaus el traslado en avión de cien féretros – los fallecidos se amontonaban en camiones – , Bolsonaro lo negó. El gobernador del Estado ha pedido ayuda urgente, dirigiéndose a Greta Thunberg para ser escuchado. El día de ayer el gran fotógrafo Sebastián Salgado, reconocido internacionalmente pidió a través de TV5 de Francia ayuda. Es una situación que no toca sólo a los amazónidas, por las razones a que aludo más arriba, nos toca a todos.

En un hermoso poema reciente, Paes Loureiro escenifica la tragedia Edipo Rey de Sófocles para mostrar como ella se configura en el conflicto del poder de la verdad y la verdad del poder. Termina su texto con una reflexión, porque es un poema didáctico:

Todo arte nace de un  
momento  
para ese momento  
superar.  
Es la raíz de su  
eternidad.  
Por eso tantas veces,  
renació  
la tragedia Edipo  
Rey , de Sófocles.

En nuestro tiempo  
luchar contra la  
verdad se politiza.  
Para no aceptar la  
verdad de la ciencia  
se crean caminos  
que desvíen  
del único camino  
verdadero.

Pero de la verdad  
tantos descaminos  
tal vez caminen a la  
misma encrucijada,  
como en la tragedia  
de Edipo, Locasta  
y el pueblo atónito  
de Tebas:  
a la ceguera, la  
desesperación , la muerte.

Vivimos hoy una nueva Edad Media que reproduce, a partir del cultivo intensivo del aceite de palma ya próximo a las urbes que atrae a los murciélagos, vendidos como “caza salvaje ” en los mercados chinos, luego del déficit producido por la fiebre porcina, los mismos males, la misma desesperación y sufrimiento, también las supersticiones y temores de esa época que veíamos como lejana. Los circuitos expansivos de la era capitalista, nos vuelven al origen, mostrándonos que, más allá de nuestra soberbia está el ser humano básico con sus afectos, sus defectos, también su generosidad. Y que al final, igual que como los árboles o las aves, querámoslo o no, tendremos que llegar al Gran Confinamiento.

## ANTONIO BOLIVAR “O INDÍGENA OCAINA E ATOR DOM ANTÔNIO BOLÍVAR”

Nikolas Victorino<sup>602</sup>

La noche del 30 de Abril de este año 2020 falleció el abuelo Antonio Bolívar. Don Antonio, indígena de Pueblo Ocaina tenía 75 años y era descendiente de los pueblos de la región de La Chorrera, lugar de su nacimiento, en el interfluvio Putumayo – Caquetá, departamento de Amazonas, Colombia. Esta región es recordada por el proceso de resistencia histórica que movilizó a la totalidad de población indígena frente a la cauchería a inicios del siglo XX, especialmente por los violentos hechos sucedidos en la Casa Arana, fundada en la misma Chorrera durante el periodo de explotación del caucho, y de la cual los pueblos indígenas Ocaina, Murui, Bora, Miraña, Andoque fueron directamente victimizados.

A Don Bolívar lo conocí en el año de 2005, en la maloca de los curanderos William e Isabel en la comunidad Jittoma en la vía Leticia – Tarapacá. El hacía parte de los mayores tradicionales que mantienen un sistema de relaciones entre malocas de distintos pueblos indígenas que han migrado hacia las cercanías de Leticia, durante los últimos cincuenta años por distintas causas, destacándose los efectos del conflicto armado colombiano, y se han constituido en el resguardo indígena Ticuna – Uitoto, en el municipio de Leticia.

Don Antonio fue mundialmente conocido, durante los últimos años, por su papel de “Karamatake” protagonista en la película “el Abrazo de la Serpiente”, la cual fue nominada al premio Oscar en el año 2016 en la categoría de mejor película extranjera. El éxito obtenido por la película y particularmente don Antonio como actor, se consolidó posteriormente,

---

602. Antropólogo, Universidad Nacional da Colômbia.

cuando volvería a actuar en la mini serie de televisión “Frontera Verde” producida por Ciro Guerra (Director también del famoso filme) para la multinacional de entretenimiento NETFLIX. Actualmente era miembro de la Escuela Indígena de Comunicaciones de la Amazonía Ka+ Jana Uai y participaba en otros proyectos culturales indígenas del municipio.

La visibilidad como figura icónica de “ultimo chaman” o “guardián de selva “que logró el personaje interpretado por don Antonio, en gran parte promovida por un exotismo comercial generado por los medios masivos de comunicación, contrastaba con la tranquilidad de un hombre de conocimiento, heredero de luchas indígenas y con la fuerza alegre de humanidad que emitía su presencia en distintos escenarios locales en los que habitualmente era invitado debido esa figura de icono indígena.

A pesar de que don Antonio no estuvo vinculado directamente a los procesos organizativos indígenas, si se manifestaba continuamente exigiendo el mejoramiento de las condiciones básicas de vida de los pueblos indígenas que viven en las actuales ciudades amazónicas como Leticia.

En el año 2018 había sufrido un accidente por caer de una palma al recolectar frutos de asaí, lo que había deteriorado su salud. El año pasado, compartí con él por última vez en la calles de Leticia, junto con Don Antonio, participamos de las masivas movilizaciones y marchas que a nivel nacional se realizaron en el mes de octubre de 2019, contra las nefastas políticas sociales del actual gobierno colombiano. Ese día nos despedimos con una voz de lucha y esperanza colectiva, junto a estudiantes y trabajadores del sector público en el parque Santander frente a la Gobernación del Amazonas, en el centro de Leticia.

Hoy, primero de mayo, el testimonio, en radio local, de su compañera Celia, no confirmaba que la muerte de Don Antonio hubiera sido a causa de infección por el virus covid19. Según Celia, el abuelo Antonio tenía síntomas de neumonía, la cual persistía en él durante el último año, por lo que había

sido internado en el hospital de Leticia, donde finalmente murió, y aunque los médicos dictaminaron que su muerte fue a causa del virus Covid 19, la escasez de pruebas disponibles no permitieron confirmar su infección. Esto es reflejo del difícil panorama que se presentará durante los siguientes días y semanas, en el cual los principales afectados serán los pueblos indígenas.

Descanso y honra para el abuelo Ocaina Antonio Bolívar.  
Leticia, mayo 1 de 2020.



Fuente de Imagen: <https://www.publimetro.co/co/noticias/2020/04/30/muere-al-parecer-coronavirus-protagonista-abrazo-la-serpiente.html>

# COLONIALISMO E CINEMA: O COVID-19 E O PASSAMENTO DE UMA CINEASTA GENIAL

Rosa Elizabeth Acevedo Marin



Sarah Maldoror: griotte, revolucionaria, feminista, cineasta

A Sarah Maldoror

Que,  
Câmara no punho  
Combate a opressão,  
A alienação  
E desafia  
A Estupidez humana

*Aimé Césaire*

Apresentadas somos e nesses parágrafos estão maravilhosos e horizontes de sentimentos cruzados com **Sarah Maldoror**. A “griotte” Sarah em 1956 inseriu-se no grupo de atores negros de Paris, que formaram a Companhia de Arte Dramática Les Griots. Toto Bissainthe, atriz e cantora nascida em Cap Haitien (1934), Haiti, estreou nessa seleta companhia, que foi vanguarda do movimento da negritude. A Companhia era integrada unicamente por atores negros ou afrocaribenhos. Compartilhavam com Sarah Maldoror e Toto Bissainthe o senegalês Samba Ababakar, Timité Bassori, (ivoriano), Robert Liensol (Guadaloupe) e o diretor francês Roger Blin. Eles fizeram da Casa dos Estudantes Africanos, um espaço cultural de ensaios das obras de Jean Genet, especialmente, *Les Nègres*, que foi apresentada pela primeira vez pela Companhia Les Griots. De autoria de Jean Paul Sartre ensaiaram a peça teatral *Huis Clos* (Entre 4 Paredes). De autoria de Aimé Césaire fizeram a estréia de “*Et les chiens se taisaient*”, obra de teatro publicada em *Présence Africaine*. O ativismo intelectual e anticolonialista girava também em torno desta revista *Présence Africaine*. Para ela a denúncia da opressão colonial esteve alavancada na relação direta com os povos de Argélia, Angola, Guiné-Bissau e Congo. Sarah conheceu por observação direta e trabalho e apreendeu muitos poemas e poetas militantes – Mario Pinto de Andrade (Angola), Aimé Césaire (Martinica) e Léon Gontran Damas (Guiana). Anos depois, Sarah Maldoror dedicou-se a fazer documentários, gênero cinematográfico que explorou para narrar histórias de vida e memórias coletivas. Essas figuras uniram arte e política. Toto Bissainthe ficou exilada na França, proibida de entrar no Haiti pelo regime do ditador Papa Doc, J. C. Duvalier. Em 1984, Sarah Maldoror fez o “portrait” dessa artista “Toto Bissainthe, chanteuse”. “*Aimé Césaire, le masque des mots*” (1986) é o título do documentário feito sobre esse poema de autoria do poeta amigo. Dez anos antes havia filmado “*Martinica. Aimé Césaire, um homem, uma terra*”, com roteiro escrito por Michel Leiris. Em 1995 filma o documentário sobre o poeta, intelectual e político León-Gontran Damas. Igualmente, o poeta haitiano René Depestre teve fragmentos de sua vida, pensamentos e poemas em um documentário da cineasta.

Brevemente apresentamos Sarah Maldoror aqui. Para tanto reunimos trechos de entrevistas que compõem uma espécie de autorretrato, de leitura direta de suas ideias, encontradas em fontes diversas.

Iniciamos pela identidade de Sarah, cujos pais eram de Guadalupe; ela nasceu em França, em 1939:

Sinto-me em casa em toda parte. Sou de toda parte e de lugar algum. Meus ancestrais eram escravos. No meu caso, isso torna as coisas mais difíceis. Os antilhenses me acusam de não viver nas Antilhas, os africanos dizem que não nasci no continente africano e os franceses me criticam por não ser como eles<sup>603</sup>.

Se eu não me interessar pela minha própria história, quem vai se interessar?”

Quanto às classificações que lhe foram atribuídas e utilizo-as ou não, ela comentou em entrevista, em 1997:

O contexto histórico de meus inícios exigia um cinema militante que hoje permanece preso à minha pele: eu, como todo mundo, tenho muita dificuldade em trabalhar. Revolucionária e feminista: uma imagem negativa hoje que às vezes tenho que apagar para fazer filmes. O fato de ter feito *Sambizanga* (1972) e de estar no maquis ainda hoje faz acreditar que tenho três bombas nos bolsos...

Atualmente, estou trabalhando em um assunto para a RFO sobre os Irmãos Lumière. Foi-me dito: ‘Não venha nos dizer que eles colaboraram durante a guerra etc’. Respondi que o que mais me interessava era que eles inventaram o cinema porque haviam participado de uma cerimônia de vodú! Foi assim que funcionou: é um aceno para os irmãos Lumière, algo engraçado.

---

603. A frase da cineasta é citada na publicação *Black Art*. V. 5. Nº 2. 1982. P. 31 de acordo com ANDRADE, Annouchka de. “Um olhar sobre o mundo”, in Lúcia Ramos Monteiro (org.). *África(s): cinema e revolução*. São Paulo, Buena Onda Produções Artísticas e Culturais, 2016. (p. 84). Annouchka de Andrade é filha de Sarah Maldoror e Mário Pinto de Andrade.

A cineasta Sarah Maldoror expõe os modos de fazer cinema descolonizado, no mundo e sob o olhar do Outro, os colonizadores.

Claro que gosto de filmes realistas, mas o cinema não é a vida cotidiana. Só pode ser cotidiano se houver poesia, algo que você não percebe.

Filmar na África requer adaptação ao sol, sombra, vegetação, poeira e ritmo das pessoas. Sou muito sensível ao barulho africano que não encontramos em nenhum outro lugar: respeite o som africano, bem como o espaço do continente que o caracteriza tão fortemente. Um baobá nunca será uma cerejeira. Não podemos ter uma visão europeia de tempo, luz e som na África. Todos os assuntos tradicionais são possíveis, mas é assim que surge, ir contra as imagens limitadas que o povo da África tem. Minhas filmagens são bastante rápidas, mas eu as preparo bastante. Fiquei imaginando, por exemplo, como levar o escultor de La Pirogue éclatée de volta à casa dos escravos. Eu faço a pergunta enviando o script para ele e ele responde: “Eu entro como todo mundo pela porta!”.

Aproveite o tempo para ouvir! Eu me apaixonei à primeira vista por ele, mas eu deveria ter escrito o roteiro e retornado para vê-lo para discutir o assunto. Sempre queremos ir rápido demais. Terei que deixá-lo falar para expressar essa simplicidade que esconde grande sabedoria. Somente assim é possível demonstrar que existe outra cultura, outra sabedoria.

Temos que mostrar a África como ela é. Em seus belos cenários e em sua miséria, mesmo que a desilusão seja grande ao ver que lutamos muito para chegar lá. A África é celestial, mas eles também são terríveis. Não posso mais suportar que me digam que isso só vem da colonização. O que fazer hoje? A ausência de projetos é óbvia. Depois de fazer um filme sobre Guadalupe, eu gostaria de fazer um sobre essas crianças que participaram da guerra, que eu filmei e que agora são homens quebrados do passado e que foram confrontados com tantas mentiras.

Ao filmar, tento deixar a vida cotidiana e apresentar o sonho. Começo com a luz de uma pintura, de Rembrandt, por exemplo,

porque se temos medo, não podemos ter uma luz brilhante. Quero que exista verdade, mas com um pouco de esperança. A realidade é muito triste...

Quando eu apresentei Sambizanga na Suécia, Ingrid Bergman me disse: “Por que essa beleza? Eu respondi que ela não precisava ser feia. Por que um camponês não deveria ter essa dignidade? A África deve ser pobre e suja e, quando um africano toca uma peça de madeira ou hoje uma peça de barbante, deve ser uma obra de arte! Fui criticada por fazer um filme muito pessoal em um contexto ativista, e ainda assim é esse filme que permanece! Vamos sair do “cinema de cabaça”: estamos perto do ano 2000! Vamos mergulhar no futuro, em vez de sempre nos perguntarmos o porquê de não haver água etc. Isso não significa não refletir sobre seu passado! Você precisa conhecer o seu passado para entender o futuro. Mas vamos ter outra visão.

Também vou filmar no Senegal um escultor que me fascina e porque gosto de pessoas que criam do zero. E eu tenho um projeto de longa metragem sobre um herói de Guadalupe que se rebelou contra a colonização. No entanto, na França, você pode falar sobre o futuro ou hoje, mas, acima de tudo, não fala sobre colonização, é sagrado!

Na França, ainda estamos condenados a uma certa marginalidade. Nem os franceses, nem os diretores, nem a televisão estão prontos para se abrir para o Outro quando é a única coisa que importa hoje, porque não faremos o contrário. Quanto ao financiamento de filmes africanos, eventualmente torna possível fazer filmes, mas não vê-los!

*Às vezes funciona: propus uma história curta de Victor Serge, um autor que eu realmente gosto, e o Canal II aceitou. Eu gravei nos Invalides. Retratos gigantes de Lenin e Stalin foram desenhados no grande pátio. Quando o comandante chegou, ele queria parar tudo! Quando ele queria ver o diretor, ele não acreditava que fosse eu. Eu disse a ele que a cor não funciona ... Ele ficou furioso. Eu agüentei, já que tínhamos autorização dada na apresentação do roteiro. Às vezes rimos.<sup>604</sup>*

---

604. Entrevista a Sarah Maldoror realizada por Olivier Barlet. Paris, 1997. Publicada em 1/9/2002. <http://africultures.com/entretien-dolivier-barlet-avec-sarah-maldoror-guadeloupe-2493/> Acesso em 13/04/2020.

Lembro-me de que durante uma filmagem na Guiné-Bissau, conheci mulheres que trouxeram óleo para trocá-las por tecidos. Eles cheiraram o tecido e o devolveram, dizendo: “Isto é da Rússia, não é bom. Estamos à procura de tecidos suecos”. Fiquei surpresa porque eles já sabiam: eu entendi o que Amílcar Cabral queria dizer quando a independência era apenas uma questão de dias e ele exclamou que era agora que as dificuldades iriam começar! Isto é o que eu gostaria de mostrar ao filmar a África de hoje em suas esperanças e miséria. O cinema é essencial: faltam livros, escassez generalizada na educação. Escola e cultura são fundamentais. Além de respeitar a cultura do outro para evitar a barbárie!

Insurgência, guerras de libertação: mulheres<sup>605</sup>, política e cinema

Falava-se mais da guerra do Vietnam, naquela época. As guerras de libertação na África estavam esquecidas. Aquela não era uma guerra francesa. Era mais fácil conseguir ajuda para ir filmar as guerras dos outros.

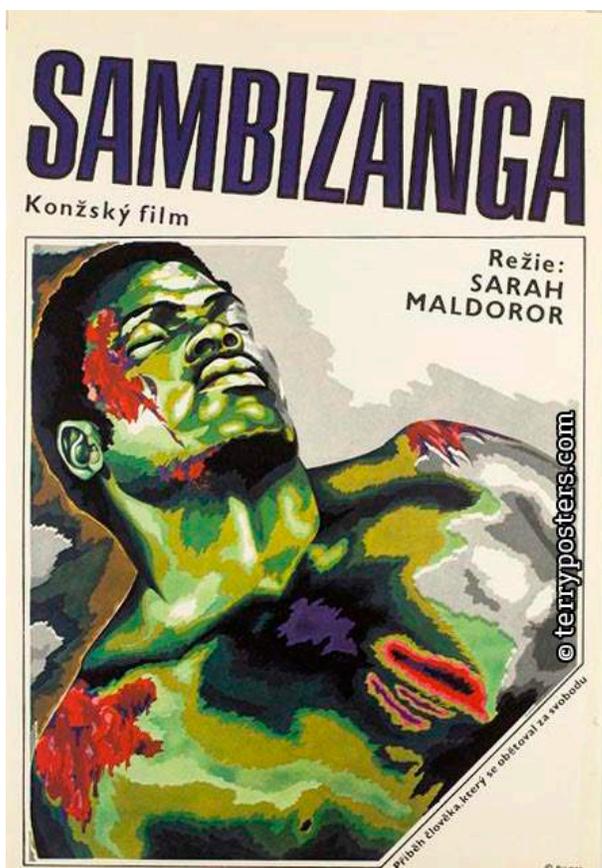
Sarah Maldoror está envolvida na luta dos movimentos de libertação na África. Ela divide sua vida com o líder fundador do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), o escritor angolano Mario de Andrade, com quem tem duas filhas. Entre seus companheiros de luta: Agostinho Neto, que se tornara presidente da República Popular de Angola; e Amílcar Cabral, fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde. Seu noivado foi tão poderoso que ela se viu no mato na Guiné-Bissau.

Sarah Maldoror não pôde se limitar a um espaço geográfico, daí seu envolvimento na luta dos militantes americanos negros. Ela estava assim envolvida na luta dos famosos Panteras Negras e também ao lado de outros grupos que combatiam a segregação racial nos Estados Unidos<sup>606</sup>.

605. A propósito desse foco ver: Berthet, Marina, Oriach, Stephan. Nouvelles représentations du corps et déconstruction de l'imaginaire colonial européen à travers trois films de Sarah Maldoror. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF v. 12 n. 2 jul. a dez. 2017 ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968 (print). <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12374> Acesso em 13 de abril de 2020

606. Sarah Maldoror, la maquisarde cinématographique. Redaction Digitale de « Reporters » (RDR). 14 DE abril 2020. <https://www.reporters.dz/sarah-maldoror-la-maquisarde-cinematographique/>. Acesso em 14/04/2020.

Apresentamos o filme Sambizanga (1972). A imagem Xavier regressa do trabalho. As pedras e o trator ficam para atrás. Chega no bairro, coloca o filho no colo, talvez menor de dois anos de vida, e atravessa a rua onde crianças brincam futebol. Ele entra no jogo rapidamente e ensaia ensinar o filho. Ele afasta-se e segue para casa, ao lado da esposa Maria. O diálogo do casal: Maria pergunta que tem demorado. Imagens das torturas a que foram submetidos os combatentes da guerra de independência de Angola, a força dos que resistiram a colonização portuguesa.



Sambizanga

Não foi divulgada no Brasil. Sabemos agora um pouco mais de sua obra e é para não esquecer jamais; quer dizer para falar incansavelmente e por muito tempo das conexões políticas, estéticas, revolucionárias que produziu na cinematografia na qual apresentou a mulher africana, as lutas contra a colonização dos corpos e experimentou o que é singular de filmar a África. Ela fez esses movimentos de construção ao longo de quase sessenta anos. As experiências de Sarah Maldoror foram radicais; ela acreditou no cinema para inserir as pessoas na história de suas lutas. Mulheres e homens foram os atores de fato.

Sarah Maldoror é falada com muita força no dia de sua morte, 13 de abril de 2020, em decorrência de complicações do Codiv 19.

## **MARIA ANTÔNIA DOS SANTOS: MULHER DO POVO TIKUNA**

A senhora Maria Antônia dos Santos, cujo nome indígena é BUTÜ ÜNA, com idade de 63 anos, faleceu ontem 29 de abril de 2020 em Tabatinga, vítima do Coronavírus.

Ela nasceu na aldeia Umariáçu, localizada próximo a Tabatinga, “Estado do Amazonas”, município da fronteira tríplice Colômbia, Peru e Brasil, no Alto Solimões. Nasceu em 8 de julho de 1957 e é filha do primeiro morador de Umariáçu, Sr. André Lourenço dos Santos e foi esposa da liderança indígena Paulo Mendes.

## MARIA JOSÉ PALHANO, QUILOMBOLA



Maria José Palhano (11.08.1960-03.05.2020)

A quilombola da comunidade de São Francisco, território de Bom Jesus dos pretos, Lima Campos, senhora Maria José Palhano, falecida no dia três de maio de dois mil e vinte, construiu uma trajetória de luta no Movimento Social. Se contrapôs arduamente ao processo de implantação da empresa de propriedade de Eike Batista, intitulada OGX, no seu território étnico. Essa empresa, de exploração de gás natural, trouxe graves impactos para as comunidades que compõem o território de Bom Jesus dos Pretos. Dentre os efeitos deste projeto destaca-se a perfuração dos quintais das famílias; uma intensificação da circulação de veículos e um aumento brutal da temperatura ambiente.

Maria José Palhano esteve na coordenação da Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão (ACONERUQ), atuando em defesa dos direitos quilombolas. Chegou a ser ameaçada de morte em função da sua luta contra a OGX.

A quilombola, referência no movimento negro do Estado, atuou como professora, diretora da Fundação Palmares de São Luís e como membro do Conselho Estadual de Educação do Maranhão (CEE).

Atualmente a senhora Maria José Palhano morava com seu filho, Ramilson Palhano no Bairro Vila do Povo, próximo ao Maiobão. Com uma internação prolongada em função de um câncer seus problemas de saúde foram agravados por ter contraído o COVID -19.

Segue o depoimento da atual coordenadora da ACONERUQ, senhora Nice Machado Aires sobre a senhora Maria José Palhano:

“Ela nunca deixou um vazio no Movimento Negro”

Quero falar um pouco sobre o falecimento da companheira Maria José Palhano, uma pessoa muito importante para nós do Movimento Negro. Ela foi a primeira mulher presidente da ACONERUQ, foi presidente por dois mandatos. Ela faleceu e está deixando uma vaga dentro da ACONERUQ, como mulher, negra e guerreira. Ela contribuiu muito com a luta do Movimento Negro dentro do Estado do Maranhão. Então foi uma perda muito grande porque foi a primeira mulher quilombola dentro do movimento como presidenta da ACONERUQ. Sabemos que quando as mulheres ocupam um lugar sempre vem um racismo, um preconceito. Não foi fácil durante o mandato dela, ela assumiu dois mandatos e foi uma guerreira, corajosa, pé no chão e nunca deixou vazio o Movimento Negro. Nice Machado Aires, Coordenadora Geral da ACONERUQ, quilombola de Penalva.

## **ALBERTO PÁRCIA FELIX TIKUNA, NOTA DE PESAR**

Venho informar com muita tristeza, o falecimento do Sr. ALBERTO PÁRCIA FELIX, da etnia Tikuna, que prestava seus serviços no Polo Base de Feijoal, município de Benjamin Constant.

Alberto Párcia Félix, era Agente de Saneamento Básico, servidor efetivo da SESAI/Ministério da Saúde, com bastante experiência e nesses quase 30 anos de serviço público, contribuiu para melhorias dentro da Saúde Indígena de nosso Alto Rio Solimões.

O mesmo vinha colaborando com a população do Polo Base de Feijoal e ainda com a população indígena do Alto Rio Solimões.

Alberto estava internado no Hospital de Benjamin Constant acometido pela COVID-19, desde o dia 02/05/2020 e hoje infelizmente veio a óbito.

## **CLEUBI CICERO TORRES FLORENTINO, TIKUNA. MÉDICO**

O Dr. Cleubi Cícero Torres Florentino, Tikuna, nasceu na Aldeia Feijoal, em 28 de agosto de 1984, no Alto Solimões, em terras ocupadas tradicionalmente por seu povo. Segundo os registros disponíveis foi o primeiro Tikuna, a se formar em medicina. Formou-se pela ESA/ Universidade Estadual do Amazonas em 10 de janeiro de 2014. Em 05 de maio de 2020, empenhado nas agruras e nos sofrimentos da rotina hospitalar em Manaus, no enfrentamento à pandemia, e com apenas 36 anos, “perdeu a batalha para a COVID-19”. Vindo a óbito.



Primeiro médico etnia Tikuna, aldeia Feijoal, a se formar ESA/UEA. Perdeu a batalha p Covid-19 hoje.

16:28

Primeiro médico da etnia Tikuna, aldeia Feijoal, a se formar ESA/UEA, perdeu a batalha contra a COVID19. Arquivo do Conselho Regional de Medicina do Estado do Amazonas.

Nota de Pesar reconhecendo o mérito da atuação determinada do Dr. Cleubi e se solidarizando com a família e amigos. Associamo-nos neste registro póstumo, através deste obituário, numa homenagem estendida ao próprio povo Tikuna, que trava como os demais povos indígenas uma luta dura e desigual no acesso aos serviços médicos.



## Nota de Pesar



**Dr. Cleubi Cícero Torres Florentino**

CRM-AM 8329

\*28/08/1984 + 05/05/2020

O Conselho Regional de Medicina do Estado do Amazonas (CREMAM) comunica, com imenso pesar, o falecimento do médico CLEUBI CÍCERO TORRES FLORENTINO, CRM-AM 8329, ocorrido, hoje, 05, em Manaus - Amazonas.

Filho do Sr. Plínio Agostinho Florentino e da Sra. Cleunice Torres Florentino, o Dr. CLEUBI CÍCERO TORRES FLORENTINO nasceu em Benjamin Constant no dia 28/08/1984. Formou-se em Medicina pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) no dia 10/01/2014, tendo atuado como clínico geral em Benjamin Constant e Tabatinga.

Com sentimento de solidariedade à família e amigos do saudoso médico, o CREMAM lamenta a grande perda para a classe médica e para toda a sociedade amazonense.

Dr. José Bernardes Sobrinho  
*Presidente*



**CREMAM**

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA  
DO ESTADO DO AMAZONAS.

Arquivo do Conselho Regional de Medicina do Estado do Amazonas.

# O LÍDER DO POVO DESANA, FELICIANO LANA, MORRE EM SUA CASA NO ALTO RIO NEGRO<sup>607</sup>

Elaíze Farias (Amazônia Real)<sup>608</sup>



Conhecido internacionalmente pela produção de desenhos de sua cultura ancestral, a liderança tinha sintomas de gripe, mas não passou por exame médico e nem pelo teste de Covid-19 (Foto de Thiago Oliveira)

607. Matéria publicada originalmente no site **Amazônia Real**, no endereço: < <https://amazoniareal.com.br/o-lider-do-povo-desana-feliciano-lana-morre-em-sua-casa-no-alto-rio-negro/> >. A matéria aqui reproduzida foi autorizada pelas editoras.

608. Cofundadora da Agência Amazônia Real e editora de conteúdo. É jornalista há 20 anos, atuou como repórter em jornais de Manaus como A Crítica, Diário do Amazonas e Amazonas em Tempo. Especializou-se na produção de reportagens sobre temas socioambientais na Amazônia com enfoque em povos indígenas e povos tradicionais, direitos territoriais, direitos humanos e biodiversidade. Possui três premiações: Prêmio Imprensa Embratel, dado à matéria “Cheia do Século”; Prêmio Onça-Pintada de Jornalismo e Prêmio Fapeam de Jornalismo Científico, os dois últimos concedidos a uma reportagem especial sobre o sauim-de-coleira, primata endêmico de Manaus ameaçado de extinção. Foi assessora de imprensa da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab). É jornalista formada pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Tem especialização em Etnodesenvolvimento pelo Departamento de Antropologia, na mesma instituição. (elaize@amazoniareal.com.br/elaizefarias@gmail.com)

O coração do artista plástico, desenhista, pesquisador e liderança indígena, Feliciano Pimentel Lana, de 83 anos, do povo Desana, parou de bater na manhã de terça-feira (12) em consequência de uma parada cardiorrespiratória e suspeita de novo coronavírus, em sua casa na comunidade São Francisco, em São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, noroeste do Amazonas. Segundo sua família, ele tinha sintomas de febre e dor, mas não chegou a ser atendido por um médico ou testado por Covid-19, como muitos povos indígenas que vivem em regiões de difícil acesso na Amazônia Ocidental.

Referência da cultura e do conhecimento dos povos do Alto Rio Negro, a morte de Feliciano Lana repercutiu além das fronteiras do Amazonas, pois sua obra influenciou os contadores de histórias e pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Seu nome na língua Desana era Kenhiporã, que significa “filho dos desenhos dos sonhos”. Feliciano nasceu na aldeia de São João Batista, no rio Tiquié, no Distrito de Pari-Cachoeira, em 1937. Ele era filho de Manuel Lana, da etnia Desana, e de Paulina Pimentel Lana, da etnia Tukano.

Feliciano Lana é autor dos desenhos que acompanham as histórias do clássico “Antes o Mundo Não Existia”, contadas pelo seu tio Firmiano Lana e pelo seu primo-irmão Luiz Lana [que também assina as ilustrações], obra reconhecida mundialmente.

Seus desenhos também constam em diferentes publicações de pesquisadores ou de obras sobre o povo Desana do grupo Kēhoriporã e em exposições. Feliciano também é autor (histórias e desenhos) de “A origem da Noite & Como as mulheres roubaram as flautas sagradas”, editada pela EDUA 2009.

“Ele criou uma nova forma de contar as histórias dos antepassados. Jogou as histórias para dentro dos desenhos para que ficassem mais visual. É uma notícia impactante a morte dele”, disse à agência Amazônia Real o fotógrafo Paulo Desana, de São Gabriel da Cachoeira, que está desenvolvendo um projeto sobre os desenhos e as histórias contadas por Feliciano.

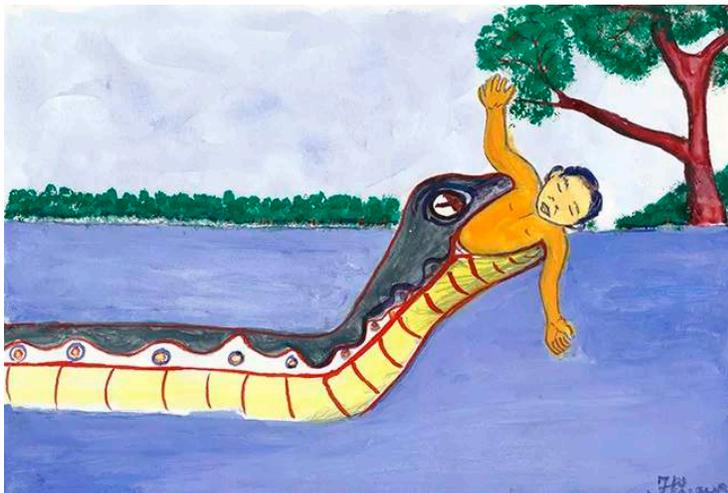
Paulo Desana é autor de um estudo que conta história pessoal e a trajetória de Feliciano Lana, desde a época em que este passou pelo internato salesiano e tomou um rumo na vida trabalhando em diversos ofícios na juventude: ajudante de lavrador e limpeza de fazenda – na época em que morou na Colômbia, mecânico de trator e seringueiro. Para o fotógrafo, Lana é uma “referência no mundo artístico” que influenciou as artes, as pinturas e as narrativas mitológicas.

A notícia da morte do líder Desana, Feliciano Lana, foi anunciada por uma enfermeira do Polo Base Juruti por meio da radiofonia e posteriormente pela rede social Whatsapp, que tem sido a única forma mais rápida de comunicação de quem vive em uma região de difícil acesso nesta parte do Amazonas, na fronteira com a Colômbia e Venezuela, além da radiofonia. Na cidade de São Gabriel da Cachoeira, o presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), Marivelton Baré, informou à Amazônia Real que o sepultamento do artista plástico foi realizado na comunidade São Francisco.

Marivelton Baré é presidente do Comitê de Enfrentamento e Combate à Covid-19 em São Gabriel da Cachoeira, município distante de Manaus a 850 quilômetros. Dos 45 mil habitantes, mais de 25 mil pessoas vivem em 750 comunidades indígenas distribuídas em 11 terras indígenas na região do Alto Rio Negro, que abrange os municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Izabel do Rio Negro e Barcelos.

O município de São Gabriel da Cachoeira registra um avanço preocupante dos casos de coronavírus. Desde o dia 26 abril, quando foram divulgadas as primeiras notificações da doença, até esta terça-feira (12 de maio), são 137 casos confirmados de Covid-19 e dez mortes, sendo a maioria registradas em indígenas. Como publicado anteriormente, único hospital da cidade não tem unidade de terapia intensiva e conta apenas com sete respiradores, tendo faltado cilindros de oxigênio para os pacientes.

## Primeiras pinturas da mitologia



Desenho de autoria de Feliciano Pimental Lana Dessana

Em suas pesquisas, o fotógrafo Paulo Desana conta que, depois de trabalhar em vários lugares, chegando a morar um período na Colômbia, Feliciano Lana retornou para sua aldeia em 1960, onde se casou com Joaquina Machado, mas “logo se embrenhou na mata atrás de novos seringais”. Posteriormente, retomou os estudos para então voltar a trabalhar na roça para manter a família.

A reviravolta aconteceu em 1965, “quando começa a desenvolver técnicas de pintura com tinta guache/aquarelas e desenhos a nanquim”, diz Paulo. Um dos grandes influenciadores foi o Padre Casimiro Béksta (1924-2015), religioso salesiano que ajudou Feliciano nas suas pesquisas sobre mitologias do Alto Rio Negro. O Padre Camisimiro foi um dos maiores pesquisadores sobre a cosmologia dos povos indígenas daquela região.

“Gravava os mitos narrados pelo seu sogro, o tuxaua Manuel Machado, de Pari-Cachoeira e enviava as fitas para Manaus, ao padre. Como tinha que informar sobre alguns detalhes dos mitos (trovões, etc.) que recolhia de Manuel

Machado, não apenas forneceu um manuscrito de duas páginas datilografadas, como criou mais de 50 aquarelas ilustrando a criação do universo, o surgimento da humanidade, de um ponto de vista amazônico”, diz Paulo Desana.

Na década de 1970, o trabalho de Feliciano foi apresentado ao escritor Márcio Souza, que, influenciado e inspirado na narrativa Desana, montou o libreto, em parceria com Aldísio Filgueiras, da ópera “Dessana, Dessana”. A composição foi do maestro Adelson Santos. “Os desenhos de Feliciano percorreram o mundo, adquirindo uma dimensão internacional. Foram expostos em São Gabriel, Manaus, no Rio de Janeiro, na Alemanha, em mostra organizada pelo Museu de Etnologia de Frankfurt, na Espanha e na Itália, em edições do livro ‘Antes o mundo não existia’. Atingiram, portanto, um público letrado, urbano, com hábitos de leitura, frequentador de museus, galerias e salas de exposições. Possui trabalhos com pesquisadores americanos”, escreve Paulo.



Desenho do artista plástico Feliciano Lana

Em Manaus, há uma exposição permanente de Feliciano Lana com desenhos e diversas narrativas do povo Desana chamada “Peixe-Gente”, no Museu da Amazônia (Musa), que fica no Largo São Sebastião, no centro da

cidade. O idealizador da exposição, antropólogo Jaime Diakara, também do povo Desana, conta que o espaço foi pensando para que os trabalhos de Feliciano ficassem em definitivo no Musa. Antes disso, desenhos, pinturas, protótipos de armadilhas de peixe e cobras e totens faziam parte de outra exposição, no Jardim Botânico da Reserva Florestal Adolpho Ducke, na zona norte de Manaus.

“Quando comecei a trabalhar a ideia da exposição ‘Peixe-Gente’ havia participação do Feliciano com muitas ilustrações. Quando começamos a discutir o novo espaço do Musa, no centro, a cultura indígena não era bem aceita. Diziam que não ia dar retorno para o Musa, não tinha visibilidade. Mas o trabalho do Feliciano era diferenciado, trazia uma literatura imaginária. A ideia era que, quando as pessoas entrassem no Musa, elas iriam conhecer a cultura Desana através do desenho e da contação da história, mas em uma exposição”, diz Jaime.

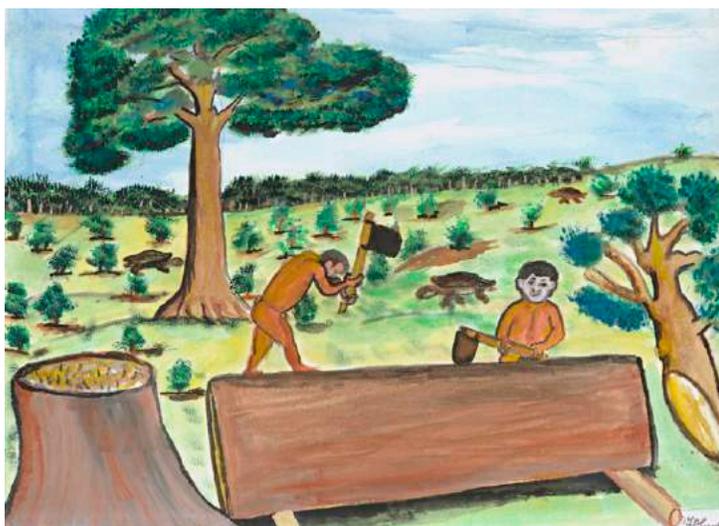
### Repercussão: “filho dos desenhos dos sonhos”



O artista Feliciano Pimental Lana (Foto de Rizoma Audiovisual)

A comunicadora indígena Renata Tupinambá, da Rádio Yandê, esteve em 2017 em São Gabriel da Cachoeira. Ela ministrou uma oficina para comunicadores indígenas e lembrou que os desenhos utilizados na oficina foram produzidos especialmente por Feliciano Lana. “É uma pessoa de saber. Um sonhador de memórias e que as comunicava por meio de seus desenhos sobre a vida indígena da sua região. Que as próximas gerações possam lembrar sempre de pessoas como ele e que tenhamos força para resistir ao extermínio e ao descaso de governantes”, diz Renata.

O antropólogo Henyo Barreto, da Universidade de Brasília (UnB), em sua rede social escreveu: “Marivelton Baré nos traz a devastadora notícia do passamento do seu Feliciano Lana, sábio Desana e uma das mais importantes referências para o diálogo intercultural no rio Negro, com o seu conhecimento, a sua literatura e a sua arte plástica, que inspiraram e ensinaram tantos colegas que com ele construíram laços de afeto e amizade – arte esta tratada com sensibilidade na tese/livro de Larissa Lacerda ‘Iconografias do Invisível’. Kenhiporã, o “filho dos desenhos dos sonhos”, agora foi habitar o mundo dos sonhos do qual sua vida e sua arte se nutriam”.



Desenho do homem cortando árvore para fazer canoa. Ilustração de Feliciano Lana feita para o Projeto Kophé Koyaanaale (Manejo Pesqueiro no Médio Rio Içana)

O antropólogo Renato Athias conheceu Feliciano Lana em 1974 e o viu pela última vez em fevereiro de 2019, quando ele esteve em São Gabriel da Cachoeira. Ao saber da morte do amigo, ele contou que “a notícia o deixou profundamente triste”.

Athias disse que, no último encontro, os dois estavam na porta Funai, em São Gabriel, e lembraram-se da época em que conheceu toda a família Lana, na comunidade São João. “Parecia que não havia passado o tempo. Uma sensação de estar sempre no mesmo tempo. A conversa girava em torno dos desenhos, de sua produção e sua relação como um tempo mitológico. Cada desenho mostrava uma narrativa. O texto dessa narrativa era construído pela vivência do cotidiano de Feliciano, de sua relação com as pessoas, com vida e de suas lembranças do tempo das malocas”, descreve o antropólogo.

Em um dos tantos reencontros, Renato Athias destaca um ocorrido em 2001, quando ele estava acompanhado de um jornalista do jornal *The Spiegel*, da Alemanha. “Conversamos muito e a curiosidade de Matthias Matussek, o jornalista, ia muito longe, e sempre querendo saber sobre as palavras transformadoras existentes em toda essa região. No dia seguinte, Matthias novamente me pediu para irmos juntos visitar o Feliciano, e lá fomos. Encontramos Feliciano em meio à sua produção artística e nos desenhos, experimentando os lápis cores em pastel que eu havia trazido para ele. Novamente, essas conversas sobre os desenhos, na realidade, não eram sobre os desenhos. Era sobre um conhecimento profundo sobre a vida, que as narrativas mitológicas interpretam o universo. Esse mundo que ela havia conhecido através de seu tio, Umusin Pārökumu (Firmiano), um importante Kumu e Baiá dos Kêhíporã”, lembra Athias.

“Para mim, até hoje, quando eu vejo seus desenhos, eu escuto a sua voz me falando, contando os Kihiti, as narrativas, tal como seu pai lhe falava, e eu lhe respondendo “uhum... tota ni” e, ele continuava a sua fala. Muitas das vezes incompreendidas, mas contendo um profundo saber acumulado

de séculos. Tenho dez desenhos que ele fez para uma publicação que estou organizando. E ele me narrou todos os dez episódios dessa série. Eu quando quero escutá-lo vou olhar os seus desenhos”, diz o antropólogo.



O artista plástico Feliciano Lana (Foto de Rizoma Audiovisual)

O padre Justino Sarmiento, antropólogo que conheceu desde a juventude Feliciano Lana, lembra que o ancião fez parte de uma geração que teve uma “legítima educação indígena”.

“O Feliciano Lana faz parte de uma geração que quando chegou aos internatos salesianos, tinha uma educação indígena baseada em valores e cultura sólidas. Ela representa uma passagem de uma geração que não teve contato com a educação, nos internatos salesianos: a dos nossos avós”, relata o padre.

“Foi uma geração com uma base muito estruturada. Tivemos uma convivência muito boa de conversas de consideração, porque os Tuyuka e os Desanos são como primos irmãos. Ali naquele espaço em Pari Cachoeira, tive a oportunidade de viver essa fase”, recorda Justino Sarmiento.

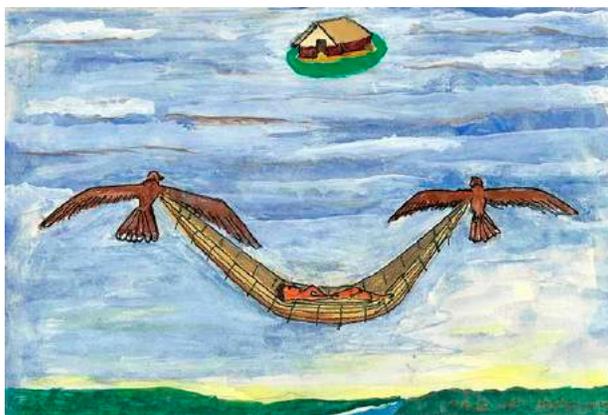
O padre acrescenta que Feliciano Lana e seus contemporâneos fizeram parte de uma geração que começou a pensar na união e sustentabilidade das comunidades, no empreendedorismo indígena.

“Embora tendo estudado muito pouco, eles faziam essas ideias funcionarem. Eles também eram muito honestos. Isso funcionou enquanto eles estiverem a frente das organizações indígenas”, conta.

O padre Justino Sarmiento, que é do povo Tuyuka e tem parentesco tradicional com Lana, falou que ambos tiveram a oportunidade de ter uma convivência de “consideração tradicional” no internato salesiano. (Colaborou Izabel Santos).



O poderoso pajé Ñapirikoli expirando a fumaça do cigarro, fazendo com que as coisas apareçam no mundo. Ilustração de Feliciano Lana feita para o Projeto Kophé Koyaanaile (Manejo Pesqueiro no Médio Rio Içana)



Desenho de autoria de Feliciano Pimental Lana

# A DOR INVADIU OS ARTISTAS EM SÃO LUÍS (MA): A ARTE PERDEU O MESTRE DRAMATURGO LUIZ PAZZINI

Cynthia Carvalho Martins<sup>609</sup>



LUIZ PAZZINI (06.10.1953 – 29.04.2020)

As redes sociais noticiaram que o mestre Luiz Pazzini estava em estado grave, vítima do Covid 19. Em pouco mais de um dia a sua morte foi divulgada pelos amigos que passaram a se manifestar em homenagens escritas, fotografias e vídeos de espetáculos. Uma verdadeira avalanche de postagens de artistas, professores e amigos que não puderam se despedir presencialmente de um artista que, certamente, contribuiu para a formação de uma geração. As postagens, ao mesmo tempo que reverenciavam o

---

609. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Departamento em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão.

mestre, denunciavam o momento político vivenciado no Brasil. Falavam em desapropriação do luto, o descaso com a vida, genocídio e valorização das leis do mercado. As vozes e choros contidos, sem expressão em um encontro coletivo, são quase similares à revolta que estamos vivenciando em relação à vigência da necropolítica.

Luiz Pazzini, professor do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), graduado em artes dramáticas pela Universidade de São Paulo, coordenou o Projeto de Extensão intitulado “Memória e Encenação em Movimento” e, através do Grupo de teatro “Cena Aberta”, dirigiu e trabalhou como ator em espetáculos como “Negro Cosme”, “Cofa de Estórias”, “Pigmélio” e “Lulu”. Os espetáculos dirigidos pelo dramaturgo se constituíam a partir de pesquisas em fontes acadêmicas e orais, sempre procurando trazer à cena agentes sociais à margem da história oficial. Sobre o espetáculo “Negro Cosme,” em uma entrevista concedida ao jornal da UFMA, Pazzini expressou o seguinte:

A história da Balaiada geralmente é voltada para a vitória de Duque de Caxias, enquanto Negro Cosme, personagem essencial dentro da revolta, tem sua imagem encoberta no relato”.

Nascido em Severínia, São Paulo, o dramaturgo e ator paulista adotou a ilha de São Luís como sua cidade há vinte anos, construindo sua trajetória a partir de uma dedicação integral à arte. A arte, ao invés de ser somente uma profissão, se constituía em uma concepção de vida. Talvez essa visão da arte como instrumento de contestação o tenha levado a reproduzir seus conhecimentos. Formou uma geração de alunos, hoje atores profissionais, artistas com seus próprios grupos de teatro e com trajetórias próprias.

O encontrei, a última vez, em um lugar símbolo do Maranhão: na Fonte do Ribeirão. Nos olhos uma expressão firme, sabedora dos tempos que estamos a viver.

# CACIQUE MESSIAS KOKAMA, “O ESPÍRITO DO GUERREIRO”: ESTRATÉGIAS, RESISTÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DO RECONHECIMENTO DO PARQUE DAS TRIBOS

Glademir Sales dos Santos<sup>610</sup>

Nosso amigo, cacique, Messias Martins Moreira, hoje, dia 13 de maio de 2020, nos deixou, deixou um filho e duas filhas. Ele deixou um legado de muitas coisas boas feitas para o Parque das Tribos. Fica para nós as lutas que ele encampou e sempre defendeu, infinitamente superior, de tal maneira que ele merece todas as nossas honras, nosso respeito, nosso carinho, nossos sentimentos de solidariedade aos familiares. Perdemos a presença dele, mas ganhamos sua história de luta, seu trabalho feito na comunidade Parque das Tribos, que ficará marcada na memória de cada morador. Precisamos encarar esta notícia com o sentimento de que o Messias marcou seu tempo, sua história e nos ensinou (Mensagem emitida por um amigo, no dia 13 de maio, por Isael Franklin Gonçalves).

Pertencentes ao povo Kokama, Messias Martins Moreira, nascido em 19 de setembro de 1966, veio da comunidade Tabaco, que fica entre os municípios de Santo Antonio do Içá e Amaturá. Em Manaus, sua percepção crítica ao modo de proceder de lideranças em ocupações anteriores o levou a se preocupar com a organização e a resistência do Parque das Tribos, unindo-se à sua tia, Raimunda da Cruz Ribeiro e à prima Lucenilda Ribeiro de Albuquerque, mãe e filha que vieram do município de Alvarães. Os três configuraram uma trajetória de saída até Manaus.

---

610. Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB), com habilitação em sociologia, História e filosofia; Especialista em Antropologia na Amazônia (UFAM) e em Filosofia e Existência (UCB); Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM) e Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM).

Os kokama farão as primeiras reuniões de planejamento da formação do Parque das Tribos, em 2012, realizadas no barracão, localizado no terreno da senhora Raimunda Kokama, mãe da Lucenilda, situado fora do assentamento Parque das Tribos, na comunidade Cristo Rei, rua Taracua, bairro Tarumã, zona oeste. A partir daí Messias do povo Kokama será reconhecido cacique do Parque das Tribos, para deixar o “espírito do guerreiro”, conforme costumava falar, presente nas atuais lideranças.



Barracão no terreno da Raimunda Kokama, mãe da Lutana, que fica fora do assentamento Parque das Tribos, na comunidade Cristo Rei. Rua do Bancrévea, Tarumã Açu, zona oeste. Ocupação planejada desde 2012, e realizada em 2013. Fonte: SANTOS, G. S. dos. Foto tirada no trabalho de campo. Manaus: 15 de fevereiro de 2015.

Parque das Tribos, torna-se palavra subversiva, ao elaborar uma epifania, uma manifestação do modo de ser e viver, uma manifestação propositiva à ordem do direito, à do político e à do econômico, na forma de uma existência organizada coletivamente pelo pertencimento aos povos da Amazônia.

Esta subversão epifânica se revela preenchendo o campo da “participação” de indígenas na resistência a forças econômicas contrárias à sua permanência na área. A etapa que antecede a este nível corresponde ao processo de composição

de trajetórias de famílias que fixam moradia na cidade. A epifania é essa maneira de realizar os encontros, num espaço físico, coordenados por uma liderança, até formar uma unidade associativa maior, a qual se apresenta na história da formação do Parque das Tribos, coordenada pelo cacique Messias. Para compreender os aspectos desta formação, dependeu da proximidade com esta estimada liderança.

Meu trabalho de pesquisa e colaboração no processo de formação do Parque das Tribos foi resultado da relação de confiabilidade e de aceitação do cacique. Esta relação de pesquisa teve início no dia 04 de setembro de 2014. Na ocasião, fui convidado pelo Ministério Público Federal-MPF a acompanhar uma visita do procurador, juntamente com um representante da Pastoral Indígena de Manaus, Padre Ronaldo. Eu estava representando o Projeto Nova Cartografia Social na Amazônia, de modo que registrei o depoimento do Messias durante aquela visita, sem muita proximidade, num encontro debaixo das árvores, reunindo algumas lideranças dos povos Barasana, Piratapuia, Baré, Kokama e Karapãna, depois de termos caminhado pela área de floresta fragmentada, possibilitando-me conhecer o início da organização desse espaço social de dimensão pluriétnica.



Na casa da Lucenilda Kokama, almoço com o cacique, no assentamento Parque das Tribos.

Fonte: SANTOS, G. S. Foto tirada no trabalho de campo. Manaus: 21 de agosto de 2015.

Orientado por nós, pesquisadores do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA, as lideranças indígenas confeccionaram um croqui do Parque das Tribos em março de 2016 – que se encontra no terceiro capítulo da minha tese, Figura 25. Este croqui demonstra que o “Parque das Tribos” tem uma organização pruriétnica e distinta, tanto nos interesses e na forma de ocupação da “Cidade das Luzes”.

A confecção e o trabalho cartográfico ajudaram as lideranças no processo de reconhecimento das áreas para os indígenas, que já se somavam na ocasião 21 etnias (Apurinã, Baré, Baniwa, Mura, Kokama, Karapano, Barassano, Piratapuia, Tuyuka, Tariano, Ticuna, Dessano, Marubo, Uitoto, Miranha, Curipaco, Wanano, Sateré, Tukano, Tupinambá – vindo da Bahia-, Canamari), que aí se encontram sob a liderança do cacique Messias.



Cacique Messias Martins Moreira, 53 anos. Entrevista realizada na casa da professora bilingue Ana Cláudia do povo Baré. Assentamento Parque das Tribos, Bairro Tarumã. Manaus: 01/08/2015. Fonte: SANTOS, G. S. Foto tirada no trabalho de campo. Manaus: 21 de agosto de 2015.

No dia primeiro de agosto de 2015, no meio de um processo de reintegração de posse, que deixou todos os moradores em estado de tensão e insegurança, entrevistei-o pela primeira vez, na casa da professora bilíngue Ana Cláudia do povo Baré. Depois, seguiram-se mais outras entrevistas no mesmo ano, com outros encontros em anos posteriores.

Estive no Parque das Tribos, na manhã de quarta-feira do dia dezessete de fevereiro de 2016, a fim de apresentar e entregar ao cacique Messias os textos que sistematizam a luta pela permanência das vinte e cinco etnias na área ocupada, número que cresce a cada ano, pela sensibilidade acolhedora do cacique, que sempre estava à disposição de acolher famílias indígenas que precisavam de um espaço para construir sua casa e sair de situações de aluguel ou sem moradia própria.

Naquele ano, Messias já tinha a clareza e a importância das atividades de pesquisa e da colaboração dos pesquisadores do PNCSA. Cheguei ao local às 08 h e saí às 10h30min. Na casa da Lucenilda Kokama, tomei café, na companhia do seu primo, que me falava da maior comunidade indígena de Manaus, que atualmente conta com 35 (trinta e cinco) etnias.



Na casa da Lucenilda Kokama, o cacique Messias Martins Moreira, no assentamento Parque das Tribos. No dia 21 de agosto, participei do almoço a convite do cacique, um gesto que representa a confiança da relação de pesquisa. Fonte: SANTOS, G. S. Foto tirada no trabalho de campo. Manaus: 21 de agosto de 2015.

Enquanto tomávamos café, o cacique me passou um Ofício de n. 5 do Parque das Tribos, com a seguinte referência no cabeçalho: Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais. Em 2016 ele estava com 48 anos, tempo que aplicava sua experiência no esforço de unir famílias de diversas etnias sem moradia, conforme ele me falou, a partir de um “levantamento das famílias indígenas da beira dos igarapés, de áreas acidentadas, de quartos alugados, que não tem casa, chegando a locar 283 famílias, no início fechando em 17 etnias, e trouxemos o procurador do ministério público federal”.

Naquela mesma manhã, Messias me apresentou a situação judicial da área ocupada por meio de documentos organizados, que explicam a sobreposição de matrículas das três áreas – comunidade Cristo Rei, ocupação Cidade das Luzes e área indígena Parque das Tribos. Posteriormente, a pedido do cacique, sistematizei os documentos judiciais que estavam com ele e com outras lideranças, numa forma de quadro demonstrativo dos dispositivos, para que ele pudesse visualizar a história da ocupação, das investidas de processos de reintegração de posse.



Reunião no Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia: Cacique Messias Martins Moreira do povo Kokama, 53 anos, professor Glademir, professora Ana Cláudia Tomás do povo Baré, Joilson da Silva Paulino do povo Karapãna. Leitura do texto sobre o processo de Reintegração de Posse em desfavor da associação indígena Parque das Tribos. Fonte: SANTOS, G. S. dos. Foto tirada no trabalho de campo. Manaus: 05 de agosto de 2015.



Ocupação Parque das tribos, onde foi criado o Instituto Americano dos Povos Indígenas (IAPI), coordenado por Messias Kokama. Território pluriétnico, Rua do Bancrévea, Tarumã Açu, zona oeste. Ocupação planejada desde 2012, e realizada em 2013. Fonte: SANTOS, G. S. dos. Foto tirada no trabalho de campo. Manaus: 15 de fevereiro de 2015.

Quando lhe mostrei e entreguei o quadro demonstrativo, o cacique me passa sua percepção de liderança que reflete a necessidade de superação da fase de impedir que moradores da Cidade das Luzes invadissem a área do Parque das Tribos; depois, superação da fase das investidas judiciais, com instrumentos violentos de reintegração de posse, a mais prolongada, que contou com o apoio das procuradorias federais e estaduais. As estratégias do cacique conduziram o Parque das Tribos para a fase mais constante de reordenamento e de organização das famílias, interagindo com as instâncias

governamentais por meio do diálogo para a permanência da organização pluriétnica na área ocupa.

Para ele, a luta pelo direito à vida digna dos indígenas na cidade ganha proporção judicial quando se trata do problema de moradia, o centro dos problemas. Suas palavras são orientadoras ao relacionar o direito de moradia ao direito de educação, elementos fundamentais da vida cidadina, logo ao afirmar que “o direito de morar na cidade, hoje, tem um motivo: primeiro, o indígena precisa ter as informações como qualquer cidadão; segundo, educar seus filhos e ser educado com boa moradia levam a frequentar as faculdades como qualquer estudante, para ter mais conhecimento e ajudar com este conhecimento outros que ainda não tem; o índio na cidade precisa desse espaço de direito”, completou.

Na prática, ele transforma esta orientação no apoio que ele dá aos professores bilíngues, moradores do Parque das Tribos, para iniciarem a luta pelo direito a educação escolar indígena, fazendo da educação indígena a primeira aliada da organização do Parque das Tribos. A partir do estudo das línguas e culturas, desempenhado pela professora Ana Cláudia Baré, pelo professor Joilson Paulino, seu esposo, com a colaboração de estudantes de graduação e, essencialmente pelos anciãos, portadores de saberes tradicionais, a educação indígena se torna o espaço de organização e de produção de critérios culturais, tendo o estudo das línguas a força do étnico e da identidade coletiva. Estas atividades contribuem para a elaboração de suas tradições, que lhe confere uma estrutura física da unidade pluriétnica em torno da memória coletiva. Messias foi um defensor desse direito, porque entendia que educação indígena atualiza a memória coletiva dos povos indígenas e se torna elemento fundamental para a unidade da diversidade do Parque das Tribos.



Entrada do território pluriétnico, ocupação Parque das Tribos. Destaque: árvore de Angelim, denominada pelas lideranças indígenas de “pau-que-chora”, por terem encontrado ossos humanos no seu redor. Instituto Americano dos Povos Indígenas (IAPI). Ocupação planejada desde 2012, e realizada em 2013. Fonte: SANTOS, G. S. dos. Foto tirada no trabalho de campo. Manaus: 15 de fevereiro de 2015.

A contribuição do Messias consiste na crítica à forma de pensar a formação da cidade, sem levar em consideração os povos indígenas, colocando à margem os fatores étnicos e suas contribuições. A história do Messias se confunde com as histórias dos indígenas do Parque das Tribos, nas quais aparecem mulheres e homens indígenas que negam a submissão a um modelo de cidade que os exclui e os estigmatiza – na sua fala: “quantas

índias não foram exploradas aqui!”. Sua fala permite-nos dizer que há uma negação no interior de uma praxis dominante – perceptível ao dizer “nossos antepassados contam essa história, e isso dói”.

A exposição de uma constatação de sujeição, ativada pela memória, encontrada nas várias entrevistas que realizei com o cacique Messias, mesmo sem a precisão descritiva de realidades consumadas – constatação de uma política integracionista do discurso, nos enunciados de lamentação, encontrado em vários parágrafos das suas entrevistas: “sacrificavam os Índios”, “vida de índios perdida nesta área”, “foram dizimados dessa forma”, trata-se de constatação de ser afetado pela história de relações em que sujeitos dominam outros sujeitos, numa perspectiva econômico-política do Estado brasileiro, atualizada e percebida nas “novas formas de luta no lugar das antigas”, numa interpretação da teoria social e realista de Marx e Engels ao analisar o Estado e a classe social burguesa.

Messias descreve com precisão a área que compreende o Parque das Tribos, a Cidade das Luzes e o Cristo Rei, mostrando-me a importância de famílias indígenas ter no espaço do Parque das Tribos a solução do problema de moradia, destacando dois poços d’água, que se ligam por uma corrente estreita de igarapé, sendo lugares de banho, lavagem de roupa e de extração de água para beber e abastecer os depósitos de água das casas, subsidiando na preparação dos alimentos e no banho das crianças.

Messias fez desse lugar, articulando com as lideranças de cada povo, uma relação como poesia, porque é uma forma de produção que implica criatividade na arte de viver, que ativa a memória dos anciãos e de um conjunto de afetos com os recursos naturais. Produção que transforma em artefatos e prática pedagógica do estudo das línguas indígenas, atividades que atam e reatam, por meio da memória, o presente com o passado.

Os discursos do cacique não só demonstram um encadeamento de frases, que revelam afeto com as coisas, acima referida, mas ativa significados

que passaram a ser o referencial da ideia de tradição, que comporá a organização do espaço social do Parque das Tribos. Messias compõe este discurso, a partir da união dos indígenas sem teto, sem terra para cultivar, sem oficina para produzir, sem barracão para conversar, ora com a história de cada família, ora com a história de cada povo, trazida para o presente, que pressupõe saídas e deslocamentos de um lugar ao outro, numa dinâmica de “fazer de novo”. Ao dizer que seus avós, “da região da tia Raimunda, baixavam de canoa de remos do Alto Solimões para Manaus”, ele define Manaus por esse fazer de novo, “Manaus é uma terra tradicional, de chegada e saída, porque eles [em grupo, em famílias indígenas, ou sozinhos] saíram ou saem, numa época, depois voltam”, mantendo sempre no presente a relação, num esforço de “fazer de novo”.

O cacique Messias acreditou no “fazer de novo”, precondição do processo de uma configuração étnica na cidade, que caracteriza seu esforço somado à criação de uma unidade na diversidade do Parque das Tribos, na qualidade de um território pluriétnico, que integra trajetórias e histórias de vida. Esta criação reverencia o pertencimento – nas designações de “povos Kokama, Apurinã, Baniwa, Barasana, Baré, Dessano, Cajamar, Karapãna, Katukina, Kulina, Kuripako, Marubo, Miranha, Munduruku, Mura, Piratapuaia, Sateré-Mawé, Tariano, Tikuna, Tuiuca, Tukano, Tupinambá e Wanáno”, inicialmente com vinte e três representações de povos”. A palavra do cacique Messias, ao imprimir uma forma de definir a organização do Parque das Tribos, permite a elaboração de uma epifania da participação e do pertencimento.

A quase dez anos de distância daquelas primeiras reuniões no barracão da dona Raimunda, podemos ver todos os esforços do cacique Messias, num campo de jogo de estratégias e articulações, que implicam interesse de recolher com critérios as famílias étnicas, em torno do uso comum. Concentrou-se entre árvores, encima de áreas e barros, de início, um grupo de unidades familiares, recolhidas de vários bairros de Manaus (áreas da Sharp, Mauzinho,

Japiim, Cidade de Deus), porque consideradas à margem do respeito ao direito de moradia. Neste recanto de Manaus, reuniu as lideranças de vários povos, com as quais conseguiu trazer aliados para defender este direito – Funai, MPF, SEMED, UEA, UFAM, PNCESA –, que colaboram na repercussão da importância do cuidado sociocultural e humana dos povos indígenas, dos direitos sociais, da ordem jurídica, regime democrático, associados ao direito de moradia e ao direito de viver bem na cidade.

O cacique sonhava com um “projeto de vida”, ao unir homens e mulheres de diversos povos, que sobrepõem ao modelo único e empresarial de ver e sentir a cidade fortalecido pela força econômico-político-jurídica. Seu projeto unia outra tríade (étnico-político-social), em oposição às investidas da primeira força, porque significava uma produção da união coletiva, a ser realizada pelas lideranças, com a finalidade de autonomia produtiva das famílias assentadas.

De 2013, quando se iniciou a ocupação da área, para cá, à medida que este “projeto de vida” ganha força em outras frentes de conquista coletiva, fica claro que a essência deste projeto é o respeito pelo próprio “projeto de vida”. Deste projeto, a doença covid-19 afastou o cacique, ceifando-lhe a vida. No entanto, o projeto de vida permanece em construção, razão pela qual se torna uma proposta e apelo de uma identidade coletiva ao Estado, que passa pelo projeto de uma cidade, que acolhe e respeita uma forma de vida sociocultural e pluriétnica, diferente dos projetos de habitação para os não indígenas.

Parque das Tribos é um projeto de vida que tem o princípio do autorreconhecimento dos povos indígenas e exige formas de reconhecimento ainda não efetivadas pelos atos do Estado. A luta do cacique, em torno do qual famílias se reúnem em busca de um abrigo, foi a mesma luta destas, que enfrentaram intempéries, como a que aconteceu na madrugada do dia 28 de novembro de 2014, quando as polícias Militar, de Choque, Civil, com a cavalaria, entraram na ocupação “derrubando moradias e batendo e obrigando os indígenas tirar a roupa” (Vide: Termo de Declaração, data: 01/12/2014).

O “projeto de vida”, que tem início com ele, torna-se de todos. Em uma única voz, os moradores, com o cacique, cantaram sua construção e o defenderam. Defenderam-no, com o Messias à frente, contra toda forma de estigma e contra às práticas de negação do reconhecimento, a qual ficou marcada na afirmação “invasores travestidos de índios” (Vide: Decisão. Processo n. 06196447-53.2014.8.04.0001, fls 414).

Numa das conversas com a dona Raimunda Kokama e com a sua filha, Lucenilda, elas me falaram sobre o esforço do cacique Messias, no momento em que ela apontou com o dedo a pequena casa onde ele morou, próximo do barracão coberta de palha e que fica atrás da casa da dona Raimunda. Era uma casa de paredes incompletas, reduzida apenas à estrutura que mantém a cumeeira de palha. Estas duas estruturas fazem referência ao uso da palha, extraída da mata, no próprio território. Para Lucenilda, “as pessoas têm que conhecer mais o cacique”.



Barracão da família da Raimunda Kokama, à direita, ao lado da qual está sentada a filha e liderança do Assentamento Parque das Tribos, Lutana Kokama. Neste espaço do barracão foram feitas várias reuniões de planejamento para a ocupação das famílias indígenas no referido assentamento. Rua do Bancrévea, Tarumã Açú, zona oeste. Ocupação planejada desde 2012, e realizada em 2013. Fonte: SANTOS, G. S. dos. Foto tirada no trabalho de campo. Manaus: 15 de fevereiro de 2015.

De fato, com a liderança do Messias, entra em pauta a construção do tradicional na proximidade dos recursos naturais, encontrados na área e na proximidade das memórias trazidas pelos representantes de cada povo. Ele uniu memórias e pessoas, com “espírito de guerreiro”, e delas se despediu no dia 13 de maio de 2020, deixando um “projeto de vida”, o Parque das Tribos. Os que não o conheceram terão a oportunidade de conhecê-lo conhecendo este “projeto de vida” em construção, o Parque das Tribos, que se confunde com seu espírito.

## **A QUEM INTERESSAR: O POVO INDÍGENA KOKAMA NA GUERRA CONTRA O CORONAVÍRUS.**

Nós do povo Kokama estamos situados principalmente no Brasil, no Peru e na Colômbia, onde nossas famílias foram divididas pela fronteira da separação por invasores brancos que hoje mandam nestas nações que foram nossos territórios sagrados. Mas como povos da floresta ainda temos contatos e experiências conjuntas através da Medicina tradicional Kokama e do ritual da Ayahuasca entre os Kokama dos três países.

Nossa estrutura tradicional de governo são:

- Cacique de Comunidade: governante dos moradores locais. Preside a Comunidade local.

- Cacique Geral de Município: Assessora os caciques locais de Comunidade de seu território. Presidente o Cacicado Geral do Povo Kokama de Município – CGMK.

- Patriarca Cacique Geral do Povo Kokama: Assessora os Caciques gerais de Municípios. Um líder tradicional superior. Sendo que não decide nada sozinho. Os kokama decidem tudo no coletivo pelo consenso da maioria. Sendo que o patriarca é o guardião dos conhecimentos milenares. Preside o Movimento do Cacicado Geral do Povo Indígena Kokama - MPKK.

A estrutura tradicional se baseia na também na harmonia com os poderes tradicionais dos Médicos Tradicionais (Benzedores, Parteiras, Curadores, Rezadores, Sábios, Pajés e Taitas). Sendo o Taita último nível dos Médicos Tradicional.

Também em harmonia de poder com o Mestre-artesão que mantém a cerâmica tradicional viva, danças, artesanatos e grafismos. Com os guerreiros e construtores que protegem e constroem a comunidade. Com os falantes maternos Professores tradicionais da língua masculina e da língua feminina. Juntos mantemos vivo o jeito de ser Kokama no mundo atual.

Em poder administrativo-jurídico temos dois grandes órgãos Kokama:

OGCCIPK - ORGANIZAÇÃO GERAL DOS CACIQUES DAS COMUNIDADES INDÍGENAS DO POVO KOKAMA, inscrito no CNPJ (MF): 04.603.779/0001-90, sede e foro Tabatinga-AM. Presidente: ELADIO RAMIRES CURICO.

TWRK - FEDERAÇÃO INDÍGENA DO POVO KUKAMI-KUKAMIRIA DO BRASIL, PERU E COLOMBIA - Tapiya Weteratsun Ritamakuara Kukami-Kukamiria Pray+iuka, Peruka riai Kurumpiaka, inscrito no CNPJ (MF): 16.862.108/0001-23. Presidente: GLADES RODRIGUES RAMIRES.

Para a Federação Indígena do Povo Kukami-Kukamiria do Brasil, Peru e Colômbia, neste ano de 2020 Tabatinga tem 5.538 indígenas residente na área urbana e sem contar com aqueles que são nossos parentes que não querem se reconhecer, que tem vergonha se identificar e aqueles que não sabem mais a origem familiar.

Dados oficiais não são iguais aos nossos:

- No Brasil constam 14.314 indígena Kokama (Siasi/Sesai, 2014), esses dados só os indígenas residentes em aldeias. Para nossas contagens somos mais 25 mil indígenas Kokama que se identificam no Brasil.

- Na Colômbia constam 236 indígenas Kokama (CONIC, 1988), faltam contar aquele Kokama que reside na área urbana de Letícia. Pois este ano recebemos notícia de 5200 indígenas Kokama colombiano.

- No Peru constam 11.370 (INEI, 2007), sem contar os residentes em áreas urbanas no Peru. Informaram-nos que são mais de 38 mil kokama peruanos residentes na Amazônia peruana.

No site do IBGE atual pesquisa em 19/05/2020, às 10 horas da manhã, constam somente 11.274, totalmente diferente de nossa realidade e menos que a contagem da SESAI dos que moram nas aldeias.

A SESAI atende as 237 aldeias no Alto Solimões, que somam mais de 68 mil indígenas registrados no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena - SIASI/SUS.

A SESAI em Tabatinga, por exemplo, não atende os 5.583 indígenas Kokama residentes na área urbana de Tabatinga.

No Peru, o povo Kokama é muito maior, somando cerca de 19 mil no ano de 2003 (RAMOS, 2003), totalmente diferente dos dados apresentados pela FORMABIAP-Peru. Já na Colômbia somavam 792 Kokama em 2003 (UNESCO, 2004). O governo brasileiro vem tentando exterminar a etnia Kokama nos registrando em todos os cantos como “pardo” até mesmo na Declaração de Óbito dos hospitais.

Nós indígenas Kokama temos a pele morena, negra e branca, cabelos lisos e encaracolados e olhos de todas as cores, pois já tivemos varias mistura e pouco são puros filhos de Kokama com Kokama. Sabemos quem são nossos Kokama com os sobrenomes que vieram dos clã e algumas famílias tiveram sobrenomes adaptados aos dos não indígenas Kokama.

No ano de 2014, a equipe do Professor Dr. Pery participaram do Censo e na área urbana foram cerceados 4.325 indígenas kokama (FAPEAM,

2014). Sendo 71,9% dos indígenas residentes na área urbana.

Então, chegamos a Pandemia do Novo Coronavírus e o Brasil não se preparou e teve tempo, mas não se interessou defender os povos indígenas que são mais vulneráveis. Todos os planos de genocídio vieram numa boa para o Presidente da República que odeia indígenas desde a época de campanha.

O governo do Estado do Amazonas não se preparou para defender os povos indígenas e até hoje não fizeram um Plano Emergencial para os povos Indígenas. E ainda contratou uma branca que não conhece a realidade dos povos da floresta e ainda envolvida em varias polemica de corrupção de seu estado de origem, tudo orquestrado para destruir todos os conhecimentos milenares que foram levados pelos anciãos indígenas vitimas de Covid-19.

Os únicos a se preocupar no início da Pandemia foi a Prefeitura Municipal de Tabatinga através da Secretaria Municipal de Saúde que criou as barreiras sanitárias com os funcionários da Saúde mesmo antes de conformar o Gabinete de Gestão Integrada de Fronteira - GGIFRON com todos os órgãos instalado em Tabatinga-AM das três esferas de governo, numa tentativa de proteger os tabatinguense em confronto com o Governo do Estado e Federal que insistiam em não fazer estratégia de Isolamento Social que o mundo todo estavam fazendo.

O Brasil veio de confronto com tudo e hoje passa ser um país não mais agradável de visitar o conhecer. Países de fronteira seca estão fazendo valão aberto para não deixar o povo passar, ficamos em maus lençóis para o mundo. Um país disposto a matar indígenas em nome do ouro, de outros minérios, do desmatamento e do agronegócio (monocultura). Somos um país onde o povo não é riqueza e são levados a sofrer mais e mais por uma pressão de extermínio institucionalizado.

Onde percebemos funcionários tanto na SESAI e na FUNAI disposto a ganhar seus salários calados, vendo um novo massacre oficial. Os órgãos

indigenistas sendo instalados a presença de ex-militares envolvidos com ilícitos, milícias e perigosos para os líderes tradicionais e comunidades. Onde já até andam com uniformes dos órgãos sem mesmo seus nomes estarem no DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO como contratados ou voluntários. De forma a constranger as lideranças tradicionais, suas lutas coletivas e proteção ambientais.

Os hospitais sem estratégia para atender os povos da floresta e sem respeitar a presença dos médicos tradicionais das florestas em suas instalações de poder dos invasores que mandam e governam esse país. No hospital Militar de Tabatinga o Diretor do Hospital falou ao líder supremo dos Kokama que não recebe recursos para atender civis e indígenas, que deveria fazer igual fez o hospital militar de Marabá-PA que fechou as portas para civis e só atende militares. Que a única coisa que mandaram foi alguns funcionários civis e só. Onde tratam sem humanização pacientes indígenas e familiares. Onde até momento nenhum nativo saiu curado do Hospital Militar.

Vemos com muita preocupação a Militarização da Saúde, pois será mais difícil a saúde ter um olhar técnico e avanços na saúde e na tecnologia de saúde, pois não teremos análises técnicas e de conhecimento de causa, será o caos a saúde e futuro fim do SUS.

Muito triste ainda é por força de lei federal os povos indígenas serem separados como aldeados e urbanizados, os que moram na aldeia são atendidos pelo Subsistema de Saúde e os moram na cidade tentando lutar por espaço de atendimento com os não indígenas que também sofrem. Para nós não tem diferença, pois nossos Médicos Tradicionais atendem a todos os indígenas Kokama sem distinção, todos nós indígenas somos iguais, falamos a mesma língua, comemos a mesma comida e vivenciamos a mesma ayahuasca na cidade e na aldeia.

No dia 09 de abril de 2020 chegou em Tabatinga o primeiro caso Confirmado de COVID-19, onde uma enfermeira funcionaria da SESAI veio para a cidade de Tabatinga infectada. Depois no dia 13 de abril um barco que vinha de Manaus largou um suspeito de COVID-19 as margens do Rio Solimões, no Município de São Paulo de Olivença, era o indígena Kokama Cassin Alinca (Curado) que

chegando a Tabatinga foi direto para UPA e daí os Kokama foram sendo vítimas do COVID-19 descontroladamente. Os meios de contágio eram devido as vindas para a cidade para resolver problemas bancários e logo o recebimento do AUXILIO DA MORTE e voltavam para a Comunidade levando o vírus.

Depois em todo o Estado do Amazonas o Covid-19 foi tomando conta dos Municípios e chegando às Aldeias e o povo foi o povo que mais sofreu perdas e contaminação.

JÁ PERDEMOS 45 KOKAMA ATÉ A DATA DE HOJE (19/05/2020) PARA O COVID-19:



1. LINDALVA DE SOUZA MOURA, aposentada.



2. AUGUSTINHO RODRIGUES SAMIAS, aposentado



3. IDELFONSO TANANTA DE SOUZA, aposentado



4. ANSELMO RODRIGUES SAMIAS, Professor e Agricultor  
5. ALBERTO GUERRA SAMIAS, aposentado  
6. MARIA VARGAS CASTELO BRANCO, Agricultora  
7. GUILHERME CAVALCANTE PEREIRA, aposentado  
8. ENA PINTO  
9. JOSÉ DA CONCEIÇÃO CAJUEIRO  
10. ANTONIO VELAS SAMMP, aposentado. Segundo Cacique de Sapotal.



Meu grande amigo antônio castilho (Torrado) faleceu hj em manaus por causa do corona virus(covid-19) q deus conforta a familia dele 🙏

23.0

11. ANTONIO CASTILHO, Agricultor
12. MARINO FERREIRA
13. ANTONIO FRAZÃO ALVES
14. SEBASTIÃO FERREIRA
15. FRANCISCO PERES CALDAS
16. VALMIR MORAES



17. ELCIR VARGAS
18. VICTOR CURICO
19. ZIZA MOREIRA KARAQUIA
20. ROMUALDO RAMOS DOS SANTOS
21. ANTONIO GASTAO DOS SANTOS

22. JOSÉ LIMA DOS SANTOS
23. ENEDINA ALVES DE CARVALHO
24. JOSÉ CAJUEIRO CORDEIRO
25. SEBASTIAO FERREIRA DOS SANTOS
26. WALTER ALVES DE CARVALHO
27. JONAS SENA ALVES
28. LUCILDO PEDROSA DA COSTA
29. ANTONIO BRANDAO AMARANTES
30. ANASTACIA DA SILVA MARINHO
31. ABRAAO MARINHO DE ALMEIDA
32. ALTAMIRO PERES CALDAS (Teve infarto e não foi testado)



33. GETULIO MARINHO
34. ALZINEIEIDE DE CARVALHO DE ALMEIDA
35. MARILENE DA CRUZ SOARES, cozinheira e agricultora
36. MESSIAS MARTINS MOREIRA, Cacique e Agricultor
37. CARLOS VILCHER DE ASSIS, aposentado.
38. MARILENE RENGIFO SAMIA
39. SEVERINO CHAUCHARI SAMIA, aposentado

40. GUILHERME PADILHA SAMIAS, agricultor
41. MARIA BANDEIRA DE SOUZA, aposentada
42. MARIA PEREIRA MORAES
43. TIA PRETA (TIA DO CACIQUE EDMILSON – GUADALUPE)
44. JOÃO KOKAMA (TIO DO CACIQUE EDIMILSON – GUADALUPE)
45. MARIA MACEDO

Uma das mais doloridas e comovente morte por Covid-19, foi do líder GUILHERME PADILHA SAMIAS, Comandante Superior dos Guerreiros e de Construção Tradicional da Federação Kokama TWRK, do povo Kokama, que ocorreu no dia 14/05/2020, por volta das 07h14min, no Hospital de Guarnição de Tabatinga - HGUT, Tabatinga-AM. A família aguardava todos os dias sua transferência para Manaus. O filho Edney Samias, havia pedido liberação de seu trabalho para ir como acompanhante de paciente para Manaus, todos os dias era a mesma coisa, desde o dia 03/05/2020 quando falaram que precisavam dos documentos para ir Manaus pois lá tinha mais tratamento para o paciente Guilherme Samias, que apresentava paralisação dos rins, mas esse avião nunca chegou. E o líder Guilherme faleceu esperando sobreviver, um fato marcante que não foi contado a família é que ele se levantou do leito onde estava e foi ao banheiro sozinho e não comunicaram a família. No dia do falecimento o HGUT queriam colocar na Declaração de Óbito como “pardo”, exigiam o RANI, nós Kokama não temos RANI, por mais de cinco horas para que fosse resolvido isso, o Hospital não tinha ciência do Documento recomendado pelo MPF para não exigir RANI. Enquanto o corpo foi levado para câmara frigorífica do Hospital e foi retirado pela Condução da Prefeitura responsável para levar o corpo para o Cemitério, onde não ouve velório e somente o enterro com caixão lacrado, sem o

direito da despedida, toda a família suspeita de Covid-19 doente no enterro, cena muito triste para uma realidade. No local reservado para enterros de indígenas, Guilherme Samias foi sepultado às 16h35 na cova próxima a cova de seu pai Augustinho Rodrigues Samias (falecido em 30/04/2020) e demais familiares, onde são enterrados os indígenas. O Sr. Edney Samias sonhou levar seu pai para Manaus e tudo foi destruído porque SUSAM dizia que era Tabatinga que escolhia paciente e HGUT dizia que era a SUSAM que escolhia o paciente para ir de avião UTI, o maior empurra-empurra.

Queremos justiça para todas as famílias Kokama que ficaram desamparados. GOSTARÍAMOS de convidar alguns advogados que queiram nos ajudar para processar o HGUT, processar o Estado e processar os Médicos do HGUT de Tabatinga-AM, principalmente processar todos os hospitais onde morreram nossos membros Kokama e o Estado por aqueles que morreram nas residências.

Não somos só um número, somos pessoas indígenas, tivemos história e clamamos justiça!!

## **BOLETIM Nº 022/2020 DAS ORGANIZAÇÕES KOKAMA: POVO KOKAMA INFORMA A IMPRENSA E AOS INTERESSADOS:**

Atualizada em 03/06/2020

Povo Kokama informa a imprensa e os interessados:

Nesta guerra perdemos 55 indígenas Kokama, confirmados ou suspeitos de Covid-19 (desde o início da pandemia), em todo o Estado do Amazonas (região do Alto e Médio Solimões e Manaus). Continuamos de LUTO!

Não somos “PARDOS”, por isso denunciamos o HGUT e qualquer outro Hospital que vier nos discriminar. Hoje tivemos uma triste notícia que soou como uma perseguição e tentativa de intimidação, “que tem gente querendo ser indígena para ganhar um benefício de 9 mil reais”, desconhecemos esse valor em nome de algum indígena Kokama falecido por Covid-19. De onde viria esse valor? Quem ganhou esse dinheiro? Nós sabemos que são nossos indígenas Kokama, não ganhamos nada por isso, não cobramos enquanto movimento indígena nada para atestar que uma pessoa é Kokama, se a pessoa é Kokama, sabe que é Kokama e nós confirmamos que é Kokama, a pessoa deve ter o direito garantido de morrer como indígena, não é a Polícia Federal ou outro órgão que vai dizer quem é indígena Kokama, pois quem sabe quem é Kokama somos nós lideranças e as suas próprias famílias Kokama. A pessoa indígena deve ter o respeito de ter no seu Óbito: INDÍGENA. A família não ganha nada por isso, não ganha nada por ser indígena, isso é respeito a seu povo e queremos que quem estiver fazendo essa acusação descabida, desrespeitosa, caluniosa e difamatória, deve ser punido criminalmente.

### **Estamos pedindo a quem puder ajudar:**

Cestas Básicas;

Kit remédios caseiro (jambú, alho, gengibre, boldo, limão, laranja, beterraba, cenoura e mel de abelha);

Kit higiênico (álcool em gel, sabão neutro, água sanitária, detergente, sabonete);

Equipamentos (afetador de glicemia, afetador de PA, termômetro digital, oxímetro) e EPI (avental, touca, máscara, luvas e protetor fácil de acetato).

Constam 02 indígenas Kokama do Alto Solimões internados em Manaus:

01. JOSÉ JANUARIO DA SILVA;
02. JONAS TEIXEIRA DE LIMA.

Estamos realizando Visitas Domiciliares e Tratamento tradicional nas residências com nossos Pajés, diretoria da Federação TWRK, OGCCIPK, MPKK, voluntários e lideranças.

Atendemos os chamados de urgência em qualquer hora do dia e da noite, nas residências das áreas urbanas e aldeias.

“ Nossos Médicos tradicionais em ação.”

(...)

**“A MORTE ESTÁ VINDO MUITO RÁPIDO EM MEU POVO”, DIZ PROFESSORA KOKAMA SOBRE A COVID-19 (ENTREVISTA COM ALTACI C. RUBIM KOKAMA)<sup>611</sup>**

Elaíze Farias (Amazônia Real)



Prefeitura de Manaus realizou vacinação para idosos indígenas  
(Foto de Alex Pazuello/Semcom/17/04/2020)

“Acabei de saber de mais um óbito”, diz a professora Altaci Rubim, da etnia Kokama, durante entrevista para a Amazônia Real no início dessa semana. Altaci interrompe por alguns minutos a conversa com a reportagem para buscar informações com parentes e amigos da vítima pelas redes sociais, com quem mantém contato permanentemente. “Era um indígena em Tabatinga, Kokama, estava com sintomas de Covid-19”.

---

611. Matéria publicada originalmente no site **Amazônia Real**, no endereço: <<https://amazoniareal.com.br/a-morte-esta-vindo-muito-rapido-em-meu-povo-diz-professora-kokama-sobre-a-covid-19/>>. A matéria aqui reproduzida foi autorizada pelas editoras.

“Observamos que seria difícil conseguirmos evitar mortes dos nossos anciões, que estão indo muito rápido, sobretudo quem tem mais de 70 anos. A morte está vindo muito mais rápido em meu povo”, comenta Altaci Rubim, diante de tantas perdas. Altaci é indígena Kokama natural do município de Santo Antônio do Içá, no Alto Solimões. Graduiu-se no curso de Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA); é mestre em Sociedade e Cultura da Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Em Manaus, desenvolve projetos de valorização da língua Kokama em comunidades do contexto contexto.

Um levantamento feito pela Associação dos Índios Kokama Residentes no Município de Manaus (Akim) e pela Federação Indígena do Povo Kukami Kukamiria do Brasil, Peru e Colômbia aponta que 37 pessoas do povo Kokama morreram com sintomas de Covid-19 ou de complicações causadas pela doença até nesta quarta-feira (13), um número que tende a aumentar quase que diariamente. A maioria das pessoas falecidas com sintomas da doença está na faixa etária de 60 e 70 anos. Os óbitos foram registrados em municípios do Alto Solimões, como Tabatinga, um dos mais afetados da região, em Manaus e em cidades próximas da capital amazonense.

Esta é uma conta, contudo, que está longe de ser fechada, porque os casos de pessoas com sintomas da doença são incontáveis e os números mudam a todo momento, como alerta Eládio Kokama Curico, da liderança da Organização Geral das Comunidades e Cacique do Povo Kokama-Alto Solimões. “Todas as casas Kokama tem parentes com sintomas da doença”, diz.

Nesta quarta-feira (13), a professora Altaci Robim soube da morte de seu primo, o cacique Messias Kokama, um dos fundadores da Comunidade Parque das Tribos, o primeiro bairro indígena de Manaus, onde vivem 700 famílias de 35 etnias há mais de seis anos. A pandemia do coronavírus no Parque das Tribos atinge mais de 40 pessoas.

Messias Martins Moreira Kokama estava internado há mais de uma semana no Hospital Delphina Aziz. Segundo Altaci, ele passou por testes que confirmaram a doença Covid-19. Nas redes sociais, lideranças da comunidade homenagearam Messias. Ele deverá ser enterrado nesta quinta-feira.

“Perdemos a nossa Liderança Indígena Messias Kokama, um cacique que sonhou... idealizou e esteve à frente e junto com os indígenas de 35 etnias indígenas o 1º Bairro Indígena de Manaus Parque das Tribos-Tarumã. Hoje ele nos deixa, mas fica seu exemplo de persistência, um legado conquistado com muita luta e coragem, frente aos conflitos e obstáculos. Tive a oportunidade de acompanhar a sua trajetória, o qual nos passou muito aprendizado com a sua experiência de vida”, lamentou a professora Claudia Baré, liderança do Parque das Tribos, que lutou com Messias pela fundação da comunidade, em Manaus.

A Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), do Ministério da Saúde, estima que a população de Kokama na Amazônia é de cerca de 14,3 mil pessoas, mas este número não reflete a realidade porque exclui os indígenas da etnia que moram na zona urbana, tanto nos municípios do Alto Solimões, como Tabatinga e Santo Antônio do Içá, como em Manaus.

O número de mortes por Covid-19 levantado pelas organizações Kokama está muito acima do apresentado oficialmente pela Sesai, que notificou, até quarta-feira (13), dez óbitos entre indígenas cobertos pelo Dsei Alto Solimões. Desses, sete são do povo Tikuna e três do povo Kokama.

A discrepância de dados ocorre porque a Sesai contabiliza apenas as infecções e as mortes em indígenas que vivem em aldeias e foram atendidos pelo subsistema de saúde indígena, por meio dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (Dseis). No boletim desta quarta-feira, a Sesai confirma 129 casos de Covid-19 em indígenas no Alto Solimões (mas não diz as etnias).



A Comunidade Indígena Parque das Tribos, no Tarumã, em Manaus. (Foto: Alberto César Araújo/Amazônia Real)

## A primeira notificação de coronavírus

O primeiro caso de um indígena infectado no Brasil com o novo coronavírus foi justamente uma pessoa Kokama. No dia 31 de março, a Sesai confirmou a infecção de uma agente indígena de saúde da aldeia São José, no município de Santo Antônio do Içá, que havia sido infectada após contato com um médico da equipe do Distrito Sanitário Especial Indígena Alto Solimões (Dsei Alto Solimões). Na aldeia São José, segundo o Dsei Alto Solimões, foram confirmados outros 30 casos de Covid-19.

Segundo o levantamento das organizações do povo Kokama, do total de óbitos por Covid-19, mais de 15 pessoas moravam no Alto Rio Solimões. O restante dos óbitos foi registrado em Manaus (a maioria) e em cidades próximas da capital, como Autazes e Itacoatiara. Uma lista com os nomes dos Kokama que faleceram circula entre os grupos e é atualizada

instantaneamente quando tem um novo óbito, após as lideranças apurarem as circunstâncias junto às famílias. Contar o número de pessoas infectadas é quase impossível, porque a maioria não está recebendo atendimento médico.

Para a professora Altaci Rubim, a Covid-19 expôs desigualdades históricas que afetam os povos indígenas: não tem tratamento, prevenção, remédios ou mesmo um leito de UTI para atender pacientes com sintomas graves da doença. Em muitos casos, até mesmo o direito de ser identificado pela etnia tem sido tirado dos indígenas, sobretudo dos que moram nas áreas urbanas, como é o caso dos Kokama, que estão enfrentando dificuldades de serem tratados como pertencentes à essa etnia nas histórias de Tabatinga. “Estão querendo nos identificar como pardos”, é o relato mais comum que tem sido divulgado em grupos de WhatsApp.

### **Onde estão os Kokama?**

Os Kokama são um povo originário da tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Peru), com forte presença do Alto Rio Solimões e no Médio Rio Solimões, alcançando até o baixo rio Negro, em Manaus. Ocupam ao menos 17 terras indígenas, segundo a linguista e especialista na língua Kokama, Altaci Rubim.

A maioria dos Kokama está distribuída nas terras indígenas e nas cidades de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Jutai, Tefé, Fonte Boa, Alvarães, Autazes e Manaus.

Uma das vítimas fatais do novo coronavírus é Maria Vargas Castelo Branco, que morreu no dia 9 de abril, no Hospital e Pronto-Socorro 28 de Agosto. Ela era da aldeia Monte Claro e estava em Manaus desde 28 de fevereiro para tratamento de anemia hemolítica autoimune. Maria Vargas é a única entre os três Kokama mortos pela doença que teve seu nome divulgado pela Sesai.

Somente em Tabatinga, maior cidade do Alto Solimões, o governo do Amazonas confirmou nesta quarta-feira 390 casos da doença na população, que inclui indígenas e não indígenas. A conta aumenta para 1.056 casos

confirmados no Alto Solimões quando são incluídos também os de outros municípios da região: Santo Antônio do Içá, Amaturá, São Paulo de Olivença e Benjamin Constant.

“Muitos dos que morreram já estavam doentes e com a covid-19, a saúde deles se agravou e acabaram vindo a óbito. São muitos Kokama que estão sendo levados pela covid-19. Como os hospitais estão como numa guerra, com tantas pessoas doentes, morrendo, então muitos preferem ficar em casa. Os que estão se curando se tratam em casa, com nossos remédios tradicionais”, diz Altaci Rubim.

### A conta que não fecha



Funcionárias do DSEI Alto Rio Solimões atende idoso em Feijoa. (Foto: Reprodução Facebook/DSEI ARS)

Segundo levantamento da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), até essa quarta-feira (13) foram registrados 62 óbitos em povos indígenas da Amazônia brasileira e 227 casos confirmados: a contagem

é resultado do cruzamento dos dados da própria Coiab com os dados oficiais da Sesai. Na conta da Coiab, 26 indígenas Kokama morreram por covid-19. A Coiab levanta os dados com base em informações repassadas por organizações locais, como a Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno (Copime).

Conforme a Coiab, os demais falecimentos pelo novo coronavírus foram registrados entre os seguintes povos: Apurinã (2), Baré (2), Baniwa (2), Borari (1), Mura (1), Macuxi (1), Munduruku (1), Palikur (1), Sateré Mawé (1), Tariano (1), Tembé (1), Tikuna (9), Tukano (3), Yanomami (1) e mais seis ainda não identificados pela Sesai. A Coiab também inclui na estatística do óbito 3 indígenas Warao, originários da Venezuela.

Já Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), do Ministério da Saúde, contabiliza 277 casos de indígenas e 19 óbitos por covid-19, contando todas as regiões do Brasil, até nesta quarta-feira (13). Na Amazônia, segundo a Sesai, são 183 casos e 15 óbitos de indígenas.

### **Pandemia escancarou realidade**



A professora Altaci Rubim Kokama (Foto arquivo pessoal)

Segundo Altaci Rubim, somente em Manaus, são cerca de mil Kokama residentes, muitos deles vivendo em 10 comunidades. Uma delas é a comunidade Nova Esperança, no Ramal do Brasileiro, zona leste de Manaus, onde todos os moradores estão com sintomas de covid-19, e têm parentesco com a professora.

Para a Copime, a população Kokama em Manaus é muito maior: 1.400 pessoas, segundo um levantamento feito em 2019. A diretora da Copime, Marcivana Paixa, do povo Sateré-Mawé, diz que os Kokama formam a maior população indígena da capital amazonense. “Provavelmente esse índice de mortalidade de covid-19 tem a ver com a presença deles no contexto urbano e a sua alta vulnerabilidade social”, diz Marcivana Paiva.

Para a liderança Sateré-Mawé, a covid-19 expõe a “pouca-vergonha” do sistema regulador da Sesai, que ignora a presença de indígena na cidade, e a omissão dos órgãos de saúde estaduais e municipais.

“Os índios sempre estiveram doentes. Não é a partir dessa pandemia que isso acontece. Sempre houve alto índice de mortalidade dos indígenas. Só que como muitos estão nas cidades e não são cobertos nesse sistema de saúde, não aparecem nos dados oficiais. A covid-19 escancara essa ‘pouca-vergonha’. Para a Copime, é importante a gente identificar quais as endemias que mais atingem as populações indígenas nas cidades, até para criar uma política de saúde de enfrentamento”, alerta ela.

Segundo Marcivana, em Manaus e outros municípios do interior do Amazonas há indígenas com tuberculose, diabetes, câncer e malária, mas os números não aparecem no sistema da Secretaria Estadual de Saúde (Susam) nem das Secretarias Municipais de Saúde, incluindo a da capital.

Alto Solimões perdeu 16 parentes



Desenho de crianças Kokama da Comunidade Indígena Monte Santo. (Foto Cacique Gracildo Kokama)

“A doença está na cidade e está nas aldeias. Está matando nossos povos. Aqueles que estão tentando sobreviver em casa tomam remédio tradicional, indígena”, diz Edney Kokama Samias, uma liderança de seu povo. Ele afirma que já perdeu 16 pessoas de sua família para a covid-19, “fora os que estão passando muito mal”, destaca.

Nascido na comunidade Sapotal, Edney mora em Tabatinga, para onde se mudou para estudar. Ele e outras pessoas de sua família não são incluídos na contagem da Sesai. Edney também reclama que nem mesmo nos hospitais os profissionais de saúde querem registrar os pacientes indígenas com a sua etnia, porque eles são moradores da cidade, apesar de nunca terem abandonado sua tradição e manter relação com suas aldeias de origem.

“Sou responsável por todas as aldeias onde mora qualquer Kokama. Eu é que ensino a nossa tradição. Seguimos os costumes da aldeia mesmo morando na cidade. Na minha família tem muita gente com suspeita de covid-19, mas não tem como testar todo mundo. Já morreram parentes meus, materno ou paterno. Mas não temos como dizer quantos Kokama estão com o coronavírus porque não tem teste. Eles testam apenas quem tem sintomas muito graves”, diz.

O pai, Guilherme Samias, e o tio de Edney, Otaviano Samias, foram internados no Hospital da Guarnição do Exército em Tabatinga, por covid-19. Há mais de duas semanas Guilherme aguardava transferência para Manaus, mas o transporte ainda não foi viabilizado. No dia 30 de abril, enterrou o avô, que morreu com sintomas de covid-19. Nesta quinta-feira (14), Edney informou que seu pai faleceu.

“Por mais que o Ministério Público Federal tenha recomendado atender tanto índio que mora na cidade quanto na aldeia, o atendimento é diferenciado. Aqueles que não vêm da aldeia, eles [profissionais de saúde] ficam com um atendimento um pouco meio frio, desumano. Isso nos magoa; somos índios, mas podemos morar onde a gente quiser”, diz.

Eládio Kokama Curico, da Organização Geral das Comunidades e Cacique do Povo Kokama-Alto Solimões, há dias divulga periodicamente um apelo às autoridades nacionais e internacionais para ajudar o seu povo, diante da alta taxa de mortalidade entre seu povo.

“Nós, povo Kokama, estamos registrando óbitos todos os dias. Estamos aflitos e desesperados. Nós estamos indignados devido à negligência, descaso e omissão do poder público a nível Federal, Estadual e Municipal, apesar deste último já fizeram o possível para conter a propagação do vírus. Por ser uma região de fronteira com Peru e Colômbia de grande mobilidade terrestre e fluvial, as ações das autoridades se tornam insuficientes”, diz trecho da nota, assinada também por Edney Samias e Glades Kokama Rodrigues, presidente da Federação Indígena do Povo Kukami Kukamiria

do Brasil, Peru e Colômbia. Quando a nota foi divulgada, na semana passada, os Kokama registravam 9 óbitos por covid-19. Agora, são mais de 30, na contagem deles.

Nesta semana, com o prognóstico de aumento dos casos e óbitos, Eládio voltou a denunciar a grave situação. “Pedimos apelo às autoridades competentes para estruturar o hospital que temos aqui na região do Alto Solimões. Aqui não tem nada, desculpa eu falar isso, mas é a realidade. Infelizmente, só vemos falar em dinheiro, recursos, e não vemos nada de melhora na região. Em uma semana eu perdi oito parentes próximos. O povo indígena que mora no município não está tendo apoio de ninguém. É triste isso, ter parente que está morrendo no hospital e ninguém está nem aí”, diz Eládio Tikuna à Amazônia Real.

A liderança também reclama que sequer há meios de transportes para fazer transferências de indígenas doentes para Manaus. “A Sesai tinha UTI aérea até 2019. Pela burocracia do governo federal, não renovaram o contrato. Hoje é o momento em que a gente está precisando muito e não temos. Será que vamos esperar morrer mais 10, 20, 30, 50 pessoas para renovar o contrato dessa UTI área?”, questiona.



Profissionais da saúde atendendo povos Tikuna, em Santo Antonio do Içá (Foto: Sesai)

A professora Altaci Rubim afirma que a alta letalidade da covid-19 em indígenas Kokama tem abatido as comunidades, porque não há perspectiva de tratamento médico adequado frente ao contágio que se espalha e à ausência de ações de prevenção que considerem o modo de vida dos indígenas e suas formas de convivência social e familiar.

“É sempre difícil falar de uma coisa que é uma ferida aberta. Os nossos anciões estão indo. Todo dia nós recebemos notícias de três, quatro, cinco que se foram em Santo Antônio do Içá, em Manaus, em Tabatinga, em diferentes aldeias. É um número alarmante em um curto período. Muitos também estão sem o direito de se identificar como indígena ou de ter no seu laudo a morte por essa doença, porque não conseguiram fazer o exame”, diz Altaci.

Para Altaci, a ausência do poder público na atenção de saúde e na prevenção sanitária é também uma forma de dizimação do povo Kokama e dos indígenas do país.

Altaci Rubim atualmente mora na capital federal, onde leciona na Universidade de Brasília (UnB). Em permanente diálogo com os parentes de Manaus e de cidades do Alto Solimões, ela está envolvida em quase todos os aspectos do impacto da pandemia em seu povo.

A professora também atua na articulação com universidades e instituições humanitárias em busca de apoio neste período da pandemia. Em Manaus, Altaci mantém um projeto de ensino da língua Kokama, na comunidade Luar Verde, para crianças. Ela também é pesquisadora do projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNSCA), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), coordenado pelo professor e antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida.

## Anciãos estão morrendo



No Parque das Tribos vivem mais famílias de 35 etnias indígenas  
(Foto: Alberto César Araújo/Amazônia Real)

“O que está claro para todos é que o governo federal, em todas as áreas – saúde, educação, territórios – está alinhado para efetivar essa política genocida com os indígenas, silenciar a voz dos povos indígenas, para que nós não venhamos a ter força para continuar a resistência que ao longo da nossa história nós concretizamos. Eles querem acabar com as nossas histórias, nossas memórias, com nossos anciãos. Mas eles não sabem que toda vez que morre um ancião, nós somos renovados pelo mesmo ancião, porque nós somos frutos da terra”, afirma Altaci Rubim.

Com um fio de esperança em meio a tanta tragédia, a professora lembra que o ancião que se vai, pode inspirar outras gerações que o substituirá. “No seu devido tempo, o nosso ancião vem de volta, da terra, alimentar as nossas

raízes, as nossas roças. Vamos ser alimentados por elas e vamos continuar a viver, continuar a lutar. Essa pandemia serviu para que nós, povos indígenas, venham pensar novas estratégias. Ela mostrou que nenhum governo realmente tem uma política para os povos indígenas. Desde a colonização todos os governos que passaram, tudo que aconteceu ao longo da história serve para nós conhecermos que nenhum desses governos apoiou os povos indígenas. Nós temos que nos reorganizar, pensar em estratégias futuras para resistir”, diz.

### MPF entra com ação



Indígenas no Parque das Tribos em Manaus (Foto: Marcella Haddad/Cáritas)/2019)

Nesta terça-feira (12), o Ministério Público Federal (MPF), o Ministério Público do estado do Amazonas (MP-AM), a Defensoria Pública da União (DPU) e a Defensoria Pública do Estado do Amazonas (DPE/AM) ajuizaram ação civil pública, com pedido de liminar, para que os governos federal e

estadual adotem medidas urgentes de saúde para tratamento da covid-19 na região do Alto e Médio Solimões e no município de Atalaia do Norte (a 1.138 quilômetros de Manaus).

Entre os pedidos da ação estão a ampliação e a estruturação de leitos no Hospital de Guarnição de Tabatinga (HGUT), para garantir acesso universal e igualitário, enquanto durar a pandemia de covid-19, a militares e civis, indígenas ou não indígenas.

Os órgãos pedem ainda, na ação, que a União e o estado do Amazonas sejam obrigados a apresentar um plano de atendimento a indígenas e não indígenas da região em estado grave de saúde. O plano deve incluir a transferência de pacientes em estado grave para Manaus ou outros estados do País, garantindo pronto atendimento. A ação civil pública abrange os municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, Amaturá, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tonantins, Jutá e Atalaia do Norte.

# ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO QUILOMBO SANTO ANTÔNIO/PENALVA/MA – NOTA DE PESAR E DE AGRADECIMENTO AO PADRE JOSÉ BRÁULIO SOUZA AYRES

Gardenia Ayres<sup>612</sup>



Padre Bráulio (1954-2020)

O Padre Bráulio (1954-2020) nos deixa saudades e o precioso ensinamento de viver em comunidade, de ser comunidade viva, presente, fraterna e engajada. Ele vive em nós, nos nossos sorrisos, em nosso vocabulário singular utilizado no meio familiar, nos valores ancestrais partilhados, em sua determinação no enfrentamento às desigualdades sociais, em particular as referentes às comunidades negras.

612. Sócia da Associação de Moradores do Quilombo Santo Antônio/Penalva/MA

Nascido na comunidade quilombola Santo Antônio/Penalva/MA, desde sua infância teve sua vocação anunciada e fortalecida no seio familiar, adepto do catolicismo popular e praticante das rezas de “ladainhas e excelências”. Oitavo de onze irmãos/irmãs, ele reforçou sua vocação ao Sacerdócio, ingressou no seminário Santo Antônio em 1976 e foi ordenado Presbítero em 1981. A vida de Pe. Bráulio, consagrada ao Sacerdócio, caminhou junto às causas sociais, às questões etnocorraciais, aos pobres e marginalizados.

Dentre as funções exercidas, foi Pároco da Paróquia do Divino Espírito Santo (Liberdade, Floresta e Fé em Deus); Vice-Reitor do Seminário Santo Antônio; Reitor da Paróquia e Santuário de São José de Ribamar; Pároco da Paróquia São José do Bonfim; Professor de Antropologia Teológica do IESMA; Coordenador da Pastoral dos Negros Regional e Nacional e da Coordenação de Padres Negros do Brasil. Graduou-se em Filosofia e Teologia, mestre e doutor em Antropologia Teológica. Atualmente, era Pároco da Paróquia da Santíssima Trindade na Cidade Olímpica, bairro periférico de São Luís.



.Nossa referência, orgulho da nossa gente, da nossa comunidade, Pe. Bráulio “viajou o mundo”, estudou em Roma, visitou a África, onde dizia ter reencontrado o semblante de muitos dos nossos parentes. Ele foi influência

decisiva na educação e formação escolar de seus familiares, na organização das Comunidades Eclesiais de Base, na formação de jovens em bairros periféricos e na formação do Sacerdócio maranhense.

Vítima da Covid 19, no dia 18/05/2020, Padre Bráulio voltou para os braços do Pai, conforme nos ensina a fé que professamos. Agradecemos pelo tempo que esteve conosco, pelos ensinamentos que nos transmitiu, pelos laços e redes de solidariedade aos quais nos deixou irmanados, tornando difícil mensurar o alcance do que nos transformou numa grande família, envolvida no espírito de comunidade que vive em nós, superando credos, fronteiras e preconceitos.

Nosso quilombo está de luto, mas é aqui o lugar de luta, onde ele deu os primeiros passos, que seguiremos cultivando e partilhando seus ensinamentos.

Ao Padre Bráulio, nossas homenagens e sinceros agradecimentos!

**DONA MARIA MERCÊS DE BARROS (MÃE) E ALESSANDRA BARROS FREITAS (FILHA): DOR E LUTO NO QUILOMBO SÃO SEBASTIÃO DE BURAJUBA, BARCARENA, PARÁ**



.A Diretoria da Comunidade Quilombola de São Sebastião de Burajuba lamenta a morte de Dona Maria Mercês, nessa manhã de sábado. Dona Maria contribuiu muito na luta dessas terras, exerceu mandatos de presidente do Conselho Fiscal e Vice-Presidente da Associação.

Nossos sentimentos aos seus familiares e amigos.

A Nota de Pesar da Diretoria da Comunidade Quilombola de São Sebastião de Burajuba nos chegou por mensagem de whatsapp que circulou, no dia 16 de maio de 2020, entre os quilombolas de Barcarena anunciando o falecimento de Dona Maria Mercês de Barros, com 52 anos.

O trágico que ronda todo e tudo continua ultrapassando e marcando as vidas e famílias em Barcarena e neste dia, 20 de maio de 2020, faleceu a jovem ALESSANDRA BARROS FREITAS, 25 anos, uma das cinco filhas de Dona Maria Mercês, que teve oito filhos. Mãe e filha tiveram como causa de óbito COVID 19. Elas foram atendidas na UPA de Barcarena que fica próxima do Hotel Equinócio.

Nos relatou o Presidente da Associação Quilombola de São Sebastião de Burajuba que ambas trabalhavam no seu pequeno restaurante.

Dona Maria Mercês dedicou-se à Associação Quilombola e em dois períodos ocupou a vice-presidência e soube lutar e defender o território e os direitos dos quilombolas de Burajuba, negados pelas instituições locais e solapados pelo desenvolvimentismo que retirou centenas de famílias dos seus sítios, polui e contamina solo, ar, igarapés, rios e praias.

Para Maria Mercês e Alessandra nossa homenagem e amor.

Oferecemos o poema *No me mueve, mi Dios, para quererte* (atribuído a Sor Juana Inês de la Cruz).

Aqui o recitamos com força:

*No me mueve, mi Dios, para quererte  
el cielo que me tienes prometido,  
ni me mueve el infierno tan temido  
para dejar por eso de ofenderte.*

*Tú me mueves, Señor, muéveme el verte  
clavado en una cruz y escarnecido,  
muéveme ver tu cuerpo tan herido,  
muévenme tus afrentas y tu muerte.*

*Muéveme, en fin, tu amor, y en tal manera,  
que aunque no hubiera cielo, yo te amara,  
y aunque no hubiera infierno, te temiera.*

*No me tienes que dar porque te quiera,  
pues aunque lo que espero no esperara,  
lo mismo que te quiero te quisiera.*

## PURAKÉ ASSURINI E IRANOA ASSURINI, NOTA DE PESAR

Prof. Peppe Assurini



Eu Waremoa Assurini, o popular prof. Peppe, venho através deste informar o falecimento daqueles que em vidas se chamaram cacique Puraké Assurini e Iranoa Assurini, carinhosamente chamada de dona Luzia, ambos irmãos, ocorrido ontem entre 22:00 as 23:00 horas da noite. Seu puraké se encontrava no HRT e dona Luzia estava internada na UPA aguardando leito. A comunidade Assurini lamenta muito dessas duas perdas imensuráveis que ficaram em nossas memórias. Uma enciclopédias viva de conhecimentos tradicionais históricas e milenares do povo Assurini que se fecha e vai para a biblioteca divina. Eu enquanto filho do cacique Puraké Assurini fico muito abalado e muito triste com tudo isso que está acontecendo, até porque dia 22 perdi minha mãe, dia 23 o cacique Sakamiramé e ontem dia 24 perdi meu pai. Então isso é muito doloroso para mim.

#AssuriniEmLuto.

## JOÃO CÂNCIO DA SILVA PAULINO, KARAPÃNA

Maria Alice da Silva Paulino Karapãna<sup>613</sup>

João Câncio da Silva Paulino Karapãna nasceu em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, no dia 20 de outubro de 1961. Faleceu no dia 20 de maio de 2020, vítima de Covid-19.

O primeiro filho do Sr Manoel Paulino indígena Karapãna e dona Otilia da Silva indígena Piratapuia.

Acompanhou o trabalho do seu Manoel Paulino na FUNAI, chegou a trabalhar na Funai, serviu no exército Brasileiro no 1º BIS, uma pessoa tranquila, trabalhadora, sempre disponível a ajudar seja quem fosse, falava pouco, brincalhão, conhecedor de várias fibras da mata para construção de barracão ou malocão, madeira, palhas, traçado, caçador, pescador, entre outros conhecimentos tradicionais que compartilhou com aldeia Kuanã-Rio Cuieiras, aldeia Santa Maria e aldeia Yupirungá. Foi uns dos arquitetos do museu Karapãna (Centro de Ciências e Saberes Karapãna) no Tarumã-Açú Manaus/AM. Um ser humano que não teve oportunidade de ter um velório digno e nem cuidado no hospital Delphina Rinaldi Abdel Aziz como cidadão indígena e sem o direito de escolher como queria o seu tratamento de forma natural sem ser entubado.

---

613. Indígena Karapãna e graduanda do curso de teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).



João Cância à mesa em sua casa.





João Cância na inauguração do Centro de Ciências e Saberes Karapãna do qual foi um dos arquitetos, em 26 de outubro de 2019.



Centro de Ciências e Saberes Karapãna, inaugurado em 26 de outubro de 2019, Aldeia Yupirungá, Tarumã-Açu, Manaus, Amazonas.



João Cântio da Silva Paulino.



Enterro de João Cântio da Silva Paulino na vala coletiva cemitério Nossa Senhora Aparecida, Manaus-AM, acompanhado por três de seus irmãos, enquanto seu pai continuava hospitalizado.

## JORGE VALERA, NOTA DE PESAR

Amigos e amigas, é com muita tristeza que comunico a todos, a passagem do meu tio Jorge Varela, que acaba de fazer a passagem está noite. O tio Jorge foi o primeiro agente de saúde, do povo Shawãdawa, lutou com seus irmãos e sua mãe e minha avô, pela demarcação da nossa terra. Hoje trabalhava como servido da SESAI do Distrito do Jurua. O Covid-19 levou o meu tio. Essa é a terceira morte de indígenas no Acre nessa pandemia do Covid-19.

*Francisca Oliveira de Lima Costa, conhecida como Chica Arara – Sobrinha de Jorge Varela*

Conheço o Jorge Varela na década de 1980, quando ajudamos o seu povo Shawãdawa nas mobilizações políticas pela demarcação da sua TI Arara do Igarapé Humaitá. Grande figura. Trabalhou como agente de saúde na sua comunidade, na Funai e na Sesai.

*Txai Terry Aquino*

## CARLOS NOBRE DA COSTA SANTOS MURA

Jardeline dos Santos Costa<sup>614</sup>

É com pesar que comunicamos o falecimento do Sr. Carlos Nobre da Costa Santos Mura, Irmão do Cacique Cezar, Tio do Gean Kokama da comunidade Nova Esperança KOKAMA.

À Família enlutada nossos mais profundos sentimentos de condolências.

---

614. Presidenta da Associação dos Índios Kokamas Residentes no Município de Manaus- AKIM/AM



Carlos Nobre da Costa Santos Mura



Enterro do Sr. Carlos Nobre da Costa Santos Mura no cemitério Nossa Senhora Aparecida, Tarumã, Manaus-AM.

# JUVENAL LUZ BENTO: NOTA SOBRE UM HOMEM VENCIDO PELO CORONAVÍRUS MESMO EM TEMPO DE RESISTÊNCIA

José Luís Souza de Souza<sup>615</sup>



Senhor Juvenal Luz Santos festeja seu aniversário rodeado de filhos, netos, bisnetos.

O senhor JUVENAL LUZ BENTO residiu por muitos anos em São Caetano, onde viveu com sua esposa, filhos, netos e bisnetos. Era ex-militar, agricultor, pescador, extrativista, artesão. Uma pessoa detentora de muitos conhecimentos adquiridos durante seus 97 anos nessa terra. Na comunidade era conhecido pelo apelido de Tio Ná. Lutava muito pela titulação territorial da comunidade, também tinha uma luta incansável pela natureza, tanto é que há uma área de mata chamada Caju da qual nunca abriu mão e deixava apenas os filhos fazerem pequenas roças de mandioca, assim como era restrita a retirada de açaí e bacaba fora de época. Tentava fazer manter o respeito na comunidade.

615. Grupo de Combate ao Covid 19 nas Comunidades Quilombolas no Município de Salvaterra

Siricari está inserida entre as 15 comunidades do território quilombola de Salvaterra no qual o Grupo de Combate ao Covid 19 nas Comunidades Quilombolas no Município de Salvaterra vem adotando medidas de proteção. Hoje essa comunidade possui aproximadamente 41 famílias. O nome Siricari é de origem indígena e tem dentro de seu único território nomes que eram dados no passado pelos moradores antigos os quais faziam referência há algo que lhe trazia uma representatividade marcante. Ela tem a parte do centro chamada Arrozal, assim como as áreas que levam os nomes de santo como eram nomeadas as terras no passado devido os proprietários serem muito devotos como São Cristóvão, parte leste do quilombo abrangendo uma família e seus membros, assim como São Caetano que se localiza na parte oeste. Ambas as partes da comunidade concentram famílias numerosas e tradicionais deste quilombo.

Na pandemia do Coronavírus as medidas tomadas pelo Grupo de Combate, com envolvimento da comunidade, resultaram na construção de uma barreira sanitária de controle de entrada e saída. Porém muitas das pessoas da comunidade necessitaram viajar a Belém para a retirada do benéfico do seguro defeso bem como o auxílio emergencial do governo federal, assim como outros preferiam enfrentar as grandes e aglomeradas filas na casa lotérica de Salvaterra tendo que dormir de um dia para o outro na fila.

As tomadas de precauções eram muitas mais nada disso foi tão suficiente para impedir a chegada do vírus nessa comunidade a qual foi a primeira a ter caso de infecção, atingindo o homem mais velho de todas as comunidades quilombolas de Salvaterra.

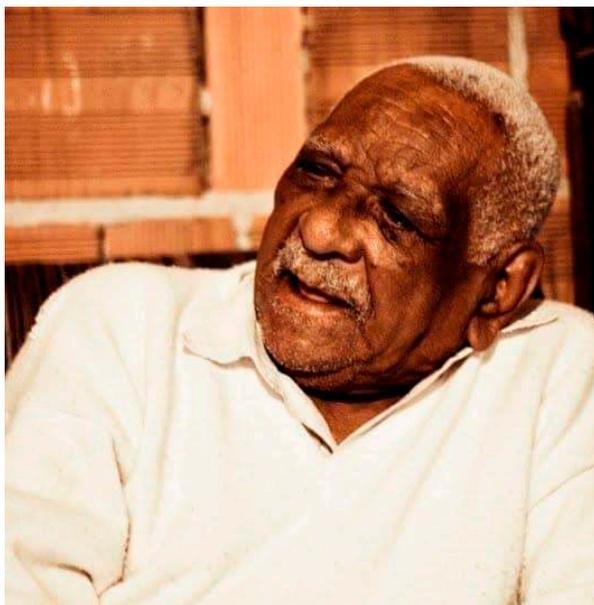
O senhor Juvenal Luz Bento era filho de um dos fundadores da comunidade. De forma dedicada organizava as festas religiosas, cuidou da abertura da escola. A idade nunca foi o problema para ele pois ia sempre de bicicleta na comunidade vizinha DEUS AJUDE visitar os parentes e amigos, bem como ultimamente estava indo caminhando de pés. Era homem católico, muito religioso que sobreviveu seus últimos anos com pressões para que virasse evangélico mais resistiu.

O Covid alcançou ele através de pessoas assintomáticas (pessoas que não apresentam sintomas). Foi internado no hospital municipal de Salvaterra, depois ficou em isolamento domiciliar. Por último, foi encaminhado para o hospital Abelardo Santos em Belém. Foi vencido pelo Covid 19 no dia 04 de junho de 2020. Infelizmente não pode ser enterrado em suas terras, nem visto por seus familiares uma vez que as recomendações da Organização Mundial da Saúde exigem que sejam seguidos seus protocolos.

Nossa homenagem ao carinhoso Tio Ná.

Que descanse em paz!

## **BENTO, UM DOS FUNDADORES DA UNIDOS DA PIEDADE MORRE AOS 93 ANOS**



Fonte: A Gazeta: “créditos à família. 19/06/2020.

Nascido e criado no Morro da Piedade, em Vitória, Omício Elias Silva, mais conhecido como Sr. Bento morreu em decorrência da Covid-19. Foi um dos fundadores, ao lado de Aloísio Paru, da Escola de Samba Unidos da Piedade, onde morou nesta comunidade desde 1912.

De acordo com seu neto, Jocelino Junior, em entrevista concedida ao jornal *A Gazeta*, afirma que seu avô foi “Sempre muito trabalhador, pai de 14 filhos, uma centena de netos, outras dezenas de bisnetos e alguns tataranetos já. Defensor da justiça, da igualdade, da irmandade, da coletividade (...). Diz ainda “Sobre o que ele significa para mim e para todos os outros netos e familiares: um pilar, um dom de sabedoria, conhecimento nato”.

Fonte: *A Gazeta*. Matéria: **Aos 93 anos, morre Sr. Bento, um dos fundadores da Unidos da Piedade**. Disponível no endereço:

<<https://www.agazeta.com.br/es/obituario/aos-93-anos-morre-sr-bento-um-dos-fundadores-da-unidos-da-piedade-0620>>. Acessado no dia 23/06/2020.

## PROFESSORA BERNITA MIGUEL, POVO MACUXI

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



Fonte: via whatsapp, 2020.

Faleceu no dia 21 de maio de 2020, vítima de Covid-19, a acadêmica Bernita Miguel, do povo Macuxi. Bernita cursava Licenciatura Intercultura no Instituto Insikiran da Universidade Federal de Roraima e ainda atuava como professora de língua Macuxi na Escola Estadual Indígena Artur Pinto, na comunidade Nova Esperança/Alto São Marcos/terra indígena São Marcos, no município de Pacaraima/RR.

# PROFESSOR MACUXI FAUSTO MANDULÃO, NOTA DE PESAR

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



Foto: Fausto Mandulão. Via: Glycyá Ribeiro

**NOTA DE PESAR  
EM MEMÓRIA DO  
GRANDE LÍDER  
FAUSTO DA SILVA  
MANDULÃO**

Em nome das 246 comunidades que representa, o Conselho Indígena de Roraima (CIR) vem a público prestar condolências aos familiares e amigos do professor indígena Fausto Silva Mandulão, da etnia Macuxi, que faleceu nesta quarta-feira (3) vítima da covid-19. Grande liderança que lutou em prol da Educação Indígena, o professor Fausto, como era carinhosamente conhecido, tinha 58 anos e morava na comunidade Tabalascada, região Serra da Lua. Atualmente, ele fazia parte do corpo docente da Escola Estadual Indígena Professor Ednilson Lima Cavalcante, da comunidade Tabalascada. Guerreiro que atuou desde 1979 na Educação Indígena, ele tinha apenas 17 anos quando iniciou sua incansável luta pela educação específica e diferenciada nas escolas indígenas e também no ensino superior, tendo importante participação no debate para a criação do Instituto de Formação Superior Indígena (INSIKIRAN). Ao longo de 41 anos de muito trabalho e dedicação, o professor Fausto foi representante da Comissão de Professores Indígenas do Amazonas (Copiam), integrante da comissão que discutiu em 2005 a política voltada à educação escolar indígena, coordenador da Organização dos Professores Indígenas (OPIIR), Conselheiro da Educação, e em 2019 participou da construção do Protocolo de Consulta da Região Serra da Lua. Neste momento de muita dor, o CIR, em nome do movimento indígena de Roraima, lamenta a perda de uma grande liderança. Deixamos nossa solidariedade a todos e rogamos que Deus o tenha em seus braços. Seguimos firmes na caminhada para manter vivo seu legado e exemplo em defesa da educação escolar indígena.

Conselho Indígena de Roraima, 3 de junho de 2020

Fonte: CIR

O professor Fausto da Silva Mandulão é o terceiro professor a falecer por conta da pandemia do Covid-19. Fausto é do povo Macuxi e foi um dos pioneiros a defender a educação indígena de forma específica e diferenciada para as comunidades indígenas de Roraima. Atualmente estava morando na comunidade Tabalascada – região Serra da Lua e atuava no corpo docente na Escola Estadual Indígena Professor Ednilson Lima Cavalcante. Fausto era formado em Licenciatura Intercultural, habilitado em ciências sociais pelo Instituto Insikiran da Universidade Federal de Roraima. Foi representante da Comissão de Professores Indígenas do Amazonas (Copiam), integrante da comissão que discutiu em 2005 a política voltada à educação escolar indígena, foi coordenador da Organização dos Professores Indígenas (OPIRR), e ainda participou da construção do Protocolo de Consulta da Região Serra da Lua. O professor Fausto deixa cinco filhos e onze netos.

Fonte: Nota do Conselho Indígena de Roraima.

## **PROFESSORA MAIKA, PROFESSOR LUIZ EMILIANO E GETÚLIO TOBIAS (CIR)**

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



Foto: Professora Maika Ferreira Melo e Professor Luiz Emiliano



Mais dois professores indígenas que atuavam nas comunidades de Roraima foram vítimas do Coronavírus.

A professor Maika Ferreiras faleceu as 4 horas da manhã do dia 04 de junho de 2020. Atualmente fazia parte do quadro de professores da Escola Estadual Indígena Riachuelo, na comunidade Sucuba, região Tabaió (Alto Alegre), mas já tinha atuado em outras comunidades como Serra do Truarú, na Escola Estadual Indígena José Aleixo Angelo. Trabalhava com a turma do 3º ano do ensino fundamental I. Maika deixa duas filhas, um filho e seu companheiro.

Ainda no dia 04, faleceu também o professor Luiz Emiliano também da Escola Estadual Indígena Riachuelo. Luiz era professor de língua Wapichana.

Com estes dois, já são seis professores indígenas vítimas do Coronavírus:

Professora Bernita Miguel, povo Macuxi.

Fausto Mandulão, povo Macuxi

Professora Dulcirene Freitas, povo Taurepang

Professora Elizabeth Ribeiro, povo Wapichana.

Professora Maika Ferreira Melo

Professor Luiz Emiliano, povo Macuxi

## DUCIRENE FREITAS E ELISABETH RIBEIRO, NOTA DE PESAR

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



**NOTA DE PESAR EM MEMÓRIA DAS PROFESSORAS:**

**Dulcirene Freitas** **Elisabeth Ribeiro**

O Conselho Indígena de Roraima (CIR) vem neste momento de muita dor e tristeza prestar condolências aos familiares e amigos das professoras Dulcirene Freitas de Lima, 47 anos, da etnia Taurepang que foi a óbito no dia 30 de maio, e também da professora Elisabeth da Silva Ribeiro, 37 anos, da etnia Wapichana, que faleceu nesta segunda-feira (2). Mulheres fortes e guerreiras, ambas foram vítimas do novo coronavírus e lecionavam na escola indígena Iuxaua Luiz Cadete, na comunidade Canaurin, região Serra da Lua. Deixamos nossos sentimentos à comunidade Canaurin em nome das 246 comunidades indígenas que representamos no estado e rogamos a Deus que as receba em seus braços. Informamos ainda que com estes dois novos óbitos chega a quatro o número de professoras indígenas vítimas da covid-19 em Roraima e por isso também manifestamos nossa preocupação, pois outros docentes indígenas também vêm apresentando sintomas nas comunidades. Exigimos que a Secretaria de Educação do Estado de Roraima tome providências quanto às formas de aula que estão sendo aplicadas nas comunidades, uma vez que os professores vêm sofrendo pressão para dar conta do ano letivo mesmo em meio à pandemia. Reafirmamos nosso compromisso de defender nossos povos. Seguimos firmes!

Conselho Indígena de Roraima, 03 de junho de 2020

## NARISIO BARNABÉ MACUXI, NOTA DE PESAR

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



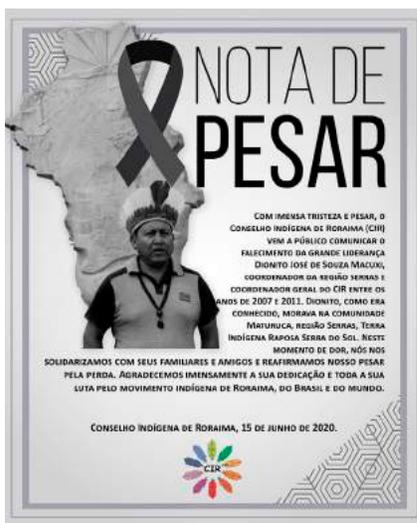
**NOTA DE PESAR E REPARAÇÃO**

Nesse momento de tristeza e dor o Conselho Indígena de Roraima, representante de 246 comunidades indígenas, vem ao público prestar solidariedade aos amigos e familiares do parente Narisio Barnabé da Silva, 61 anos, etnia Wapichana, da comunidade da Barata, região Taboão. Ele atuou como Iuxaua, e veio a óbito ontem, 11 de junho de 2020. Conforme a notícia repassada hoje mais cedo, afirmamos que tinha sido de Covid-19, na verdade foi apenas uma suspeita, no qual, não teve confirmação e nem foi possível verificar a causa da morte pois o falecimento foi na comunidade, mas foi uma vida que assim como as outras deixaram para trás suas histórias, seus legados e suas conquistas. Lamentamos pela perda de nossos parentes. Deixamos nossos profundos sentimentos e o desejo que suas trajetórias possam continuar vivas em nossa memória. Força e coragem à comunidade Barata.

Fonte: CIR

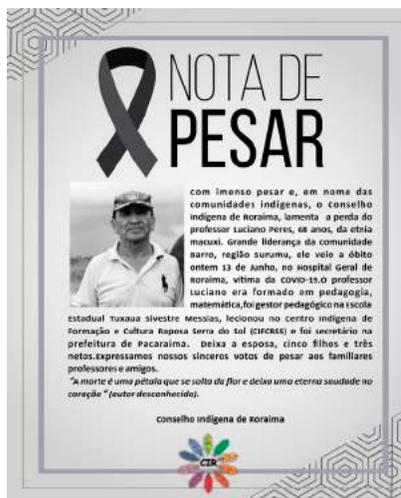
## DIONITO JOSÉ DE SOUZA MACUXI, NOTA DE PESAR

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



## LUCIANO PERES, NOTA DE PESAR

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



## ALVINO ANDRADE DA SILVA, NOTA DE PESAR

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



# NOTA DE PESAR



Manifestamos nosso pesar e solidariedade aos familiares e amigos do professor Alvino Andrade da Silva, 59 anos, etnia macuxi, pelo falecimento ocorrido neste sábado (20), vítima da COVID-19. O professor Alvino Nasceu na Comunidade Indígena Boqueirão, região Tabaió, município de Alto Alegre, atualmente residia na capital Boa Vista. Formado em Filosofia e sociologia, militante atuante do movimento indígena em Roraima, participou do grupo que elaborou a proposta inicial do Instituto de formação Superior Indígena da UFRR – INSIKIRAN, coordenou

o projeto E'ma Pia, plano base para o ingresso de estudantes indígenas na UFRR nos diversos cursos da graduação através do Processo Seletivo Específico para Indígenas-PSEI, foi integrante na elaboração da implantação do Programa do Território da Cidadania da T.I Raposa Serra do Sol e São Marcos em Roraima de 2008 a 2012. Também foi Assessor Especial do reitor da Universidade Estadual de Roraima de 2015 a 2017. Alvino deixa a esposa e um casal de filhos. Manifestamos nossos mais sinceros sentimentos, e rogamos que Deus possa confortar os vossos corações e dar muita força a todos neste momento de dor e tristeza, agradecendo a sua incansável luta pelas conquistas do movimento indígena.

Conselho Indígena de Roraima, 21 de junho de 2020



# MANIFESTO MUNDURUKU: ESTAMOS DE LUTO! - CACIQUE VICENTE SAW, PROFESSOR AMÂNCIO IKON MUNDURUKU, JERÔNIMO MANHUARY, ANGÉLICO YORI E RAIMUNDO DACE

Movimento Munduruku Ipereg Ayu



## MANIFESTO MUNDURUKU

### Estamos de luto!

“O rio é nosso tudinho. Vivemos da terra. Da cabeceira até a boca. Então, esse é nosso pensamento, dizer que está fora da área, não está. Está onde nós moramos, nós andamos em todo canto, não é só num lugar não. Então é muito bom vocês ouvirem a gente, nós temos o nosso pensamento, vocês tem o seu. Tem que mostrar também a nossa força, porque estamos no nosso direito, para defender o nosso rio, não pode estragar nosso rio e nossa mata”.

Essa foi a fala do grande Cacique Vicente Saw, da aldeia Sai Cinza que nos deixou no dia 01 de junho com setenta e um anos e com muito conhecimento sobre a defesa de nosso território que o pariwat quer destruir de várias formas. Também nos deixou no dia de hoje (02 de junho), o guerreiro e professor Amâncio Ikon Munduruku, com apenas sessenta anos, uma grande liderança no médio Tapajós, Tio Amâncio inspirava os demais. Está sendo uma das formas de destruição de nosso povo, a morte dos nossos sábios, nossos velhos, nossos conhecedores.

Essas perdas não têm como reparar, esses senhores são guardadores do conhecimento que partiram pela doença covid-19. Perdemos também, Jerônimo Manhuary (86 anos), Angélico Yori (76 anos) e Raimundo Dace (70 anos) para o coronavírus. São cinco Munduruku internados em estado grave em Jacareacanga, hospital sem UTI. Mais um Munduruku do médio que também esta internado. Essa mortandade no nosso povo não começa aqui, mas esse é um momento de luto para todos nós.

Cacique Vicente Saw e nossos sábios descansem em paz. Como dói perder uma liderança admirável, desejamos pêsames para todas as famílias Saw do povo Munduruku, e todo povo. É como perder uma biblioteca que ensinava a todos.

Perdemos um grande líder, grande guerreiro, que lutou muito pelos direitos dos povos indígenas e pelo povo Munduruku, um pai, sempre alegre, mesmo nas dificuldades, como nós Munduruku fazemos. Temos que resistir, tentar ser ainda mais forte, mesmo quando paramos e observamos que tem muitas estrada ou rios para caminhar e que não devemos perder as esperanças.

Que Karosakaybu, nosso criador, o acompanhe para um bom lugar. Vocês, nossos anciões, deixaram legado à resistência Munduruku!!!

Amâncio Ikon Munduruku, Vicente Saw Munduruku, Angélico Yori, Raimundo Dace e Jerônimo Manhuary, Presente!

## HIGINO PIMENTEL TENÓRIO, NOTA DE PESAR

Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)



### NOTA DE PESAR



É com imenso pesar que a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) comunica o falecimento do **Higino Pimentel Tenório Tuyuka**, professor, liderança e conhecedor tradicional Tuyuka, em Manaus, ontem, 18/06, às 23h30 por Covid-19, aos 65 anos.

A Federação presta os mais sinceros sentimentos de solidariedade à família e a todos por essa perda irreparável.



# HOMENAGEM DA COIAB E DOS POVOS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA PARA O LÍDER BEPKOROROTI PAYAKAN KAYAPÓ

Coordenação das Organizações indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB)

Manaus, 17 de junho de 2020



Partiu nesta manhã o grande líder Kayapó Bepkororoti, mais conhecido como Paulinho Payakan. Mais uma vida levada pela Covid-19! Para os povos indígenas, em especial os Kayapó, mais uma enciclopédia de conhecimento tradicional que se vai! Para nós, do movimento indígena, mais um companheiro de luta e liderança de referência que nos deixa!

Payakan saiu ainda jovem de sua aldeia e passou um tempo trabalhando com a Funai e conhecendo cidades e a vida fora da Terra Indígena, como estratégia para “pesquisar o mundo dos kuben (não-indígenas)”, como gostava de dizer. Quando retornou ao seu território, já como uma jovem liderança, teve participação fundamental em vários processos de luta do seu povo, inclusive na demarcação da Terra Indígena Kayapó nos anos 1980.

Payakan participou nas discussões da Assembleia Constituinte que asseguraram a inclusão dos Artigos 231 e 232 na Constituição Federal de 1988, tão importantes para os povos indígenas no Brasil. Inteligente, ótimo orador e grande estrategista, sua voz em defesa dos povos indígenas foi bem longe, no Brasil e no mundo, em várias viagens internacionais, divulgou a luta indígena, buscou parceiros e fez inúmeras denúncias.

Payakan também foi um grande defensor do meio ambiente, tendo papel chave na articulação dos povos indígenas com a temática ambiental e do desenvolvimento sustentável. Foi uma referência internacional para o assunto. Entre as várias homenagens, foi capa da importante revista Parade (Washington Post) com o título “O homem que poderia salvar o mundo”.

Payakan nunca deixou de usar sua inteligência e voz para lutar pelos povos indígenas. Sempre foi atuante na sua região, nos assuntos relacionadas aos Kayapó. Em 2016, foi eleito Presidente da FEPIPA, pois estava engajado na luta dos povos do Pará, e com frequência em Brasília em diversos movimentos, tendo presença marcante nos Acampamentos Terra Livre.

Payakan é o símbolo de uma liderança indígena! Muito ligada às suas tradições e orgulhoso da beleza da cultura Kayapó! Mas também ligado na modernidade, fazendo filmagens, tirando suas fotos e conectado com o mundo.

Da sua generosidade de compartilhar conhecimentos e sabedoria, da sua força e inteligência para a luta, mas também de sua alegria contagiante. Payakan nos deixa com muitas lembranças e inspirações! Ficaremos aqui dando continuidade as batalhas em defesa dos nossos direitos e com saudades e ótimas lembranças.

Vá em paz nosso GRANDE e INESQUECÍVEL GUERREIRO  
Bepkororoti Payakan!

## MORRE PRIMEIRO CACIQUE PUYANAWA MÁRIO CORDEIRO DE LIMA NO ACRE



Mário Cordeiro de Lima Puyanawa, de 77 anos, morreu vítima de Covi-19 neste sábado (20) —



Índigena reorganizou o povo Puyunawa ainda na década de 80 — Foto: Acervo/Rede Amazônica Acre



Foto Via: Terri Aquino

Fonte: G1/Globo. Matéria: Primeiro cacique Puyanawa de aldeia no AC morre por Covid-19: 'Legado da luta indígena', diz filho. Endereço: <<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/20/primeiro-cacique-puyanawa-de-aldeia-no-ac-morre-por-covid-19-legado-da-luta-indigena-diz-filho.ghml>>. Acessado no dia 23/06/2020.

Faleceu no dia 20 de junho de 2020, o primeiro indígena ao se tornar cacique depois do contato com os brancos, Mário Cordeiro de Lima Puyanawa, de 77 anos, vítima do Covid-19. Pai de oito filhos, cinco mulheres e três homens, o cacique Mario Cordeiro é símbolo de luta pelos direitos indígenas e um dos pioneiros do movimento indígena no Acre.

Seu filho, José Ferreira Puyanawa, que hoje também é cacique, em entrevista concedida ao jornal *Globo*, afirma que : “Ele foi o primeiro cacique nomeado na aldeia depois do contato [com o branco] ainda na década de 80. Então, meu pai deixa essa marca, esse legado pela luta, demarcação das nossas terras, tudo com êxito. Esse homem era um grande amigo, que me ensinou a ser honesto e verdadeiro. Então, a vida dele foi muito isso. Nunca vi ele reclamando de nada, era leal e temente a Deus”

Conta ainda que:

O indígena deu entrada no Hospital do Juruá, em Cruzeiro do Sul, no dia 6 de junho. O cacique diz que o pai começou a sentir dor no corpo, febre e estava com muita tosse. Ele já havia tido alta da UTI, mas voltou ao apresentar piora.

“Ainda tratamos dele por uns seis dias na aldeia. Mas, foi piorando e quando foi para o Hospital de Mâncio, lá fez o exame e já deu positivo para Covid. Ele tinha muita tosse e cansaço”, conta.

## BEKWYJKÀ METUKTIRE

Mayalú Txacarramãe



Mayalú Txacarramãe  
@MayaTxacarramae

Minha avó Bekwyjká, esposa do vovô Raoni sofreu um AVC e infarto agudo de miocárdio, por medo da pandemia do COVID-19 ela não foi removida para a cidade, ela não aguentou e acaba de nos deixar, meu avô está arrasado pela perda de sua companheira, conselheira e matriarca. LUTO 🙏



# BERNADINA JOSÉ PEDRO, POVO MACUXI

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



## MEMÓRIAS, SABERES E PROJETOS QUE A COVID-19 NÃO CONSEGUE LEVAR: LIDERANÇA E ENSINAMENTOS DE TIA UIA NO QUILOMBO DA RASA (RJ)

Oswaldo Martins de Oliveira<sup>616</sup>

Eu falei com meus irmãos, sim. Pode ser. Vai ser uma honra. Pra gente aqui vai ser uma honra está divulgando um pouco da história de nossa mãe. Vai ser uma honra, mesmo. (...) Tá bom,

616. Professor Associado de Antropologia no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador filiado à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e vice-coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFES e coordenador do projeto de pesquisa “Africanidades Transatlânticas: cultura, história e memórias afro-brasileiras a partir do Espírito Santo” (O projeto desenvolvido por uma parceria celebrada entre a Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo e a UFES).

conversei com meus irmãos. Eles, pô! Não precisava nem você entrá em contato com a gente, rapaz! Uma coisa dessa, não pode deixar passar, não. Tá bom meu amigo? (Clóvis Oliveira da Costa, 37 anos, em 23/06/2020).



Tia Uia. Foto: Acervo da família



Tia Uia e sua mãe Eva M. Conceição. Foto: Ricardo Alvez

O objetivo do presente obituário é refletir sobre vida, projetos e morte ocasionada pela covid-19 a partir da memória de um dos filhos de Tia Uia sobre sua mãe, que foi uma liderança da comunidade quilombola da Rasa, em Búzios (RJ), e que teve o corpo levado por essa pandemia em 10 de junho de 2020. Carivaldina Oliveira da Costa, que nasceu em 03 de junho de 1941, depois de adulta passou a ser conhecida como Tia Uia, foi casada com Ernane Costa, do qual ficou viúva por volta de 1985 e teve que lutar sozinha para criar os oito filhos. No quilombo, além dos filhos, Tia Uia contava com a companhia de sua mãe, Eva Maria Conceição, que ainda está viva aos 110 anos de idade.

E minha mãe criou os filhos sozinha, entendeu? Nunca deixou faltar nada pra gente, sempre foi uma guerreira. E sempre ajudando o pessoal na Rasa. (Clóvis Oliveira da Costa, 23/06/2020).

Quando entrei em contato com Clóvis, seu filho, para obter a permissão para elaborar este obituário, para que seu nome, imagem e exemplo de vida permaneçam na memória dos vivos, sobretudo de seus sucessores e dos demais quilombolas, depois de consultar seus irmãos sobre tal possibilidade, disse-me ter sido repreendido por eles/as, pois teriam dito que essa era uma iniciativa que ele não precisava consultá-los, visto que a história de sua mãe deveria ser conhecida e reconhecida por um número máximo de pessoas possíveis. Tal é o sentimento de honra e gratidão dos filhos em relação à mãe que fez da vida uma doação em defesa deles/as e de outros integrantes da comunidade.

Enquanto enviava-me áudios a respeito de sua mãe, Clóvis falava também de suas ações, pois, inspirado nos ensinamentos dela, estava atuando em um projeto do Quilombo de distribuição de cestas básicas de alimento e água na comunidade, que teriam, segundo ele, sido enviadas pela Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro (da qual sua mãe foi uma das associadas fundadoras) e por pessoas que os integrantes da comunidade nunca conheceram.

Além das imagens, Clóvis enviou-me fotos e áudios dele recordando as ações e projetos que sua mãe desenvolveu na comunidade quilombola da Rasa, como segue:

1º) Lembra que seus avós deixaram terrenos relativamente grandes para sua mãe e seu pai e que, devido ao fato de viverem em um território cobiçado na região, ao ficar viúva, como uma forma de se proteger, sua mãe foi assentando em terras que havia herdado famílias nordestinas que chegavam na comunidade com números elevados de crianças famintas pedindo alimentos. Ela ensinava que o mar era uma fonte de alimentação. Atualmente, segundo ele, existe mais de uma dúzia de famílias que chegaram do Nordeste assentadas em “terra de herança” de seus avós.

2º) Recorda com facilidade que a educação transmitida por sua mãe em relação a hospitalidade era extremamente rigorosa, pois quando chegava visita em casa, ela colocava “a gente pra comer na varanda e botava os de fora na mesa pra comer”. Afirma que a casa estava sempre cheia de sobrinhos dela e de outros parentes de longe que tiravam proveito da bondade dela, mas mesmo assim estava sempre alegre, o que teria lhe rendido o apelido de Tia.

3º) Afirma que tem entre 25 e 30 anos que sua mãe entrou no movimento quilombola, onde ela conseguiu algumas políticas públicas para a comunidade, como: um laboratório ortodôntico, cestas básicas de alimentos para as famílias, um projeto de pesca relacionado a maricultura, obtenção de equipamentos de informática (30 computadores) para ensinar às crianças da comunidade.

Por fim, é a falta de projetos, de políticas públicas e de cumprimento do dever constitucional do Estado e dos governos brasileiros que colocou a comunidade quilombola da Rasa e outros quilombos no território nacional em estado de precariedade e vulnerabilidade frente a pandemia da covid-19. Tia Uia, que ainda tinha muito a viver e a ensinar para sua comunidade, foi mais uma vítima do descaso e da prática genocida do governo brasileiro frente à pandemia. Na Rasa, até o dia da morte de Tia Uia, eram 14 pessoas infectadas, e ela foi à terceira vítima da covid-19 a vir a óbito na comunidade.

Devido às boas ações desenvolvidas por sua mãe na comunidade e por ela pertencer à igreja pentecostal Assembleia de Deus, ao final, Clóvis a definiu com as seguintes palavras: “Então minha mãe, aqui dentro da comunidade, foi uma mulher de Deus!”. Por isso, complementa ele: “Ela foi uma mulher que deixou o legado dela. (...) Isso é um pouquinho da história da minha mãe”.

## GRACILIANO PENA TUKANO

Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)



### NOTA DE PESAR



A Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) vem manifestar os mais sinceros sentimentos de solidariedade à família do Graciliano Pena Tukano, que faleceu, hoje, 30/06, aos 80 anos, mais uma vítima de covid-19 no município de Santa Isabel do Rio Negro.

Como conhecedor tradicional e liderança contribuiu ativamente no movimento indígena no município, especialmente através da Associação das Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro - Acimrn. Inspirou e participou da formação de novas lideranças indígenas que atuam hoje na região. Mais uma perda irreparável para os povos indígenas do Rio Negro.

Desejamos força e luz, que Deus conforte o coração de todos os familiares.



## DOCINEIDE PALMARI, LIDERANÇA DAS MULHERES INDÍGENAS



### NOTA DE PESAR

**O CACIQUE ZÉ BAJAGA APURINÃ VEM POR MEIO DESTA EXTERNAR SEU PROFUNDO PESAR PELA PASSAGEM DA SRA. DOCINEIDE PAUMARI, LIDERANÇA DAS MULHERES INDÍGENAS QUE HOJE TOMBA VÍTIMA DA TERRÍVEL PANDEMIA DE COVID 19.**



**DOCINEIDE DEIXA SEIS FILHOS E O MARIDO AGENOR PAUMARI. DESCANSE EM PAZ GUERREIRA, ESTAMOS DE LUTO E EM ORAÇÃO.**

☆ 20/02/1972  
+ 02/07/2020



## CACIQUE RONALDO CLAUDINO KAINGANG



Joziléia Daniza Kaingang

27 min · 🌐



Nossa família sente a dor de perder um dos nossos, meu primo Cacique [Ronaldo Claudino](#), vítima da COVID19. Choramos juntos tia Odila, a esposa [Lúcia](#), [André Inácio Claudino](#), [Cássia Inácio Claudino](#), [Vera Lucia Claudino](#) e todos os irmãos, filhos, netos, sobrinhos, sobrinhas, tias e tios, primos e primas, a comunidade da [Serrinha Terra Indígena](#).

A impossibilidade de nos despedirmos de seu corpo, de não poder chorar juntos a sua passagem, violenta nosso modo de ser Kaingang mais uma vez.

Descanse em paz Roni.



# FERNANDO MAKARI WAI WAI

*Conselho Indígena de Roraima (CIR)*



## NOTA DE PESAR E REPÚDIO

O Conselho Indígena de Roraima, em nome das 246 comunidades, vem a público manifestar as sinceras condolências aos familiares, amigos e toda a população do povo Wai Wai, pelo falecimento da primeira vítima da Covid-19 da região, o parente Fernando Makari Wai Wai, ocorrido ontem (04) no Hospital Geral de Roraima.

Conforme o relato do filho do seu Fernando, a assistência social do HGR, está pretendendo enterrar o corpo no cemitério de Boa Vista. O povo wai wai defende que isso é inadmissível, pois vai de desencontro com a tradição, a cultura e os costumes e a cosmovisão wai wai em relação aos seus mortos.

A vontade da comunidade é realizar o enterro conforme as suas tradições, mas claro, desde que seguindo os parâmetros e as recomendações sanitárias.

O CIR recebeu um documento da região em nome do povo Wai wai explicando sobre a ação feita pela equipe da SESAI no dia 23 de junho de 2020. De acordo com as lideranças o atendimento foi péssimo sendo feito às pressas e com total desrespeito com a saúde indígena. As lideranças ainda ressaltaram a falta de medicamentos nos postos de saúde.

Diante disso, repudiamos veemente esse modo de atendimento feito pela equipe da SESAI, e exigimos mais respeito com a população indígena, são vidas de nossos parentes que estão em risco.

Quanto à remoção do corpo do senhor Fernando, esperamos que as autoridades atendam o pedido das lideranças para que a cultura, as crenças e tradições do povo Wai wai sejam respeitadas para realizar o ritual fúnebre.

Conselho Indígena de Roraima, 05 de julho de 2020.

## SÉRGIO XEHEMA WAI WAI

*Conselho Indígena de Roraima (CIR)*



# NOTA DE PESAR

O CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA VEM MANIFESTAR O MAIS PROFUNDO SENTIMENTO DE DOR E TRISTEZA PELO FALECIMENTO DO PARENTE SERGIO XEHEMA WAI WAI, DE 83 ANOS, DA COMUNIDADE XAARI, REGIÃO WAI WAI, OCORRIDO ONTEM (05) NO HGR, VÍTIMA DA COVID-19. O CIR SOLIDARIZA COM O SOFRIMENTO DOS FAMILIARES, AMIGOS E TODA A POPULAÇÃO DA REGIÃO WAI WAI, PERANTE ESSA PERDA IRREPARÁVEL PARA O MOVIMENTO INDÍGENA. QUE DEUS CONFORTE E DÊ FORÇAS PARA OS FAMILIARES PARA CONTINUAR NESSA LUTA, POR DIAS MELHORES.

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA, 06 DE JULHO DE 2020.



# CARTA DO POVO WAI WAI – ALDEIA XAARY (RORAIMA)

*Associação do Povo Indígena Wai Wai Xaary (APIWX)*



ASSOCIAÇÃO DO POVO INDÍGENA WAI WAI XAARY  
ASSOCIAÇÃO DO POVO INDÍGENA WAI WAI



CARTA DO POVO WAI WAI - ALDEIA XAARY (RORAIMA)

## **Pelo direito de sepultarmos nossos mortos com dignidade**

Nesta carta, nossa comunidade faz um apelo às autoridades públicas responsáveis pela saúde em Roraima para **NÃO AUMENTAR** o sofrimento de nosso povo, que já está grande com as mortes de três dos nossos parentes por conta da Covid-19. Pedimos o respeito a um direito humano fundamental: o da dignidade da morte e do sepultamento! Morreram: Poriciwi da aldeia Mapuera (Pará), no dia 05//06; o filho dele, Fernando Makari, da aldeia Xaary, no dia 04/07; Xexewa, também da aldeia Xaary, no dia 05/07.

Não temos sido tratados como seres humanos. As autoridades não têm respeitado nossa lei, nossa cultura, nosso luto por ocasião da morte de um ente querido. Estamos sofrendo com o racismo institucional, por não podermos enterrar e lamentar a morte de nossos parentes de modo digno, de acordo com a nossa cultura.

No dia 28 de junho, Fernando Makari Wai Wai foi levado doente da comunidade Xaary, na Terra Indígena Wai Wai, para o município de Rorainópolis. No dia 30 de junho, encaminhado para o Hospital Geral de Roraima (HGR), em Boa Vista, onde piorou. Faleceu na madrugada do dia 04 de julho de 2020. Tão logo ficamos sabendo, solicitamos o envio do corpo para o Xaary, onde vivem sua esposa, filho, irmã e outros parentes. Queríamos fazer o luto e o sepultamento. Mas ficamos sabendo que o corpo não seria liberado pelo DSEI Leste, segundo alegação que não seguiríamos as recomendações sanitárias e que não haveria um funcionário do DSEI ou da FUNAI disponível para acompanhar o enterro e vigiar o cumprimento das normas. Então, contactamos o Ministério Público Federal (MPF) em Roraima para assegurar nosso direito.

Informamos ao MPF que seguiríamos as recomendações sanitárias, conforme documento enviado ao DSEI Leste com cópia ao órgão federal. Queríamos fazer o mesmo que fizemos no estado do Pará, na aldeia Mapuera, onde foi enterrado o corpo do nosso parente Poriciwi falecido de Covid-19. Ele foi removido do hospital em Santarém para a comunidade, no município de Oriximiná. Lá, foi enterrado segundo todos os protocolos sanitários, autorizado pelo DSEI Guamá-Tocantins, com a recomendação do MPF em Santarém. Do mesmo jeito, o MPF em Roraima, após nos ouvir e checar o caso no Pará - ofício do MPF Santarém e registro fotográfico - acatou nossa demanda, expedindo uma recomendação de ofício para o traslado do corpo de Makari de Boa Vista ao Xaary, em São João da Baliza. Mas os responsáveis do DSEI-Leste não aceitaram. Eles negaram enviar o corpo de nosso parente, mesmo depois da nossa solicitação formal e da recomendação favorável do MPF!

Essas pessoas não estão respeitando nossa dor e nosso sofrimento. Perante a nossa lei, quando um parente morre precisamos cuidar que ele seja enterrado na nossa terra, perto dos parentes vivos, onde nossos filhos e netos continuarão vivendo. Precisamos orar para que sua alma descanse em paz! Não precisamos aglomerar ou abrir o caixão para isso.

A lei dos *Karaiwá* (não-indígenas), de acordo com a Constituição Federal e com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, elenca a dignidade da pessoa humana, o direito à morte digna e ao sepultamento digno. Mas o DSEI-Leste não respeitou esse direito e mandou enterrar o corpo de nosso parente Makari Wai Wai numa terra distante!



ASSOCIAÇÃO DO POVO INDÍGENA WAI WAI XAARY  
ASSOCIAÇÃO DO POVO INDÍGENA WAI WAI



Por isso, estamos manifestando nosso repúdio a essa atitude. Por isso que prendemos o carro da SESAI e não vamos liberá-lo até que o corpo seja devolvido para nós.

Em 5 de junho de 2020, no Pará, Renato Poriciwi Wai Wai foi a primeira vítima da Covid-19 entre nosso povo. Ele era pai de Fernando Makari Wai Wai, falecido um mês depois aqui em Roraima. A família, que já estava sofrendo com a primeira morte trágica de um ancião e importante líder do povo Wai Wai, agora se vê diante da perda de mais um ente querido e de não poder enterrá-lo de modo digno, de acordo com a nossa cultura. No Pará isso foi respeitado! Nosso direito foi respeitado. As normas sanitárias para o enterro foram respeitadas! Por que não aceitam em Roraima?

Além disso, na comunidade Xaary vivem mais de 140 pessoas e mais de 50 estão com sintomas dessa nova doença que os não indígenas trouxeram! A equipe de saúde chegou na comunidade em 23 de junho, quando já havia mais de 40 pessoas com febre, falta de paladar e de olfato, dores de cabeça e no corpo e cansaço. Fizeram alguns testes rápidos e OITO parentes tiveram resultado POSITIVO! Pedimos para testarem mais gente e que todos com sintomas, incluindo os negativos, fossem medicados, mas a equipe presente informou que os testes e medicamentos eram caros e só os casos positivos seriam tratados. Estamos nos cuidando desde o início com nossos remédios caseiros! Mas a doença piorou para algumas pessoas na segunda semana da doença. A grande quantidade de parentes que devem estar contaminados e que não estão recebendo tratamento adequado é MUITO mais perigosa para nós do que o enterro do corpo do Makari na comunidade.

Ontem, um dia após o corpo de Makari ser enterrado contra nossa vontade em Boa Vista, outro parente nosso, Xexewa Wai Wai, de 80 anos, também faleceu no HGR na capital. Hoje, novamente contra nossa vontade, os *Karaiwá* vão enterrá-lo na cidade! Por que não respeitam nosso sofrimento, nossa cultura e nossos direitos, como determina a lei?

Além do Xaary, a comunidade Anauá, que fica muito próxima de lá, também tem casos suspeitos. Ouvimos relatos que alguns parentes têm evitado dizer que estão com sintomas, com medo de serem levados para o hospital na cidade, morrerem e serem enterrados lá. Há o caso de um parente que saiu com febre para coletar castanha na floresta. Será que ele vai contaminar outros, e vão morrer lá? Agora está acontecendo que nossos familiares estão com receio da remoção para a cidade.

Essa é a consequência do DSEI não nos ouvir, de não nos deixar trazer os corpos para o enterro na nossa terra! Como se não bastasse a falta de medicamentos, de profissionais qualificados, de testes e de atendimento adequado, também não somos ouvidos! Depois de mortos, nossos parentes são enterrados longe de nós. Para piorar nosso sofrimento diante da pandemia e da morte trágica, sofremos também com o racismo.

Esta é a nossa denúncia! Estamos profundamente tristes e indignados! Afirmamos que nossa dor só será acalmada quando os corpos dos parentes mortos retornarem para o sepultamento na terra onde nascemos e vivemos e onde viverão nossos filhos e netos. Apenas então teremos paz para fazer nosso luto e só então devolveremos o carro da SESAI.

Terra indígena Wai Wai, Aldeia Xaary, São João da Baliza, 06 de julho de 2020.

## OTÁVIO DOS SANTOS, SATERÉ MAWÉ



O Tuxaua Otávio, de braços cruzados com a camisa da seleção brasileira (Acervo CTI)

Fonte: Amazônia Real. Grande liderança Sateré-Mawé, tuxaua Otávio dos Santos morre por Covid-19, no Amazonas. < <https://amazoniareal.com.br/grande-lideranca-satere-mawe-tuxaua-otavio-dos-santos-morre-por-covid-19-no-amazonas/> >. 08/07/2020.

## CACIQUE DOMINGOS MAHORO, XAVANTE



Foto: Antônio Banavita

**Domingos Mahoro**, 60 anos, cacique dos Xavante da Terra Indígena Sangradouro, na região do Município General Carneiro (MT), morreu vítima da Covid-19, no dia 06 de julho, enquanto estava internado no Hospital Estadual Santa Casa, em Cuiabá. Mahoro dirigiu o projeto “Independência Indígena” com instruções para desenvolvimento da agricultura nas aldeias.

“Dia muito difícil, perdi um grande amigo, um irmão, o Xavante Domingos Mahoro e a amizade de mais de 20 anos. O povo Xavante perde um grande líder, um diplomata, um ser humano conciliador, educado, inteligente, um grande orador, um defensor e divulgador da sua cultura, conheceu vários países, mas nunca saiu de sua aldeia, saía para as viagens na busca de fortalecer o seu povo, sua cultura, voltava para a sua aldeia, sempre”, escreveu o fotógrafo e publicitário Antonio Banavita

Boletim do Ministério da Saúde: 102 indígenas Xavante foram infectados pela Covid-19 no Mato Grosso. Nove morreram.

Cf. Safira Campos - “Com a morte de Domingos Mahoro, povo Xavante perde importante liderança.” [pNbonline.com.br/geral](https://pNbonline.com.br/geral) Terça-feira, 07 de julho de 2020. 11h 53

## LUSIA SANTOS LOBATO, BORARI



Dona Lusía com sua bisneta, Maria Elisa Borari, na Oca do Saber Indígena  
(Foto: AIBAC)

**Fonte:** Amazônia Real. Entre festa e luta, a vida da indígena Borari vítima da covid-19. Acessado em 08/07/2020.

## ROSILDA DEMÉTRIO MAGALHÃES, WAPICHANA

*Conselho Indígena de Roraima*

**NOTA DE PESAR**



É com muito pesar que o Conselho Indígena de Roraima manifesta, em nome das lideranças, profundo pesar pelo falecimento de Rosilda Demétrio Magalhães, 60 anos, da etnia Wapichana, ocorrido ontem (03) no Hospital Geral de Roraima, vítima da Covid-19.

Dona Rosilda morava em Boa Vista, mas a sua comunidade de origem era a Barata, região Tabão.

Neste momento de dor e consternação, apresentamos os nossos sentimentos e expressamos as sinceras condolências pela essa grande perda. Só nos cabe pedir que Deus ilumine e dê paz à sua família.

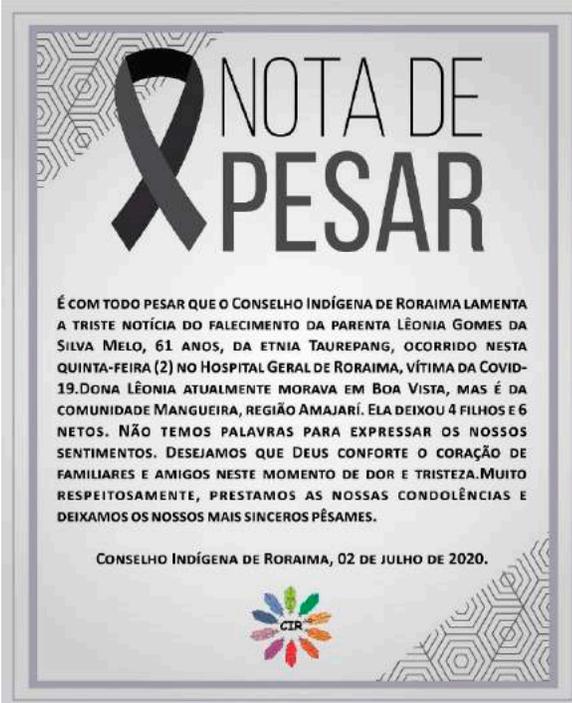
Conselho Indígena de Roraima, 04 de Julho de 2020.



CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA

## LEÔNIA GOMES DA SILVA MELO, TAUREPANG

*Conselho Indígena de Roraima*



**NOTA DE  
PESAR**

É COM TODO PESAR QUE O CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA LAMENTA A TRISTE NOTÍCIA DO FALECIMENTO DA PARENTA LÊONIA GOMES DA SILVA MELO, 61 ANOS, DA ETNIA TAUREPANG, OCORRIDO NESTA QUINTA-FEIRA (2) NO HOSPITAL GERAL DE RORAIMA, VÍTIMA DA COVID-19. DONA LÊONIA ATUALMENTE MORAVA EM BOA VISTA, MAS É DA COMUNIDADE MANGUEIRA, REGIÃO AMAJARÍ. ELA DEIXOU 4 FILHOS E 6 NETOS. NÃO TEMOS PALAVRAS PARA EXPRESSAR OS NOSSOS SENTIMENTOS. DESEJAMOS QUE DEUS CONFORTE O CORAÇÃO DE FAMILIARES E AMIGOS NESTE MOMENTO DE DOR E TRISTEZA. MUITO RESPEITOSAMENTE, PRESTAMOS AS NOSSAS CONDOLENCIAS E DEIXAMOS OS NOSSOS MAIS SINCEROS PÊSAMES.

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA, 02 DE JULHO DE 2020.



## FERNANDO FORTE, KARIPUNA

Todos os povos indígenas do Oiapoque choram a perda do senhor Fernando Forte, Karipuna, liderança da Aldeia Espírito Santo. Mais uma vítima da Covid-19 entre os povos indígenas.



## SANSÃO GUAJAJARA E ROSILDA GUAJAJARA



Sansão Guajajara e Rosilda Guajajara fazem parte dos 27 indígenas que morreram pela Covid-19 no Maranhão, segundo o CIMI — Foto: Conselho Indigenista Missionário

Fonte: G1. Covid-19 já matou 27 indígenas em seis regiões do Maranhão, afirma entidade. <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/07/07/covid-19-ja-matou-27-indigenas-em-seis-regioes-do-maranhao-afirma-entidade.ghtml>>. Acessado dia 08/07/2020.

# A COVID-19 NAS ALDEIAS MARUBO DO VALE DO JAVARI (DJALMA MARUBO)

Organização das Aldeias Marubo do Rio Ituí-Oami



ORGANIZAÇÃO DAS ALDEIAS MARUBO DO RIO ITUI-OAMI

*"Lutar pela resistência e construir um futuro melhor em favor do direito garantido prometido a novo rido do povo Marubo"*

## A CONVID-19 nas Aldeias Marubo do Vale do Javari

A Organização das Aldeias Marubo do rio Ituí (OAMI), em nome do povo Marubo do rio Ituí, organização de Base a UNIVAJA, vem a público informar aos nossos parceiros, às Organizações Indígenas e Indigenistas, à imprensa nacional e internacional acerca do falecimento de um ancião Marubo na aldeia Praia no alto curso do rio Ituí neste domingo, dia 05 de julho de 2020 as 09h00min. Djalma Marubo (com o nome étnico de Yovêmpa) faleceu com 83 anos contaminado pela covid-19. Diante dessa circunstância manifestamos nossa preocupação com os povos da Terra Indígena Vale do Javari, região com o maior registro de povos indígenas isolados e a presença de povos de recente contato, como os Korubo.

O rio Ituí onde a covid-19 acabou de avançar é compartilhado entre os Marubo, os Korubo de recente contato que estão no baixo curso e povos indígenas isolados. Se o vírus não for contingenciado imediatamente, poderá chegar e devastar rapidamente outras comunidades Marubo do rio Ituí, exterminar os Korubo de recente contato e os isolados.

Djalma Marubo foi contaminado mesmo estando meses sem sair da aldeia. Devido a necessidade de buscar insumos e materiais para caça e pesca para alimentar as aldeias, os parentes vão às cidades próximas e correm o risco de contaminação da covid-19. Mesmo estando em isolamento, corremos ainda o risco de contaminação através dos profissionais de saúde. Além dessa questão, tem-se o fato de que no funeral de um ancião Marubo, na nossa cultura, é comum todos estarem presentes e isso aconteceu. Nesse sentido, a tendência é que os casos da doença aumentem nessa região do Vale do Javari.

A ausência de barreiras sanitárias na Terra Indígena Vale do Javari aumenta o risco de contágio em nossas comunidades. Desde o mês de março sabemos que o novo coronavírus se aproximava e até hoje não há barreiras sanitárias

Representação: Rua Cunha Gomes, nº123 - Centro. CEP: 69.650-000 - Atalaia do Norte - AM.  
Sede Central: Aldeia Vida Nova - Rio Ituí - Vale do Javari. CNPJ: 11.195.035/0001-96  
Celular: (97) 99164-4011/3417-1185 E-mail: [eamimarubohotui@hotmail.com](mailto:eamimarubohotui@hotmail.com) / [jucasmarubo@hotmail.com](mailto:jucasmarubo@hotmail.com)



ORGANIZAÇÃO DAS ALDEIAS MARUBO DO RIO ITUI-OAMI

"Tate-pela-recôlta e coacôrta sua letra-sôlta no leme do êrta-porêta-pêta e sôto-rôta do ymo-Itandô"

em nossa TI. A finalização da construção de uma casa de quarentena no rio Quixito só foi anunciada depois que o novo coronavírus entrou em nossas comunidades no médio rio Javari.

Desde o início do mês de junho assistimos a covid-19 assolar as comunidades da Terra Indígena Vale do Javari com a contaminação no médio rio Javari através dos profissionais de saúde, que testaram positivo para o novo coronavírus e trouxeram o novo vírus para nossas comunidades quando sua função deveria ser nos proteger.

Exigimos que o Distrito Sanitário Especial Indígena Vale do Javari se manifeste com clareza nas informações sobre a contaminação no rio Itui e realize imediatamente as testagens e as medidas de isolamento dos casos positivos, atitudes necessárias para contingenciar a covid-19 no rio Itui e evitar o aumento do contágio.

Observamos o enfraquecimento e o descaso dos órgãos públicos pautados por uma política anti-indígena do atual governo. As ações sanitárias e de fiscalização vigentes são insuficientes para nos proteger da covid-19 em nosso território. Já sofremos epidemias diversas de malária, coqueluche, sarampo e hepatites virais que nos custaram muitas vidas por causa da inércia das instituições e autoridades responsáveis. Quando finalmente voltávamos a crescer, temos que lidar novamente com um novo vírus, agora numa escola pandêmica, sem remédios ou vacinas em qualquer parte do mundo. Mais uma vez os não-indígenas trazem doenças para nós. Não podemos deixar que o vírus se espalhe ainda mais em nossas comunidades, devastando-nos mais uma vez.

Atalaia do Norte – AM, 08 de julho de 2020

**A Coordenação da OAMI, organização de Base da UNIVAJA**

Representação: Rua Cunha Gomes, nº123 - Centro. CEP: 69.650-000 - Atalaia do Norte - AM.

Sede Central: Aldeia Vida Nova - Rio Itui - Vale do Javari. CNPJ: 11.195.035/0001-96

Celular: (97) 99164-4011/3417-1185 E-mail: [gamimaruhoitui@hotmail.com](mailto:gamimaruhoitui@hotmail.com) / [lucasmarubo@hotmail.com](mailto:lucasmarubo@hotmail.com)

## FRANCISCO LUIS YAWANAWÁ DA ALDEIA MATRINXÃ

Txai Terri Aquino



Faleceu um dos primeiros professores do Povo Yawanawa, o senhor Francisco Luis, mais conhecido como Chicó, vítima de covid-19. Foi um dos guerreiro que iniciou a luta pela educação indígena diferenciada no país. Chicó era filho de dona Angélica Katukina e de uma grande liderança do povo Yawanawá, Antonio Luiz.

As palavras do antropólogo Terri Aquino são de agradecimento:

Devo um grande favor ao Chicó por ele ter recebido em sua aldeia Matrinxã o meu filho Nixiwaka e sua extensa família quando tiveram que sair da aldeia Nova Esperança [...]. Só pra registrar o meu obrigado de coração ao professor Chicó Yawanawá, que fez sua passagem hoje. A Deus meu amigo Chicó.

## MANUEL PAULINO DO POVO KARAPÃNA

Glademir Sales dos Santos



Senhor Manuel Paulino Karapãna. Foto: Murana Arenillas

Estamos triste com sua partida, vítima do Covid-19, deixando na nossa memória sua trajetória e os valores culturais do seu povo. Sentimos muito sua partida. Ao mesmo tempo nos solidarizamos com seus filhos, filhas e demais familiares, neste momento de adeus.



Senhor Manuel Paulino Karapãna na inauguração do Centro de Ciências e Saberes Karapãna na Aldeia Yupirungá. Foto: Murana Arenillas

Fica a nossa recordação de tudo que ele deixou como portador dos saberes tradicionais do povo Karapãna, colaborando diretamente com o processo de ensino e aprendizagem da língua e cultura no Centro Municipal de Educação Escolar Indígena Tupãna Yupirunga e na construção do Museu Vivo do Povo Karapãna. Esta é uma grande perda de um especialista de saberes tradicionais. Senhor Manuel Paulino, agradecemos por tudo. Que seu espírito nos ajude a lutar por dias melhores para todos os povos da Amazônia.

*Nota: Após termos fechado este livro fomos informados da morte do Sr. Paulino Karapãna, por sua filha Maria Alice, em 9 de julho de 2020. Ele estava convalescente de Covid-19 após duas internações hospitalares sucessivas. O Sr. Paulino, líder dos Karapãna dos Rios Cueiras e do Tarumã estava depondo em ação judicial, acompanhado pelo MPF, que investiga o massacre dos Waimiri-Atroari, quando da construção da rodovia Manaus-Boa Vista (RR) – BR 174. O Sr. Paulino era testemunha ocular e estava depondo em sua língua, com apoio de tradutor. Sobreviveu a massacre e epidemias, mas sucumbiu diante da Covid-19.*

## DEPOIMENTO DE MARILDA KARAPÃNA SOBRE A MORTE DE SEU PAI SR. MANUEL PAULINO KA- RAPÃNA

A fala dele com relação a pandemia quando se ouviu falar dela, ele disse “não adianta fugir está no ar”. Isso porque presenciou epidemias que matou indígenas na época em que era funcionário da Funai, quando nossa família fugia para o centro da Mata, na cabeceira de igarapé. Mesmo assim, lá pegavam a gripe e morriam. **Não escapavam. Ele mesmo foi um que pegou a gripe e ficou muito mal e acabou sendo dado como morto, mas acordou com a lamparina ao redor e conseguiu se recompor na época. Não falou ao certo o ano do acontecimento.**



Senhor Manuel Paulino tecendo palha para ornamentação do barracão de festas.



Comunidade Santa Maria durante visita do PNCSA



Construção do Centro de Ciências e Saberes Karapãna



Inauguração do Centro de Ciências e Saberes Karapãna. Seu Manuel Paulino retirando a faixa da Placa.

## ELIAS MANOEL DE SOUZA PARINTINTIN

Jordeanes do N. Araújo<sup>617</sup>



Símbolo da luta pelo direito a demarcação da terra indígena Parintintin Nove de Janeiro na década de 1990, protagonista em tantas manifestações para o povo Parintintin, Elias Manoel de Souza Parintintin era visto como o Guardião da cultura, o historiador do Povo Parintintin. Era ele quem entoava os cantos nos momentos de tradição (Yrerua - festa do guerreiro Parintintin) e fé (festas de santo), sempre procurado pelos mais novos como conselheiro para conversas a respeito da tradição de seu povo, sobre a história do seu Povo na bacia do rio Madeira.

Guerreiro, contador de histórias, cantor, conselheiro, pai, avô, tio. São muitas as representações citadas pelos parentes e amigos de seu Elias Parintintin, da aldeia Pupunha, na Terra Indígena Nove de Janeiro, Humaitá

---

617. Antropólogo. Universidade Federal do Amazonas. Pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social na Amazônia

– AM. Uma liderança indígena reconhecida por todos os Kagwahiva (Parintintin, Jiahui, Tenharin), cuja vida foi levada pela Covid-19. Elias Manoel de Souza Parintintin lutava contra a doença há algumas semanas, chegou a ser levado para o hospital, mas não resistiu, falecendo nesta sexta-feira (17), aos 89 anos. Sendo o primeiro indígena Parintintin Kagwahiva vindo a falecer pela COVID19.



“Seu Elias foi umas das lideranças fortes para os Parintintin, ele era aquela pessoa que quando a gente chegava, puxava para conversar e ficava horas e horas contando histórias”, conta o analista ambiental do IEB, Carlos Souza.

Edmundo Peggion lembra que Em 1987 “fui convidado pelo professor Miguel Menéndez a participar de uma equipe do projeto Rondon. Na época, a Unesp tinha um campus avançado na cidade de Humaitá (no atual campus da UFAM). A proposta do professor era fazer uma avaliação socioeconômica da população indígena que vivia na rodovia Transamazônica. Eu e um companheiro de equipe partimos para a rodovia Transamazônica

após enviar um pedido para visitar a aldeia Pupunha. Seguimos de carona até aproximadamente o quilômetro 15 e aguardamos em uma casa que ficava na beira da estrada, na região do lago Paraíso. Poucos minutos após nossa chegada, avistamos um homem que vinha ao nosso encontro. Era o Senhor Elias que vinha nos buscar. Lembro sempre desse dia, pois foi a primeira vez que estive na região. O Senhor Elias foi muito gentil conosco. Nos convidou a acompanhá-lo até sua aldeia. Seguimos, ele à frente sempre firme nos passos. Na aldeia, passamos um dia especial, tomamos café e conversamos bastante com todos. O Senhor Elias nos deixou à vontade e se mostrou uma pessoa de grande conhecimento sobre o povo Parintintin. Tenho essa lembrança do senhor Elias: alguém que seguia firme nos passos, sempre reservado e ao mesmo tempo acolhedor”.

Certa vez, quando visitei a aldeia Pupunha, fomos recebido pelo cacique Antônio Marazona e Seu Elias Parintintin. Seu Elias nos recebeu muito bem, era atencioso, seu desejo era conversar sobre a história do seu Povo, sobre como poucos Parintintin ainda falavam a língua materna, contar sobre a luta pela demarcação da terra. O Povo Parintintin perde uma biblioteca de conhecimento, mas continuará firme na luta e, ao mesmo tempo, saberá repassar todo o conhecimento que seu Elias deixou para as futuras gerações de guerreiros Parintintin.

É com profundo pesar e indignação que o NEABI/UFAM/IEAA se solidariza a família do Elias Parintintin e ao Povo Parintintin, desejamos a todos neste momento de luto e tristeza, que o legado do Seu Elias ecoe para sempre na luta pelo direito dos Povos Indígenas Kagwahiva do Sul do Amazonas.

Fotos: acervo da Família.

# ELIAS MANOEL DE SOUZA PARINTINTIN: NOTA DE PESAR DO CONDISI PORTO VELHO RONDÔNIA



**Conselho Distrital de Saúde Indígena  
Porto Velho Rondônia – DSEI PVH  
NOTA DE PESAR**

O Presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena de Porto Velho (CONDISI – PVH), vem a público informar, com imenso pesar, o falecimento do Sr° Elias Manoel de Souza Parintintin, morador da Aldeia Pupunha, Terra Indígena Nove de Janeiro/Humaitá/AM. Trata-se do Historiador do povo parintintin, responsável por repassar a origem e história de um povo, importante liderança dos povos indígenas na região, tinha 89 anos, e veio à óbito na manhã do último dia 17 de Julho de 2020, Sexta-Feira, vítima de COVID-19.

O CONDISI/PVH, lamenta profundamente a morte do Historiador do povo Parintintin, reforça a importância de não se quebrar a regra do isolamento social neste momento. Este Conselho, responsável por acompanhar, planejar, avaliar, fiscalizar, supervisionar e deliberar sobre as ações relacionadas à saúde indígena no território de abrangência do DSEI, continua realizando divulgação junto às comunidades indígenas para não saírem das aldeias e evitarem receber visitas durante a pandemia de Covid-19. É fundamental a conscientização e responsabilidade de todos para juntos vencermos o corona vírus.

Porto Velho, 17 de Julho de 2020.

Atenciosamente,



**Ivanildo Tenharin**  
Presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena  
DSEI Porto Velho - Ro



**CONDISI**  
Conselho Distrital de Saúde Indígena

## EUZÉBIO DE LIMA MARQUES

Conselho Indígena de Roraima (CIR)  
Coordenação Geral da Região Serras

### Nota de pesar



Euzébio de Lima Marques  
1961 - 2020



O Conselho Indígena de Roraima comunica com muito pesar o falecimento de Euzébio de Lima Marques, 59 anos, da etnia Macuxi.

Mais uma liderança vítima da Covid-19, ele faleceu ontem à noite, 16 de julho, na UTI do Hospital Geral de Roraima, em Boa Vista. Ex-tuxaua do Camararém e ex-conselheiro da Região das Serras no Conselho Distrital de Saúde Leste, ele foi um grande guerreiro em prol da saúde indígena e da luta pela demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Atualmente, era professor da escola Eduardo Ribeiro, na comunidade Campo Formoso. Nos solidarizamos com todos seus familiares e lamentamos profundamente mais essa perda aos povos indígenas de Roraima, já tão afetados pela pandemia da Covid-19.

Conselho Indígena de Roraima,  
17 de julho de 2020.



TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL  
REGIÃO DAS SERRAS  
NOTA DE PESAR



REGIÃO DAS SERRAS MAS  
UMA VEZ ESTÁ DE LUTO

A Coordenação Geral das Serras, vem informar com muita dor e tristeza o falecimento do Professor e Liderança Indígena Senhor **Euzébio de Lima**, da comunidade indígena Camararé. Professor lotado na Escola Eduardo Ribeiro, na comunidade indígena Campo Formoso. Vitima de Covid-19. Nós Lideranças Indígenas da região, solidarizamos aos familiares, amigos e a comunidade indígena Camararé as nossas condolências pela perda desse Guerreiro. Que em vida contribuiu na Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas.

Centro Regional Maturuca, 17 de julho de 2020.

**Aldenir Cadete de Lima**  
Coordenador Geral das Serras

## DOMINGOS FUENTES WARAO



Domingos Fuentes testou positivo no dia 11/06/2020 e morreu no Hospital Getúlio Vargas, em Teresina, faleceu no dia 14/07/2020. Domingo morava no abrigo Pitatinga, no bairro Poty Velho - Teresina (PI).

O abrigo, que é administrado pela Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência Social e Políticas Integradas (SEMCASPI) da Prefeitura de Teresina, apresentou 78 casos positivos nos Warao e seu Domingos era um dos infectados



Fonte da informação do óbito: Laboratório do PNCSA/UFPI e Grupo de Pesquisa sobre Identidades Coletivas, Conhecimentos Tradicionais e Processos de Territorialização

## JOSÉ CONCEIÇÃO DE SOUZA CAJUEIRO-79 ANOS/ALDEIA KARUARA



José Conceição, um dos Kokama, que faleceu vítima de covid, músico, tocando violão no dia da inauguração do Centro de Ciências e Saberes-Espaço Cultural Kokama “YATS+ +K+RA”. Centro Lua Verde, em 18 de junho de 2015.

# MORTE DE CRIANÇA TAPIRAPÉ DE 08 ANOS, DO POVO APINÃWA

## Morte

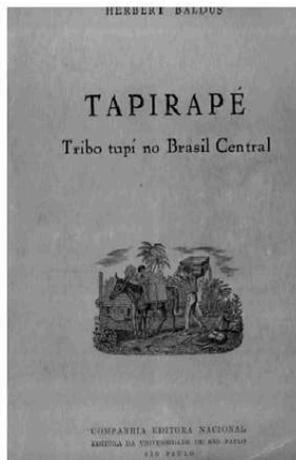
"Morto" é, em tapirapé, *amawá*, termo que significa também "doente". Montoya (2 II 206) dá *Manó* para "Morir, mal de coração, desmayo, amortiguado" e *Ama nó*: "yo mueró".

Vi muitos túmulos dentro das casas de Tampiitaua, mas não vi lá ninguém morrer e ser enterrado. Os meus dados a respeito do assunto se baseiam nas informações dos índios e naquilo que o meu companheiro Kegel observara em viagens anteriores.

Quando alguém falece, o *panché* tira-lhe o *ineuera*, isto é, aquilo que sobrevive ao defunto ou no seu corpo. Para isso sopra fumo contra o tronco e os braços do cadáver e esfrega-os com as mãos de cima para baixo. É por esta razão que o *ineuera* não está dentro e perto da sepultura, mas continua contíguo do solo da aldeia na qual o morto foi enterrado. Os *ineuera* são maus. Não comem nada. Mas dançam e cantam, sendo que ninguém conhece o seu canto. Às vezes, a gente os enxerga de noite; por isso ninguém gosta de sair no escuro. As antigas aldeias estão cheias deles. Os Tapirapé nunca visitam as sepulturas nas aldeias abandonadas. O *ineuera* de um *panché*, porém, não fica na aldeia, mas viaja para longe, até para Goiás (o que na geografia tapirapé significa distância máxima). Lá, éle fuma o seu cachimbo. Kamairabó, ao contar-me tudo isso, explicou que o seu *ineuera* iria fazer assim.

Que o *ineuera* ficã longe do defunto sepultado é provado pelo fato de as rédes dos vivos estarem penduradas diretamente em cima do túmulo e a pouca distância d'ele sem que isso cause o mínimo receio.

Pgs. 300-301.



Morreu no dia 15 de julho de 2020, uma criança indígena de 08 anos de idade do povo Apinãwa, na capital Cuiabá (MT). Em conversa do pai da criança e o jornalista Túlio Muniz, Xiri'í disse que seu filho estava respirando bem, mas parece que o vírus atingiu o cérebro do garoto gerando tumores.

O pai Xiri'í, agora luta para conseguir um vôo e levar o corpo de seu filho para sua aldeia e ser enterrado a maneira de seu povo.

Reproduzimos aqui as palavras de Túlio Muniz a respeito desta morte:

Ao final deste texto listo denúncias recentes.

Xiri'í, meu amigo, meu irmão, está agora sozinho em Cuiabá, e luta para conseguir um avião que o leve, e ao filho, de volta a Confresa.

Por mais problemático que aparente ser num contexto de Covid, o rito funerário Tapirapé deve ser respeitado, ainda que ocorra de forma ressignificada.

O sepultamento Tapirapé é feito dentro da própria casa da família do morto, geralmente em solo localizado embaixo da rede na qual dormia o falecido, e consiste em “uma cova funda que acomoda uma rede armada e costurada de modo a envolver o corpo. Por cima coloca-se madeira e tecidos ou lonas para impedir que caia terra no interior da cova, após isso, uma índia da tribo peneira terra sobre as madeiras e tecidos. Em seguida os Tapirapés ficam em volta da sepultura batendo os pés no chão e fazendo um som que é uma espécie de lamento em ritmo quase cantado. Por último, o cacique pronuncia as palavras de homenagem”.

Fonte: VioMundo. Matéria: Túlio Muniz perdeu um sobrinho indígena. Pede ajuda para o sepultamento. Endereço: < <https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/tulio-muniz-perdeu-um-sobrinho-indigena-pede-ajuda-para-o-sepultamento.html>>. Acessado em 20/07/2020.

## MORRE ROLDÃO KAXINAWÁ E BATISTA KAXINAWÁ

No dia 11 de julho de 2020, morreu o senhor Roldão Kaxinawá aos 99 anos, que esteve internado desde o dia 1º do mesmo mês. Roldão era morador da aldeia Canafista, localizada no município de Jordão, no interior do Acre. Este foi o primeiro óbito registrado na referida cidade, que é considerada uma das mais isoladas do Acre, onde para se chegar só é possível por meio de barco ou avião de pequeno porte. Roldão deixa sua esposa, 10 filhos e cerca de 40 netos. As palavras do seu sobrinho Isaias Sales:

“Meu tio era seringueiro, produtor e também agricultor, um homem muito trabalhador que deixou uma família grande. Ele pegou essa doença lá mesmo na aldeia, assim como eu, e acabou não resistindo. Alguém levou para a gente na aldeia esse vírus, que é muito inteligente. Acredito que ele tenha pego lá pelo dia 6 de junho, e aí ficou muito ruim e teve que ser levado para o hospital”.

Ainda por esses tempos, morreu Batista Kaxinawá. Txai Terri lembra desses dois parentes.

Compadre, lá se foram dois velhos Huni Kuin da minha geração. O velho Roldão Sereno Kaxinawá e o velho Batista Kaxinawá. Um do Jordão e o outro do Humaitá. Vamos sentir as ausências deles, sobretudo seus familiares. O Batista morreu em Tarauacá ou na aldeia Vigilante da TI Humaitá? O velho Roldão Sereno, que conheci em 1975, cortando seringa no Bonfim, junto dos seus irmãos Fernandes e Eliseu Sereno. Vai deixar saudades para os Sereno, segunda maior família Kaxinawa de Jordão. A idade dele

certamente não é 99 anos. Devo ter aumentado de 10 a 15 anos pra ele se aposentar pelo Funrusal. Uma vez ele me disse que eu tinha dado pra ele um anzol pra pescar e comer peixe na cidade de Jordão, onde recebia todos meses sua aposentadoria.

[...]

Grande abraço, compadre meu! Obrigado pelas notícias das aldeias, embora tristes, mas verdadeiras. Salve! Salve!

Fonte: G1-Acre. Matéria: Índio de 99 anos é primeira vítima de Covid-19 de cidade isolada no AC: ‘trabalhador’, diz sobrinho. Endereço: < <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/07/13/indio-de-99-anos-e-primeira-vitima-de-covid-19-de-cidade-isolada-no-ac-trabalhador-diz-sobrinho.ghtml>>. Acessado em 20/07/2020.

# VALMIR IZIDÓRIO MESSIAS

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



## NOTA DE PESAR



O Conselho Indígena de Roraima comunica com imensa tristeza o falecimento de mais um parente, Valmir Izidorio Messias, etnia macuxi, 66 anos, ocorrido hoje (17) no HGR, vítima da Covid-19. Seu Izidorio nasceu na comunidade Barro, região Surumu, atualmente morava em um sítio, no município de Alto Alegre. Deixa a esposa e 5 filhos. Neste momento de dor nós solidarizamos com seus familiares e amigos ratificando nosso voto de pesar pela grande perda.

Conselho Indígena de Roraima, 17 de Julho de 2020.



## NOTA EM MEMÓRIA DE NELSON XANGRÊ

Conselho Indigenista Missionário  
Brasília, DF, 22 de julho de 2020

O Cimi manifesta solidariedade aos familiares de Xangrê e a todo o povo Kaingang. Sua luta serviu e ainda serve de referência para todos os povos indígenas do Brasil



Nelson Xangrê, liderança indígena histórica do povo Kaingang. Foto: Alas Derivas

O Conselho Indigenista Missionário – Cimi manifesta sua solidariedade aos familiares de Nelson Xangrê e a todo o povo Kaingang por sua morte repentina. Nelson Xangrê, líder do povo Kaingang no Rio Grande do Sul, morreu de infarto aos 74 anos, em sua casa, na Terra Indígena (TI) Iraí, norte do estado.

O mundo perde um homem que ajudou a reconquistar terras indígenas entregues pelo estado às empresas de colonização, a combater a política indigenista assimilacionista da Ditadura Militar, a articular o movimento

indígena de resistência contra o colonialismo criminoso que se instalava no Sul do Brasil e, também, a criar caminhos para a consolidação do direito à terra como originário, tradicional e imprescritível.

Seu testemunho e liderança, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, transformaram a configuração fundiária do Rio Grande do Sul. Ele e seu grupo de lideranças articularam e fizeram a desocupação da TI de Nonoai, retomando aquilo que parecia já perdido, suas terras tradicionais.



Nelson Xangrê, no documentário “Terra dos Índios”, de Zelito Viana, em 1979. Foto: reprodução

Nelson Xangrê, junto a outros líderes de seu povo, como Ângelo Kretã e Augusto da Silva, consolidou o mais importante movimento de luta dos povos contra o genocídio indígena e pela retomada das terras, na década de 1970, através da articulação das grandes Assembleias Indígenas. Foi neste movimento que a luta Kaingang atingiu abrangência nacional, ao articular-se também com as batalhas travadas por outros povos, ao lado de figuras históricas como Marçal de Souza Tupã-Y, Xako’iapari Marcos Tapirapé e Xywaeri José Pio Tapirapé.

Xangrê foi líder e estrategista do povo no enfrentamento aos militares, aos arrendamentos e ao saque das terras. Ele e outros líderes escaparam ao confinamento imposto pelo Estado militarizado e tornaram-se protagonistas nas lutas em defesa da vida, das culturas e dos territórios de seus povos e comunidades. Essa luta do povo Kaingang, liderada por Xangrê, inspirou e impulsionou também outro movimento de combate ao latifúndio e pela reforma agrária, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

*Xangrê continuará vivo na memória do seu povo, e seu exemplo será seguido por quem luta contra as injustiças e a opressão e acredita que é possível alterar o curso de acontecimentos aparentemente inevitáveis*



Em 2019, Nelson Xangrê participou do VII Encontro Nacional de Estudantes Indígenas, em Porto Alegre. Sua presença animou a juventude indígena, que marchou pela cidade em defesa de seus direitos. Foto: Roberto Liebgott/Cimi

No contexto de uma política integracionista agressiva, que buscava negar e anular a identidade dos povos indígenas e tentava justificar-se com base numa suposta “aculturação” das populações originárias, Nelson Xangrê defendia o fortalecimento e a valorização o modo de vida tradicional de seu povo.

Seu Nelson deixa um dos maiores legados de resistência, coragem e luta pelos direitos indígenas e continuará a inspirar os povos indígenas nos estados do Sul do país. Ele é, sem dúvida, um pilar da história Kaingang e seu protagonismo serve como referência em todo o Brasil.



Nelson Xangrê e o povo Kaingang, em meio às lutas pela retomada de seu território tradicional, em 1978. Foto: Ricardo Chaves/arquivo pessoal

Xangrê continuará vivo na memória do seu povo e, com certeza, seu exemplo será seguido por quem luta contra as injustiças e a opressão e acredita que é possível alterar o curso de acontecimentos aparentemente inevitáveis.

Vá em paz! Pa'i mag!

## MULHER TIKUNA COM COVID-19 MORREU APÓS SER RETIRADA DE AERONAVE COM PANE

Elaíze Farias (Amazônia Real)

Manaus (AM) – Era 6 de julho quando a indígena do povo Tikuna Neuraci Ramos de Oliveira, diagnosticada com Covid-19, foi embarcada em um avião da empresa Manaus Aerotaxi para ser transferida de Tabatinga, no Alto Solimões, para a capital. No Amazonas, só em Manaus há UTIs (Unidades de Tratamento Intensivo) e estrutura para tratar pacientes graves do novo coronavírus. Neuraci era uma delas, mas nunca chegou a viajar. Já com o motor ligado da aeronave, foi detectada uma pane na turbina e a indígena teve de retornar ao Hospital da Guarnição de Tabatinga. Dois dias depois, ela morreu.

“Embarcaram ela e ligaram todos os aparelhos. Na hora da decolagem, deu problema no avião, disseram que era pane na turbina. Ela retornou ao hospital e o estado dela se agravou da noite para o dia. No dia 08, veio a óbito. Se ela tivesse viajado dois dias antes, acho que conseguiriam trazer a vida da minha esposa de volta”, diz Higson Dias Kanamari, presidente da Associação Kanamari do Vale do Javari (Akavaja). A Terra Indígena Vale do Javari fica no município de Atalaia do Norte, a 32 quilômetros de Tabatinga.

Neuraci é uma das centenas de vítimas da Covid-19 que morreram no Amazonas por deficiência na estrutura hospitalar do interior do Estado e transporte insuficientes para remoções aéreas. A Amazônia Real apurou junto à Secretaria de Saúde do Amazonas (Susam) que o governo Wilson Lima (PSC) disponibilizou apenas três aeronaves para atender pacientes infectados pelo novo coronavírus durante a pandemia. Para um estado de dimensões continentais, com 1.571.000 km<sup>2</sup>, e a polêmica estratégia de centralizar o tratamento de casos graves na capital do Amazonas, o número de aeronaves tem sido incapaz de atender à demanda. E elas não saíram barato.

O governo do Amazonas firmou contrato com a Manaus Aerotaxi, com dispensa de licitação, num total de R\$ 4.151.079 para o período de 29 de abril a 25 de outubro. Outras três aeronaves disponibilizadas pelo Estado são usadas para a remoção de pacientes com outras enfermidades. A Susam afirma que, além de levar em consideração o estado clínico do paciente, as remoções acontecem de acordo com as distâncias de cada município. No início de julho, a empresa recebeu um aditivo de R\$ 2,066 milhões para o serviço de transferência

Em 25 de maio, o Ministério Público Federal instaurou inquérito para “apurar a regularidade do Contrato de Prestação de Serviços nº 31/2020, firmado pela Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas (Susam) com Manaus Táxi Aéreo LTDA para remoção de três pacientes com covid-19”. O procedimento foi provocado por casos do município de Boa Vista do Ramos, no Baixo Rio Amazonas (a 271 quilômetros de Manaus), que precisaram de ação judicial da Defensoria Pública do Estado do Amazonas para serem transferidos para a capital. Segundo a Assessoria de Imprensa do MPF, o inquérito continua em curso.

Wilson Lima é investigado por fraudes na saúde durante a pandemia. Seu governo foi acusado pela Polícia Federal de adquirir respiradores superfaturados de uma empresa de vinhos. Ele teve seus bens bloqueados e sua prisão foi pedida pela PF, mas negada pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Lima também passa por um processo de impeachment na Assembleia Legislativa do Amazonas.

Em abril, a ocupação de leitos de UTI em Manaus chegou a 96%. O pico de internação foi registrado em 23 de abril. Em junho, com a justificativa de queda nos casos, o governo encerrou internações de pacientes com covid-19 no Hospital e Pronto-Socorro 28 de Agosto, uma das unidades de saúde de referência da capital.

No dia 6 de julho, o Hospital Nilton Lins, montado durante três meses

para ampliar a capacidade de internação de doentes por Covid-19, também foi desativado. Apenas a ala indígena continua funcionando. Até 9 de julho, segundo informações do governo do Amazonas dadas à Amazônia Real, existiam 235 leitos de UTIs na rede pública estadual destinados a pacientes da capital e do interior. Naquele dia, a ocupação estava em 51%.

### **Contaminada dentro do hospital**



Neuraci com a filha mais nova do colo, ainda com saúde  
(Foto: Arquivo pessoal de Higson Kanamari)

Internada desde o dia 30 de junho no Hospital da Guarnição de Tabatinga (subordinado ao Comando Militar da Amazônia), único do município com atenção à doenças de média complexidade, mas que não tem UTI, Neuraci Ramos de Oliveira tinha 44 anos e era mãe de oito filhos (cinco com menos de 18 anos) com o marido Higson Dias Kanamari. Ela também tinha três netos. Neuraci foi enterrada no mesmo dia de sua morte, em um cemitério aberto este ano em Tabatinga. Segundo o atestado de óbito, a morte dela foi causada por covid-19, pancreatite aguda e calculose de via biliar.

Desde janeiro, ela frequentava a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Tabatinga, na esperança de ser submetida a uma cirurgia. Em uma dessas idas ao hospital para tratar de outras doenças, Neuraci acabou contraindo o novo coronavírus.

“Ela ia na UPA e lá diziam que precisavam de médico cirurgião para a operação. Quando tinha médico, não havia material cirúrgico. Davam calmante e ela retornava para casa. Diziam que ia desinflamar. No dia 20 de junho, ela deu entrada novamente na UPA e acabou pegando a covid-19”, afirma Higson. Ele conta que na UPA, o estado da esposa piorou e ela precisou passar por procedimentos para retirar líquido do pulmão na tentativa de melhorar a sua respiração. Com a piora, ela foi transferida para o Hospital da Guarnição.

“Os médicos diziam que ela seria removida para Manaus. Isso nos dava esperança. Até que ela piorou bastante e ficou bastante debilitada. Teve parada cardíaca e precisamos que o Hospital da Guarnição arrumasse respirador para ela receber transferência para lá. Na UPA não tinha nem remédio para anemia. Nós que compramos os medicamentos”, denuncia ele.

No dia 3 de julho, Higson foi informado pelo diretor do Hospital da Guarnição que Neuraci já estava cadastrada, desde que chegou, no Sistema de Transferências de Emergências Reguladas (Sister) da Susam e era a primeira da fila dos pacientes daquela unidade de saúde.

Dois dias depois de falar com o diretor, ele foi novamente comunicado, desta vez por uma funcionária do hospital, que Neuraci estava “pronta para viajar” para Manaus. “Eu estava torcendo para que não houvesse outros pacientes mais graves para poder ela ir. Mas o que diziam é que era o Estado do Amazonas é que tinha que mandar o avião, era o Estado que tinha que fazer a remoção”, lembra Higson.

À Amazônia Real, a Susam informou que havia pacientes em estados clínicos mais graves do que Neuraci e com prioridade na transferência e, que no mesmo dia da falha técnica no avião que faria a remoção dela [em 6 de julho], a empresa enviou uma segunda aeronave. Esta informação foi negada por Higson. Segundo ele, a informação que recebeu foi que apenas no dia seguinte é que seria enviada outra aeronave.

“A secretaria vai instaurar procedimento interno para investigar as responsabilidades diante do ocorrido”, disse a nota da Susam.

Segundo a Susam, havia a suspeita de colelitíase (pedra da vesícula) em Neuraci, mas não havia indicação cirúrgica de emergência. O órgão afirmou ainda que, segundo a direção da UPA de Tabatinga, a paciente informou que sabia do quadro de colelitíase há mais de seis meses, mas não procurou o atendimento para a realização da cirurgia eletiva. Essa versão difere do relato do marido. Confirme Higson, Neuraci ia regularmente à UPA na tentativa de receber tratamento e diminuir as dores que sentia.

Nascida em uma comunidade do município de Benjamim Constant, também no Alto Solimões, Neuraci vivia com a família na zona urbana de Tabatinga e por isso não era considerada indígena “aldeada”. Assim, não recebia cobertura de saúde do Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Solimões, unidade da Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde. Ela era atendida apenas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), sem o respaldo da política indígena de saúde.

No último dia 17, Higson levou flores para o túmulo de Neuraci. Com pouco tempo para processar a perda da esposa, aos poucos ele está retomando a coordenação de campanha para arrecadar fundos e doações para seu povo – Kanamari -, o mais afetado pela covid-19 na TI Vale do Javari, após se afastar temporariamente para acompanhar a esposa hospitalizada. Ele é presidente da Associação Kanamari do Vale do Javari (Akavaja).

### Ações judiciais para fazer transferências



Cena registrada em Manacapuru, no interior do Amazonas. (Foto do ensaio “Insulae”, de Raphael Alves)

Como uma das maiores taxas de infecção do país, o estado do Amazonas atravessa a pandemia com infraestrutura deficiente para atender pacientes do interior. Em casos urgentes, é preciso tomar medidas judiciais para que pacientes com Covid-19 sejam removidos para Manaus; a maioria vem a óbito.

Até 10 de julho, o Ministério Público do Estado (MPE) ingressou com cinco ações judiciais para remoção de pacientes em estado grave para Manaus: duas em Tabatinga, sendo que uma delas incluía a transferência de quatro pacientes; e três no município de Tefé, localizado no Médio Rio Solimões. Em Parintins, no Baixo Rio Amazonas, o MPE ingressou com um mandado de segurança com o objetivo de transferir quatro pacientes.

Antes da decisão judicial para a ação do MPE em Tabatinga, dois pacientes faleceram – um deles era um bebê Tikuna de três meses. Uma terceira pessoa foi transferida para o Hospital Delfina Aziz, em Manaus, e a quarta não chegou a ser removida por recusa da família. A promotoria de Tefé também ingressou com ações civis públicas para tentar a transferência de três pacientes em estado grave por Covid-19.

“O Hospital Regional de Tefé recebeu do Estado do Amazonas a capacitação para atendimento de média complexidade, no entanto, não tem capacidade para a regulação de leitos de UTI, tampouco tem sido atendido pelo Estado quando há necessidade de transferência de pacientes para a Capital”, diz trecho das ações judiciais do MPE.

Segundo a ação do MPE, com data de 23 de abril, um dos pacientes aguardava desde 14 de abril pela transferência, “mas o transporte não foi feito devido o Estado não tendo data para aeronave realizar a remoção dele”.

“É de extrema necessidade excelência o acatamento da presente providência, visto estarmos diante de patente OMISSÃO DO ESTADO [sic], que não pode alegar dificuldades de ordem técnica ou financeira à vista da vida de pessoas que necessitam de sua intervenção para viver”, diz a ação. A assessoria de imprensa do MPE disse à Amazônia Real que os pacientes foram transferidos para Manaus, mas não informou se eles sobreviveram ao tratamento. Procurado, o governo do Amazonas disse que “o estado de saúde dos pacientes são reservados à família”.

A reportagem indagou se o MPE recomendou ao governo do Amazonas a adoção de medidas sobre o atendimento a pacientes do interior. O órgão respondeu que “as medidas tomadas pelas promotorias foram de antes da chegada da pandemia no interior. Nelas, o MP recomenda ao poder público que dotasse de condições das unidades de saúde locais, especialmente nas cidades polo de saúde, com equipamentos e profissionais capazes de atenderem pacientes de covid-19 em média e alta complexidade”.

Em cinco polos de atendimento oferecido a 31 dos 62 municípios do Amazonas, a Defensoria Pública do Estado do Amazonas (DPE-AM) entrou com três ações judiciais e precisou atuar com medidas extrajudiciais.

A situação mais grave ocorreu no Polo do Baixo Amazonas, com sede em Parintins, quando foram ingressadas três ações judiciais. Embora tenham sido atendidas, os pacientes faleceram em hospitais de Manaus. Os três pacientes eram do município de Boa Vista do Ramos e deveriam ter sido atendidos por hidroavião e por “considerável demora”, conforme consta os autos do inquérito aberto pelo MPF para investigar o contrato entre a Manaus Aerotáxi e o governo do Amazonas.

“A situação, que já ensejou óbito de um paciente e demorada espera por outro, enseja a suspeita de que haja irregularidade na execução contratual e na fiscalização dos serviços, com utilização insuficiente do hidroavião”, diz o procurador da República Thiago Pinheiro Correa, nos autos do inquérito, que a Amazônia Real teve acesso, ao justificar a abertura do inquérito.

Já em Parintins, um paciente faleceu antes da transferência, segundo a DPE, mesmo após o Sister ter regulado o voo. “Este atendimento foi feito extrajudicialmente, sem a necessidade de ingresso de ação judicial”, diz nota da DPE enviada à reportagem.

“É fato notório e, portanto, não depende de provas que o interior do Estado do Amazonas possui um verdadeiro deserto em oferta de UTIs (não

há, hoje, um leito sequer), fato que é agravado pelas não menos conhecidas dificuldades de deslocamento dos municípios do interior do Estado para a capital Manaus”, diz trecho da ação da DPE.

Na ação, a DPE diz que, “por mais que aparentemente o serviço de transferência de pacientes graves do interior para a capital esteja em funcionamento, a experiência tem mostrado que o tempo de resposta é deficiente”.

Segundo a assessoria de imprensa da DPE, não houve ajuizamento em outros polos do interior do Amazonas, mas a DPE informou que no município de Jutai, acompanhou o caso de um paciente deu entrada em estado grave no hospital e foi inserido no Sister.

Também ocorreu um caso de paciente proveniente do município de Alvarães, cuja transferência para Tefé se deu nos termos do Plano de Ação de Enfrentamento ao Covid-19, com monitoramento da Defensoria Pública, mas ele faleceu durante a viagem para Manaus.

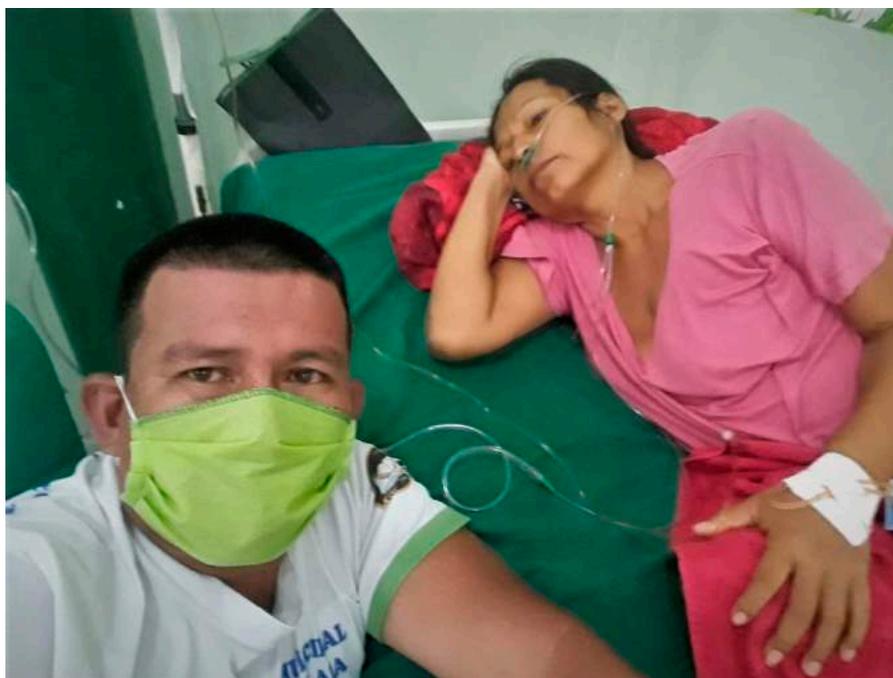
Para a DPE, ao ser questionado sobre como avalia a atuação do governo do Amazonas na atenção aos pacientes infectados pelo novo coronavírus, “o contexto da pandemia revelou de forma muito enfática as deficiências estruturais do serviço de saúde no Estado do Amazonas, especialmente no interior, cuja população tem expressiva dificuldade de acesso a diversos serviços públicos”.

O órgão considera que algumas medidas poderiam ter sido tomadas de maneira mais rápida e eficiente, “como o aumento da quantidade de viagens de UTI aérea e a aquisição de maior quantidade de testes”.

Segundo a DPE, após várias tratativas para melhorar a atenção aos pacientes, a Susam informou que assinaria um termo aditivo recomendado no dia 7 de julho para aumentar a quilometragem dos voos.

Procurada, a Susam disse que o aditivo ao Contrato 031/2020, com a empresa Manaus Aerotaxi, foi assinado em 13 de julho e encaminhado para publicação no Diário Oficial. O aditivo prevê acréscimo no quantitativo de quilometragem contratada para atender a demanda de remoções de pacientes do interior do Estado.

### **Sem respostas para demora na transferência**



Higson Kanamari acompanha sua esposa, Neuraci, quando ela estava internada na UPA  
(Foto: Arquivo Pessoal)

A Amazônia Real procurou a empresa Manaus Aerotaxi para seus proprietários falarem sobre os problemas técnicos da aeronave e demais assuntos relativos ao contrato com o o governo, por meio da assessoria de imprensa, mas não recebeu respostas. A direção do Hospital da Guarnição de Tabatinga também foi procurada e disse que a resposta viria pelo Comando Militar da Amazônia (CMA). À Amazônia Real, o tenente-coronel Gama, assessor de imprensa do CMA, informou que o órgão não iria responder as perguntas da reportagem.

Em nota, a Susam informou que “tem atendido a todas as solicitações de informações realizadas pelos órgãos de controle, enviando documentos e participando de reuniões com membros dos Ministérios Públicos Estadual e Federal, além de Defensoria Pública, em que são apresentadas todas as medidas adotadas pelo Estado para a assistência dos municípios do interior e da capital”.

Segundo a assessoria do órgão, há 21 ventiladores mecânico em Tabatinga, sendo que 18 estão no Hospital da Guarnição e 3 na UPA. No Amazonas, existem 138 respiradores “adquiridos pelo Estado e por meio de articulação de doações do Governo Federal e empresas privadas”.

Para Higson Kanamari, a morte de sua mulher representou uma “imprudência muito grande” das autoridades públicas de saúde. Ele responsabiliza o Estado do Amazonas pela morte da esposa.

“O Estado brasileiro e do Amazonas deveriam ter mais responsabilidade com as pessoas do interior que estão com coronavírus. Alguns estão entubados, por dias esperando, aguardando a remoção. O que aconteceu com a Neuraci é lamentável, é chocante. Ela entrou para um quadro de mortalidade que poderia ter sido evitada. Eu ainda estou tentando absorver as coisas. Pensei em processar o Estado, mas seria uma ferida aberta na família. Isso afetaria meus filhos, seria muito sofrido. Se não fosse a burocracia do Estado, se eles tivessem mais respeito pela vida humana, com certeza minha esposa estaria viva hoje”, desabafa. (Colaborou Izabel Santos)



Indígenas Tikuna navegam pelo rio Solimões, em Tabatinga (Foto: Alberto César Araújo / Amazônia Real)

## PROFESSOR HÉLIO CADETE

Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIRR)  
Coordenação Geral da Região Serras – Terra Indígena Raposa/Serra do Sol  
Conselho Indígena de Roraima (CIR)

“Hoje perdemos mais um colega. No dia do Professor Indígena”

*28 de julho de 2020.*

*Professora Cléia WaiWai*

### **NOTA PESAR / OPIRR**

Expressamos o nosso voto de pesar aos familiares, amigos e alunos do Professor Hélio Cadete - Vítima do COVID 19, lotado na escola estadual Tuxaua Luis Cadete, morador da Comunidade Canauani. Na certeza que ele se encontra no bom lugar reservado por Deus. Agradecemos por suas contribuições de conhecimentos na Educação Indígena e Educação Escolar Indígena. E pedimos que Deus conforte os corações de seus familiares.

**Coordenação Geral OPIRR**



TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL  
REGIÃO DAS SERRAS  
NOTA DE PESAR



FAMÍLIA CADETE ESTÁ DE LUTO

A Coordenação Geral das Serras, vem informar com muita dor e tristeza o falecimento do Professor Indígena **Hélio Cadete**, da comunidade indígena Canaunim, região Serra da Lua. Professor lotado na Escola Estadual Indígena Tuxaua Luiz Cadete. Mas uma vítima de Covid-19. Nós Lideranças Indígenas da região, solidarizamos aos Familiares, Amigos e a Comunidade Indígena Canaunim as nossas condolências pela perda desse Guerreiro de Lutador. Rogamos eu Deus o tenha em seus braços. Seguimos firmes na caminhada para manter vivo o seu legado e exemplo em Defesa da Educação Escolar Indígena.

Centro Regional Maturuca, 28 de julho de 2020.

**ALDENIR CADETE DE LIMA**  
COORDENADOR GERAL DAS SERRAS



NOTA DE  
PESAR

É com profundo pesar que o Conselho Indígena de Roraima vem a público manifestar solidariedade aos familiares e amigos do professor Hélio Cadete, de 61 anos, da etnia Wapichana. Morador da comunidade Canaunim, região Serra da Lua, ele faleceu hoje (28), no HGR, vítima da Covid-19. Professor Hélio desempenhou importante trabalho na educação escolar indígena, participou diretamente da formação de vários jovens e professores. Atualmente lecionava na Escola Estadual Indígena Tuxaua Luiz Cadete. Neste momento de dor, nos solidarizamos com a comunidade Canaunim, ratificando o nosso voto de pesar e agradecendo a valiosa contribuição para a nossa educação e ao movimento indígena.

Conselho Indígena de Roraima, 28 de julho de 2020.



# PROFESSOR NEIR DA SILVA, MACUXI

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



**NOTA DE  
PESAR**

É com profundo pesar que o Conselho Indígena de Roraima vem a público manifestar solidariedade aos familiares e amigos do professor Neir da Silva, 57 anos, etnia Macuxi, comunidade Contão, região Surumu, Terra Indígena Raposa Serra do Sol, pelo seu falecimento ontem (29) no HGR, vítima da Covid-19. Neir era professor graduado em Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran/UFRR. Ele lecionava na escola Estadual Indígena José Marcolino. O professor deixa a esposa e quatro filhos. Neste momento de muita dor e tristeza, nos solidarizamos com a comunidade Contão, ratificando o nosso voto de pesar e agradecendo a valiosa contribuição para a nossa educação.

Conselho Indígena de Roraima, 30 de julho de 2020.



É com profunda tristeza que a gestão da EEI José Marcolino comunica que o professor Neir da Silva, não conseguiu vencer a batalha contra o COVID-19 e hoje dia 29/07 foi a óbito. Nos solidarizamos com todos os familiares, amigos e principalmente colegas de trabalho. Uma perda irreparável. Certamente que ele está em um bom lugar com o Pai Celestial. Att, Edinaldo Marcolino, gestor.

## DEPOIMENTO DE JOEL PUYANAWA SOBRE A MORTE DE SEU PAI, MARIO CORDEIRO DE LIMA

“Pois é, Txai, é um grande sofrimento para nossa família e para o nosso povo, saber que meu pai, que tanto lutou pelo reconhecimento da demarcação da nossa terra indígena, ser enterrado no cemitério da cidade de Cruzeiro, sem a presença de nenhum de seus filhos e familiares e nenhum representante de nosso povo, é um grande sofrimento para todos nós. Mas quando tudo isso passar, quando acabar essa Pandemia, vamos trazer os restos mortais do nosso velho pai para ser enterrado na nossa terra”



A fala transcrita a seguir foi enviada por Joel Puyanawa, presidente da Associação Puyanawa, líder espiritual e curador, no dia 23 de junho 2020 para um grupo de WhatsApp que reúne lideranças indígenas: políticas e espirituais, do Vale do Juruá. O referido grupo foi criado para informar sobre e depois da III Conferencia Indígena da Ayahusca realizada entre os dias 10 e 13 de outubro de 2019. O acesso a esta fala se deu pela colaboração do antropólogo Marcelo Piedrafita que gentilmente enviou ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.

Oi parentes deste grupo, que se compõe dentro desta conexão. Aqui é o cacique Joel Puyanawa, quero em poucas palavras agradecer a todas pessoas, meus parentes e amigos, que estão se solidarizando nesse momento difícil da minha vida e na vida do meu povo. Quero aqui expressar meu sentimento de gratidão pelo apoio e pelas bonitas palavras que cada um tem mandado para nossa conformação, pela perda do nosso grande líder, Mario Puyanawa. Quero aproveitar esse momento para dizer para vocês, dentro dessa dor que não é fácil, que eu fiz tudo que estava ao meu alcance como cacique para meu povo entender, para que o vírus não chegasse à nossa aldeia. Fiz quatro reuniões na minha comunidade. Eu clamei para o meu povo. Mas hoje estamos pagando um preço, uma dor, do desrespeito. E isso, vou dizer para vocês meus parentes, para que vocês tenham todo cuidado e atenção da vida. Não se precipitem meus parentes, de irem para cidade. Fiquem na casa, fiquem na sua aldeia, se protejam! Aqui eu pude ver, sentir, presenciar um dos maiores sufocos da minha vida. Ver um parente arriando, cada hora, cada minuto. E o desespero é grande. Então fiquem em casa. Meus parentes, vocês, nós temos que beber a nossa medicina. Nós temos que acreditar nesse poder. Para nós beber, nos imunizar, para nos proteger, ficar forte. Porque nós estamos vendo a perda de muitos parentes mundo afora. E principalmente aqui nos Puyanawa, como meu pai. Hoje nós temos aqui uma nova história. Que é a entrada no vírus na contaminação do meu povo. Eu vi meu povo aperreado,

meu povo sofrendo por uma parte do meu povo não acreditar na medicina natural. Mas eu vi esses meus parentes correndo atrás, chegando até mim, chegando até o Puê. Buscando, pedindo para fazer chá, bebendo nosso chá. Aqui nós temos bebido muito e vamos continuar bebendo parentes. Ele que é o chá da nossa medicina. Ele que nos protege. Ele que nos fortalece. Acredite parente. Porque eu vivenciei e estou vivenciando este momento tão difícil, tão doloroso na vida do meu povo. Que nós como indígenas possamos tirar disso tudo como lição para seguir em frente, com o conhecimento tradicional da nossa cultura, das nossas tradições. Que cada povo dê valor, acredite no seu potencial, das grandes lideranças, dos seus pajés, de todas pessoas que trabalham em prol da saúde e da vida de cada um, de cada povo, de cada parente. Então fico aqui, dizendo essas palavras para vocês.

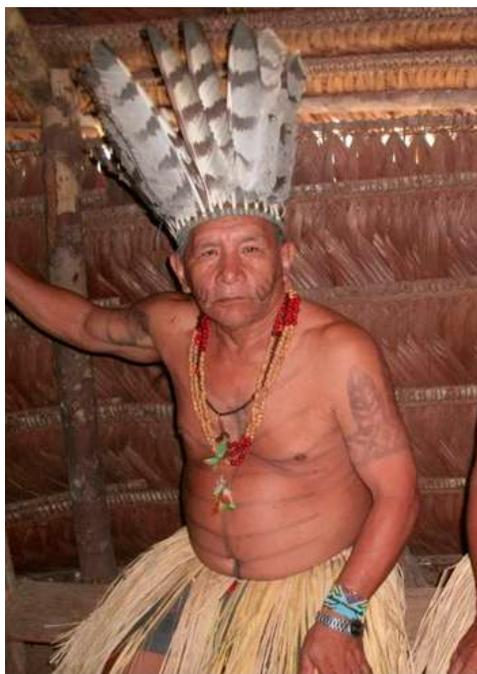
[...]

Deixo aqui essa mensagem, ainda com muita dor no coração. Mas que possa servir de orientação, de incentivo e de motivação para todos os povos. Se cuidem meus parentes, não permita que a doença chegue nas terras de vocês. E se chegar, procure se cuidar na aldeia.

[...]

A dor maior meus parentes, é fazer um velório apenas na consciência e na lembrança. Só! Isso é mais doloroso e mais desumano. Não permita e não deixe que isso aconteça na terra de vocês parentes. Aqui o povo Puyanawa está passando por isso e quero expressar meus sentimentos, deixar uma mensagem para vocês. Pela experiência que estou passando e pela dor que estou sofrendo, mas dizer para vocês que vamos continuar nossa vida. A história do meu pai é a marca que fica, que ficou para todos os povos, principalmente no Acre. Meu pai é um patriarca, da história da criação do movimento e por tudo que foi trabalhado. E sabem, os outros líderes que estiverem junto com meu pai, sabem

do tamanho do impulso e do empenho, e que vocês possam saber o valor e a importância dessas lideranças. Então a perda do meu pai nunca vai ser esquecida por ninguém e o mínimo que eu posso fazer por cada um de vocês que vão me ouvir é esse pedido. Façam, escutem, memorizem, acredite, porque aqui foi real, foi verdadeiro, aqui aconteceu, está passado. Mas vamos sobreviver.



Fotos: via Lucas Puyanawa

1

## **JOÃO SOARES KRIKATI, DO POVO KRIKATI**

É com pesar que noticiamos o óbito de João Soares Krikati, do povo Krikati, acometido pela Covid-19. João tinha 53 anos, residia na Aldeia São José, Terra Indígena Krikati.

Fonte: Rede (Co)vida

## **ARITANA YAWALAPITI, GRANDE CACIQUE DO ALTO XINGU, MORRE VÍTIMA DA COVID-19. NOTA DE PESAR DA COIAB**

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira  
(COIAB)



Com profundo sentimento de tristeza, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) lamenta a partida do grande cacique do Alto Xingu, Aritana Yawalapiti, na madrugada desta quarta-feira (5), em um hospital de Goiânia. Mais uma liderança indígena histórica levada pela Covid-19!

Após ser diagnosticado com a doença, nosso guerreiro e companheiro de luta foi internado em uma UTI em Canarana (MT), e depois transferido para um hospital de Goiânia, onde ficou cerca de duas semanas lutando contra a doença.

Para nós, povos indígenas, sua morte representa uma perda irreparável para o movimento indígena brasileiro. Cacique desde os seus tempos de juventude, Aritana (71 anos) lutou bravamente, desde a década de 1980, pela defesa dos nossos direitos.

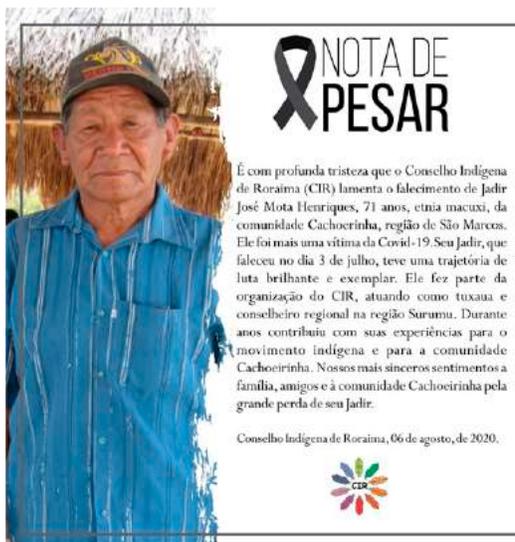
A liderança Watatakalu Yawalapiti, falou emocionada nesta manhã sobre a triste partida do seu tio, irmão do seu pai, e a quem também chamava de pai: “A perda do meu tio Aritana é a perda de 98% da nossa língua. Significa para a gente muitos desmontes. Se a gente não ficar firme, se os jovens que aprenderam o que ele nos ensinou, a perda do meu tio Aritana significa a perda do Xingu inteiro”.

Watatakalu explica que Aritana lutou até o último momento da sua vida. O grande líder lançou uma campanha para construir um hospital de campanha no Alto Xingu, mas infelizmente não vai poder ver a sua conquista. “Lutou até o último momento contra a religião do homem branco que estava entrando na nossa aldeia. É uma perda irreparável e para minha família. É um buraco que se abre debaixo dos nossos pés”.

A coordenadora do Movimento Mulheres do Xingu na ATIX (Associação Terra Indígena do Xingu) completa ainda que agora é preciso encontrar força para seguir a luta. “Espero que nosso povo encontre forças nesse momento, porque não vai ser nada fácil para gente. Meu tio foi muito bom. Muitas pessoas se aproveitaram dele, mas ele nunca virou inimigo de alguém. Tivemos uma grande perda no meu povo, no Xingu, e no Brasil”.

## JOSÉ MOTA HENRIQUE, MACUXI. NOTA DE PESAR

Conselho Indígena de Roraima (CIR)



## LICA, PAJÉ XUKURU FALECE DE COVID-19



Acabamos ter a confirmação vida morte de Lica, que assumiria o papel de pajé depois da morte do seu irmão, atual pajé Xukuru. (07/08/2020)

# MEMÓRIA E SAUDADES BANIWA

Braulina Baniwa

Publicado em 18 de junho de 2020

A nossa cultura é a nossa força de amanhã, aos filhos de hoje e futuras gerações!



Memorizar as coisas vividas no dia da morte são carregadas de emoções fortes e tristes, por isso elas marcam nossas vidas fixando em nós e nos levando a revivê-las com as saudades. Em nosso lamento profundo de perdas, nós nos perguntamos: por que tão cedo? E aos mesmo tempo pensamos nos sonhos que foram possíveis até essa data.

Quem vos escreve estas memórias é uma indígena mulher, pesquisadora e antropóloga do tronco linguístico Aruak. O território tradicional do meu povo fica no rio Içana, mas estamos espalhados em todo o rio Negro,

nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos e Manaus. Uma parte do nosso povo está na Colômbia e Venezuela. Para falar de memória, precisamos lembrar o triste processo histórico de contato com do povo Baniwa (conhecidos assim pelos não indígenas), porém nos autodenominamos Medzeniakonai<sup>618</sup>.

Os Medzeniakonai (Baniwa) foram invadidos pelos não indígenas colonizadores no início do século 18, foram violentados, perseguidos e escravizados por espanhóis e portugueses. Uma boa parte dos indígenas morreram por epidemias no Brasil. As mais conhecidas que dizimaram muitos indígenas foram o sarampo e varíola, trazidas por não indígenas. Durante o processo do contato, os medzeniakonai (Baniwa) foram explorados por não indígenas, na ilusão de melhorar de vida através da troca de mercadorias pelo seu serviço braçal.

Acredita-se que os nossos avôs e as nossas avós enfrentaram as maiores violações de direitos humanos em defesa de nossos territórios milenares. A colonização mudou de cara com a chegada da religião na região do Rio Negro. A chegada de igrejas também foi de tamanha violência contra os direitos humanos, chamada na época de escola civilizatória e que hoje podemos compreender como a morte de conhecimentos ancestrais.

Passadas décadas de contato, nós nos organizamos, temos escolas, associações indígenas, acessamos espaços nunca ocupados por indígenas do nosso povo, somos o único povo do rio negro a chegar a ocupar lugares de destaque no governo, a nível nacional, estadual e municipal, como por exemplo, no MEC, Secretarias Estaduais e Prefeitura.

Alguns e muitos de nós decidiram ficar longe de sua família e comunidades para cumprirem suas funções de professor (a), agente de saúde, enfermeira (o), antropóloga (o), artista e escritor. Outros se ausentaram de suas famílias em prol da coletividade para coordenar as secretarias de destaque nos governos.

---

618. Autodenominação do povo Baniwa na língua própria.

Memorizar essas vitórias é dizer o quanto conseguimos chegar a lugares nunca acessados pelos nossos avós ou nossos pais, temos lideranças de destaques que são pais e mães para muitos jovens que estão nas universidades espalhadas no Brasil.

Seguimos juntos em prol do nosso povo, estando em vários lugares. É sempre bom falar do nosso povo, seja para pessoas de outro povo, nas universidades, falar da pimenta – quem nunca ouviu falar da nossa pimenta, do ralo Baniwa, falar na língua Baniwa, antes de falar em português. Isso é muito rico, pois, nossos parentes perderam essa riqueza por conta do contato violento.

Mas também migramos, fazemos parte do povo que anda, somos livres de ir e vir, somos pessoas impacientes e aptas a organizar e coordenar qualquer frente que nos é dada para liderar, somos povo ágil e somos povo com inimigos do lado, pois somos povo amado e odiado ao mesmo tempo. Nossas tias, primas e avós tiveram e têm casamentos com diferentes povos e continuamos com essa prática nos dias de hoje, por isso estamos em quatro municípios do rio Negro e fora do Brasil.

A prática solidária com os próximos prevalece desde nosso surgimento até nos dias atuais. As comunidades do povo Medzeniakonai, espalhadas na margem do rio Içana e seus afluentes, continuam com as práticas coletivas de compartilhar, hábito cultural que herdamos de nossas avós.

Não importa se estamos no nosso território tradicional ou na margem do rio Negro, ou nas cidades, nós nos conhecemos, sabemos quem é quem, onde está e como está. Então esse sentimento de irmandade é sentido quando perdemos um ente querido, somos do tronco Aruak, nos dividimos em vários clãs, mantemos respeito de hierarquia entre nós, sabemos se são nossos irmãos, se são de alto, médio ou baixo Içana, não existe o melhor ou pior.

Se somos primos, somos primos, se é tia, é tia de todos, se é vó e vó é de todos, se é cunhado também é de todos, somos povos adaptáveis e alegres, rimos muito, tanto que o termo felicidade foi tema de pesquisa de Doutorado junto ao povo nas comunidades, nossos encontros, reuniões evangélicas são as mais alegres possíveis e compartilhamos o nosso alimento sagrado com os nossos visitantes, e partilhamos sempre.

Recebemos desde o nosso nascimento o sentimento de irmandade de família. Assim, choramos cada vida perdida, fazemos rede de apoio para superar as perdas, nossos anciões rezam e oram por cada família que ficam longe de suas casas. Esse amor fraternal e maternal que praticamos, mantém a espiritualidade do nosso povo e a crença de que existe um ser superior não acessível aos olhos humanos que nos protege em todos os espaços que estivermos.

Fomos o primeiro povo no rio Negro a perder um parente para essa nova doença (Covid-19). Sentimos e nos solidarizamos com a família, por ser uma pessoa que morreu cuidando dos outros, e denunciou a falta de equipamento para trabalhar com segurança. O trabalho desenvolvido por esse parente continuará na memória de seus filhos, amigos e parentes, vamos sempre lembrar da data que ele se foi, mas sem entender do por que tão cedo. Sabemos que ele voltará em outra vida, acreditamos que ele possa estar bem.

Mas dessa vez, aconteceu algo inédito, os familiares não puderam se despedir, é a primeira vez que temos que lidar com morte solitária, internação solitária, sem poder levar nosso famoso cigarro para que a alma encontre o seu lugar, os tios mais velhos e tias mais velhas não tiveram a chance de abraçar e chorar junto com os filhos e mãe dele. As notícias se espalharam em curto tempo, diferente de mortes no século 18, recebíamos notícias meses depois por recado (notícia via oralidade, na época não dominávamos a escrita e tecnologias de não indígenas), era sempre através de parentes que estavam de passagens, viajando ou chegando de viagens.

Passamos um tempo acreditando que não chegaria no território tradicional dos Medzeniakonai, afinal a doença não havia chegado no porto de São Gabriel da Cachoeira. Ações conjuntas entre governo municipal e entidades indígenas se converteu em uma força tarefa para espalhar notícias sobre a doença nas comunidades indígenas, via rádio municipal, radiofonia e cartilhas nas línguas indígenas do rio Negro.

Somos povo resistentes, mas até que ponto? A nossa saúde mental precisa de atenção, choramos, não tem como não chorar por um amigo e por um parente, choramos quando estamos longe, choramos quando viajamos, choramos quando estamos sozinhos. É saudável chorar, são etapas necessárias para a formação.

Komaderoa é nossa liderança de referência, que ocupa o cargo de diretor (Isaías Fonte) na nossa instituição indígena que chamamos de FOIRN, ele nos relata a proporção da chegada da doença nas comunidades, o medo, angústia de não poder fazer muita coisa pelo povo da comunidade. Passadas algumas semanas rapidamente se criou grupo de estratégia para ajudar o nosso povo e pensar sobre como levar a informação sobre a doença. O meio mais fácil que achamos foi o áudio, sim nosso povo Baniwa é hospitaleiro, tem muitos conhecidos no Brasil, professores, médicos, doutores e outros pesquisadores que já pisaram no nosso território Baniwa.

Entre choros por perdas de tios e tias, recebemos no grupo que foi criado a imagem que nos trouxe esperança, uma vovozinha Baniwa de 92 anos que se recuperou da doença e na porta do hospital disse: o remédio é não ficar triste, alegria afasta qualquer doença.

Entramos no modo alegria pois somos povo alegre e feliz, acreditamos na solidariedade e como as pessoas são boas, assim seguimos trabalhando, envolvendo cada pessoa que conhecemos para fazer chegar a doação para o nosso povo que necessita.

Mas no meio a isso, uma perda memorável, um pai de professores Baniwa do médio Içana, uns dos pais que incentivava e acreditava que a formação transforma a pessoa. A educação Baniwa e Koripako perde um dos seus líderes, o dia parecia não acabar, os filhos, a esposa e netos, foram deixados por ele, e nós primos e sobrinhos sentiremos saudades.

Rio Içana não será o mesmo depois desse caos de informação trocada, não será o mesmo, pois perdeu algumas de suas lideranças tão jovens para a doença, ficamos uma parte órfãos de tios e tias.

Mas o rio Içana e povo Medzeniakonai permanecerão firmes, dizendo ao mundo que sua medicina indígena, através de suas ervas e remédios silvestres, salvou grande parte do seu povo, seja os que estão dentro e fora do território.

Pregamos alegrias por onde passar, deixamos legados de sucesso onde chegamos e onde queremos chegar, somos assim um povo, que desde o contato fomos vistos como povo sujo, hoje nós respondemos que somos povos de conhecimentos que nunca outros saberão, isso é singular nos povos indígenas, o que é nossa ciência é nosso.

Perdemos 07 vidas, perdemos 07 bibliotecas vivas no rio Içana, mulher, mãe, homem, pai e vó, um pai escritor, um professor referência na comunidade deixa a Seduc e assim a Seduc não será a mesma, as ruas de São Gabriel, acostumadas a ver ele passar na sua moto, ficaram em silêncio nessa partida tão cedo.

Seguimos firmes, em nome dessas pessoas, dando e recebendo ensinamentos que os manterão presentes nas nossas vidas. Nossa homenagem as sete famílias que choraram por perdas por covid-19. O que fica na memória de cada membro da família são as risadas dadas, seja no caminho de roça, nos encontros, na hora do chibé, ou no famoso momento de quinhapira.

Finalizo, esta memória de saudades, dizendo que as Indígenas Mulheres Medzeniakonai ( Baniwa) são as mais belas e incríveis detentoras de uma ciência ímpar e que elas, mulheres pimenteiras que juntas com nossos artesãos de cestarias se recuperam dessa doença, emanam energias positivas e boas, que logo possamos nos encontrar e compartilhar nomes de remédios da nossa medicina indígena que foram usadas em seus tratamentos, que ao plantar novas roças pimenteiras e iniciar a produção de cestas, estejamos bem e com boas notícias de que muitos se salvaram. Aos nossos parceiros e colaboradores de lugares distantes, que ao retornarem a suas atividades normais, possam lembrar desse episódio com um suspiro de que muitas vidas foram salvas com sua atividade de solidariedade, uma parte dos Baniwa dentro de seus corações onde estiverem.

Um aperto de mão em cada um que for ler isso, e viva a conhecimentos ancestrais que está na nossa essência, como MEDZENIAKONAI!

Aos nossos parceiros e colaboradores, gratidão pelo esforço de ajudar nosso povo.

Colaboraram: Hipatairi (André Baniwa) Ray Baniwa e Komaderoa (Isaias Fontes)

# LICA XUKURU: MARIA JOSÉ MARTINS (05/05/1950 - 07/08/2020)

Vânia Fialho<sup>619</sup>

Rita de Cássia Maria Neves<sup>620</sup>

O Reino Encantado do Ororubá sempre foi sua morada. O cheiro da terra e das ervas se misturam entre as baforadas de fumaça que fazem a limpeza espiritual conduzida por Lica.

Foi também nessa morada, especificamente no Terreiro Sagrado da Pedra d'Água, que no dia 08 de agosto de 2020 Lica foi sepultada, “plantada” para os Xukuru. É um terreiro especial, espaço sagrado em que guerreiros e guerreiras xukurus têm seus corpos depositados para dali nascerem novos guerreiros.

A Natureza Sagrada é assim: princípio de tudo, ordenador do tempo, da organização dos Xukuru. É ela quem conduz a vida dos Xukuru e define aqueles e aquelas que deverão assumir o lugar de mediadores entre o plano dos encarnados e o dos Encantados.

Falante, comunicativa, Lica, cujo nome de batismo é Maria José Martins da Silva, vinha fazendo bem mais do que sempre fizera nos últimos anos, como mulher que estava se firmando como referência nessa mediação com o plano sagrado. Vinha atuando de forma muito veemente na mediação entre a medicina tradicional xukuru e a medicina “do branco”. Tinha papel proeminente nos Encontros de Pajés de Pernambuco. Técnica de enfermagem, morava na aldeia São José, bem próximo de onde também exercia sua função na equipe multidisciplinar de saúde indígena. Conhecedora dos remédios do mato, Lica tinha a destreza no reconhecimento e no uso das ervas medicinais.

---

619. UPE/UFPE, antropóloga

620. UFRN, antropóloga

Ainda em 2009, numa longa conversa com Lica, ela serenamente nos fala sobre seu dom, seu trabalho, e nos diz *“Eu nasci dentro da natureza e, desde que me entendo de gente, eu já sabia os nomes das plantas. Já sabia qual servia de remédio. Tem meu irmão, que é o pajé, tinha o meu pai que entendia das plantas, dos remédios, então eu já nasci dentro desse conhecimento e sabia o que curava determinados tipos de doença. A equipe de saúde que eu trabalho hoje sabe que eu entendo das plantas e eles sempre conversam comigo ou falam para o paciente conversar comigo. Às vezes o médico diz, Lica, veja aí se é caso para mim ou é caso para você. É assim...”*

Ultimamente, estar nos terreiros do Território Sagrado dos Xukuru, no alto da Serra do Ororubá, passara a ter outro sentido: o de se preparar e de ser preparada para suceder seu irmão, o Pajé Zequinha, já bem idoso, na função de guia espiritual do povo Xukuru.

A lembrança que se pode ter de Lica é assim: serena na voz, mas irrequieta, ativa na ação.

Guilherme (Guila) Xukuru, liderança jovem desse povo, expressou no dia em que Lica foi “plantada”: *Não tinha como esperar que ela fosse antes do pajé!* E ressaltou a grande referência religiosa que Lica representa. Guila chamou a atenção para o fato de que, muitas vezes, o pajé já não estava mais atuando devido ao cansaço da idade e era Lica que assumia a condução dos trabalhos de pajelança, como no dia 06 de janeiro, Dia de Reis, um dos dias mais importantes do calendário xukuru, dedicado aos Reis do Reino Encantado do Ororubá.

Ficou todo mundo atordoado ao pensar nos próximos tempos. Sensação de insegurança semelhante já vivida após o assassinato do cacique Xicão, em 1998.

A saúde de Lica já vinha requerendo maiores cuidados. Não foi um caso “positivado” por Covid-19. Foi um caso que foi se agravando com o isolamento, com as tristezas de tempo de pandemia, com o medo.

Depois que foi identificado o problema, foram uns 20 dias de hospitalização, entre as cidades de Pesqueira, Arcoverde e Recife. A Pandemia não deixou o ciclo esperado se completar. Alterou a ordem, pegou todo mundo de surpresa.

Valdemir, cacique do povo Pipipã, com quem Lica compartilhou fóruns importantes de decisão no campo da atenção à saúde indígena, a define como uma mulher sábia, privilegiada com tão grande força espiritual; iluminada pela força dos Antepassados e direcionada pelos Encantados. Demonstrava, já na sua fala, ter grande intimidade com esses Seres.

Valdemir ressalta que ela sabia o que dizer, como dizer e quando dizer. E dizia que, nessa vida, nós temos que saber viver, se não a vida vai passar e vamos não ter vivido o que tínhamos o direito de viver. E recomendava que devemos viver de forma respeitosa em todos os sentidos; respeitando as pessoas, respeitando a Natureza, porque essa é muito importante para nós.

A percepção da sua força nos rituais é algo unânime: a força da Terra, conexão forte com os Caboclos.

Se nos rituais apresentava seriedade, no cotidiano, era possível perceber o seu lado engraçado. Ela estava sempre querendo fazer os outros rirem, trazendo o lado jocoso alegre e irreverente.

Não foi “positivada” com o Covid-19. Em tempos de Pandemia, de impossibilidade de viver a morte através de sua ritualização, a morte de Lica pôde ser vivida: ela foi velada no espaço Mandaru. Espaço central da vida política dos Xukuru, onde ocorrem os grandes eventos e as maiores reuniões desse povo. Ao som do mimbi, flauta ritualística, Lica foi posta à sentinela das 10 às 16 h, com todos os cuidados previstos para esses tempos, sem aglomeração. *Parecia que estava dormindo, enfeitadinha de branco*, disse Joyce, irmã do cacique”. O pajé Zequinha, cuja trajetória é marcada por tantas perdas, *ficou sentadinho ali, pertinho do Peji, calado, com olhos cheio de lágrimas. Saiu mais cedo*

*que os demais*, afirmou Joyce, ainda complementado que a sensação de muitos dos Xukuru é de que, *como “Encanto”, ela vai ajudar muito mais à luta do seu Povo.*

Foi feito o cortejo, muitas homenagens, leitura de mensagens. O cacique Marcos ficou ao lado do caixão, junto aos filhos de Lica, Márcio e Raoni, que vinham acompanhando Lica nos momentos de pajelança. Márcio, na sua fala, disse que ela está se unindo ao cacique Xicão para proteger os Xukuru.

Esses tempos estranhos estão sendo assim. Pessoas são levadas pelos vírus, outras, pela tristeza e depressão.

Parte de nós, de cada povo, vai sendo levada também.



Lica no Espaço Mandaru



Lica, no Peji, durante trabalho de Pajelança

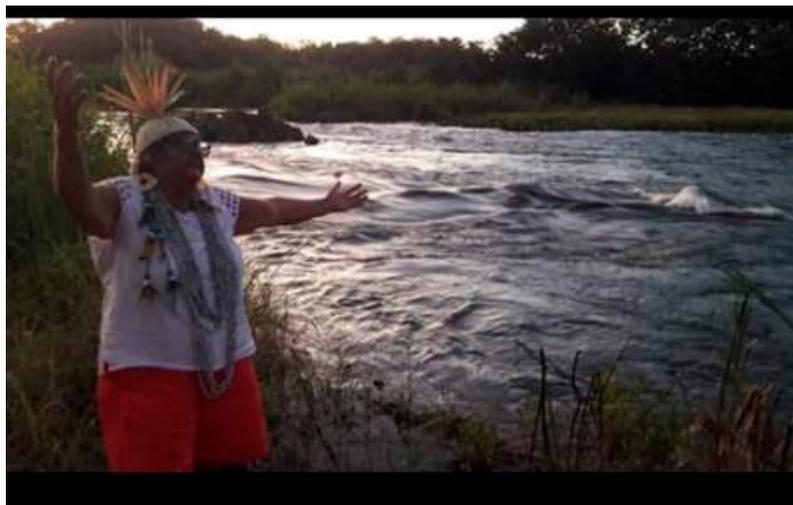


Lica com seus dois filhos (Márcio, sentado e Raoni fazendo a selfie) e o marido, João.



Lica com jovens indígenas no rio São Francisco





Lica com o Pajé Zequinha, Cacique Marcos e Cecílio Xukuru

## NOTA DE PESAR – ROBINSON LÓPEZ

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB)



Com muita tristeza, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) lamenta com profundo pesar a partida do jovem e líder Robinson López, Coordenador de Mudanças Climáticas da Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA), ex coordenador de Direitos Humanos e da Paz da Organização Nacional dos Povos Indígenas da Amazônia Colombiana (OPIAC) e liderança do povo indígena Inga. Robinson fez a passagem para junto dos ancestrais no dia 21 de agosto de 2020, após lutar até o último momento contra a Covid-19.

Sempre com vocação de servir, Robinson desde criança participava ativamente do processo de organização de sua comunidade, estando a frente de diversos processos em defesa dos direitos territoriais, sociais e culturais do povo Inga.

Estendemos nossos mais sinceros sentimentos ao povo Inga, a seus familiares, a OPIAC e a COICA.

Que sua luta e perseverança ilumine a mente de nossos jovens para as batalhas em defesa de nossa existência no planeta terra!

## PARTE III

O vírus não discrimina etnia, raça ou classe, ataca e mata a todos igualmente. Mas há quem aperte o gatilho e dirija a letalidade da doença para os indígenas.

Os primeiros a morrer são os velhos, bibliotecas vivas das tradições. As vítimas seguintes são os agentes de saúde e as lideranças. Assim tornam as comunidades desempoderadas e mais frágeis.

Em paralelo abrem a porteira (mesmo por cima das leis) para garimpeiros, o desmatamento e a mineração. Aproveitam a pandemia para deixar invadir e saquear os territórios indígenas.

Quando esta ilegalidade terá fim?

João Pacheco de Oliveira - PPGAS-MN/UFRJ



# **TERRITÓRIOS DA RESISTÊNCIA**



# TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA: CONTROLE E VIGILÂNCIA DAS VIAS DE ACESSO ÀS TERRAS INDÍGENAS

Alfredo Wagner Berno de Almeida

1-Com as sucessivas manifestações e notícias de disputas pelos mecanismos de controle sanitário e da saúde indígena, no decorrer destes meses de março a junho de 2020, em diferentes regiões do país, tem-se uma primeira aproximação dos efeitos da Covid-19 sobre a vida social e sobre as formas político-organizativas intrínsecas a diferentes unidades sociais (povos, comunidades, tribos, grupos) e seus respectivos territórios reconhecidos (identificados, delimitados, demarcados, homologados) ou territorialidades específicas que socialmente construíram ou estão construindo sem usufruir ou demandar qualquer modalidade formal de reconhecimento. A pandemia é coetânea de um tempo em que as mobilizações indígenas em virtude de sua crescente autonomia, da dispersão de suas reivindicações e da heterogeneidade étnica de suas ações coletivas, sobretudo nos perímetros urbanos, apontam não somente para novos significados de política, mas principalmente para novos padrões de relação política. As lutas em torno do controle da gestão da saúde, da higiene e da alimentação, num contexto pandêmico em que elas se tornam parte fundamental das relações de poder, com peso decisivo na cena política, recolocam o movimento indígena num exercício permanente de liberdade, seja na área rural, seja nos centros urbanos, seja na defesa física das TIs, seja na escolha de modalidades de ajuda mútua para garantir sua existência coletiva nas cidades. Se resistir significa uma escolha, nestes tempos de pandemia significa não renunciar à sua identidade étnica e à construção de sua própria existência coletiva, ainda que esteja em jogo uma profunda ruptura com tutelas historicamente instituídas e juridicamente vigentes.

2-A ação dúbia das políticas governamentais, com oscilações sucessivas entre “negacionismo” e “conhecimento científico” ou entre “isolamento social” e “flexibilização”, levou órgãos do poder executivo a perder a prerrogativa de ações combinadas entre o governo federal e os governos estaduais ou entre estes e as prefeituras municipais. A militarização do Ministério da Saúde, inclusive com um ministro general sem uma formação em medicina, não logrou remover os obstáculos a uma ação política articulada e nem tão pouco parece ter esta articulação como objetivo. A centralidade burocrática no aparato logístico em detrimento do conhecimento em ciências médicas afetou a ação ministerial no campo da saúde, principalmente ao confundir ação médica militar com políticas de saúde pública. Isto pode ter endossado prováveis distorções de atividades rotineiras<sup>617</sup>. As restrições à participação de lideranças indígenas mais críticas e contestatórias em conselhos e instâncias deliberativas dos distritos especiais de saúde (DSEI), por sua vez, se tem um efeito inibitório sobre as mobilizações políticas também estabelecem um fosso entre as decisões oficiais e o seu acatamento. A extensão desta dubiedade da ação oficial impeliu a que fossem executadas medidas protetivas emergenciais por parte das próprias organizações indígenas, assim como de organizações quilombolas submetidas às mesmas condições. Superando estas ambiguidades das relações de poder, que lhes subtraíam uma proteção mais efetiva, as formas político-organizativas engendradas por lideranças de diferentes povos, grupos e comunidades tradicionais foram levadas a tornarem-se protagonistas de distintas iniciativas de controle sanitário e de vigilância em suas respectivas áreas. Uma variedade de meios de autodefesa e proteção ganhou corpo nos últimos meses, com o surgimento em diferentes regiões do país das denominadas “barreiras indígenas de fiscalização sanitária”, cuja finalidade consiste em controlar o fluxo de pessoas

---

617. Consulte-se **Portal Roraima 1** - “Militares visitaram comunidades indígenas Yanomami, em Roraima, em uma ação contra a Covid-19, nessa terça-feira (30), para fazerem atendimento médico e levar insumos às aldeias. Houve distribuição de equipamentos de proteção como máscaras, álcool em gel, aventais e luvas, além de 13,5 mil comprimidos de cloroquina, medicamentos que não tem eficácia comprovada contra a Covid-19.” **Portal Roraima 1**. “Militares distribuem cloroquina para indígenas de Roraima em ação contra coronavírus”. 01/07/2020. 15:40h

não-residentes ou consideradas “estranhas” às terras indígenas. O volume de ações sanitárias dos movimentos indígenas (APIB, COIAB, CIR, FOIRN, COAPIMA, APOIME), trabalhando inclusive no plano do conhecimento, com as séries quantitativas sobre infectados e vítimas fatais da Covid-19, tem adquirido uma força política contundente, face aos biopoderes locais, seja selecionando quem pode entrar, seja determinando quem deve sair das TIs<sup>618</sup>. Os critérios de seleção, resultantes destas mobilizações passaram a ditar atos e pautas reivindicatórias tanto impedindo fisicamente a entrada de pessoas consideradas “estranhas” e indesejáveis às comunidades, quanto efetuando a desintrusão dos infratores (garimpeiros, madeireiros, grileiros), que realizam atividades ilegais nas Tis. As denominadas “barreiras” tem, portanto, duplo sentido, ainda que se orientando numa única direção. Faixas, cartazes, placas, “fitas-zebra”, cones e avisos postados nas entradas às Tis, bem como “comunicados”, “atas de decisão” e “notas de comunicação”, cujo conteúdo foi definido em assembleias e reuniões realizadas com participação de cada uma das comunidades, ilustram um determinado grau de consolidação dos movimentos indígenas. Verifica-se uma capacidade física de execução do que foi deliberado em reuniões e assembleias. As decisões que ditam as condições de acesso a estas áreas e do trânsito de pessoas por elas, foram aprovadas em manifestações coletivas que também traduzem as relações de parentesco e afetividade entre aqueles que se encontram nas TIs e aqueles indígenas que residem habitualmente em centros urbanos. Estas relações são incorporadas no critério de quem pode entrar, transferindo a discussão, neste episódio dos chamados “parentes”, para o local e o tempo da quarentena. Em princípio o direito de ingresso dos “parentes” não poderia ser negado, todavia muitas vezes funciona uma regra operativa em torno da moradia habitual, que em determinados contextos passa a se constituir num critério de exclusão. A políti-

---

618. Não sucede o mesmo com as comunidades quilombolas que resistiram diferentemente. A despeito disso foram verificadas placas na entrada da comunidade Samucangaua, área afetada pela base de foguete de Alcântara (MA), alertando a proibição de entrada de pessoas que não pertencem a comunidade e também no município de Baião em comunidades quilombolas à jusante da Barragem de Tucuruí (PA). Para maiores informações sobre outras comunidades quilombolas, leia-se o trabalho **Ações e Mobilizações para evitar se expor à morte no Território Quilombola de Salvaterra** de Rosa Elizabeth Acevedo Marin e José Luís Souza de Souza que também integra esta coletânea.

ca da FUNAI de filtrar cada vez mais a concessão de RANIs com base numa noção discriminatória de que seriam classificados como “índios” apenas os que residem nas aldeias em TIs passa a dividir por dentro os povos indígenas, mas não parece ser suficiente para se sobrepor a laços consanguíneos nestes tempos de pandemia. Dentre as menções explícitas às “pessoas que não residem nas comunidades”, nada há sobre estes denominados “parentes” que habitam nas cidades. Os cartazes proíbem a entrada nas TIs notadamente de “estranhos” como explicitamente se referem aos “ambulantes”, quais sejam pequenos comerciantes em permanente deslocamento, que compram e vendem produtos, viajando seguidamente entre as TIs e entre estas e as cidades.

O material iconográfico aqui apresentado atesta estes tipos de mobilização em torno do exercício de vigilância e controle do ingresso em TIs, realizado pelos próprios indígenas, “para evitar a expansão do Coronavírus”. Nos meandros destes processos reais os indígenas tornam-se os sujeitos das ações sanitárias relativas aos seus territórios, definindo normas e executando-as eles mesmos. O “isolamento social”, explicitado como forma de prevenção do contágio e da enfermidade, resulta, pois, de atos, como reuniões e assembleias, comportando representantes indígenas de várias comunidades, que deliberaram e executam diretamente as medidas de fechamento das TIs. Tais medidas, que refletem ações coletivas, além de indicarem o fortalecimento de lideranças indígenas, propiciam os fundamentos de processos políticos relativos à reafirmação da autoridade dos “tuxauas” e “caciques”, ao conseguirem um consenso em cada unidade social para enfrentar de maneira autônoma, porém combinada e coletiva, os efeitos da pandemia.



**Figura 01:** Município de Baião, à jusante da barragem de Tucurí (PA)



**Figura 02:** Placa de advertência na comunidade Quilombola Samuacangaua localizada em Alcântara

Em Roraima, foram registradas dezenas de “barreiras” montadas com cercas de madeira improvisadas e portões, concretizando fechamentos físicos por período curtos ou por “tempo indeterminado” pelos indígenas Wapichana, Macuxi, Taurepang, Patamona e Ingaricó nos acessos à TI Jabuti, à TI Tabalascada<sup>619</sup>, à TI Truarú, à TI Sucuba, à TI Lago Grande, à TI São Marcos, à TI Raposa Serra do Sol e outras. Na TI Raposa Serra do Sol, as reuniões foram documentadas em ata<sup>620</sup> e tornadas públicas, possibilitando perceber que as mobilizações abrangem indígenas em diferentes posições e papéis sociais: “conselheiros locais de saúde”, “administradores da saúde”, “Tuxauas”, “gerentes de trabalho”, “administradores do gado” e representantes de comunidades. Em reunião datada de 26 de março, na região Surumú, município de Paracaima, foi decidido, conforme os termos da “Ata de Decisão” (Figura 03) correspondente, que “a entrada que dá acesso a TI Raposa Serra do Sol ficará fechada a partir do dia 28 de março”, na cabeceira da ponte Elias Madeira, entrada das comunidades Barro/Surumú.

---

619. O Conselho Indígena de Roraima (CIR) informou, em 06 de abril de 2020, através da comunicadora indígena Raquel Viana, que a partir de 07 de abril a TI Tabalascada, localizada na região Serra da Lua, fechou o acesso: “com fiscalização intensiva na entrada da comunidade. De acordo com o tuxaua Deodato Wapichana, o fechamento segue durante 15 dias.”

620. Vide **Ata de Decisão** da reunião ocorrida, em 26 de março de 2020, na TI Raposa Serra do Sol, região Surumú, Município de Paracaima, Comunidade Indígena Barro.

TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL  
REGIÃO SURUMU/MUNICÍPIO DE PACARAÍMA  
COMUNIDADE INDÍGENA BARRO  
DATA: 26 DE MARÇO DE 2020.

ATA DE DECISÃO

Aos dias vinte e seis de março de dois mil e vinte, às oito e meia da manhã, as lideranças das comunidades barro, surumu e maloquinha, se reuniram para tratar sobre a pandemia corona virus, que de maneira alarmante vem preocupando as populações locais, sobretudo, no que diz respeito ao controle da entrada de pessoas na Terra Indígena Raposa Serra do Sol. O encontro aconteceu em frente a casa de apoio da comunidade barro (mangueira), e contou com a participação do coordenador regional Anselmo Dionísio Filho, conselheiro local de saúde Reginaldo de Lima Bonifácio, administrador de saúde Local Raimundo Feitosa, administradoras do gado Joicinara da Silva Maceno e Eliomárcia Barbosa Pinho, os tuxauas Laurison Gabriel, Marçalme da Silva dos Santos, Eliésio dos Santos e Carpegiane Rebouças Bezerra, gerente de trabalho Moacildo da Silva, representantes da comunidade maloquinha Ana Lúcia S. Oliveira Rosa e Essemaio Pereira, e alguns membros da comunidade barro como Êmily Ramos Pereira, Elisângela Barbosa de Pinho, Paulo Sérgio, Elziane Amaro da Silva, Valdir Magalhães Dias, Augustino Pereira, Diraneide Lima Bonifácio, Vaner Peres Torres, Leonidas Peres e Jeferson Barbosa. Neste encontro discutiu-se a importância do "isolamento social" como forma de prevenção da doença, uma vez que esta, assim como outras, que no início de sua expansão assombraram a humanidade, como por exemplo, o HINI lembrado por senhor Raimundo Feitosa.

**DECISAO:** Após várias colocações, em decorrência a prevenção a Pandamia ao **CORANA VIRUS**, fica decidido que a entrada que dá acesso a Terra Indígena Raposa Serra do sol ficara fechada a parti do dia vinte e oito de março de dois mil e vinte (sábado), às seis horas da manhã na cabeceira da Ponte Elias Madeira, entrada das comunidades Barro/Surumu, Contendo o uso de faixas, placas e cones, cava leite, fita zebra. O fechamento contara com apoio da Equipe Multidisciplinar de Saude Indígena – EMSI, AIS, lideranças indígenas e GPVIT programada em escalas de pelos menos duas ou três pessoas. Fica decidido ainda que terá acesso os veículos a trabalho da saúde, abastecimento de combustível para o motor gerador, suprimento alimenticios para as comunidades indígenas e outras necessidades autorizadas pelas lideranças locais. Fica decidido também que não será aceita a entradas ou trânsitos de pessoas, membros ou não de comunidades que residente na cidade/comunidade ou vice versa esta decisão será por tempo indeterminado ate que se haja uma decisão pelas autoridades competentes.

Sem mais nada a discutir, a reunião deu-se por encerrada às 11h40min.

Figura 03: Ata da reunião de 26 de março de 2020, região Surumú

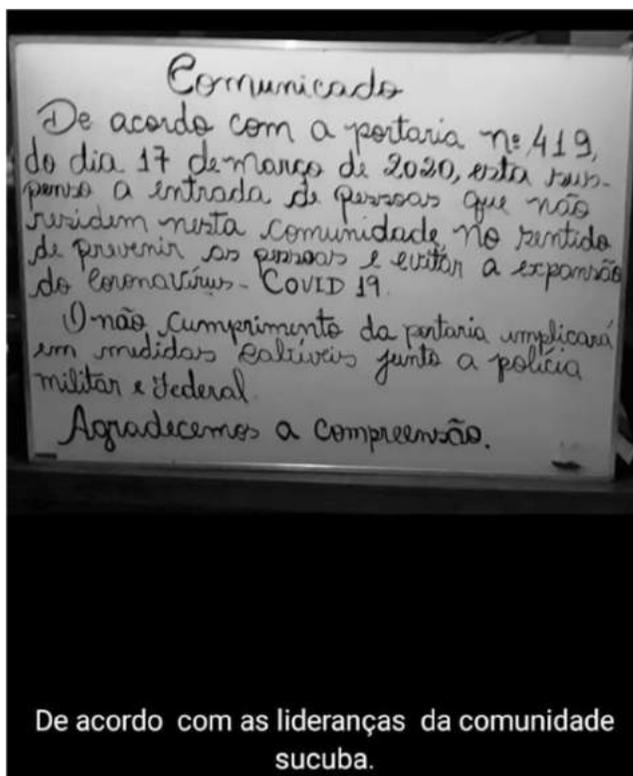


Figura 04: Comunidade Sucuba - Terra Indígena Sucuba



Figura 05: GPVIT na Comunidade Indígena Araçá - região Amajari



**Figura 06:** GPVIT na Comunidade Indígena Araçá - região Amajari

As “barreiras” são montadas com cones bicolores sob um fio plástico resistente ou com uma cerca de três fios estendida sobre um mata-burro, com uma placa de “Fechado”, no caso da TI Truaru, ou com um cartaz afixado sobre uma cerca de madeira branca, na entrada da TI Sucuba, em que se lê a menção legitimadora de que estariam agindo de acordo com a Portaria n.419, da FUNAI, de 17 de março de 2020.



**Figura 07:** Comunidade Truarú - Terra Indígena Truarú



**Figura 08:** Placa de fechamento da Terra Indígena Truarú



Figura 09: Placa de fechamento na Terra Indígena Truarú



Figura 10: Placa de fechamento na Terra Indígena Truarú

O tempo de fechamento prevê também uma interlocução com os poderes, pois há cartazes que assinalam como vigente “até que haja uma decisão pelas autoridades competentes” (cf. **Ata de Decisão**). O fechamento

comporta, deste modo variações, senão vejamos: no Lago Caracaranã foi definido o “fechamento da barreira” às 3<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, sábados e domingos, enquanto que o acesso ficou restrito a 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> de seis da manhã às 19 horas

---

**TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL**  
**REGIÃO RAPOSA**  
**CENTRO REGIONAL LAGO CARACARANÃ**

## **COMUNICADO**

DE ACORDO COM A DECISÃO DAS LIDERANÇAS INDÍGENAS DA REGIÃO RAPOSA E BAIXO COTINGO NA REUNIÃO REALIZADO EM CARÁTER EMERGENCIAL, PARA TRATAR DAS BARREIRAS INDÍGENAS DE FISCALIZAÇÃO SANITÁRIA INSTALADAS NA BR 433 E RR TRANS-ARROZAL, FICA DETERMINADO QUE O FECHAMENTO DA BARREIRA SERÁ NA TERÇA, QUINTA, SÁBADO E DOMINGO. O ACESSO SERÁ ABERTO NA SEGUNDA, QUARTA E SEXTA-FEIRA, DAS 06:00 HORAS DA MANHÃ ÀS 19:00 HORAS DA NOITE. A DECISÃO TEM COMO OBJETIVO MINIMIZAR O FLUXO DE PESSOAS PARA A SEDE DO MUNICÍPIO NESTE MOMENTO DA PANDEMLIA (COVID-19), E A PROPAGAÇÃO DA MESMA NAS COMUNIDADES INDÍGENAS. A DECISÃO SEGUIRÁ POR TEMPO INDETERMINADO.

A DETERMINAÇÃO SERÁ APATIR DO DIA 01 DE JUNHO 2020.

C.R.L.C: 29 DE MAIO DE 2020

**PERCIVANIO SOUZA**  
COORD. DA FISCALIZAÇÃO INDÍGENA  
REGIÃO RAPOSA

**ELISSANDRO RAPOSO**  
COORD. DA FISCALIZAÇÃO INDÍGENA  
REGIÃO BAIXO COTINGO

**Figura 11:** Comunicado: região Raposa, 29/05/2020

Na TI Tabalascada o fechamento foi previsto por 15 dias e depois estendido, enquanto em outras TIs há referências frequentes a um “tempo indeterminado”. Nas demais comunidades e TIs as medidas de interdição são constantes e não mencionam explicitamente a variável tempo, cingindo-se a informar, como dizem os cartazes, que está “suspensa a entrada de pessoas que não residem nesta comunidade”. Assim indica o Posto de Fiscalização e Vigilância no Uraricoera, que atende a TI São Marcos e diversas comunidades como Campo Alegre, Vista Alegre e Lago Grande, demonstrando uma expressiva capacidade de assegurar as proibições, a partir de ações conjuntas na entrada das TIs. De igual modo, a ação do GPVITI (Grupo de Proteção e Vigilância dos Territórios Indígenas), na região do Amajari, correspondeu a uma mobilização de lideranças de várias comunidades, tais como: Araçá, Ouro, São Francisco; e na região Raposa às comunidades de Raposa e Guariba.



**Figura 12:** Comunidade Ouro e São Francisco - região Amajari



Figura 13: Equipe GPVIT da Comunidade Raposa I - Região Raposa

Terra Indígena São Marcos  
 Posto de Fiscalização e Vigilância  
 Urucocera

Nos Turmas e reuniões das  
 comunidades Campo Alegre, Vista Alegre,  
 Nítche, Lago Grande, Diásona e São Marcos  
 da Região do Baixo São Marcos discuti-  
 mos por comunidade manter restrito a  
 entrada de pessoas que não reside  
 nas comunidades acima mencionada,  
 no entanto estamos lutando e pressionando  
 a nossa sociedade contra COVID-19,  
 pois estamos salvaguardando a nossa  
 comunidade.

Posto de Fiscalização e Vigilância  
 Urucocera 28 de Março de 2020.

Gláucia Ferreira Chagas  
 Ana Carolina Almeida  
 Aquino Leiva Augusto  
 ADELSON DUNNIE  
 Cláudia Almeida de Castro  
 Elmar Gonzaga da Souto  
 Claudio de Souza

Figura 14: Documento informando o fechamento no Posto de fiscalização e Vigilância Urucocera da Terra Indígena São Marcos.



**Figura 15:** Bloqueio das estradas na região Serras

Combinadas com a iniciativa destas “barreiras sanitárias” registra-se o adiamento de eventos e o cancelamento temporário de rituais para “evitar aglomerações”, como dizem explicitamente os documentos. A XII Assembleia da Juventude Indígena de Roraima foi cancelada conforme documento do Núcleo de Juventude Indígena. O cancelamento foi explicado em carta datada de 1º de abril de 2020, firmada pelo Coordenador Estadual da Juventude Indígena, justificando que seguem as “orientações da OMS” para evitar a propagação do Covid-19. (Figura 16). Do mesmo modo foram colocados em suspenso sequências, rituais, festas e comemorações.



## Núcleo de juventude

Centro de formação, 01 de abril de 2020.

### Carta

A coordenação do núcleo de juventude indígena de Roraima, criada para articular e fortalecer o movimento de jovens, vem por meio desta **comunicar** as senhores coordenadores regionais de juventude, juventudes e lideranças o **cancelamento** da XII assembleia da juventude indígena de Roraima. Por medidas preventivas da saúde de nossa juventude e lideranças, ressalto ainda que estamos seguido às recomendações da OMS (organização mundial da saúde) para evitar a propagação da COVID-19 (corona vírus) em meio as nossas regiões e comunidades, no mais esperamos ter á compressão de todos, e pós-amenização da pandemia estaremos novamente entrado em contato com os senhores para remarcar uma nova data.

Com saudações indígenas!

Alcebias Mota Constantino

Coordenador estadual da juventude indígena

Figura 16: Carta da Coordenador Estadual da Juventude Indígena

Foram registradas também ocorrências de montagem de barreiras sanitárias na entrada de TIs no Acre, com os Puyanawa fechando fisicamente a entrada da TI Puyanawa. Já no Amazonas, na TI Alto Rio Negro, foram

montadas “barreiras” de controle. Aí vivem pelo menos 23 (vinte e três) povos indígenas, dentre eles: Arapaso, Baniwa, Baré, Barasana, Bará, Desana, Hupda, Karapaña, Piratapuya, Tukano, Koripako, Kotiria, Tariano, Warekena, Maku, Kubeo, Mirity-tapuia além de isolados dos Rio Uaupés e Cuririari e do Igarapé Waranaçu...) (Figura 17).

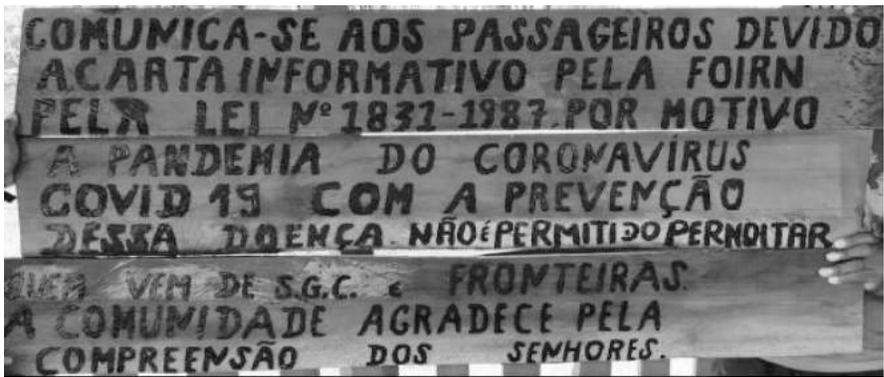


Figura 17: Placa de advertência da Terra Indígena Alto Rio Negro

As interdições dirigidas ao transporte fluvial e à atracação de barcos dizem: “não é permitido pernoitar quem vem de S.G.C. (São Gabriel da Cachoeira) e fronteiras”” e “proibido encostar na comunidade”. Os cartazes evocam a FOIRN e a Lei n.1.831 de 1987. Também no Estado do Amazonas, na Aldeia Boará de Cima, do povo Kokama<sup>621</sup>, no Alto Solimões, mesmo tendo sido erguidas barreiras, em 21 de maio verificavam-se 27 casos de infecção. Considerando as aldeias dos Kokama como um todo há registros, até 30 de maio, de pelo menos 55 vítimas fatais de Covid-19 (Vide seção denominada Obtúario, na segunda

621. As notícias dos primeiros casos de COVID-19 entre indígenas Kokama, com registro de quatro casos em Santo Antonio do Içá (AM); Mura, em Itacoatiara (AM); Borari, no baixo Tapajós (PA), e Yanomami, na região do polo base Uraricoera, na TI Yanomami, no município de Alto Alegre (RR), tiveram ampla repercussão e permitem a interpretação de que teriam chamado a atenção de lideranças locais e dos movimentos indígenas, fortalecendo a necessidade desta iniciativa de mobilizações para fechamento do acesso às TIs. Consulte-se a propósito: Wladimila, Nayra e Brasil, Kátia - “Ministério da Saúde registra primeiro caso de Covid-19 em Yanomami”. *Amazônia Real*, 08/04/2020 às 00:28.

parte no **Território da Morte** dessa coletânea). No Rio Purus na TI Jarawara/Jamamadi/Kanamati, localizada nos municípios de Lábrea e Tapauá, no Estado do Amazonas, também foram erguidas barreiras de controle e vigilância. (Figura 21). Essa experiência de obstruir vias públicas já era bastante conhecida no Amazonas, sobretudo a partir da ação de vândalos destruindo as correntes do pedágio dos Waimiri-Atroari na BR 174 em 28 de fevereiro de 2020<sup>622</sup>.



Figura 18 e 19: Povo Kokama da aldeia Boará de Cima anunciando a quarentena

622. Cf. **Informativo Comentado** sobre Povos e Comunidades Tradicionais, n.1. Manaus, PNCSA



Figura 20: Waimiri-Atroari fechando a BR 174 em protesto contra o vandalismo que destruiu o suporte das correntes que assegurava o pedágio



Figura 21: Jarawara da aldeia Nascente, TI Jarawara/Jamamadi/Kanamati

No Pará, no final de março, os Kaiapó negociaram com os garimpeiros a paralisação da extração aurífera em Turedjam: “Nós sempre quisemos fechar o garimpo. Com o risco de contágio pelo Coronavírus na comunidade, nós debatemos e chegamos a um consenso”, disse Takatkyx, liderança Kaiapó. Os garimpeiros se retiraram levando seus equipamentos. A FUNAI informou que não participou das negociações<sup>623</sup>.

Enquanto as ações até agora mencionadas fortalecem as formas político-organizativas intrínsecas à vida comunitária nas TIs e aos movimentos indígenas, há um outro repertório de iniciativas que busca fortalecer principalmente as instituições encarregadas das políticas públicas de assistência aos povos indígenas. Vale destacar que em reunião do FPCONDISI, em 22 de maio, no salão de reunião on-line da APOINME, foi aprovada uma nota focalizando a premência de assistência médica às chamadas “Aldeias Urbanas” e em especial à aldeia Jaguapiru:

“Exemplo da aldeia Jaguapiru em Mato Grosso do Sul, superpopulosa com mais de 12 mil pessoas confinados em 4 (quatro) hectares de terras a 5km da cidade, em condições sociais inadequadas, grande índice de suicídio”. Outro exemplo concerne “a um grupo indígenas Guarani e Kaingang alojados na antiga rodoviária de Florianópolis (SC) com idosos e crianças, carece de uma ação indigenista urgente (FUNAI), acredita-se que estes sejam devidamente cadastrados no SIASI no caso de responsabilidade do DSEI estão altamente vulneráveis à contaminação.” (Figura 22).

---

623. Cf. Angelo, Mauricio – “Comunidade Indígena do Pará expulsa garimpeiros por Covid-19”. Thomsom Reuters Foundation, 06 de abril de 2020, 11h45.

Atualizado às 12h05.

““Não queremos mais garimpeiros circulando no meio das aldeias. Eles concordaram em sair.”, disse Takatkyx Kayapó, um dos líderes comunitários que negociaram com os garimpeiros, à Thomsom Reuters Foundation (T.R.F.).” (...) Assim como o garimpo em Turedjam também houve uma interrupção do corte de árvores, disseram os locais. (...) Os moradores de Turedjam disseram que, no pico das atividades de mineração, era possível ver até 70 escavadeiras em suas terras...”. Os indígenas afirmaram ainda que quando acabar a pandemia será feita outra reunião para decidirem o que fazer: “A ideia é fechar os garimpos para sempre”, completou o líder Kaiapó.

**REUNIÃO DO FPCONDISI DIA 22 DE MAIO ÀS 14:00 NA SALA DE REUNIÃO ON-LINE DA APOINME.**

**ATENÇÃO PARA AS ALDEIAS CHAMADAS DE ALDEIAS URBANAS.**

- Exemplo da aldeia Jaguapiru em Mato Grosso do Sul, superpopulosa com mais de 12 mil pessoas confinados em 4 hectares de terra a 5 km da cidade, em condições sociais inadequadas, grande índice de suicídio.
- Verificar qual tipo de assistência está sendo possíveis prestar a um grupo indígenas guarani e Kanigang alojados na antiga rodoviária de Florianópolis- SC com idosos e crianças, carece de uma ação indigenista urgente (FUNAI) acredita-se que estes sejam devidamente cadastrados no SIASI no caso de responsabilidade do DSEI estão altamente vulneráveis a contaminação.

**FORTELECIMENTO INSTITUCIONAL DO CONTROLE SOCIAL DE SAÚDE INDÍGENAS**

- Promover encontros on line uma vez por mês ;
- Fortalecer o canal de diálogo com a SESAI com vistas a dá visibilidade as ações do FPCONDISI;
- Replicar esse modelo de reunião onde for possível inclusive pós Pandemia.
- Construir canais de divulgação e promoção das ações de controle social por DSEI.

**AÍLSON DOS SANTOS  
COORDENADOR DO FPCONDISI**

02

**Figura 22:** Comunicado da Aldeia Urbana Jaguapiru

As estratégias discursivas, neste caso de reuniões do FPCONDISI, sublinham o “fortalecimento institucional” das agencias responsáveis pela saúde indígena ou “das instituições responsáveis pelas políticas públicas de assistência aos povos indígenas”, que são atreladas ao Estado. Embora suas atribuições consistam em articular ação assistencial de várias instituições públicas, suas medidas convergem para “evitar aglomerações”, sobretudo em rituais como o “toré”. (Figura 23).

**REUNIÃO DO FPCONDISI DIA 22 DE MAIO ÀS 14:00 NA SALA DE REUNIÃO ON-LINE DA APOINME.**

**1-COMPREENDER MELHOR A REALIDADE DOS POVOS INDÍGENAS FRENTE A SITUAÇÃO DA PANDEMIA DO CORONAVIRUS**

- Quais os processos de enfrentamento da covid 19 nas aldeias;
- Assistência das equipes nas aldeias
- Como estão se organizando para enfrentamento

**A VULNERABILIDADE DOS POVOS INDÍGENAS E A NECESSIDADE DE AÇÕES DO ESTADO BRASILEIRO POR MEIO DO FORTALECIMENTO DAS INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS PELAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA AOS POVOS INDÍGENAS:**

- Inclusão dos povos indígenas nos grupos de risco;
- Realizar testagem geral da população indígenas e trabalhadores de saúde indígenas;
- Disponibilizar álcool gel, máscaras e outros equipamentos de proteção individual-EPI's para os trabalhadores e para ser usado em casos de pacientes suspeitos além de disponibilizar material de higiene e de limpeza;
- Realizar um inquérito sanitário por aldeia (sintomas de gripe, febres) pelo AIS/EMSI;
- Adequar e higienizar os espaços públicos nas aldeias: escolas, casas de oração/reza, postos de saúde, entre outros, nas aldeias para receber indígenas em uma possível necessidade de quarentena, ampliar os cuidados a grávidas, pessoas com doenças crônicas, problemas respiratórias entre outras, que apresentem a Síndrome Gripal, atentar para o isolamento social.
- Realizar testagem em pacientes e acompanhantes indígenas inclusive crianças com patologias crônicas nas CASAs;
- Esvaziar as CASAs de pacientes com procedimentos eletivos;
- Articular suporte do exército Brasileiro para fornecimentos de água nas aldeias que não tem sistema;
- Ampliar assistência social as populações indígenas, incluindo cestas básicas de alimentos (fazer campanha)
- Elaborar e distribuir material informativo adequado para os povos indígenas, no sentido de sensibiliza-los para não compartilhar objetos pessoais – talhars, alimentos, roupas, local de dormida e etc. além dos utilizados nos rituais como: xanduca/ campião, cachimbo/ cigarros, bem como bebida, kaxiri/ Kaxixi/sakura/ garapa de cana e ou rapadura/ jurema e alcoólica, entre outras;
- Orientar para evitar aglomerações, em especial os rituais indígenas, como o toré e outros. Como também manter o afastamento social;

01

**Figura 23:** Comunicado do FPCONDISI

3-Este processo de mobilização indígena, com características autodefensivas, de acordo com o que já foi reiterado, ao mesmo tempo, que não permite o ingresso nas TIs de pessoas que não fazem parte das comunidades, defendendo o “isolamento social” para se protegerem do contágio, procede à desintração das terras tradicionalmente ocupadas, expulsando os invasores. Em outros termos, em concomitância com o controle da entrada em seus territórios os indígenas se mobilizam para efetivar os desintraamentos, qual seja, retirar de maneira efetiva os invasores de suas terras. Levando em conta o adensamento e a intensidade da mobilização indígena em defesa de seus territórios, nestes tempos de pandemia, observa-se pelo menos duas modalidades principais de desintração: i) a primeira se refere a uma retirada

dos invasores sem negociação. Ela diz respeito a ações coletivas, respaldadas em consultas a lideranças intermediárias e em consenso “tribal”<sup>624</sup>, obtido através de sucessivas reuniões e articulações políticas, que indígenas Macuxi, Taurepang, Wapichana, Patamona e Ingaricó realizaram, no dia primeiro de abril, compreendendo uma retirada compulsória de garimpeiros e suas balsas do Rio Cotingo, próximo ao igarapé Samaúma, na TI Raposa Serra do Sol, localizada no nordeste do Estado. Em sequência, num ato contínuo, apreenderam os equipamentos utilizados nesta atividade ilegal para serem posteriormente entregues às autoridades competentes<sup>625</sup>. Esta ação forçada de desintrusão, impensável em outras circunstâncias, tornou-se exequível mediante este processo pandêmico que, embora trágico e cruel, tem impelido os indígenas a uma autodefesa constante e aparentemente mais duradoura, porquanto ancorada em consensos. Esta capacidade de mobilizar, mesmo que seja situacional, tem propiciado condições objetivas para uma consolidação de lideranças e chefias. Comunicados, atas de decisão, recomendações, avisos e outras relações que reafirmam laços de solidariedade, por sua frequência e pelo acatamento coletivo conduzem à suposição de que algumas conquistas podem ser mais duradouras do que se supõe à primeira vista.

ii) Pode-se dizer que a segunda vertente concerne a situações similares àquelas vividas pelos Kaiapó, que negociaram com os garimpeiros o encerramento da extração de ouro em Turedjam, após obterem o consenso em reuniões consecutivas. Os garimpeiros se retiraram levando todos seus equipamentos sem que a FUNAI ou qualquer outro órgão competente tenha participado das negociações, isto é, sem multas, sem reparações e sem perdas de quaisquer equipamentos. Uma indagação frequente nos debates sobre “mobilização indígena” é se as evidências de ilegalidade seriam minimizadas?

---

624. Leia-se o conceito de “tribal” tal como trabalhado por Mahmood Mandani – “What is a tribe?”. *London Review of Books*. vol.34 n.17. September 2012 pages 20-22

625. Cf. “Índios retiram garimpeiros da Raposa/Serra do Sol”. *Folha de Boa Vista*, 06 de abril de 2020. In *Folha Web*, 06/04/2020, às 15h10.

Neste aludido episódio constata-se que, além do desintrusamento, se colocam em pauta questões ambientais, relativas à sustentabilidade das próprias comunidades indígenas. Com perspectiva de futuro as iniciativas indígenas convergem para uma gradual recuperação da cobertura vegetal e das matas ciliares uma vez que os garimpos, numa ação ilegal de décadas, provocaram danos de difícil reparo imediato. Mesmo que esta retirada dos garimpeiros seja circunstancial, pois o preço do ouro encontra-se em elevação crescente neste maio e junho de 2020, e poderia estimular novas invasões, os indígenas não ignoram isto nem a relevância do atual desintrusamento. Atenta à elevação do preço do ouro a imprensa periódica repete que se trataria de uma “paralisação da extração aurífera” e não do encerramento das atividades de garimpagem ilegal. As lideranças indígenas consideram, entretanto, que estão ganhando um tempo precioso para se prepararem para enfrentamentos futuros e para recuperar, ainda que parcialmente, nascentes, olhos d’água e pequenos igarapés em seu território. Na fala de lideranças percebe-se que com as desintrusões as águas estariam se tornando mais límpidas e transparentes, dando fim à turbidez gerada pelos materiais em suspensão, removidos frequentemente dos leitos dos rios em virtude das atividades extrativas. Em suma, com ou sem negociação, as ações de desintrusamento fortalecem as formas político-organizativas intrínsecas aos próprios indígenas, ressaltando seu protagonismo e expondo os riscos implícitos a um processo pandêmico não exatamente controlado, ainda pouco conhecido e com efeitos trágicos sobre os povos indígenas, cujas vítimas fatais do Covid-19 se aproximam de 500 (quinhentas) em nove semanas de declaração da pandemia.

Há interpretações correntes que salientam o fato de estarem sendo criadas condições de possibilidade para que também sejam reduzidos os índices elevados de desmatamento, uma vez que circulam informações de que o corte de árvores estaria diminuindo desde que foram montadas as “barreiras de controle e vigilância”. Tais informações certamente carecem de verificações *in loco*. Os argumentos atestadores reiteram que diante da

intensa mobilização, com uma rígida fiscalização dos próprios indígenas, os madeireiros e garimpeiros estariam temendo intrusar as TIs. As práticas rotineiras de autodefesa nas “barreiras de controle” e nos afazeres da vida cotidiana assinalam um maior grau de organização indígena neste momento. Certamente que o fator quantitativo, que caracteriza as invasões, não pode ser ignorado, nem subestimado porquanto pode limitar ou até neutralizar o resultado de qualquer mobilização indígena. Numa TI como a dos Yanomami, invadida por cerca de 20 mil garimpeiros, torna-se bastante complexa qualquer ação indígena voltada para uma desintrusão efetiva. Não obstante, a mesma pandemia que faz os indígenas promoverem o “isolamento social” propicia condições favoráveis ao desintrusamento, cujos efeitos parecem não apenas estar inibindo os invasores de adentrarem as terras indígenas, mas também criando condições para que, mediante dificuldades operacionais internas às comunidades indígenas, seja possível, o cumprimento dos direitos constitucionais com uma autorização de ações de desintrusão mais vigorosas executadas por forças policiais federais e militares. Esta alternativa consiste numa terceira vertente de desintrusamento das TIs, executada em consonância com as relações de poder.

O grau de organização dos indígenas, com as famílias se revezando nos postos de controle e com equipes monitorando todo o tempo os limites mais frágeis na defesa do território tem facultado uma ação mais incisiva contra os invasores seja através de negociações caso a caso, seja através da ação direta combinada com os órgãos oficiais. Indigenista oficial, ou seja, com atos mais determinados de interditar o acesso ou de promover o despejo. Neste contexto são ensaiadas iniciativas de monitoramento em tempo real de limites e vias de acesso às TIs, reforçando a utilização de GPS, celulares e diversos aplicativos, cujos usos se tornam frequentes nos movimentos indígenas. Com a utilização destes recursos tecnológicos, atrelados à execução de atividades anteriores de mapeamento social de seus territórios, a capacidade mobilizatória dos indígenas aumenta e a eficácia de seus resultados torna-

se mais factível. As técnicas de mapeamento consolidam os procedimentos elementares de monitoramento de limites e da presença de intrusos que utilizam clandestina e ilegalmente os recursos naturais das TIs.

4-Um outro efeito da pandemia concerne à observância de normas relativas aos processos de decisão, definidos em legislação específica, acerca da participação de indígenas. No Alto Solimões (AM), em municípios onde ocorreram eleições recentes para os Conselhos Distritais de Saúde Indígena, tal como em 21 de março de 2020, em São Paulo de Olivença, abrangendo Kambeba, Kokama e Ticuna foram registrados conflitos em torno do controle daqueles mencionados mecanismos com a recusa oficial de reconhecimento em ata do resultado efetivo de eleições para o distrito sanitário. Sublinhe-se que atos semelhantes já estavam ocorrendo desde o ano anterior. A pandemia agravou a desestruturação do sistema de saúde indígena, o qual esteve sob pressão durante todo o ano de 2019 mediante atos governamentais, que extinguiram o Fórum dos Presidentes dos Conselhos Distritais de Saúde Indígena (FPCondisi) e limitaram o poder “colegiado participativo” dos conselhos distritais e locais de saúde como espaços políticos de participação social e de decisão colegiada<sup>626</sup>, impelindo os povos indígenas a adotarem postura defensiva e critérios político-organizativos intrínsecos para resistirem aos seus antagonistas. Importa sublinhar os debates acirrados em torno da Lei n.9.836 de 23 de setembro de 1999, que dispõe sobre o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena do SUS, e os desdobramentos políticos que buscam desmontar sua “estrutura organizacional”, como o Decreto 9.759, de abril de 2019, que extinguiu o FPCondisi. Os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs), que são unidades gestoras descentralizadas do SasiSUS,

---

626. Consulte-se os debates acirrados em torno da Lei n.9.836 de 23 de setembro de 1999, que dispõe sobre o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena do SUS, e os desdobramentos políticos que buscam desmontar sua “estrutura organizacional”, como o Decreto 9.759, de abril de 2019, q, atualizado às 12e extinguiu o FPCondisi. Os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIS), que são unidades gestoras descentralizadas do SasiSUS, cuja estrutura de atendimento está apoiada em unidades básicas, polos- base e as chamadas Casas de Apoio à Saúde Indígena (Casai), tornaram-se menos autônomos e os conselhos distritais (CONDISI) e locais (CLSI) passaram a ser rigidamente controlados, desrespeitando as decisões colegiadas e de participação ampla. Concomitantemente registram-se ameaças de desmontar o corpo técnico destes DSEIS com afastamento e demissões continuadas de funcionários.

cuja estrutura de atendimento está apoiada em unidades básicas, polos-base e as chamadas Casas de Apoio à Saúde Indígena (Casai), tornaram-se menos autônomos e os conselhos distritais (CONDISI) e locais (CLSI) passaram a ser rigidamente controlados, desrespeitando as decisões colegiadas e de participação ampla. Concomitantemente registram-se ameaças de desmontar o corpo técnico destes DSEIS com afastamento e demissões continuadas de funcionários.

Fortalecendo estas iniciativas indígenas e buscando sintetizá-las a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) elaborou um “Plano de Ação Emergencial e Combate ao Avanço do Coronavírus (COVID-19) entre os Povos Indígenas da Amazônia Brasileira”. Para além destas mobilizações étnicas cabe mencionar que o Ministério Público Federal (MPF) e o Ministério Público do Estado do Acre (MPAC), elaboraram recomendações<sup>627</sup> ao governo estadual e prefeituras que objetivam complementar outras medidas que já haviam sido indicadas como imprescindíveis para a garantia dos direitos dos povos indígenas, no que concerne à sua proteção face à atual pandemia. Nestes tempos, tal como naquelas situações históricas de “pestes”, “pragas” e “cólera”, os mecanismos de controle social e de dominação política se concentram nos dispositivos vinculados à saúde (pública, privada) e nas agências respectivas, ampliando a dimensão do campo político e concentrando os atos em determinadas agências e mecanismos de controle da saúde, da higiene e da alimentação.

Com as medidas de contenção do Covid-19, montando “barreiras sanitárias” de controle do fluxo de pessoas e efetivando desintrações, constata-se que as comunidades indígenas estão sendo impelidas a repensar suas

---

627. O MPF e o MPAC recomendaram ao DSEI Alto Rio Purus e Alto Rio Juruá que procedesse à elaboração e execução de um “Plano de Contingência Distrital para Infecção Humana pelo novo Coronavírus”, realizando a aquisição imediata de testes para o diagnóstico da doença, de kits de oxigênio, de equipamentos de proteção individual (EPI) para os profissionais de saúde e de contratos para viabilizar remoções de emergência nas várias aldeias. Enfatizaram ademais o isolamento dos indígenas em suas aldeias nos casos de suspeita ou confirmação de contágio, bem como a necessidade de controle sanitário da entrada nas terras indígenas e medidas no sentido de promover a retirada de invasores das TIs. (Cf. Facebook de Altino Machado, em 06 de abril de 2020).

relações com os recursos naturais nas TIs. Uma primeira observação, elaborada a partir de contatos por celular e consultando os boletins<sup>628</sup> “**Atenção, Txai!**” - da Comissão Pró-Índio do Acre, da Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC) e da Associação dos Agentes Florestais Indígenas do Acre -, indica que o isolamento das TIs e as consequentes limitações de deslocamento dos indígenas para atos de compra e venda nos centros urbanos, bem como o deslocamento para as aldeias de famílias indígenas que estavam residindo nas cidades, levaram a uma maior dedicação às práticas cotidianas voltadas para o autoconsumo e a uma redefinição do uso da floresta, isto é, dos recursos florestais e hídricos. Os relatos a partir dos contatos permitem ressaltar que, neste final de inverno amazônico, estariam aumentando as áreas destinadas para os cultivos tanto em termos do número de **roças** em terras firmes, quanto ao tamanho destas **roças**. Além disto, a localização delas também estaria se dando “mais para dentro da mata”, levando inclusive à discussão sobre mudanças na posição de unidades residenciais e até de aldeias inteiras. Verifica-se uma propensão dos indígenas de adentrar mais no território, reproduzindo uma prática de outros momentos históricos marcados por epidemias (coqueluche, sarampo, catapora). O antropólogo Txai Terri, no Boletim n.07, narra os significados do “isolamento social” nas TIs, que ele designa de “reclusão”, e suscita uma interpretação positiva desta volta às aldeias

“Quando a pandemia chegou no Acre, os txais de quase todas as terras indígenas, que viviam nas cidades, voltaram para dentro de suas terras, voltaram para suas terras, para suas aldeias e alguns ainda foram fazer casas lá dentro da floresta com medo de serem contaminados por esta doença. Acho que vocês devem ter a memória do tempo das epidemias coqueluche, sarampo, catapora, malária que dizimou muitos de vocês, muitas populações indígenas do Brasil, do Acre. (...) vocês fizeram isto, voltaram para as terras

---

628. Os **Boletins Atenção, Txai!** são produzidos pela Comissão Pró-Índio do Acre, pela OPIAC e pela Associação dos Agentes Florestais Indígenas do Acre. A CPI-AC está realizando uma campanha pedagógica voltada para os indígenas, denominada de “Fique em Casa”. Consultei principalmente o boletim de n.07, de junho de 2020 intitulado “Txai Terri Aquino fala da importância de cuidar dos idosos nas Aldeias”.

de vocês, para as aldeias. Aqueles que viviam fora voltaram, foram botar seus roçados. Lá na quarentena da aldeia era bem diferente da quarentena na cidade, vocês tinham mais liberdade de colocar roçados de terras firme, roçados de praia (...) isto deu mais ânimo para vocês e vocês fizeram uma reclusão voltando para dentro das aldeias, voltando para dentro da terra indígena.” (Txai Terri, 2020).

A redefinição do uso da floresta estaria fazendo com que os denominados “centros” ou lugares destinados à produção agrícola e extrativa tornem-se também lugares de moradia, mesmo que provisórias? Seria prematuro afirmar que se esboça uma pressão demográfica sobre as terras indígenas, com o retorno de famílias e com a abertura de mais roças e de tamanhos maiores, alterando profundamente os modos de uso dos recursos. Somente um trabalho de pesquisa mais detido e abrangendo o próximo verão poderá propiciar, talvez, meios para uma resposta apropriada a questões desta ordem. Como pano de fundo um pressuposto de que as TIs não consistem em meras continuidades das áreas protegidas ambientalmente (unidades de conservação, resex, flonas, rebio), como usualmente ocorre com aqueles que agrupam sob uma mesma classificação de “áreas protegidas” terras indígenas e unidades de conservação, menosprezando as diferenças. Nas TIs as regras de uso dos recursos naturais são dinâmicas e alteradas segundo condições definidas pelos próprios indígenas em diferentes circunstâncias. A pandemia concorre para que se torne mais diáfana esta distinção num momento em que os movimentos indígenas se fortalecem e se projetam na cena política com mais força e contundência, passando a controlar de maneira mais efetiva os seus próprios territórios.



# TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA: AÇÕES MUTUALISTAS COMO RELAÇÕES POLÍTICAS

Alfredo Wagner Berno de Almeida

Eriki Aleixo de Melo

Na terceira parte apresentamos uma iconografia de cartazes *on line* de diferentes modelos: cartazes informativos, cartazes com mensagens solicitando apoio, cartazes de campanhas beneficentes e solidárias. Compõem um conjunto de 40 (quarenta) cartazes enviados para o Projeto Nova Cartografia Social (PNCSAO) entre a segunda semana de março e final de junho de 2020. Este critério balizou o que poderiam ser as escolhas, que praticamente não ocorreram. Cingimo-nos aos cartazes recebidos e apenas a estes. Reconhecemos, entretanto, que nas redes sociais foram veiculadas centenas de cartazes similares e não realizamos uma filtragem capaz de selecionar aqueles que poderiam compor uma coleção passível de análise. Detivemo-nos nestes cartazes produtos de uma interlocução no âmbito do PNCSA e de suas esferas de colaboradores e pesquisadores. Tais mensagens transmitem as demandas básicas das unidades sociais de referência designadas como: povos, comunidades, aldeias, “ranchos”, “ocupação” e famílias. Abrangem agentes sociais que se autodefinem nos cartazes, de maneira explícita, como indígenas, quilombolas, ciganos, pescadores e caiçaras ou comunidade tradicional caiçara. Compreendem diferentes formas de resistência de povos indígenas, quilombolas e ciganos, que buscam na interação com pesquisas universitárias uma relação de solidariedade e de apoio, baseada em confiança mútua pacientemente construída na última década e meia. O PNCSA esteve empenhado na distribuição de cestas básicas e de máscaras para as aldeias e organizações indígenas no perímetro urbano de Manaus, bem como apoiou a divulgação de “rifas beneficentes” e “vaquinhas solidárias”, ampliando a rede de relações sociais. No caso dos Kambeba e Kokama pesquisadores do

PNCSA se empenharam na elaboração de cartas para agências de fomento, que pudessem apoiar monetariamente os esforços dos indígenas nas aldeias localizadas no Alto Solimões. O PNCSA, contudo, embora apoie tais iniciativas, não capta recursos de nenhuma ordem, nem administra ou repassa recursos monetários para comunidades indígenas ou quaisquer outras unidades. Trata-se de um projeto que cinge às atividades acadêmicas e de pesquisa.

Os agentes sociais de referência para os efetivos contatos, ultrapassam a correlação de um para cada unidade social, concernem, pois, a 24 (vinte e quatro) mulheres, 17 homens e 07 (sete) formas associativas indígenas, quais sejam: Conselho Indígena de Roraima (CIR), Associação dos Povos Indígenas Wai Wai Xaary (APIWX), Conselho Indígena Tapajós e Arapiuns (CITA) e Federação Indígena do Povo Kukami-Kukamiria do Brasil, Peru e Colômbia, Associação das Mulheres Indígenas Sateré Mawé (AMISM) e Wotchimancu-Comunidade Indígena Tikuna. Além destas associações tem-se também entidades de apoio que aparecem de maneira explícita nos cartazes, senão vejamos: Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI) e entidades confessionais, Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e CÁRITAS.

No caso de indígenas e quilombolas estas formas organizativas são expressas, principalmente, pela vigilância e controle do acesso às suas terras, implementadas pelas próprias comunidades, de maneira autônoma e precedendo a qualquer ação governamental. O tipo de apoio solicitado compreende o que designam nos cartazes de “doações financeiras”. No caso das mulheres indígenas que se apresentam como artesãs vale observar que elas estão oferecendo ou colocando à venda os produtos de seus trabalhos manuais, isto é, não se referem a doações propriamente ditas. Há ainda aquelas situações em que as “mulheres artesãs” efetuam sorteios de seus produtos entre os doadores. Os cartazes são explicativos e descrevem como proceder no que tange a colaborações e doações, inclusive as financeiras, informando agências bancárias e dados sobre contas-correntes e números de telefones para contatos. Há situações que mencionam explicitamente um tipo coletivo

de apoio, que pressupõe relações sociais de reciprocidade tal como participar de uma “vaquinha solidária” ou simplesmente de uma “vakinha” ou ainda de uma de “rifa solidária”. Mobilizam relações de afetividade sem perder de vista a dimensão coletiva e política no enfrentamento à pandemia.

Um outro item desta seção abrange cartazes e breves textos que enunciam as necessidades básicas explicitadas pelas unidades sociais, que compreendem: produtos de limpeza -sabão, detergente líquido -, cestas básicas, máscaras ou tecidos para confecção de máscaras ou ainda fraldas, agasalhos e cobertores). Tais necessidades são explicitadas por redes e comunidades indígenas, comunidades quilombolas e “ranchos ciganos”. Os cartazes, com desenhos, grafismos e ângulos de fotos bastante semelhantes, geralmente focalizam os membros das associações paramentados com seus respectivos artesanatos. As mulheres aparecem com destaque trajando vestes tradicionais e adereços (brincos, colares, pulseiras, cocares) batizados como “biojóias”. Os cartazes descrevem também como proceder no que tange a colaborações e doações, inclusive as financeiras, informando as respectivas agências bancárias e dados sobre contas-correntes e número de telefones para contatos.

Além das várias situações que mencionam explicitamente um tipo coletivo de apoio, que pressupõe relações sociais de reciprocidade, tal como participar de uma “vaquinha” ou de uma de “rifa solidária”, os cartazes contêm ainda menção aos locais onde deverão ser entregues as doações em gêneros alimentícios ou os materiais de limpeza. O endereço físico transmite uma noção operativa materializada num determinado espaço físico, evidenciando que nem tudo é virtual. Em tudo expressam formas organizativas, que designam um “território de resistência”, que idealmente dispõe os indígenas numa posição de autonomia relativa face aos órgãos governamentais. Tal território caracterizado por uma escolha de como se mobilizar autônoma e livremente, sem o controle de mediadores, e por um exercício de liberdade, revela um encontro explícito com sua autodefinição, ou seja, apresentam-se publicamente como se veem ou como querem ser vistos e não como são classifi-

cados pelos atos de Estado. Assim, comunidades indígenas, localizadas em perímetros urbanos, cujos membros tiveram recusado o acesso aos Registros Administrativos de Nascimento Indígena (RANI), mobilizam-se livremente como indígenas coadunados com a consciência de si mesmos e, portanto, afinados com a identidade coletiva designativa de seu povo ou comunidade de pertencimento. Estas terras indígenas localizadas em perímetros urbanos compreendem territórios pluriétnicos Recusam explicitamente a classificação censitária de “pardos” a qual automaticamente os impediria de usufruir de quaisquer direitos aos RANI. As mobilizações conjuntas de agentes sociais de diferentes etnias, tem levado à ruptura com a camisa de força do modelo de etnificação imposto pela sociedade colonial, ao reivindicarem o reconhecimento destes territórios pluriétnicos<sup>629</sup>. Somente no Parque das Tribos em Manaus, conforme se pode constatar nos cartazes tem-se 35 (trinta e cinco) etnias, enquanto no Livramento os cartazes falam em cinco etnias. As que são explicitadas no repertório de cartazes ora apresentados, correspondentes a diferentes regiões do país, são as seguintes: Kokama, Tikuna, Tukano, Baniwa, Uitoto, Sateré Mawé, Xacriabá, Xetá, Aracaré Parrancó, Tupinambá, Tuxá, Pataxó Hã Hã Hãe, Guarani, Mbyá Guarani, Kaingang, Wai Wai e Karapaña. No caso desta última etnia o cartaz alude a uma vítima do Covid-19 que foi a óbito, o filho, e ao pai, bastante idoso, que resistiu à infecção, após duas internações e requer cuidados. A sua comunidade solicita agora no pós-Covid-19, um apoio em materiais de construção para que possa ser construída uma moradia para ele próxima à aldeia Yupirungá, em Tarumã-açu, uma vez que requer cuidados e uma maior proximidade de centro urbano. O Sr. Manuel Paulino Karapaña é viúvo, mora sozinho e nesta aldeia mencionada encontram-se suas filhas e respectivas unidades familiares, que reivindicam a referida construção. Atualmente a casa do Sr. Manuel Paulino está localizada no Rio Cuieiras, bem mais distante do centro urbano de Manaus.

---

629. Cf. Almeida, A.W.B. de ; Dourado, S.B.; Serejo Lopes, D.; Silva, E.F. – **Consulta e Participação: a crítica à metáfora da Teia de Aranha**. Manaus. UEA edições. 2013. pp.24, 25.

## MANAUS/AMAZONAS (INDÍGENAS)

### AJUDE NOSSA LIDERANÇA KARAPĀNA

Com o atual cenário da pandemia no mundo, nós indígenas KarapĀna, tivemos algumas perdas, perdamos nosso irmão João CĀnio da Silva Paulino, conhecedor e especialista em Saberes Tradicionais, indigena KarapĀna. E agora, após vencer a COVID-19, o nosso anciĀo, Manoel Paulino KarapĀna, necessita de cuidados e reforma de uma casa para ficar prximo do seu povo, aqui na regiĀo do TarumĀ-Açu, Aldeia YupirungĀ KarapĀna, Manaus-Amazonas.

Para colaborar aceitamos doaçōes de materiais como cimento, tijolos, areia e telhas, que podem ser entregues no endereço rua Cojubins, n.º160, TarumĀ-Açu, Aldeia YupirungĀ, Manaus-AM, ou contribuiçōem em dinheiro na conta:

**Banco do Brasil**  
AgĀncia: 1862-7  
N.º conta: 141-4  
Poupança  
Maria Alice da Silva Paulino  
CPF: 688810532-68

(92) 99335-3996 Maria Alice KarapĀna



COVID-19 MANAUS/AM

# Ajude AS ARTESĀS e moradores do bairro Parque das Tribos



**O QUE VOCĒ PODE DOAR?**  
SabĀo  
Detergente lquido  
Cesta BĀsica

**DOAÇōES FINANCEIRAS**  
Banco Bradesco - AgĀncia: 3736  
Conta Poupança: 1005311-0  
Vanderleia Ortega dos Santos  
CPF 808.780.232-72

**CONTATO PARA DOAÇōES**  
(92) 99370-8333  
Resp. Vanda Ortega

**SOBRE O PARQUE DAS TRIBOS**  
1.º bairro indigena de Manaus/AM  
700 famlias residentes  
80% moradores indigenas  
35 etnias  
**Mulheres** artesĀs sem o apoio de organizaçōes locais n quarentena nĀo conseguem sustentar suas famlias.

Todas as doaçōes recebidas terĀo prestaçōem de contas Ā comunidade

**COMUNIDADE DO LIVRAMENTO**

**covid-19**

**AJUDE ÀS ARTESÃS INDÍGENAS E SUAS FAMÍLIAS**

*Sobre a comunidade:*  
São 50 famílias e mais de 5 etnias

**Zona Rural de Manaus**

**O que doar?**

**CESTAS BÁSICAS**

**SABÃO/DETERGENTE**

**TECIDOS PARA CONFEÇÃO DE MÁSCARAS**

Caixa Econômica  
Ag.0020  
Operação.013  
POUPANÇA: 00299717-8  
CPF. 135.481.402-97  
Moisés Elias Marques



TODAS AS DOAÇÕES RECEBIDAS TERÃO PRESTAÇÃO DE CONTAS A COMUNIDADE

**COVID-19** **MANAUS**

**COLABORE**

FORTALEÇA O COMÉRCIO LOCAL, COMPRA AS MÁSCARAS OU DOE PARA AMISM - ASSOC. DAS MULHERES INDÍGENAS SATERÉ MAWÉ.

**BANCO BRADESCO**  
AG. 3736  
CONTA: 0706944-8  
SAMELA LORENA V. MARTENINGHI  
CPF: 032.725.352-50  
CONTATO: 92 8159-2712



**Ajuda  
emergencial**

**MAIS DE 400 FAMÍLIAS  
INDÍGENAS PRECISAM  
DE MEDICAMENTOS NO  
PARQUE DAS TRIBOS**

**VOCÊ PODE AJUDAR?**

PARA DOAR:  
Bradesco  
Ag. 6019  
cc 0004310-9  
Vanja Poty Sandes  
Gomes Menezes

COVID-19 MANAUS/AM

**Ajude**  
**AS ARTESÃS**  
e moradores do bairro  
**Parque das Tribos**

**O QUE VOCÊ PODE DOAR?**

**Sabão  
Detergente líquido  
Cesta Básica**

**CONTATO PARA DOAÇÕES**  
**(92) 99370-8333**  
Resp. Vanda Ortega

**DOAÇÕES FINANCEIRAS**

Banco Bradesco - Agência: 3736  
Conta Poupança: 1005311-0  
Vanderlecia Ortega dos Santos  
CPF 888.780.232-72

Todos as doações recebidas terão  
prestação de contas a comunidade

**SOBRE O PARQUE DAS TRIBOS**

**1º bairro** indígena de Manaus/AM  
**700** famílias residentes  
**80%** moradores indígenas  
**35** dinhas  
**Mulheres** ardeais sem o venda de artesanatos durante a quarentena não conseguem sustentar suas famílias.

## AMAZONAS (INDÍGENAS)

SOLIDARIEDADE / PESSOAS / SAÚDE / CARIDADE

### Ajude o Povo Kokama

ID da vaquinha: 1050471



Federação Indígena do Povo Kukami-Kukamiria do Brasil, Peru e Colômbia

Tabatinga / AM

[vaka.me/1050471](https://vaka.me/1050471)



**COVID-19** MANAUS/AM

# Ajude comunidade indígena TIKUNA

WOTCHIMAUCU

A comunidade indígena Wotchimaucú existe há 25 anos em Manaus, e juridicamente como Associação Comunidade Wotchimaucú - ACW, em 18 anos tem funcionando na luta para melhoria de vida dos povos Tikuna que residem em Manaus. Um dos principais objetivos da comunidade é projeto da revitalização da língua Tikuna, confecção de artesanato, pintura de grafismo e saúde indígena Wotchimaucú. São 80 famílias e 300 indígenas Tikuna, somando as famílias que moram na comunidade e as demais famílias moradoras em outros bairros na periferia de Manaus.

**CESTA BÁSICA**  
Produtos de Limpeza

**CONTATO PARA DOAÇÕES**  
(92) 99376-9106  
Resp. Delmir Santana

**DOAÇÕES FINANCEIRAS**  
Conta Econômica - Agência: 1300  
Conta Poupança: 013 00060752-0  
Delmir Santana de Souza  
CPF 310.915.822-00

\*Todas as doações recebidas terão prestação de contas à comunidade  
Rua São Salvador, N°1105, Cidade do Deus, CEP: 69099-241, Manaus-AM.

APOIO AOS INDIGENAS DE ITACOATIARA-MIRIM ALTO RIO NEGRO



ITACOATIARA-MIRIM FICA LOCALIZADA NO PERÍMETRO URBANO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM. MORAM 35 FAMÍLIAS, TOTALIZANDO 150 PESSOAS DE DIFERENTES ETNIAS VIVEM DOS ALIMENTOS TRADICIONAIS E VENDA DE ARTESANATOS. NA PANDEMIA ESTÃO COM DIFICULDADES DE DESENVOLVEREM SUAS ATIVIDADES E POR ISSO PEDIMOS SUA COLABORAÇÃO.

21 DE MAIO À 06 DE JUNHO

COLABORAÇÃO CONSCIENTE

BANCO: BRADESCO  
AG: 3714-1 CC  
CONTA: 4120-3  
MOISES LUIZ DA SILVA  
CPF: 869.316.362-00



[HTTPS://BIT.LY/DOLANAMAZONIA](https://bit.ly/dolanamazonia)

# COMBATE

AO COVID-19 E A FOME

NA AMAZÔNIA

PRECISAMOS DA SUA DOAÇÃO PARA AJUDAR AS FAMÍLIAS VULNERÁVEIS

A black and white photograph showing a large group of people, mostly women and children, gathered outdoors. They are standing in a circle or a loose group, some looking towards the camera. The background shows trees and a body of water. The overall tone is one of community and shared struggle.

## RORAIMA/PARÁ (INDÍGENAS)



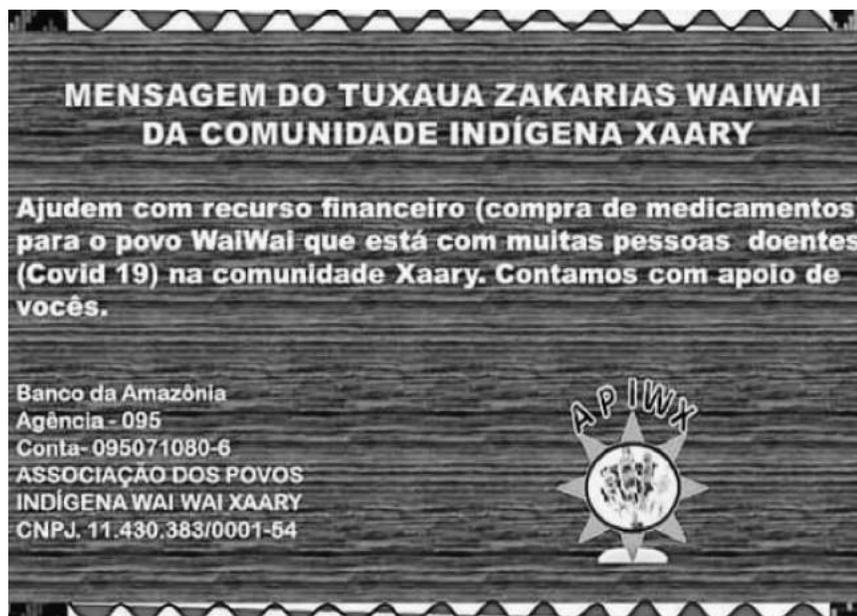
**CAMPANHA**

O CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA ESTÁ ARREGADANDO KITS DE EPIs (EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL), MATERIAIS DE HIGIENE, GÊNEROS ALIMENTÍCIOS PARA AS COMUNIDADES INDÍGENAS, NO COMBATE A CORONAVÍRUS. AS DOAÇÕES PODEM SER FEITAS NA SEDE DO CIR LOCALIZADO, NA AVENIDA SEBASTIÃO DINIZ, 2630, SÃO VICENTE.

CONTATO: 98400-8308 (ASCOM/ CIR)

DEPÓSITO OU TRANSFERÊNCIA PARA O CIR:  
BANCO DO BRASIL  
AGÊNCIA: 2617-4 CONTA: 8.198-1  
CNPJ: 34.807.578/0001-76

REALIZAÇÃO:



**MENSAGEM DO TUXAUA ZAKARIAS WAIWAI  
DA COMUNIDADE INDÍGENA XAARY**

**Ajudem com recurso financeiro (compra de medicamentos) para o povo WaiWai que está com muitas pessoas doentes (Covid 19) na comunidade Xaary. Contamos com apoio de vocês.**

Banco da Amazônia  
Agência - 095  
Conta- 095071080-6  
ASSOCIAÇÃO DOS POVOS  
INDÍGENA WAI WAI XAARY  
CNPJ. 11.430.383/0001-54



SOLIDARIEDADE / PESSOAS / SAÚDE / CARIDADE

## Vamos Ajudar os Parentes Indígenas do Baixo Tapajós

ID da vaquinha: 1007920



CITA-Conselho Indígena Tapapajós Arapiuns  
Santarém / PA

vaka.me/1007920

Facebook icon, WhatsApp icon, Twitter icon

Contribuir

## PARÁ (QUILOMBO)



### AJUDE A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ABACATAL

Nesse momento de profundas dificuldades de sobrevivência e acesso ao tratamento do Covid-19, a situação se agrava nas Comunidades Quilombolas que são desassistidas pelo Estado. O contágio já chegou às comunidades que lutam para manterem suas famílias com atividades de subsistência, porém, as necessidades são grandiosas. Assim, se você puder, ajude a Comunidade Quilombola de Abacatal em Ananindeua-Pará.

**COMO?** Doando cesta básica ou valor de uma na seguinte conta:

**VANUZA CARDOSO**  
Banco do Brasil  
Agência: 1436-2  
C/C: 65.092-7

**CONTATOS:**  
Vanuza 991121689  
Joana 993032410

## RIO GRANDE DO SUL (INDÍGENA)

### AÇÃO DE APOIO ÀS COMUNIDADES MBYÁ GUARANI DO RS

R\$10

Sorteio 31/05

@ceaicoletivoindigena 



- **Pagamento:** diretamente na conta das lideranças indígenas.
- **Prêmios:** Uma festa na caixa + brinde, dois bonecos artesanais e uma bolsa artesanal.

### CONTAS PARA DEPÓSITO

Envie um email <sup>3/3</sup> a [urgenciaindigena@tutanota.com](mailto:urgenciaindigena@tutanota.com) com o número escolhido juntamente com o comprovante de depósito.

- **Números 501 até 600:** Água Grande. Banco: CAIXA / Agência: 0480 / Conta: 25894-7 / Eduardo Timóteo CPF: 015.535.060-90
- **Números 601 até 700:** Pacheca. Banco: CAIXA / Agência: 0460 / Conta: 00034249-5 / Operador: 013 / Marcos Fernandes CPF: 828.213.560-72
- **Números 701 até 800:** Tekoá Guajayvi Poty. Banco: Santander / Agência: 1062 / Conta: 01006430-1 / Lourenço Benites CPF: 840.246.070-49
- **Números 801 até 900:** Tekoá Guapoy. Banco: CAIXA / Agência: 2283 / Conta poupança: 18200-9 / Operador: 13 / Euzébio Fernandes CPF: 038.933.550-90
- **Números 901 até 940:** Tekoá Pindó Mirim. Banco: Santander / Agência: 1742 / Conta corrente: 01-008267-2 / Valdecir Xunu Moreira CPF: 013.319.680-11
- **Números 941 até 1000:** Tekoá Nhundy Estiva. Banco: Banco do Brasil / Agência: 1899-6 / Conta corrente: 55.872-9 / Leonildo Gomes Da Silva CPF: 034.725.610-41

## CONTAS PARA DEPÓSITO

Envie um email para **urgenciaindigena@tutanota.com** com o número escolhido juntamente com o comprovante de depósito.

- **Números 1 até 100:** Tekoá **2/3**  
Banco do Brasil - Ag: 4401-06 / Conta: 9484-6 / Santiago Franco CPF: 000.308.090-02
- **Números 101 até 200:** Retomada Terra de Areia Banco do Brasil - Ag: 8302-X / Conta corrente: 722-6 / Leonardo Barbosa CPF: 875.848.240-72
- **Números 201 até 300 :** Tekoá Anhetenguá Banco: CAIXA / Ag: 0430 / Conta Cor: 00059213-3 / Operador: 001 / José Cirilo Morinico CPF: 001.204.410-55
- **Números 301 até 400:** Tekoá Jatai'ity. Banco do Brasil- Ag: 0628-9 / Conta Corrente 55.275-5/ Claudio G Silva CPF: 872.075.400-00
- **Números 401 até 500:** Retomada de Maquiné. Banco: CAIXA / Agência: 0491 / Conta: 22576-5 / Operador: 013 / André Benites CPF: 007.930.760-48

## Tekoá Yvy Poty Barra do Ribeiro/RS

### COLABORE COM A ALDEIA YVY POTY

A COMUNIDADE DA ALDEIA GUARANI MBYÁ LOCALIZADA NA CIDADE DA BARRA DO RIBEIRO ESTÁ EM ISOLAMENTO DEVIDO A PANDEMIA DO COVID-19. IMPOSSIBILITADA DE DESLOCAMENTO PARA A VENDA DE ARTESANATO, NECESSITA DE APOIO PARA COMPRAR ALIMENTOS.

SANTIAGO FRANCO  
CPF: 000.308.090-02  
AGÊNCIA: 4401-06  
CONTA: 9.484-6  
BANCO DO BRASIL



# RIFA SOLIDÁRIA

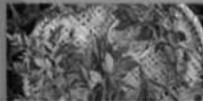
REJANE KAINGANG - TERRA INDÍGENA NONOAI, RS

## OPÇÕES DE PRÊMIO:

- UM COCAR
- BANHO DE PURIFICAÇÃO
- BANHO DE ATRAÇÃO

## VALOR DE TROCA:

DOAÇÃO ESPONTÂNEA  
QUANTO MAIS AJUDA É BEM VINDA!



11  redeindigenapoa

**Doação de:**

**> fraldas p, m, g**

**>> alimentos**

**>>> agasalhos**

**>>>> cobertores**

**Ponto de Referência e Coleta**

**Ocupação Baronesa:**

**Rua Comendador Bastista,**

**26 - Bairro Cidade Baixa**

**Contato: 51 984913118 - Alice**



11  redeindigenapoa

## Aldeias de Pelotas, Canguçu e Cristal/RS

*Seja solidário!*  
"ADOTE" UMA FAMÍLIA  
INDÍGENA

VOCÊ PODE AJUDAR?  
CONTRIBUA COM R\$80 REAIS MENSAIS  
E AJUDE A GARANTIR A SEGURANÇA  
ALIMENTAR E SANITÁRIA DAS  
FAMÍLIAS INDÍGENAS DO RS DURANTE  
O PERÍODO DE QUARENTENA.

CONTA PARA DEPÓSITO:  
AG: 0475/ C: 06.026846.0-7 | BANRISUL  
CNPJ: 92.238.138/0036-71



APOIO:



EMATER/RS



2/3

**Doação de:**  
> fraldas p, m, g  
>> alimentos  
>>> agasalhos  
>>>> cobertores

**Ponto de Referência e Coleta**  
**Ocupação Baronesa:**  
**Rua Comendador Bastista,**  
**26 - Bairro Cidade Baixa**  
**Contato: 51 984913118 - Alice**



## ALAGOAS/BAHIA (INDÍGENAS)

SOLIDARIEDADE / PESSOAS / SAÚDE / CARIDADE

### Vaquinha para ajudar os índios Aracaré Parrancó

ID da vaquinha: 1039301



foto: @etnia\_fulvio

1/6

**OS POVOS  
INDÍGENAS DA  
BAHIA PRECISAM  
DE SUA AJUDA!**

Ação solidária conjunta:



@kunhaase @pineb\_ufba @anai\_associacaoindigenista @delas\_para\_todxs

## SÃO PAULO/MINAS GERAIS (INDÍGENAS E CAIÇARAS)

SOLIDARIEDADE / PESSOAS / SAÚDE / CARIDADE

### Segurança Alimentar Para As Aldeias do Vale do Ribeira SP

ID da vaquinha: 1029494



VAQUINHA / OUTROS / DINHEIRO

### Solidariedade em prol dos moradores Guaraú-Una-Peruíbe-Jureia

ID da vaquinha: 957852



Adriana de Souza de Lima  
Peruíbe / SP

[vaka.me/957852](https://vaka.me/957852)



Contribuir

SOLIDARIEDADE / PESSOAS / SAÚDE / CARIDADE

## Colabore com o povo Indígena Xakriabá frente pandemia COVID\_19

ID da vaquinha: 956218



**Povo Xakriabá**  
São João das Missões - TI Xakriabá / MG

[vaka.me/956218](https://vaka.me/956218)

Contribuir

## RONDÔNIA (INDÍGENAS)

CAMPANHA

### MÁSCARAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DE RONDÔNIA

Atual DEMANDA:

PREVENÇÃO AO COVID 19  
VIDAS INDÍGENAS IMPORTAM

**PARA SOMAR OU APOIAR, FAÇA CONTATO:**

RENATA/UNIR: (69) 93112-2109  
MÔNICA/UNIR: (69) 89985-4646  
DICELE/UNIR: (69) 98169-0015

**COSTURAS DE AMOR**  
BANCO DO BRASIL, AG: 1404-4, C/D 12.934-8  
VIVIANE FELIX DE ALMEIDA KUBIDA  
1661 80801-6069

Mais informações:  
<https://povoindigena.com.br/pt-br/>

AUTORES: PAVANARA KAYEN KAYARA

Apoiar: COMIN, Comissões locais de Apoio ao Indígena e Permanência Indígena da UNIR (Campus J. Paraná, Presidente Médici e Rolim de Mourão); Grupo Costuras de amor; Grupo de Costureiras Flores do Campo/MST; PROCEN/UNIR; Kanindé, AGR e Grupo de Pesquisa Geografia Socioambiental.

 **gabiru.gabriel** 9 h

## CAMPANHA MÁSCARAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DE RONDÔNIA

PREVENÇÃO AO COVID-19  
VIDAS INDÍGENAS IMPORTAM

**Atual DEMANDA:**

IKANÁ (2 IRMÃOS) - 50  
 GUATARA MIRIM (URUÁO) - 11.000  
 GAVIÃO (KOLEN) - 300  
 KARTIANA - 500  
 SAKYRABAR - 100  
 SURUBI (L 10 E L 9) - 224  
 ZORO - 1.000

**PARA SOMAR OU APOIAR, FAÇA CONTATO:**  
 RENATA/UNIR: (69) 98112-2109  
 MONICA/UNIR: (69) 99986-4646  
 GICELE/UNIR: (69) 98169-0015

**COSTURAS DE AMOR**  
 BANCO DO BRASIL AG 1404-4, C/C 12.934-8  
 VIVIANE FELIX DE ALMEIDA KUBIHA  
 CPF: 290.422.592-72  
 (69) 93601-6969

Apoio: COMIN, Comissões locais de Apoio ao Ingresso e Permanência Indígena da Unir, (Campus Ji-Paraná, Presidente Média e Rolim de Moura), Grupo Costuras de amor, Grupo de Costureiras Flores do Campo/MST, PROCEA e Grupo de Pesquisa Geografia Socioambiental.

 **Enviar mensagem**  

## PARANÁ (INDÍGENAS)

SOLIDARIEDADE / PESSOAS / SAÚDE / CARIDADE

### Indígenas Vivos - Planeta Vivo

ID da vaquinha: 1044861



 **Marco Aurélio Gomes**  
Curitiba / PR

[vaka.me/1044861](https://vaka.me/1044861) 

Contribuir

SOLIDARIEDADE / PESSOAS / SAÚDE / CARIDADE

### Auxílio Alimentação e Saúde do Povo Xetá devido ao COVID-19.

ID da vaquinha: 965412



 **André da Silva**  
São Jerônimo da Serra / PR

[vaka.me/965412](https://vaka.me/965412) 

 **Contribuir**

## REDE INDÍGENA PORTO ALEGRE

VAQUINHA VIA DOAÇÃO LEGAL

Realização  **BARONESA RESISTE**

Apoio  **CONFLITO CINZA**

# [HTTPS://DOA.LA/REDEINDIGENA](https://doa.la/redeindigena)

Ponto de Referência: Ocupação Baronesa -  
Endereço Travessa Cemendador Batista n° 26 -  
Cidade Baixa, Porto Alegre

foto Katie Maehler



## PARAÍBA (RANCHOS CIGANOS E PESCADORES)



# SOUSA

## Rancho de cima

**Marcelânia Gomes  
Alcântara Figueiredo**  
Contato: (83) 99195-0660  
Banco Bradesco  
Agência: 1594  
Conta: 18058-0

**Maria Samara Soares Manguiera**  
Contato: (88) 99384-4122  
Caixa Econômica Federal  
Agência: 0558  
Operação: 013  
Conta: 00013845-9

## Rancho de baixo

**Sidney Cigano  
Francisco Reis Maia**  
Contato: (88) 98140-2865  
Caixa Econômica Federal  
Agência: 0558  
Operação: 013  
Conta: 00038183-3



## Rancho em Mamanguape-PB

**Evandro Calon - Evandro Pereira da Silva**  
Contato: (83) 98682-4983  
Caixa Econômica Federal  
Agência: 0044  
Operação: 013  
Conta: 00084333-6



## Rancho em Condado-PB

**Maria Jane Soares Targino Cavalcanti**

Contato: (83) 99667-3457  
Banco do Brasil  
Agência: 0151-1  
Operação: 51  
Conta: 7231-1



**QUEM TÁ COM FOME TEM PRESSA!**



**Comunidade Frei  
Damião - Valentina  
de Figueiredo. Está  
precisando de ajuda  
com alimentos!**

**Rua Estudante  
Júnior  
Henrique de Farias,  
125**

**Contatos: 83.987029663 (Malva) e  
83.986705537 (Ednaldo/Negão  
pescador)**

Este elenco de práticas e reivindicações, objetivadas em associações ou formas político-organizativas, compreendem uma disposição dos indígenas de afirmação identitária e de exercer a liberdade de escolha em torno de uma mobilização que nega a passividade, tal como sublinhada pelos classificadores oficiais, e externa, de maneira pública, os meios de construção social da sua própria existência coletiva. As formas mutualistas ou de ajuda mútua aqui mencionadas sob o significado de “solidariedade” nada tem de atividades pré-políticas, em virtude da ausência de agremiações partidárias

ou da explicitação de um ideário político. O próprio termo “caridade”, que aparece num dos cartazes, não explicita qualquer endosso de ações filantrópicas e religiosas, antes externa solidariedade política. Os cartazes consistem nesta ordem numa politização das relações sociais envolvidas em modalidades de ajuda mútua. O auxílio-mútuo comporta uma relação

política, de resistência. Estamos diante, portanto, de modalidades político-organizativas numa situação de excepcionalidade, que colocam sua expressão identitária na cena política considerada legítima através de pressões dos biopoderes locais, que as comprimem de modo rígido entre as decisões de viver ou morrer.



# **TERRITÓRIO DO DESCARTE**



# ROTEIRO PARA ENCONTRAR FUTUROS TERRITÓRIOS

Ilka Boaventura Leite<sup>617</sup>

*Ilha de Santa Catarina 20 de julho de 2020*

## O script da subnotificação

Só hoje, dia vinte de julho de dois mil e vinte, temos oficialmente oitenta mil pessoas que desapareceram, silenciadas em meio a essa tragédia brasileira de proporções nunca vistas; antes mesmo do vírus desembarcar por essas terras, o ex-deputado, hoje presidente, chegou a anunciar que teríamos que “fazer uma guerra pra matar no mínimo trinta mil”. Outras fontes mais detalhistas e capciosas calculam muito mais de cem mil. A subnotificação pode chegar a dez vezes mais.

O querido amigo Alfredo Wagner, no ímpeto de transformar essa crise em textos, letras vivas que testemunham o que se passa no país, digita de madrugada: “Ilka, já que você não pode mandar um artigo, mande uma frase, se possível, para o livro pandemia e território. Pra ontem.” Pois então vai aqui a tal frase.

Pandemia, o nome já diz, múltiplas dimensões de um evento que se espalha em todas as direções de vida: biológica, econômica, política, geográfica e sócio-cultural. Nesse quadro dramático de proporções globais, mas com muitas particularidades em nosso país, teríamos que nos dispor a uma tarefa maior, ou seja, reconceitualizar território para, talvez, falar de seus tantos significados. Do liso ao estriado, de Deleuze; da biopolítica de Foucault; do estado de exceção de Agamben; dos campos e entre campos

---

617. NUER/UFSC

de Gilroy; da necropolítica de Mbembe e por tantos caminhos, iríamos bem longe, num esforço de juntar tantas ferramentas, peças e moldes para o grande quebra-cabeça desse pesadelo contemporâneo. E somente nele, quem sabe, vislumbrar um entendimento mínimo de um cenário nebuloso e complexo, que nos exige muito além da própria e incerta vida, nos arranca a possibilidade até de imaginar, nos impõe apenas resistir e reinventar a cada dia e hora, novas estratégias de sobre-estar-pensar- existir.

Decorridos todos esses meses, somente cinco por cento destinado ao combate da pandemia foi efetivamente gasto pelo governo. Há quem pense em somente economizar, faturar, acumular! Enquanto isso, o país volta rapidamente ao mapa da fome, do adoecimento. E esses casos nem estão contabilizados, ampliando mais e mais a tal subnotificação. O ato intencional de incitar, não cuidar e principalmente da não-ação, leva ao genocídio, com participação direta dos recentemente inscritos nos quadros de remuneração extra do Estado. E' mais um fato escancarado, descrito por toda a mídia, de ponta a ponta.

## **Ângulos e miradas de territórios**

Na devastação do vírus e mediante o isolamento social, esse mundo aparece somente através de um quadrado, uma janela ou uma tela virtual, apesar de nossas tentativas de apreendê-lo sob outras formas, ângulos, em outras miradas e enquadres. Trata-se, portanto, de um território distinto, novo, que desponta e a ser apreendido e delineado, a princípio, em um ângulo meio obtuso, resultante de um contato humano precário, que se estilhaça, esmorece e se desfaz em quadros disformes, nem abertura ou janela, um vão que mais parece um abismo profundo, onde caímos no nada que nos encerra, nos aprisiona para a devoração. Não que seja antropofágica, mas, sobretudo epidêmica, inoculável e diatópica.

Ontem, quando descia muito cautelosa as escadas do meu edifício para ir ao depósito de lixo, avistei um vizinho no segundo andar, parado na porta de seu apartamento. Assim que ele me viu, entrou correndo e fechou rapidamente a porta. Antes, ele me dava bom dia e boa noite e até esboçava um sorriso, conversava sobre os problemas do condomínio. Essa cena é exemplo de que a fronteira redesenhada pelo vírus abrange lugares novos, antes inimagináveis. Um lugar interpessoal se esboça. E o papel da vizinhança mudou, agora sou considerada uma ameaça, um perigo, um ser que causa nojo, um dejetos para pessoas que antes me viam como alguém inserida na rede de solidariedade do edifício. Não tenho dúvida de que isso é classe média, a potência do individualismo. Outros grupos sociais, muito mais atingidos economicamente, socialmente, podem agir de outro modo. As notícias dão conta de que, por vezes, ocorre até o contrário; pode existir mais compaixão, pode haver certa ampliação das redes solidárias perante o abandono, a desinformação e a criminalização do poder público. Como pensar esses territórios tão distintos da pandemia?

Estou trazendo meu exemplo por que não acho pertinente falar sobre situações distantes ou criar painéis gerais e colocar em minha boca a fala recortada dos que vivem esse momento em condições muito mais difíceis do que eu. Há um eminente risco de minimização da dor de alguém, não ousar tentar qualquer análise social de um povo ou uma comunidade sem um viver no efetivo convívio.

Uma das duras lições da pandemia é distância etnográfica e teórica, pois as atuais condições desafiam todos os velhos paradigmas nas Ciências Sociais - incluindo até os conceitos possíveis anteriormente mencionados. Perante um fenômeno de tão difícil comparação, precisamos nos debruçar com atenção, distanciamento e acuidade para tentar compreender, interpretar e não apenas cumprir as metas acadêmicas.

## O que o vírus não vê o Estado vê

As inúmeras falas públicas fazem um coro em alto e bom som sobre os territórios de maior contaminação, onde o abandono de ações preventivas e de cuidado fazem par com a repressão policial, a criminalização e o saque: são mais citados os povos territórios e os povos indígenas, quilombolas e vulneráveis em geral, pessoas com prejuízo físico e vulneráveis, comunidades lgbtqi+, moradores de rua, entre outros/as. Tudo indica que são esses os grupos visibilizados e mais atingidos pela crise e pela letalidade.

Os debates públicos, em maioria e em melhor consciência, afirmam peremptoriamente que já estamos no epicentro de um furacão de necrofilia, de morte proposital por abandono e em larga escala. Estatísticas apontam que a maior parte das vítimas contabilizadas é composta por pessoas negras e em segundo lugar pessoas indígenas. Os ataques diários do governo contra esses visibilizados pelo ataque oficial escandaliza o mundo. Isso parece longe de acabar pois a cada instante aparecem mais ataques, mais direitos suprimidos e desproteção dos vulneráveis. Aparece também mais mentiras, mais charlatanismo obscuro, mais e mais crueldade para encobrir a predação, os diversos tipos de saques, a corrupção, a irresponsabilidade, as ações armadas para ameaçar e chantagear. Tratam-se de crimes mais do que organizados contra pessoas, grupos, classes e até contra a nação. Quem poderá deter esse rasgo de dor?

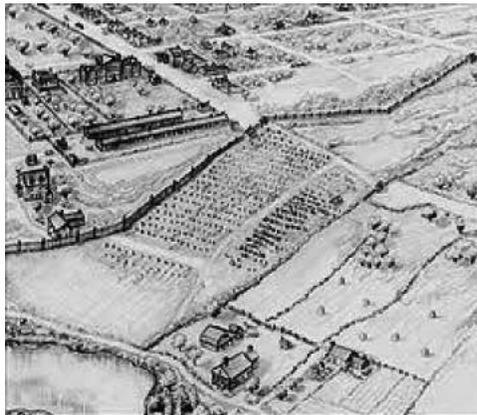
O território da pandemia é o percurso que o vírus está delineando na geografia das aldeias, das comunidades, das cidades, do país e do mundo. Enquanto o vírus não vê raça, classe e etnia, o Estado vê. Esse território oficial vai sendo formado por covas abertas, não somente para os corpos, pois estas não são suficientes para dimensionar o tamanho da dor e das perdas de todos nós, os sobreviventes. É nesse novo território de sofrimento e morte que vai desaparecendo bibliotecas humanas inteiras, memórias,

línguas, conhecimentos, culturas. Algumas vidas resistem, prosseguem.

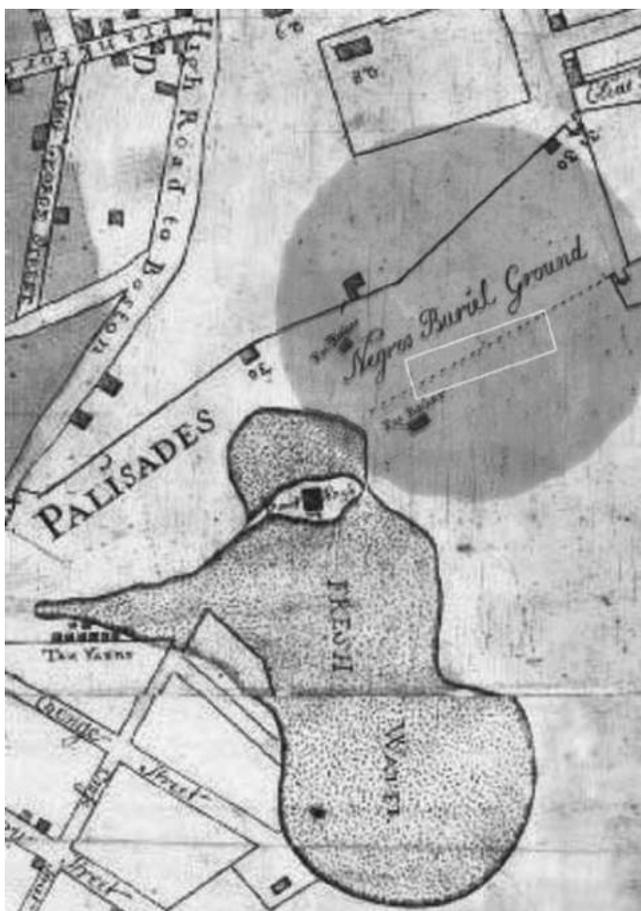
Daí porque não podemos falar em território nos termos já existentes, precisamos reformular as ferramentas de análise, os conceitos e as teorias para dar conta desses novos eventos e seus significados.

### **Os “african burials”: territórios de descarte**

No coração de Wall Street em Manhattan, New York, o African Burial Ground National Monument, foi constituído de um grande achado: uma gigantesca cova aberta nos primeiros anos do século XVIII em que foram atirados os corpos de centenas de africanos e africanas, que dá sumiço ao morticínio produzido nas circunstâncias diversas do tráfico, escravização e comércio humano nas Américas. Descartados como dejetos, hoje é a memória das diásporas africanas.



O “Cemitério de Negros” perto de Collect Pond mapa do final da década de 1700



Seção do mapa de Maerschalk de 1754, o Negro Burial Ground

Esses territórios do descarte integram uma arqueologia própria do desprezo pelas vidas negras. Reabilitados para o perdão e a consciência dos vivos. São estes os mapas da territorialização dos que só se tornam visíveis através da segregação, do racismo, do mais profundo ódio de classe. Transformados em espécies de sambaquis, essas covas formam a massa territorial, o acúmulo, de resíduos humanos, resquícios, sedimentados, de corpos e utensílios centenários correspondentes a milhares de vidas que

foram dizimadas pela guerra de exploração colonial, guerra inacabada. No Rio de Janeiro, no antigo cais do Valongo, um cemitério de escravos funcionou entre 1769 e 1830 e recentemente passou a constituir um memorial chamado Cemitério dos Pretos Novos.

Esses grandes buracos na terra, espécies de territórios de descarte humano, já recomeçam a se desenhar em todos os lugares do planeta. A montanha de corpos amontoados pela pandemia se inscreve numa ecogeografia dos lugares reterritorializados pelo descarte.

Recentemente famílias Yanomami denunciaram o sumiço dos corpos das crianças Sanoma mortas pela covid 19. Os bebês indígenas mortos, tratados em Boa Vista/Roraima como dejetos, foram despejados em covas desse tipo, verdadeiros lixões de gente. Nesse caso, excepcionalmente, esses bebês foram heroicamente resgatados pelas mães para serem sepultados em funerais próprios na aldeia. Mas não tem sido sempre assim, a maioria é apenas e somente material de descarte.

Foi justamente quando descia as escadas do meu edifício que percebi que há corpos que são mais descartáveis do que outros, a condição desigual que não iguala esses cem mil ou mais, hoje números que conformam uma epifania - a do território de séculos atrás - e os que virão, o território futuro.

Essas covas, certamente, irão mais tarde serem alvo de grandes homenagens aos sem lenço e sem documento. E convertidos em futuros territórios da pandemia.

